



O Garoto  
DOS  
Olhos Azuis

RAIZA VARELLA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

O Garoto  
DOS  
Olhos Azuis  
RAIZA VARELLA



Todos os direitos reservados  
Copyright 2014 by Editora Pandorga

Coordenação Editorial  
Silvia Vasconcelos

Preparação  
Moniquo D'orazio

Diagramação  
Project Nine

Composição de capa  
Marina Avilla

Revisão  
Project Nine

Diagramação Digital  
Claudio Braghini Junior

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Varella, Raíza  
O garoto dos olhos azuis / Raíza Varella. 1. ed. Carapicuíba, SP:  
Pandorga Editora e Produtora, 2014.

1. Ficção brasileira I. Título.  
14-06635 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemáticos  
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2014

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRASIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À

EDITORA PANDORGA

AVENIDA SÃO CAMILO, 899

CEP 06709-150 - GRANJA VIANA - COTIA - SP

TEL (11) 4612-6404

[WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR](http://WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR)

Para meus avós, pela infância maravilhosa recheada de histórias e  
magia.

Para meu pais, por nunca terem deixado de acreditar, por nunca  
terem deixado de me apoiar.

Para meu marido, o meu príncipe montado no cavalo branco.

Para Davi, o dono da minha alma, o fruto do MEU  
conto de fadas particular.

Sem vocês eu nada seria.

“O amor sempre encontrará o seu caminho.”

Bela Adormecida

# Prefácio

Quando eu tinha 6 anos, fui ao meu primeiro casamento. Eu não sabia o que aconteceria até ver todos os passos da cerimônia se desenrolando diante dos meus olhos, e simplesmente me apaixonei. O casamento na vida real era bem diferente do que eu via nos filmes.

Uma música que fez meu pequeno coração tremer começou a tocar em algum lugar acima da minha cabeça, e uma moça vestida de branco entrou na igreja a passos lentos, de braços dados com um senhor emocionado. Ela segurava um buquê de flores amarelas e, por um momento, a única coisa que desejei foi encostar meu rosto nas pétalas para sentir seu perfume; mas algo chamou minha atenção e olhei para onde ninguém, absolutamente ninguém, olhava, nem mesmo a moça de branco. Eu olhei para o rapaz parado ao lado ao padre.

Ele era lindo!

O rapaz esfregava as mãos uma na outra, apreensivo, parecia que travava uma luta consigo mesmo para não sair do lugar. Mas assim que seus olhos encontraram a moça de branco no final do corredor eles marejaram, e sua postura relaxou. Sem que ninguém notasse, ele usou o dedo indicador para enxugar uma lágrima que teimou em escapar e estava quase escorrendo por seus olhos, mas ele não



precisava ter se dado ao trabalho, pois ninguém prestava atenção à sua emoção.

Ninguém exceto eu.

Quando a moça de branco chegou à metade do caminho que os separava e finalmente o olhou, ele sorriu. Eu não sei como, mas tive certeza de que aquele era o maior e mais bonito sorriso que ele abriu em sua vida. Ele, o rapaz, me fez entender *tudo*. Ele a amava, e eu queria exatamente a mesma coisa para minha vida um dia.

Desde então, criei o hábito de sempre olhar para o noivo no grande dia. Desde muito nova tive certeza de que era aquele sentimento que queria para mim: a felicidade de encontrar um rapaz que se emocionasse quando me visse, que desejasse estar ao meu lado tanto quanto eu desejava estar ao lado dele, uma promessa de um amor para a vida inteira, uma caminhada pelo tapete vermelho. Mas, por muitos anos de infância, não passou pela minha cabeça que nem todas as moças encontram o tal rapaz.

Eu era apenas mais uma criancinha ingênua.

Já deu para notar que me tornaria o tipo de mulher capaz de cortar a própria perna por uma aliança, certo? Mas minha fixação pelo amor verdadeiro foi muito além disso. Talvez eu até cortasse as duas pernas antes de tudo acontecer, *antes*. Antes de o meu coração ser partido em mil pedaços, antes de perceber que talvez alguns tipos de desilusões não valiam a pena por amor, antes de pensar que talvez o amor simplesmente nem existisse!

Hoje vejo que é um grande erro criar nossas crianças para acreditarem no amor verdadeiro. A Disney deveria se envergonhar de vender a pobres almas ingênuas sonhos que não se concretizam na vida real. Hoje mataria com minhas próprias mãos a Cinderela se tivesse a chance de encontrá-la passeando de abóbora; seguraria a

cabeça da Ariel fora da água até ela sufocar e riria até me dobrar se a Fera devorasse a Bela. Todos aqueles contos de fadas entorpeceram minha mente e me fizeram crer que um dia, quando eu virasse a esquina, daria de cara com um príncipe montado em um cavalo branco. Se tivesse sorte, o cavalo teria asas e o cara me levaria para morar em seu castelo. Como hoje eu sei que as coisas mais inesperadas acontecem comigo, só posso rezar para não ser sequestrada e ser feita de refém por algum maluco que queira uma empregada doméstica a baixo custo.

Mas a culpa não é toda do senhor Walt Disney, não é mesmo? Eu também mataria aquele cara de smoking no altar se tivesse a chance, o cara que me iludiu no primeiro casamento a que assisti.

Até a minha avó é culpada por minha total desolação. Desde pequena ela sempre repetiu a mesma fala quando eu começava a ladainha sobre o cara perfeito: "Querida, o cavalo branco só passa uma vez na vida, se você deixá-lo escapar não terá outra chance." Pois é, vovó, eu levei um coice. MUITO OBRIGADA!

E também tem o garoto dos olhos azuis... Ele foi o maior culpado por tudo ter dado tão errado na minha vida. E também por ter dado tão certo.

Mas vamos voltar ao início. Aproveite, eu ainda estava feliz nessa época, bem no comecinho, porque depois você vai rolar ladeira abaixo, bem ao meu lado.

# 1

“Você foi minha vida, e eu fui apenas um capítulo da sua.”

**Cecelia Ahern, *P.S. Eu te amo.***

# Casar é ruim,, não casar é uma merda!

O despertador tocava pela primeira vez às 6h da manhã em ponto, mas 5h50 eu já o havia desligado e pulado da cama como se houvesse tomado um choque. Na verdade, minha mãe que teria um choque se soubesse que, pela primeira vez na vida, acordei antes do despertador. Eu era conhecida na família por hibernar em todas as épocas do ano desde o dia em que nasci, o que fez com que meus irmãos me apelidassem de "ursinha", algo fofo quando eu tinha 7 anos, mas hoje só me envergonhava. O fato era que eu já estava acordada havia muito tempo, mal tendo conseguido pregar o olho durante a noite, de tanta ansiedade. Era o grande dia, *meu grande dia*. Esperei por esse momento quase minha vida inteira, hoje à noite, eu seria oficialmente a Sra. Ferraz de Albuquerque e estaria casada com o homem dos meus sonhos.

Conheci Miguel há três anos e no momento em que nossos olhares se cruzaram, soube que ele era o cara, simplesmente soube. Tudo aconteceu como eu sempre desejara. Eu estava atrasada para uma prova na faculdade, então estacionei o carro com pressa e corri até a portaria. Porém, assim que virei a esquina, bati contra algo sólido que me tirou o fôlego por alguns segundos. Minha bolsa e celular voaram da minha mão como se tivessem vida própria e eu caí de joelhos no chão, mas naquele momento nada mais me importava. Eu não conseguia me importar que meu celular e melhor amigo estivesse em pedaços, que meu joelho já estivesse sangrando, nem se eu conseguiria voltar a respirar – a única coisa

que me importava era o rapaz de olhos profundos que me levantava do chão com tamanha preocupação e cuidado.

– Você está bem?

– Ah... Eu... Ah...

Seu olhar me prendeu de tal modo, que eu não conseguia nem articular uma porcaria de uma frase, e não ajudava o fato de que ele me olhava intensamente.

– Desculpe, eu não vi você – disse ele. – Qual seu nome?

Fiquei muda. *Responde o moço, caramba!* Demorei alguns segundos a mais do que uma pessoa normal, mas consegui finalmente colocar as palavras para fora:

– Bárbara. Meu nome é Bárbara – gaguejei.

– Vem, Bárbara, vou levá-la até a enfermaria da faculdade – ofereceu, enquanto me soltava e pegava minhas coisas do chão. – A propósito, sou Miguel.

– Não precisa se preocupar, eu já estou bem. – Pausa para um sorriso amarelo. – Na verdade, estou mais do que atrasada para uma prova.

– Tem certeza?

Nossa, quanta preocupação, quem visse parecia que ele tinha me atropelado com o carro, dado ré e atropelado de novo, mas o papo pelo menos serviu para que eu desse uma boa espiada no “poste” no qual tinha batido. Ele tinha cerca de um metro e noventa de altura, era magro, mas definido, tinha cabelos pretos e era dono dos olhos *castanhos* mais encantadores que eu já vira.

– Tenho sim, mas obrigada.

Eu já tinha me afastado alguns passos, imaginando o porquê de eu sempre ferrar com tudo de um jeito ou de outro, quando ouvi os passos dele correndo atrás de mim pela rua.

– Bárbara, espera! Você pode me dar o número do seu celular? – perguntou timidamente. – Só para saber depois se você realmente ficou bem.

– Claro!

De repente minha boa coordenação voltou, peguei o celular dele de sua mão estendida e marquei meu número. Devolvi o aparelho e dei um sorrisinho que era para ser sexy (mas devo ter parecido uma lunática descabelada de joelho ralado), e corri para minha prova, em que por sinal fui mal, mas isso não vem ao caso. Por mais que tivesse certeza absoluta de que um cara tão lindo quanto Miguel jamais se interessaria por mim – não por eu ser feia, porque na verdade eu não era, mas é que esse tipo de coisa realmente nunca acontecia comigo –, ele ligou... E estava interessado.

Desde então estamos juntos e felizes. Quase sempre.

Saí de meus devaneios e entrei no chuveiro pensando em tudo que tinha para viver naquele dia. Radiante era pouco, eu brilhava de tanta felicidade. Quando saí do banheiro, encontrei uma mensagem da Luiza no meu celular, pedindo que eu fosse encontrá-la para tomar café da manhã na nossa padaria preferida. Imaginei que Manoela já estivesse com ela, por isso não me dei ao trabalho de bater em sua porta antes de sair. Ambas moravam comigo, eram minhas melhores amigas e, logicamente, seriam minhas madrinhas e se arrumariam comigo no salão de cabeleireiro durante a tarde.

Assim que parei o carro na padaria, avistei Luiza sentada em uma mesa olhando para o céu com ar pensativo, mas nada da Manoela. Não me espantei; ela conseguia se atrasar mais do que eu para qualquer coisa. Deveria ter batido em sua porta antes de sair, para conferir se já estava acordada. Sorri ao ver minha amiga tão desligada do mundo como sempre, uma pensadora.

Eu amava as duas do fundo do meu coração. Tínhamos nos conhecido assim que vim morar em São Paulo para fazer faculdade de Direito – a qual nos formamos juntas alguns meses atrás – e dividimos o apartamento até o dia de hoje, quando eu definitivamente me mudaria para o apê do Miguel no Itaim. Sem meus pais e irmãos por perto, elas se tornaram minha família. Uma parte de mim estava triste por me mudar do local onde definitivamente vivi os melhores momentos desses cinco anos em que passei em São Paulo.

– Bom dia, raio de sol – cumprimentei, dando um beijo estalado em seu rosto. Luiza, que até então não fazia ideia da minha presença, não reagiu como sempre, ela só me olhou intensamente e sorriu. Em dias normais, ela pularia no meu pescoço antes que eu conseguisse contar até três. – Você está bem? – perguntei, enquanto jogava a bolsa na cadeira e me sentava em frente a ela.

– Estou, Babi – respondeu ainda sorrindo fraco. – E você? Afinal, é o seu grande dia. Está preparada?

– Desde que nasci.

Luiza abaixou a cabeça e fingiu olhar o cardápio. Se eu já não tivesse percebido algo errado, aquela falta de emoção me diria.

– Cadê a Manu? – perguntei em seguida.

– Ela ligou e disse que vai nos encontrar mais tarde. – Voltou a olhar para o céu enquanto respondia: – Ela não está se sentindo bem, resolveu dormir mais um pouco.

O dia transcorreu naturalmente. Tomamos nosso café e fomos ao salão de beleza para o meu dia de noiva. Manoela chegou muito mais do que atrasada e foi direto fazer as unhas e o cabelo, mal me dando um beijo no rosto. Ela também não agia assim normalmente, mas eu não estava tão preocupada quanto ficaria em um dia

comum. Era o *meu* dia e nada, definitivamente nada, poderia estragá-lo.

Mal sabia eu.

As meninas foram embora do salão no começo da noite para se arrumarem em nosso apartamento. Quando me abraçaram, percebi que a Manu estava com os olhos lacrimejantes. Fiquei imensamente feliz de ver minha amiga emocionada por mim e a abracei bem apertado, sussurrando que as veria em breve.

Às 8h em ponto, o carro antigo que alugamos para que eu chegasse à igreja encostou no meio-fio. O motorista acenou. Obviamente não tinha como *não* notar sua cliente; afinal, eu estava usando um vestido imenso, um modelo sereia decotadíssimo que caiu perfeitamente nas minhas curvas. Para completar o visual, fiz um penteado sofisticado e uma maquiagem bem carregada no preto, já que a cerimônia religiosa seria à noite. Agarrei meu buquê amarelo e voei para o carro. Sim, amarelo, eu era dada aos clichês!

Estava ansiosíssima, mas comecei a me sentir sozinha. Queria que as meninas ou minha mãe estivessem comigo, mas minha mãe achou melhor ir direto para a igreja para organizar tudo por lá e recepcionar nossos convidados. Às 20h40, o carro parou na esquina da igreja Nossa Senhora do Brasil, toda decorada com flores amarelas e luminárias antigas. A essa altura, minhas mãos suavam e uma dor de barriga monstruosa ameaçava aumentar meu pânico, mas tudo passou milagrosamente assim que vi meu pai caminhando até o carro. Já tínhamos combinado de nos encontrar ali, pois eu não queria dar de cara com Miguel antes da cerimônia. Dava azar.

– Você está linda, ursinha – disse meu pai, com os olhos cheios de lágrimas.



– Obrigada, pai. – Abracei-o com força. Meu pai era meu herói. Criou três filhos trabalhando duro em um banco de investimentos e, acima de tudo, sempre tratou minha mãe como uma rainha. A relação dos dois era de dar inveja a qualquer um. Tinham trinta anos de casados e ainda se amavam como dois adolescentes. Eu e meus irmãos estávamos de prova; não foram nem uma, nem duas vezes que dormimos com travesseiros na cabeça. Paredes finas, sabe como é, né.

– Querida... – começou. Opa, mau sinal. Normalmente o “querida” vinha sempre antes de um sermão disfarçado. – Você tem certeza do que está prestes a fazer? Digo... Um casamento deveria ser para vida toda... Você tem certeza de que é isso que quer para sua vida, Bárbara? De que esse rapaz é o homem certo?

– Está todo mundo me perguntando a mesma coisa hoje. Você e Luiza combinaram? – Dei uma risadinha, mas por dentro aquela pergunta começava a me incomodar. – Fica tranquilo, seu Henrique. Eu sei que você e a mamãe não conhecem Miguel direito, mas eu o amo e nós já tivemos essa conversa antes, quase todas as vezes em que nos falamos por telefone, durante um ano de noivado. Minha resposta continua a mesma.

Meu pai pegou minha mão e a beijou e depois deixou que seu olhar se perdesse na avenida movimentada. No entanto, posso jurar que ouvi ele dizer baixinho: “conheço o suficiente”.

Não era surpresa o desagrado do meu pai e dos meus irmãos quanto ao Miguel. Eu era a filha caçula, o bebê da família, e já sabia antes mesmo de apresentá-lo que ele não seria recebido com um abraço e uma bebida. Augusto, meu irmão mais velho, tem 28 anos e é médico. Gustavo tem 26 e é um famoso arquiteto, embora tenha pouca idade. Nenhum deles, muito menos meus pais, ficaram felizes

quando decidi fazer faculdade em outro estado. Parecia que alguém tinha morrido no dia em que saí de Florianópolis rumo a São Paulo. A grande verdade era que eles estavam preocupados em não poder me seguir de perto e puxar minha coleira quando eu me afastasse. Eu amava minha família, mas não era segredo que eles me tratavam como criança. Mesmo sabendo disso, não deixei de ficar magoada por Miguel, mesmo após três anos de relacionamento, ainda não ter a aprovação deles.

Eu continuava segurando a mão do meu pai quando observei que minha mãe e o pai de Miguel, seguidos pelos nossos padrinhos, começaram a entrar na igreja. Abaixei a cabeça para não ver meu noivo antes da hora, pois queria que tudo fosse uma grande surpresa para mim.

Ah, e como seria.

Estava na hora; a ansiedade voltou com força junto com um sentimento que não identifiquei a princípio, seria insegurança? Agora não! Talvez a decepção que emanava de todos os poros do meu pai estivesse me afetando mais do que eu supunha. Empurrei a enxurrada de pensamentos para a porta da qual fugiram e saí do carro. Caminhei ao lado do meu pai, que não disse nem mais uma palavra, mas que segurava minha mão com todas as forças. Eu podia ouvir o fim da *Ave Maria* que os músicos tocavam e sabia que a marcha nupcial começaria a qualquer momento e que as portas se abririam. Eu só conseguia pensar em como Miguel me olharia. Ele choraria? Sorriria? Não saber acabava com meus nervos. Quando finalmente as portas se abriram e as pessoas levantaram para me receber eu olhei para ele e...

Ele não olhava para mim.

Miguel olhava na direção dos padrinhos, mas eu não conseguia ver exatamente para onde, havia muitas pessoas em pé na frente do altar. Meu coração afundou e pela primeira vez na vida quebrei minha tradição: não olhei para o noivo durante alguns segundos. Em vez disso, procurei meus irmãos no altar e assim que meus olhos se cruzaram com os de Gustavo e vi a reprovação que emanava deles, algo que ele tentava ao máximo esconder, uma vontade alucinante de chorar me invadiu, mas não por felicidade.

Você já teve um grande sonho? Um que você imaginou nos mínimos detalhes por uma vida inteira? Com certeza não tinha sido daquele jeito que eu imaginei o meu.

Tentei me acalmar e fazer diminuir o pânico crescente que invadiu minha garganta. Era um motivo bobo para ser tão pessimista, ele só devia estar distraído, embora todas as outras pessoas me olhassem. Não era motivo para que eu estragasse esse dia tão importante.

Quando estava na metade do caminho ele finalmente me olhou. Um olhar frio e impassível. Eu estava me segurando para não chorar. Eu nunca chorava, nem de emoção se pudesse evitar. Eu não era do tipo de mulher meiga que chora bonitinho. Quando abria o berreiro, abria mesmo, com direito a catarro e soluços tão altos que parecia que estava morrendo. Nada bonito de se ver.

Finalmente chegamos ao altar, e meu pai me entregou ao Miguel com uma expressão de quem entrega a filha para o sacrifício e não para o casamento. Peguei na mão do meu noivo e sorri enquanto, por dentro, rezava para que ele retribuísse meu sorriso, para que eu pudesse enfim me acalmar e saber que tudo estava bem. Ele sabia o quanto tudo isso era importante para mim. Mas não foi o que aconteceu. Ele se virou de frente para o padre e nem sequer apertou mais forte a minha mão para dar um sinal de vida.

Eu não sabia o que pensar. Todo mundo estava estranho durante o dia. Era uma peça? Estavam todos contra mim? Qual é! Era o meu sonho, droga! Não prestei atenção a nenhuma palavra que o padre falou durante a cerimônia até a frase de praxe:

– Se tem alguém aqui que é contra este casamento ou conhece algum fato importante para que ele não aconteça, fale agora ou cale-se para sempre.

Eu me esqueci, diante de tantos detalhes, de pedir que o padre tirasse essa frase do repertório. Acho isso tão batido e clichê, que nunca vi, fora de filmes, alguém realmente levantar a mão. Mas estaquei no lugar assim que ouvi um soluço.

Do meu lado esquerdo, Manoela, agarrada ao melhor amigo de Miguel, chorava copiosamente. Não tive reação, mas Miguel sim. Ele caminhou até ela. Eu não entendia o que estava acontecendo. Era um casamento, pombas, todo mundo chorava, o que ele estava fazendo? Mas entendi a situação rapidamente quando ele a tomou nos braços, olhou para mim e disse:

– Sinto muito, Bárbara, não posso fazer isso.

Foi assim que meu mundo se acabou...

Miguel passou a mão pelos cabelos de Manoela e disse para o padre:

– Desculpa, padre, mas infelizmente este casamento não vai acontecer. Estou apaixonado por outra mulher. – Ele beijou Manoela delicadamente enquanto ela suspirava de alívio.

Nem eu nem o padre conseguimos dizer nada. Eu não conseguia nem piscar, muito menos sair do lugar. Tudo aconteceu tão rápido depois do beijo, que só me lembro de um borrão e de falas aleatórias. Lembro-me do Augusto, que estava mais perto dos dois, jogar Miguel no chão. Lembro-me de Gustavo indo ajudar o irmão a

encher a cara do meu noivo de porrada. Lembro-me do meu pai o levantando do chão e o segurando para que meus irmãos descontassem a raiva, e também lembro da minha mãe gritando: “Pelo amor de Deus, meninos, estamos em solo sagrado! Acabem com esse infeliz do lado de fora”. Lembro-me de olhar na direção dos convidados e de ver bocas escancaradas, pessoas chocadas, pessoas rindo de mim. Lembro-me de me mexer e vacilar na escada do altar, de segurar o vestido na altura dos joelhos e sair correndo igreja afora.

Minha visão estava borrada pelas lágrimas que eu nem sabia que derramava. Meu coração se partia em tantos pedaços que chegava a doer fisicamente. Meu mundo desabava, mas consegui distinguir o vestido vermelho que parou a alguns passos de mim assim que me alcançou na escadaria da igreja.

Luiza.

– Como ele pôde? – consegui balbuciar. – Como ela... Como ela teve coragem, Luiza? – Minha voz era apenas um sussurro, embora minha vontade fosse de gritar aos quatro cantos do mundo.

– Ela teve seus motivos, você precisa se acalmar. – Luiza me levantou do chão. – Não torne as coisas piores, já foi ruim o suficiente lá dentro.

– Ela teve os motivos dela!? – Estudei seu rosto, fixando finalmente um olhar claro na minha amiga. E o que eu vi ali me fez ter outra enxurrada de emoções: carinho, pena e remorso. Ela sabia. – Você sabia?

Seus olhos a entregaram, ela parou de olhar nos meus.

– O que você queria que eu fizesse? – Levantou o olhar exasperado. – Fala?

Uma onda de fúria se esgueirou para fora de mim com toda força.

– Queria que, como minha amiga, você tivesse me contado. QUERIA QUE VOCÊ NÃO TIVESSE ME DEIXADO PASSAR POR ESSA HUMILHAÇÃO! – gritei a plenos pulmões.

– A culpa por eles estarem juntos não é minha, Bárbara.

E não era. Eu sabia que ela estava chateada, mas nada justificava a omissão.

– Não, realmente não é sua, Luiza. Mas você também é culpada do que estou sentindo e passando agora. Eu não precisava ter descoberto isso vestida de noiva, dentro da igreja, no dia do meu casamento. Eu não precisava ter passado por isso, você tinha o dever de ter me protegido. – E dei as costas para aquela garota que eu não conhecia mais.

Eu podia ouvir o tumulto dentro da igreja. O que quer que estivesse acontecendo lá dentro foi o suficiente para manter todos os convidados entretidos, porque ninguém havia saído ainda. Eu precisava ir embora. Precisava ir para longe. Eu precisava fugir. *De novo.*

Procurei o carro alugado e demorei alguns segundos para ver que ele não estava ali. Claro, o motorista devia ter ido comer ou fazer qualquer outra coisa durante o tempo livre, era para ele ainda ter alguns minutos antes da cerimônia acabar. Corri pela rua, determinada a achar um táxi. Como eu pagaria ao motorista era outra história.

## 2

“Eu mordida a língua e prendia a respiração  
Tinha medo de virar o barco e criar uma confusão  
Então ficava na minha, concordava com educação  
Acho que esqueci que tinha uma escolha  
Deixei você me levar além do limite  
Não tinha opinião formada sobre nada, então caí em tudo.”

**Katy Perry, *Roar*.**

# Fugir é o melhor remédio

Aqui vai um segredo sobre mim: tenho uma hábil experiência em fugir de tudo e de qualquer coisa com uma eficiência impressionante. Não é preciso que alguém me magoe duas vezes para que eu aprenda a lição, até porque não vou mesmo estar lá para dar essa chance a quem quer que seja. Não pensem que sou incapaz de perdoar, não é isso. Eu sei perdoar sim, mas isso não quer dizer que eu queira ver ou conviver com quem me machuca. Na verdade, isso é praticamente impossível. Quando partem meu coração da maneira como ele foi partido naquela igreja, não há volta.

Não demorou nem dois minutos para um taxista de bom coração parar o carro na avenida e destravar a porta para que eu entrasse. Ele me deu uns minutos antes de perguntar meu destino, mas notei que me observava pelo espelho retrovisor. Eu não o culpava. Ele não devia ver todos os dias a Noiva do Chucky em pessoa dentro de seu táxi.

– Para onde, querida? – A profundidade de sua voz me assustou, ele era um senhor de idade muito avançada, com poucos cabelos brancos na cabeça, mas ainda muito bonito para a idade. Imaginei que aquele homem tivesse uma voz mais fraca, claro, porque eu realmente não tinha muitas outras coisas em que pensar, não é?

– Avenida Giovanni Gronchi, por favor. – Estava tão exausta emocionalmente que até falar era cansativo.

Dirigimos em silêncio por quase metade do caminho, e foi suficiente para que meu mecanismo de autodefesa desse as caras. Precisava arrumar minhas malas. Os prós e os contras de mudar



radicalmente de vida *de novo*, não chegavam a me incomodar. Um: eu perderia meu emprego. Grande coisa, quem precisava comer? Dois: perderia a privacidade do meu apartamento. Grande coisa, eu nunca fui muito tímida mesmo! Três: perderia os passeios à noite na Avenida Paulista, as caminhadas no Parque Villa Lobos, a beleza das luzes de natal da Avenida Sumaré... Dane-se! Era só desapegar. Enquanto tivesse o Google Maps, não morreria de saudades. Mas comecei a me dedicar exclusivamente a pensar para onde eu iria... Eu tinha poucas opções e nenhuma delas era muito animadora.

– Não fique tão triste, menina – disse o taxista, fazendo uma pequena pausa, certamente para saber se eu tinha saco para ouvir.

– Vamos lá, o que poderia ser pior do que seu noivo trocar você pela sua melhor amiga no altar? Continua, tio, sou toda ouvidos.

– Se não foi, não era para ser.

– Assim que a gente leva o golpe é difícil pensar desse modo.

Engrenagens funcionando, será que eu tinha feito alguma coisa para isso acontecer? Será que fui uma péssima noiva? O tiozinho seria um ótimo ouvinte, afinal, ele que tinha começado e eu esperava que não se arrependesse. Joguei-me entre o espaço dos bancos da frente e despejei:

– Será que a culpa é minha? Eu tenho que ter feito alguma merda para ele me trocar pela minha melhor amiga no dia do casamento, não é? Eu sou tão feia assim? Pelo amor de Deus, como aquele filho da p...

Ele me cortou.

– No momento, você não é a mulher mais bonita que eu já vi – disse ele, rindo um pouco. Claro, porque rir das desgraças dos outros era sempre divertido. – Toma, pega – disse me entregando um lenço branco de pano. – Não foi culpa sua, menina.

– Como o senhor pode saber? – choraminguei.

– Porque somente um homem sem caráter faria o que esse rapaz fez a você, e nada do que você pudesse ter feito mudaria quem ele é. Pelo jeito, ele já nasceu sem compaixão, menina, e se quer saber a minha opinião, foi melhor assim. Você ainda é nova, deve ser bonita sem estar com o nariz escorrendo e os olhos pretos, e um dia vai achar alguém que não a trocará por ninguém. Alguém que vai aguentar firme lá em cima daquele altar e não vai fugir porque é mais conveniente. Ninguém humano de verdade magoaria uma moça vestida de branco no seu grande dia.

A essa altura eu já chorava novamente e encharcava o lençinho, esperando que ele não o pedisse de volta.

– Eu vou morrer solteira, vou virar uma velha cheia de gatos! – continuei. Meu cachorro não ia gostar nada, nada do que eu estava desejando para o futuro.

– Não vai, não. Você não vai, se me prometer uma coisa – disse, parando em um semáforo e virando o pescoço para me olhar nos olhos, pela primeira vez de frente.

– O quê?

– Nunca se ressinta, nunca desista. O cavalo branco só passa uma vez e não volta, mas não é tão fácil assim de enxergá-lo.

CHEGA! Eu queria que o cavalo, o taxista e minha avó fossem pro caramba viverem juntos e felizes sem mim.

– Promete?

– O senhor é solteiro?

– Não, já estou casado há cinquenta anos. Minha esposa encontrou o cavalo branco dela – disse com ar sonhador. – Por quê, menina?

– É uma pena, porque minha avó ficaria caidinha pelo senhor.

Ele riu como se eu tivesse contado uma ótima piada. Não sei se ele percebeu que eu não tinha prometido não desistir. A essa altura, o único homem que dormiria na minha cama seria Vitório, e ele tinha um focinho, quatro patas e hálito de ração de carne.

Chegamos e o taxista me deu o lenço, a corrida e um sorriso de presente quando me deixou na porta do prédio.

Entrei a passos largos olhando feio para o porteiro, desafiando-o a me fazer alguma pergunta.

– Seu Jaime, por favor, proíba a subida de qualquer um no meu apartamento que não seja da minha família.

– Nossa, dona Bárbara, a dona Luiza e a dona Manoela já estão sabendo? – perguntou, erguendo uma das sobrancelhas.

– A proibição também as inclui. – Homenzinho enxerido.

– Dona Bárbara, como é que eu vou proibir morador de subir? – quis saber de mau humor.

– Dá seu jeito, Jaime.

Parti para o elevador sem olhar para trás. Eu não me dava bem com o porteiro desde o dia em que ele chamou meu cachorro de monstro comedor de criancinhas e tive que lembrá-lo de que quem ficava de olhos nas meninhas na piscina pela câmera de segurança não era o meu *pit bull*. O negócio não terminou nada bem, como vocês podem imaginar.

Quando abri a porta, as lágrimas que abandonei no táxi voltaram com força total. Ali tudo era muito conhecido, reconfortante e meu, mas deixaria de ser em breve. Acho que chorei mais nas duas últimas horas do que nos últimos cinco anos. Vitório, que até então dormia de barriga para cima no sofá, levantou a cabeça de modo inquisidor. Espreguiçou-se com a maior calma do mundo e pulou no chão para vir ao meu encontro. Ele detestava me ver chorar, ou pelo

menos era o que eu achava, porque assim que ouviu meus soluços, pulou no meu colo com toda força e começou a tentar lambe meu rosto. Deslizei as costas na porta recém-fechada e me deixei cair no chão agarrada a ele, só que me dei conta de que não tinha muito tempo a perder. Eu teria uma vida de autopiedade inteirinha pela frente, mas agora teria que ser rápida.

Voei em direção ao quarto da Manoela, abri gavetas, olhei embaixo dos travesseiros e dentro do guarda-roupa, precisava ter certeza de que tudo não fora um pesadelo. Como quem procura sempre acha, comigo não foi diferente. No gaveteiro da cama, embaixo de um livro, encontrei o que procurava: uma caixa, daquelas bonitinhas de papelaria, repleta de cartas, bilhetes e fotos. Fotos dos dois abraçados em uma cama de aspecto barato e agarrados em uma banheira com espuma voando. Não precisa ser um gênio para adivinhar onde Miguel estava nas noites em que me disse que ficaria estudando. Nem onde fora Manoela nas noites em que avisou que dormiria na casa de uma amiga. Desdobrei o primeiro bilhete.

*Te entregar este bilhete me pareceu mais seguro. A noite de ontem foi incrível.*

*Eu sei que deveria estar me sentindo arrependido, mas tudo que sinto é uma vontade louca de passar mais uma noite com você.*

*Beijos, M.*

*22/01/2013*

Meu Deus, eles estavam juntos pelas minhas costas havia quase seis meses, como eu podia ser tão burra? Não me contentando, abri outro bilhete. Parecia que nessas poucas horas eu tinha criado um novo hobby: o masoquismo!

*Você sabe que eu tenho que fazer isso. Se pudesse voltar atrás, teria esbarrado em você, loira, só consigo pensar em você, no seu corpo, no seu cheiro...*

Não dava, não dava mais para ler aquela merda. Era absurdo demais, abusivo demais. Doía demais. Acreditei nessas pessoas, confiei nelas, me apaixonei por elas e enquanto isso elas me engavam. Teria sido muito mais simples se eles tivessem a mesma coragem que tiveram para me trair para, de fato, confessarem a traição. Ainda sairia machucada, mas pelo menos não seria humilhada na frente da minha família, dos meus amigos e dos meus colegas de trabalho. Meu Deus, eu trabalhava com Manoela, como ela pensava que eu conseguiria pisar no escritório novamente? Em nenhum momento eles pensaram em mim, no que os atos deles me causariam. Com certeza pensaram no medo de que eu descobrisse, mas não em como eu me sentiria. Até Luiza não pensou, pois se tivesse, teria me alertado. Ela fez uma escolha e escolheu Manoela, assim como Miguel. Não ser escolhida também doía, poxa, eu tinha ego, sabe?

Coloquei a caixa no lugar e fui para meu quarto. A campainha soou assim que ameacei fechar a porta. Demorei a conseguir me deslocar para a entrada, por medo de quem encontraria do outro lado, o que era bobo, pois a Noiva do Chucky aqui era eu. As pessoas que deveriam ter medo de mim e não o contrário. Vitória me seguia de perto, todo feliz e contente por termos visita. Cachorrinho inocente. Já passou por tanta coisa, já viu de perto a maldade humana e mesmo assim não perdeu o amor, não perdeu a esperança. Como eu queria ser como ele, passar uma borracha e me sentir feliz com alguma coisa tão simples feito a campainha.

Respirei fundo e abri a porta. Pronta para o ataque! E dei de cara com a minha mãe. Joguei-me em seus braços junto com Vitória, mas

pela primeira vez em anos, ela me deu atenção primeiro. Adivinhem? Pois é, lágrimas, ranho e barulhos típicos de pequenos animais sendo abatidos começaram a escapar de mim.

– Shh, shh, querida, já vai passar – disse, esfregando minhas costas.

– Não é tão fácil assim, mãe, porra.

– Olha a boca! De desvirtuados, já me bastam seus irmãos – disse, levando-me para o sofá. – E por falar neles, foram presos.

– Que maravilha. – E logo me calei com o olhar reprovador da minha mãe. – Por que não me ligaram?

– Querida, se você aparecesse assim na delegacia, nós é que teríamos problemas para tirá-la do manicômio. Você está parecendo a noiva de um filme de terror barato, sem querer ofender, meu bem.

*Claro, você está conseguindo, pensei, vai fundo.*

– Papai está resolvendo tudo por lá?

– Não, ele foi preso também, mas sua avó está – falou sorrindo. – Eles iam prendê-la também, mas não acharam certo, a idade dela enganou os policiais direitinho. – Agora minha mãe estava rindo, e por incrível que pareça, eu também.

– Como Miguel está, mãe? – perguntei sem jeito. Imagine a cena: eu com vergonha de perguntar sobre o bem-estar do cara que a essa altura deveria ser meu marido.

– Vai sobreviver – respondeu. Parecia que ela não estava muito interessada em falar sobre ele, mas acabou desistindo de bancar a durona porque sabia que eu perguntaria para outra pessoa. – Seus irmãos e sua avó só deram uns tapas nele, nada de mais. Mas parece que algum dos convidados chamou a polícia e todos eles foram levados para a delegacia. Não se preocupe, Miguel disse que não vai dar queixa.

Meu pai e meus irmãos chegaram logo depois, seguidos pela minha avó, que passou na frente de todos para vir me abraçar.

– Aquele moleque filho da mãe vai me pagar por todas as lágrimas que você está derramando, filha, tenha certeza – prometeu, limpando meu rosto. Ela estava brava. – Bati nele com a minha bolsa até não aguentar mais, mas sinceramente não foi o suficiente. Deixei a faca de churrasco em casa, o que é realmente uma pena.

– Só me abraça, vó, e pelo amor de Deus, não fala nada sobre cavalos.

Ela me olhou interrogativamente, como se tentasse entender do que eu falava, mas estava enganada; ela sabia.

– Não era ele – afirmou. – Nós tentamos avisar. Ele não era o príncipe do cavalo, senão eu saberia. – Antes que eu pudesse responder, meus irmãos se juntaram ao meu redor, xingando Miguel em alto e bom som (e em baixo calão também), fazendo com que minha mãe suspirasse e meu pai tivesse que berrar para ser ouvido.

– Chega, a irmã de vocês não precisa disso.

– Tem razão, pai, a gente sabe do que ela precisa – disse Augusto. Afirmação meio questinável, se querem saber minha opinião.

– Cadê as malas? – perguntou Gustavo. Então eu gargalhei novamente. Como era bom estar perto da minha família. Apontei para o quarto.

– Tudo, né? – perguntou Augusto, com um sorrisinho matreiro.

– Tudo. Empacota TUDO!

Eles me conheciam bem demais. Era muito mais prático fugir tendo como cúmplice uma família grande. Em cerca de uma hora, tudo que era meu – pois mesmo me casando, eu ainda não tinha

cuidado da minha mudança –, estava empacotado, encaixotado, dentro de malas e sacos de lixo (a gente se vira com o que tem na hora do aperto, certo?), meu cachorro estava na coleira e a chave do carro na minha mão.

Adeus, São Paulo.

Porém, como tudo na minha vida, era bom demais para ser verdade. Quando minha mãe abriu a porta da sala para que carregássemos os carros, demos de cara com Luiza e Manoela no hall do elevador. Eu achava seriamente que teria de matar o porteiro antes de ir embora.

– Aonde você vai? – perguntou Manoela feito uma menininha que sabia que tinha feito algo errado, mas que ainda tinha esperanças de não ser castigada.

– Para onde você acha que eu vou? – respondi rispidamente. – Você achou que chegaria aqui e eu estaria em seu quarto te esperando para dormirmos juntinhas, enquanto você segurava minha mão e me ouvia chorar e dizer o quanto o mundo é injusto? Eu vou viver a minha vida, Manoela, e espero que você viva bem a sua.

– Você não precisa ir embora. – Pausa para o golpe final. – Se você preferir, eu saio, agora você sabe que eu tenho para onde ir – desferiu a alfinetada com um pequeno sorriso nos lábios. Eu queria matá-la. Eu podia ver em seus olhos que ali só havia triunfo. O arrependimento devia estar trancado junto com o juízo dela, em algum lugar.

– Ah, disso eu não duvido. – Ser sarcástica era realmente muito bom, porque eu nunca tinha experimentado antes? – O problema é que você não é a única pessoa que eu não quero mais ver – respondi, apontando Luiza com a cabeça.



– Ela não tem culpa, ela não sabia – respondeu Manoela, fingida, olhando para Luiza em busca de confirmação.

– Chega de mentiras! – gritei. – Ela já me contou que estava a par do casinho de vocês.

– Casinho? – perguntou ironicamente. – Desculpa, Bárbara, mas eu não mando no meu coração.

– Não, ninguém manda no próprio coração, mas você pode decidir para quem abaixa as calças. E o noivo da sua melhor amiga não deveria ser uma opção. – Surtando em 3, 2, 1... – Se vocês tivessem me contado, eu teria saído do caminho, eu teria deixado vocês serem felizes. Quem sou eu para dizer por quem você pode ou não se apaixonar? Isso acontece, eu não sou BURRA. Mas vocês três foram estúpidos no momento em que decidiram esconder isso de mim. Estúpidos quando acharam que eu só deveria saber no altar, no dia do meu casamento. Você sabia o quanto isso era importante para mim, Manoela.

– Eu não queria que você soubesse dessa forma, eu queria que ele tivesse se casado com você, teria sido muito mais simples. No começo nós até pensamos em contar, mas você estava tão entusiasmada com os preparativos do casamento que não conseguimos, e a situação só foi piorando e...

Cortei sua explicação fajuta.

– Claro, porque uma ótima amiga deve deixar a outra se casar com um canalha traidor. – Suspirei. – Sinto muito, não há desculpa para o que vocês fizeram. – Avancei para a porta, mas ela não saiu do meu caminho.

– Quer saber a verdade? – perguntou desafiadoramente. Não respondi. Eu não sabia bem se queria. – A verdade é que eu não tô nem aí pra você! – cuspiu.

– Com licença. – Eu não suportava mais. Ela deu um passo para o lado a contragosto e passei por ela, mas quando estava no meio do hall, me lembrei de que faltava lhes dizer apenas mais uma coisa. Voltei até a porta. – Vocês têm um mês para sair do apartamento, a partir de amanhã ele estará à venda.

– Você não precisa fazer isso – argumentou Luiza, tentando se aproximar de mim. Dei um passo para trás para que ela percebesse que seu toque não era mais bem-vindo.

– Na verdade eu acho que preciso sim, e, aliás sou a dona do apartamento, lembra? Posso fazer o que eu quiser.

– Essa não é você, você não se vinga, Bárbara. Você não faz nada impensado.

– Não é vingança, Luiza. Eu vou precisar do dinheiro para começar uma vida nova. E não sei se você se lembra, mas eu não devo nada a vocês – afirmei. Ela concordou com a cabeça e começou a chorar. – Obrigada pela preocupação, mas eu realmente pensei muito bem na minha decisão. – Mentira deslavada.

– Vou sentir sua falta.

– Você fez sua escolha.

Dei as costas e me virei para sair do apartamento sem olhar para trás, não antes de perceber a felicidade que emanava de Manoela.

Deixei que as lágrimas rolassem somente quando já estava descendo a escadaria a toda velocidade e prometi para mim mesma que nunca mais pisaria ali.

# 3

"Alice: Quanto dura o que é eterno?

Coelho: Às vezes apenas um segundo."

**Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*.**

# O garoto dos olhos azuis

Um bom filho a casa torna, assim sendo, decidi voltar para a casa dos meus pais enquanto não pensava em uma solução melhor. Optei por ir em meu carro sozinha, com Vito, rumo a Garopaba, cidade onde eles residiam no momento. Não foi fácil convencer minha mãe de que eu não me jogaria no primeiro poste que visse pela frente; ela me achava dramática demais, embora saiba que não tenho coragem de matar nem uma barata, muito menos a mim e ao meu cachorro. Eu queria apenas silêncio, queria pensar, mas ela só aceitou depois que concordei em seguir o carro deles feito um cordeirinho adestrado. Eu queria pensar em tudo que vivi naquele dia. Acordei tão feliz e estava a ponto de terminar a noite me sentindo um lixo. Quando foi que tudo mudou? Quando Manoela soltou a primeira lágrima? Quando Miguel saiu do meu lado e foi em direção a ela? Quando eu finalmente percebi que havia sido abandonada? Não acho que seja, acho que tudo isso começou muito tempo antes, eu é que não me dei conta. Você não repara que seu noivo e sua melhor amiga são amigos *demais*, pois amizade entre eles é o tipo de coisa que você quer que exista. O mundo seria mais feliz se todos os namorados/noivos/maridos gostassem das amigas das namoradas/noivas/esposas, mas como perceber quando essa amizade passa a ter um significado maior?

Eu fui sincera quando disse à Manoela que ela deveria ter me contado porque eu sairia do caminho. Eu realmente sairia, mesmo que não soubesse como ficaria, mas talvez nossa amizade pudesse ter sobrevivido depois que a tormenta fosse embora. Eu teria dado valor à sinceridade deles, eu sei que teria. Sempre fui o tipo de

pessoa que se arrepende de ser grosseira, que jamais é ignorante com ninguém de propósito, que tem aversão a magoar as pessoas. Eu teria entendido; por mais difícil que fosse, eu teria apoiado.

Eu sei o que você está pensando... Não, eu não sou boazinha demais, apenas prática. Aprendi há muito tempo as consequências de se humilhar alguém. Os dois se amam, eles se abriram comigo, que tipo de gente é, de propósito, empecilho para duas pessoas que se amam ficarem juntas? Se eles me amassem como eu os amava, teríamos superado tudo isso. Ou pelo menos cortaríamos os laços de forma diferente, com um corte cirúrgico e limpo, ao invés de eu estar sangrando sozinha rumo a um lugar que não tem mais nada a ver comigo. Saí de lá por um motivo... O que me faz pensar nele...

Você deve estar se perguntando sobre o garoto dos olhos azuis.

Minha família morou em Florianópolis durante toda minha infância e adolescência, mas minha avó materna sempre morou no centro de Garopaba, uma cidade litorânea no interior de Santa Catarina, e era lá que eu e meus irmãos passávamos todas as férias. Sempre senti que a cidade era mágica. Adorava a forma de como cada praia era diferente uma da outra, o fato de termos um pequeno deserto tão perto de nós.

Raramente ficávamos em casa, pois, ao contrário de muitas avós, a minha sempre foi meio biruta e moderna. Nada de assar biscoitinhos para ela. Dirigia feito uma louca e pedalava sua bicicleta mais rápido do que meus irmãos mais velhos. Usava só esmaltes vermelhos e saltos altos. Não existia tédio naquela casa, todos os dias fazíamos um programa diferente, íamos a uma praia diferente ou simplesmente saíamos e ficávamos na praia do centro, perto de casa, brincando, nadando, tomando sol, curtindo uma vida sem

responsabilidades, escolas ou as manias de limpeza da nossa mãe. Mas tudo mudou no verão de 2001.

Foi quando o conheci.

Em junho daquele ano, vovó ficou doente. Não era nada de mais, apenas uma gripe muito forte que gerava desconforto, e minha mãe ficou preocupada em deixá-la sozinha. Vovô morrera muito tempo antes e minha mãe não queria que ela ficasse sob os cuidados de suas amigas, assim, resolveu me mandar a Garopaba antes do tempo, para eu ficar de olho nela e ajudar como pudesse.

Lembro-me como se fosse hoje. Fiz a última prova do semestre, minha mãe me buscou na escola com as malas já prontas e me levou quase um mês antes do planejado para o meu paraíso pessoal. Eu estava empolgadíssima de ter muitos outros dias de férias e principalmente por meus irmãos não poderem ir comigo. Eu os amava, mas, naquela época, eles achavam divertido tornar minha vida um inferno.

Durante alguns dias tudo correu normalmente. Minha avó já estava melhor e eu pude sair de casa sem culpa por deixá-la sozinha. A única coisa que me incomodava era ter que cruzar com a Camila, uma garota da vizinhança que era caidinha pelo Gustavo. Ela sempre fazia piadinhas ou ria da minha cara sem motivo aparente. Era desagradável e na verdade eu não entendia, pois até onde eu sabia, meu irmão ficara com ela nas últimas férias, só que pelo visto as coisas terminaram entre eles e, pelo ressentimento da garota, não por culpa dela. Na maioria das vezes, eu simplesmente atravessava a rua ou fingia não ouvir. Eu tinha certeza de que me daria mal se respondesse, porque aí sim ela não me daria mais paz. Apenas relevava, até o dia em que as brincadeiras de mau gosto passaram do limite. Ou digamos, do *meu* limite.

Era dia dos namorados e as filhas gêmeas dos vizinhos me chamaram para ir a um luau na Praia do Siriú no final da tarde. Não era nada de mais, os jovens da cidade se encontravam aos montes para jogar conversa fora e ficar de namorico. Todos acabavam indo, dos mais populares até aqueles meio esquisitos. A região é pequena e todo mundo acaba se conhecendo, mas eu conhecia todo mundo por outro motivo... Afinal, não era por ser irmã deles que eu era cega, não é? Tanto Augusto quanto Gustavo são bonitos. Ambos com rostos bem esculpidos e cabelos negros brilhantes, olhos castanhos e simpatia para dar e vender. Já naquela época, faziam sucesso entre as menininhas, e não foram nem uma, nem duas vezes que elas se aproximaram de mim só para conhecê-los. Pois bem, assim que chegamos, eu e as gêmeas paramos para conversar com alguns meninos da rua de baixo, o que seria impossível se meus irmãos estivessem na minha cola. Acabei me perdendo no assunto e me separei das meninas.

Esse foi meu primeiro erro da noite.

O segundo foi ter ido ao encontro de Camila quando uma de suas amigas veio me avisar que ela queria conversar comigo. Segui a garota com os olhos fixos em seus sapatos.

Mais um erro.

A Praia do Siriú sempre foi minha favorita em Garopaba, ela possui uma barragem de areia que divide o mar de um pequeno rio. Ela tem o melhor de dois mundos. Sempre achei o mar gelado demais, então tinha preferência por estender a toalha na beira do rio, que é quente e convidativo para um mergulho raso. Era lá que Camila me esperava, mas não estava sozinha. Com ela havia mais quatro garotas, contando com o pombo-correio que foi me dar o recado. Assim que meu olhar cruzou com o de Camila, eu só

consegui pensar duas coisas. Primeira: *ferrou*. Segunda: *se meu irmão não matar essa garota, o videogame dele vai parar na privada*. Ela não falou nada a princípio, mas começou a me empurrar em direção ao rio. Caramba, a garota era dois anos mais velha e um metro mais alta, eu não tinha a menor chance (cá entre nós, eu também era meio bundona).

– Você se acha muito importante, né, pirralha? – Mais um empurrão. – Sempre com esse narizinho empinado, como se fosse alguém. Se não fosse pelos seus irmãos, ninguém notaria você. – Todas as amiguinhas dela estavam rindo a essa altura e ela começava a chamar a atenção dos grupinhos que estavam por perto. Não que eu tenha olhado, mas pude ouvir com clareza as risadinhas pelas minhas costas. – Feia do jeito que você é, ninguém *NUNCA* vai notar você.

Como vocês devem imaginar, essa parte atingiu a ferida. Não se brinca com os sonhos de uma garotinha. Fiquei com tanta raiva, que acabei me defendendo. Quando ela me empurrou novamente, revidei o empurrão e as palavras.

– Tudo isso é porque meu irmão deu o fora em você? Vê se cresce e deixa de ser mal-amada!

Porém, meus segundos de fama acabaram mais rápido do que eu podia imaginar. Ela se descontrolou e me deu o empurrão final.

– Sua piranhazinha de merda!

Caí sentada dentro d'água. O choque e a humilhação foram tão grandes que eu nem pensei em me levantar. Até então eu nem tinha percebido que lágrimas corriam pelo meu rosto. Só me dei conta quando as meninas começaram a gritar a plenos pulmões que eu chorava feito a criancinha que eu era. Fiquei mais envergonhada do que já estava e olhei ao redor para ver as proporções do circo.



Muitas pessoas presenciaram a confusão. Alguns garotos se contorciam de tanto rir, mas meus olhos pararam em um garoto, o único que não ria; na verdade ele parecia irritado. Seus olhos estavam fixos em mim, e lembro nitidamente de pensar que eram os olhos mais bonitos que eu já tinha visto, eram da cor do céu. Ele se afastou dos garotos que estavam com ele e veio em minha direção, sem desviar os olhos sequer uma vez dos meus. Seu olhar ainda me prendia quando me dei conta do que ele fazia. Ele entrou no rio, foi até mim ainda de tênis e me estendeu a mão. Alguma coisa naquele gesto me fez chorar ainda mais. Eu não conseguia me controlar, os soluços estavam tão altos que eu mesma me assustei com a proporção do que sentia. Ele me tirou da água e me conduziu para fora da praia, segurando firme na minha mão, com o maxilar e o outro punho cerrados. Ele não precisou pronunciar nem uma palavra, as pessoas abriram caminho para que passássemos e pararam de rir. Quando chegamos à rua, ele soltou minha mão e limpou minhas lágrimas com o polegar de forma meio desajeitada. Eu estava tão absorta naqueles olhos azuis que não consegui pronunciar nenhuma palavra, mas nada me prepararia para o que ele fez em seguida. Ele abriu a mochila e tirou de lá de dentro um ramalhete de rosas brancas amassadas, depois pegou minhas mãos e fez com que eu segurasse as flores.

– Não escuta o que ela falou. Eu sei que algum dia alguém vai notar você. – Então ele abriu o sorriso mais lindo que eu já tinha visto, o que me fez lembrar daquele noivo de muitos anos atrás, mas o sorriso daquele rapaz não chegava nem aos pés do meu garoto dos olhos azuis. Borboletas dançaram no meu estômago. – Sabe por quê? – Neguei com a cabeça. – Porque eu notei.

Assim que terminou de pronunciar a última palavra ele colou seus lábios nos meus. Fechei os olhos instintivamente, mas o melhor beijo da minha vida acabou tão rápido como começou. Quando abri os olhos ele já se afastava de mim. À distância, sorriu novamente, fazendo minhas pernas bambearem, e voltou correndo para a praia. Fiquei em pé observando o garoto loiro de olhos azuis se perder no meio de vários outros rostos.

Ele não voltou.

Eu estava morta de vergonha. Todos viram a cena, todos presenciaram as coisas horríveis que ela havia me falado. Todos me viram cair dentro do rio sem um pingo de dignidade. Eu nunca na minha vida havia sido tão humilhada e destruída quanto naquela noite, nunca havia chorado tanto e desejado que as horas não passassem e que eu pudesse me esconder debaixo das cobertas até a dor ir embora. Mas alguém me salvou naquele dia. Lindos olhos azuis tentaram me tirar do fundo do poço.

Foi só de madrugada, quando eu já estava na minha cama, que me dei conta de que não sabia nem o seu nome. Chorei até pegar no sono.

# 4

“E eu que pensava que jamais me domaria por quaisquer olhos azuis.”

***Carolina Pires.***

# Os olhos, sempre os olhos

Você deve estar se perguntando se aconteceu algo com Camila, não é? Se eu realmente contei para os meus irmãos. Não, eu não contei. Nunca contei para ninguém o que aconteceu naquela festa, nem sobre o garoto. Como vocês já devem imaginar, eu fugi. Aquela foi a primeira vez.

Assim que as férias de fato começaram, decidi voltar para casa e não enfrentar as consequências daquela humilhação; mas antes tentei encontrá-lo.

Foi no garoto dos olhos azuis, no garoto sem nome que eu dei meu primeiro beijo. E hoje, passados mais de dez anos, ele ainda foi o melhor da minha vida. Foi puro e simples. Bonito e romântico. Foi no momento certo e da maneira certa. Ele foi a única pessoa que fez as borboletas que os livros e filmes tanto falam se agitarem no meu estômago.

Procurei-o por vinte longos dias. Engolindo meu orgulho, perguntei a todas as pessoas que eu lembrava que estavam na praia, mas ninguém sabia quem ele era. Eu nunca mais o vi, nunca soube seu nome ou onde morava, mas guardei cada detalhe daquela noite em um lugar reservado na minha mente e no meu coração, só para ele. Eu estava encantada. Visitei aquele lugar especial por muitas noites ao longo dos anos seguintes. O que ele fizera mexeu com meu coração de forma tão profunda, que nunca consegui esquecê-lo.

Sabe aquele sonho infantil de que o garoto simplesmente passe a estudar no mesmo colégio? Que a gente esbarre nele em uma rua movimentada? Ou que acabemos trabalhando no mesmo lugar? Que

nos casemos e construamos uma família, e contemos aos nossos filhos como nos conhecemos e como o destino nos uniu novamente quando havíamos nos perdido? Tive vários deles. A cada noite planejava um futuro diferente para nós. Quem nunca fez isso que atire a primeira pedra. Todo mundo teve um grande primeiro amor. A única diferença é que a maioria das pessoas consegue superá-lo. Com o passar do tempo a lembrança se esvai, novos amores surgem e aqueles sonhos ficam esquecidos em um baú na memória. Mas comigo não foi assim. Eu não consegui me apaixonar por mais ninguém depois daquela noite. Ninguém estava à altura dele, ninguém nunca mais me defendeu daquela maneira, eu nunca mais ganhei rosas, ninguém mais teve aqueles olhos azuis.

Depois do episódio do rio, passei os seis anos seguintes sonhando acordada com o garoto dos olhos azuis todas as noites. Ele preenchia todos os vazios da minha mente e do meu coração, era o porto seguro depois de um mar revolto, para o qual eu sempre voltava quando algo não dava certo. Era minha fonte de esperança. Ele me fazia acreditar que os contos de fadas eram reais.

Todos os relacionamentos que engatei depois nunca deram certo, em parte por culpa minha, que vivia buscando em outros rostos o dele e, em outros olhos, aquele olhar que penetrou na minha alma. Em outros garotos, a sua generosidade. Nunca encontrei alguém como ele.

Quando eu tinha 17 anos, comecei a namorar um garoto do colégio. Seu nome era Bruno. O relacionamento não durou mais do que seis meses e teve fim quando o flagrei aos beijos com uma colega de classe na quadra de esportes. Não doeu, eu não o amava de verdade. Continuei a sonhar com meu garoto dos olhos azuis, com meu príncipe encantado. Mas toda menina um dia precisa

crescer. Talvez o garoto tivesse razão, talvez *outra* pessoa me notasse, já que ele também fora capaz disso. Mas não seria ali, não seria em Florianópolis. Tudo ali me lembrava dele, porque me lembrava de mim mesma. Foi naquele quarto, naquela cama, que desejei vê-lo novamente, que criei inúmeras fantasias de contos de fadas. Foi no banheiro daquela casa que chorei várias vezes no chuveiro por não ter conseguido nem agradecer-lo pelas flores, por não ter perguntado seu nome, nem ter retribuído o sorriso. Foi no banco da praça da esquina da nossa casa que me sentei e tentei adivinhar seu nome. Foi em Garopaba, na cidade que mais amava, que o perdi no meio de uma multidão de outros rostos.

Com o tempo, a lembrança começou a parecer desfocada e comecei a esquecer seus traços, mas ainda mantinha viva em minha memória a maneira como ele me olhou. E foi então que decidi fugir pela segunda vez na minha vida. Prestei vestibular em todas as faculdades de Direito que pude, mas nenhuma em Florianópolis. Passei e fui embora, crente de que deixava meu garoto dos olhos azuis para trás; no entanto, a essa altura ele já era uma parte de mim... Minha família sempre acreditou que fui embora por causa do fim do meu namoro, mas nunca contei a verdade.

Abandonei minhas memórias e voltei para o presente. Ainda faltavam horas de viagem até Garopaba, mas só o fato de estar indo para casa, dessa vez para ficar, fazia com que as lembranças enchessem minha mente. O rosto quadrado do garoto, as covinhas em suas bochechas quando ele sorriu, o fato de ele ter tido que se abaixar para colar os lábios nos meus, os cabelos loiros e os olhos, ah, aqueles olhos, como eles me assombravam...

Esse é o motivo por ele ser culpado de toda minha desgraça. Ele deixou que eu acreditasse que poderia ser amada. Por culpa dele fui

embora, fui tentar esquecê-lo em um lugar onde não havia lembranças suas, fiz de tudo para deixá-las em casa, mas sinceramente elas foram comigo na mala e determinaram tudo o que vivi depois.

O Vitório é um grande exemplo disso. Foram os olhos, *sempre* os olhos. Pelo retrovisor observei meu cachorro sentado no banco de trás do meu Honda Fit. Ele me olhou por um momento, colocou a língua para fora como se sorrisse, mas logo desviou a atenção para a janela, obviamente bem mais interessante do que sua dona de coração partido. Pensei em quanto eu o amava. Ele, querendo ou não, era a única ligação que eu tinha com o garoto.

Quando conheci Vitório, fazia pouco mais de dois anos que estava em São Paulo e já pensava no garoto com menos frequência, mas ele ainda permanecia em meus pensamentos nos dias de tormenta. Eu estava indo fazer uma diligência para o escritório de advocacia no qual estagiava e onde trabalho até hoje, em um fórum em São Caetano do Sul, quando o trânsito parou na Avenida do Estado. Estava distraída cantando com a música que saía dos alto-falantes do carro quando ouvi um ganido de cortar o coração de qualquer ser humano. Avistei a cena de longe: três garotos que não tinham nem 10 anos estavam com pedaços de pau na mão, batendo em alguma coisa no chão. Do local onde estava parada, não conseguia ver o que era e antes que tivesse a chance de firmar o olhar, o trânsito andou. Foi quando ouvi aquele som assombroso novamente. Tenho certeza de que teria estacado no lugar de qualquer forma pela intensidade do ganido, com medo do que veria, mas tive um motivo a mais para virar bruscamente a cabeça e procurar o dono daquele som tão sofrido: eu já havia chorado daquela mesma maneira um dia. No dia em que o garoto me salvou.

Em seguida, vi um dos meninos jogar um cachorrinho branco na sarjeta com todas as forças, ele estava ensanguentado e parecia não reagir, nem mesmo quando bateu com toda força no chão. Freei o carro cantando pneus, sem nem me importar de olhar no retrovisor. Coloquei em ponto-morto e saí correndo, com o carro ainda ligado, pelo canteiro da avenida. Àquela altura os garotos já tinham se afastado. Entre correr atrás dos três e salvar aquela vida, não pensei duas vezes: peguei o corpinho magro e cheio de escoriações no colo e voltei para o carro sem me importar com as buzinas e xingamentos dos demais motoristas. Eu tinha uma missão. Enrolei o filhote em uma jaqueta que estava no banco de trás e voei pelas ruas até encontrar um veterinário.

O prognóstico não foi bom, ele tinha poucas chances de vida. Fratura nas duas patas traseiras e na pata dianteira esquerda, fratura na mandíbula, orelhas cortadas de forma torturante e diversas escoriações pelo corpo, fora a suspeita de hemorragia interna. Quando o veterinário me perguntou o que tinha acontecido com ele e eu relatei os fatos, ele foi curto e grosso: seria um tratamento longo demais e caro demais sendo que o cachorro nem era meu. Não me lembro de ter ficado tão frustrada quanto fiquei naquele momento. Obriguei o veterinário a estabilizar a situação dele e liguei para um conhecido da faculdade, que fazia medicina veterinária, pedindo para me indicar um colega de profissão a quem eu pudesse recorrer, alguém que não quisesse acabar com a vida de um ser tão pequeno e indefeso que tinha tanto direito de viver quanto ele e eu. Meu colega acabou conseguindo o tratamento no próprio centro veterinário da faculdade.

Peguei o pequeno nos braços e o levei lá, rezando e chorando pelo caminho inteiro. Aquela emoção era tão inesperada e nova, que



chegou a me assustar. Fazia anos que não derramava uma lágrima sequer. Não saía da minha cabeça que no dia mais humilhante da minha vida, no dia em que eu mais tinha me machucado sentimentalmente, fui salva por uma alma boa que viu potencial em mim, que decidiu me tirar do meio daquilo, independente do que as pessoas pensariam. Alguém que mudou minha vida. Eu queria poder fazer o mesmo por alguém e aquele filhotinho de *pit bull* tinha tirado a sorte grande.

O tratamento realmente foi longo. Ele passou por três cirurgias antes que o veterinário finalmente me desse alguma esperança. Todo o dia antes da aula eu ia vê-lo e ficava algumas horas com ele, rezando, torcendo, pedindo. Mas nunca cheguei a vê-lo acordado. Ele sempre estava sedado ou grogue demais para expressar uma reação. Até que um dia cheguei lá esperançosa e fui direto conversar com o veterinário de plantão para saber do estado de saúde do filhote. Ele me recebeu com uma expressão estranha e eu temi pelo pior.

– Bárbara, eu tenho uma notícia para você. – Meu coração chegou a parar por um momento. – Ele saiu de risco; se tudo correr bem, vai receber alta em uma semana.

– Oh! Graças a Deus!

Era muita emoção, tanta que comecei a pular sem sair do lugar. Ele ia viver. Ele ia viver!

– Precisamos encontrar um lar adotivo, assim ele pode sair daqui e ir para uma família que lhe dê tudo o que precisa. Seria traumatizante para ele ir para um abrigo de animais.

Aquela afirmação me incomodou. Claro que o veterinário tinha razão, mas a ideia de procurar uma família para o filhote me parecia errada. Pedi para vê-lo e, para minha surpresa, ele estava sentado

na jaula, pela primeira vez de olhos abertos. Seus olhos eram azuis. Quase tão azuis quanto os do meu garoto. Voltei a chorar igual ao dia em que o levei até lá. Era um sinal. Eu tinha conseguido, tinha salvado alguém, tinha lhe dado esperança. Mas ainda faltava um detalhe, faltava lhe dar um lar.

– Oi, cachorrinho. – Ele levantou a cabecinha e me olhou nos olhos intensamente. Eu me preendi naquele olhar azul e me aproximei, passando minha mão por dentro da grade da baia para acariciá-lo. – Oi, filho, oi, Vitória, meu guerreiro. – Ele lambeu minha mão e abanou o rabo com evidente dificuldade. O contrato estava fechado. Ele era meu. Agora eu tinha dois garotos dos olhos azuis.

Com o passar do tempo, comecei a entender o que aquele garoto misterioso representava na minha vida: um vazio. Um buraco que eu tentava preencher com uma lembrança antiga e embaçada. Sempre que algo dava errado, eu voltava para o meu faz de conta, para o sonho encantado de que ele me resgataria. Ele nunca mais veio e, mesmo assim, eu nunca o deixei ir embora de dentro de mim. Eu precisava dele, precisava me agarrar àquela lembrança nos momentos de angústia. Ele era minha válvula de escape. Um final feliz no faz de conta da minha vida nada encantada.

Pouco tempo depois disso, conheci Miguel e pensei que minha sorte finalmente tinha mudado, que tinha encontrado “o cara”. Estava mais do que na hora de um homem substituir o garoto dos meus sonhos. Eu só não contava que, na verdade, aquele cara fosse um rato mesquinho e egoísta que acabaria com a minha vida e com meu coração!

Voltei minha atenção para a estrada escura à minha frente.

– Vito, a mamãe vai arrumar um cantinho só nosso e vamos adotar vários gatos – disse para meu filho, que me deu atenção

imediate ao ouvir a palavra mágica. É isso, viraria uma tiazona cheia de gatos.

– Rrrrrrrr – rosnou.

– É, acho que você não curtiu muito. – Fingi tristeza. – Que tal então se tomássemos um porre de cerveja?

Ele latiu alto. Filho da mãe. Sentar, deitar e rolar era um sacrifício tremendo para ele, mas, ano passado, de maneira incrível, ele tinha voltado de umas férias no apartamento dos meus irmãos sabendo rosnar para gatos e latir para cerveja.

# 5

“Não mexa no meu silêncio, se não puder lidar com meu barulho.  
Só eu sei o turbilhão de vozes que habitam dentro de mim.”

***Carol Hahmeyer***

# Danem-se os olhos azuis e todo o resto!

A porta do quarto de hóspedes na casa da vovó foi aberta aos trancos. Nem me dignei a virar para encarar minha mãe, continuei na cama de solteiro em posição fetal, como estava desde o dia em que havia chegado, há exatas setenta e duas horas, vinte minutos e... hã... oito... nove... dez segundos. Minha mãe podia ser uma ótima pessoa, mas parece que esqueceu de entrar na fila da paciência quando Deus, ou sabe-se lá quem, estava distribuindo qualidades antes de enviá-la a este mundo.

– Chega, Bárbara Cristina – rugiu, enquanto abria as cortinas com violência e deixava um sol escaldante me fritar. – Você pode passar a vida inteira imersa em autopiedade ou levantar para vida, você escolhe.

– Autopiedade, por favor.

Maldita luz do sol, estava tão forte que nem o travesseiro em cima da minha cabeça fazia a sensação cegante ter fim.

– NÃO! – berrou, puxando as cobertas. – Você não pode escolher droga nenhuma! Levanta dessa cama! – mandou. Tirei o travesseiro do rosto para poder olhá-la, ela estava apontando o dedo na minha cara, para enfatizar que falava sério. – Ou eu mesma tiro você daí.

– Oh! – fingi estar boquiaberta. – Dona Ruth Bittencourt ameaçando alguém?

– É melhor você não testar a minha paciência, garota!

Até ontem ela estava com dó de mim, mas a piedade da minha mãe realmente não costumava durar muito. A questão é que eu

simplesmente não tinha nenhuma vontade de sair da cama tão cedo e estava pronta para entrar em confronto pelo poder do edredom, quando ouvi passos de salto alto conhecidos no corredor.

– Quer fazer o favor de deixar a menina em paz?

Viva, vovó! Meus pais haviam se mudado havia poucos anos para a casa dela, para que ela não tivesse que ficar sozinha, mas quem conhece nossa família sabe muito bem que, se alguém cuida de alguém ali, é minha avó.

– Ela tem que reagir, mãe. Ela não come ou toma banho há três dias! – disse minha mãe, exasperada, para minha avó. – Eu não a coloquei no mundo para virar uma porquinha imunda que tem pena de si mesma.

Nossa, quanto amor.

– Gritar com ela não vai ajudar em nada, Ruth Cristina. – E virando-se para mim: – Querida, escute a mamãe, sim? Você realmente está precisando de um banho.

– Só porque você pediu com jeitinho, vovó. – Eu adorava provocar minha mãe. Seu rosto já estava cor de tomate maduro, mas a brincadeira só terminava quando chegava ao estágio roxo berinjela, aí eu sabia que apanharia logo, logo se não corresse para longe.

Entrei no banheiro da suíte e liguei o chuveiro, mas não cheguei a entrar debaixo d'água. Eu queria ouvir a conversa murmurada que as duas tinham pelas minhas costas. Fiquei bem quietinha e encostei o ouvido na porta.

– Ah, mamãe, olha o estado dela, não come, não dorme, não sai desse quarto. Eu a ouvi chorar todas as noites, a noite inteira, desde que chegou. – Minha mãe *também* estava a ponto de chorar. Eu andava tão imersa nos meus próprios problemas que não tinha

pensado que meu estado nada amigável também influenciava minha família.

– Querida, isso vai passar. acredite, já vi isso antes. – Minha avó riu. – Não se lembra de quando aquele garoto cheio de espinhas ficou com aquela vizinha da esquina enquanto vocês namoravam, Ruth? Você passou meses sem tomar sorvete de chocolate porque se lembrava dele.

– Ah, mãe, faça-me o favor, não é a mesma coisa. Bárbara é diferente de mim, nunca namorou sério, nunca se envolveu com ninguém. Foi deixada no altar! Pelo amor de Deus, se eu estivesse no lugar dela teria pulado de um prédio.

Boa, mamãe, por que eu não tinha pensado nisso antes?

– Melhor você não dar essa ideia a ela, só por garantia. – Pelo som parecia que vovó tinha começado a arrumar a cama. Droga, estava tão confortável. – Ela vai esquecer quando encontrar alguém que a mereça, ela só precisa dar tempo ao tempo.

– Quando isso vai acontecer, mamãe? – Isso mesmo, mãe. Quando, vovó? – Quando ela fugir novamente?

– Ela está passando pelos cinco estágios do luto.

– Sem psicologia barata pra cima de mim, mamãe – disse minha mãe rindo.

– Negação é o primeiro deles.

Minha avó não parecia ter ficado ofendida e continuava a falar de forma séria, ignorando o sarcasmo da minha mãe.

– Qual é o próximo? – perguntou minha mãe, por fim.

– RAIVA.

Não é que a vovó estava absolutamente certa? Não demorou nem quarenta e oito horas para eu sair do meu estado de torpor e começar a odiar o mundo. Que se danasse Miguel. Ele queria ficar

com aquela vadia? Bom proveito. Que se danasse Manoela. Ela queria a porcaria do meu ex-noivo? Eu nem ligava, ele sempre fora ruim de cama, mesmo. Não conseguia acertar o buraco nem se tivessem setas em neon anunciando o caminho. Que se danasse Luiza, aquela cobra traiçoeira e omissa. Que se danasse o meu chefe, que não parava de deixar mensagens de voz no meu celular, e as pessoas que nem minhas amigas eram, mas que insistiam em deixar recados solidários no Facebook – que, a propósito, desativei na minha terceira noite em casa. Que se danasse o cara que inventou essa merda também.

E dane-se, dane-se, dane-se aquele maldito garoto dos olhos azuis! Ele que fosse pra casa do car...

– Bárbara – disse papai, tirando da minha mão delicadamente o vaso japonês que eu ia arremessar na parede. Era o terceiro que iria pro saco só hoje. – Desse jeito sua avó vai ficar sem nenhum vaso, ursinha.

Lancei um olhar quarenta e três de pura fúria em sua direção. Só papai entrava no quarto agora. Parecia que minha avó e minha mãe estavam com medo de que eu acertasse o vaso na cabeça delas se continuassem a dar conselhos clichês como: “isso vai passar”, “o tempo cura tudo”, “você vai encontrar outro rapaz”. Eu queria era matar todos eles, todos os homens da face da Terra, um por um, e bem demoradamente. Primeiro arrancando as unhas das mãos, depois as dos pés, depilando as sobrancelhas com cera quente, pegando uma faca de churrasco bem afiada e cortando com um só golpe o... Enfim, posso dizer que acreditava ter muita afinidade com o Chico Picadinho no momento.

Babi, “a besta”, como fui apelidada carinhosamente por papai, reinou por alguns dias. Não faço ideia de como eles me aturaram



por tanto tempo, mas o reforço não tardou a chegar. Era sábado de manhã, exatamente uma semana depois do fim da minha vida como uma pessoa lúcida e nada homicida. Ouvi a buzina enquanto picotava, com uma tesourinha de unha, várias fotos de artistas das revistas de fofoca que minha mãe comprava toda semana e, do jeito que ela era viciada, tinha toneladas de revistas para picotar. Já tinha cortado a cabeça do Cauã Reymond e do Caio Castro e estava me preparando seriamente para deixar Malvino Salvador sem pernas, quando meus irmãos invadiram a casa com o jeito costumeiro: parecendo dois furações.

– Quem ligou para vocês? – perguntei sem nem me mover.

– A mamãe. Parece que ela está com medo até de deixar você sair na rua – disse Gustavo, se matando de rir, claro! Minha desgraça era sempre engraçada para esses dois imbecis.

– Como se eu realmente quisesse sair dessa droga de casa para ir a algum lugar.

– Parece que a situação é pior do que a gente pensava – Gustavo falou rindo para Augusto.

– Eu disse que era melhor trazermos aquela mordança e a camisa de força – zombou Augusto.

Levantei, apontando a tesourinha de unha na direção deles de forma ameaçadora.

– Se vocês dois se dignaram a vir aqui só para zoar com a minha cara, é bom terem se despedido do mundo, porque eu vou matar os dois. – Juro por Deus que falei o mais sério que minha raiva permitiu, mas só surtiu o efeito de mais gargalhadas. Meu cérebro demorou a processar o que eles estavam fazendo, e quando dei por mim, já tinha sido imobilizada no sofá, com Gustavo em cima de mim prendendo minhas pernas e Augusto prendendo minhas mãos

atrás da cabeça, inclinado sobre mim com o rosto frente a frente com o meu, mas de cabeça para baixo.

– Chega – ameaçou Augusto. O que só me fez ter vontade de chorar. Eu não mataria esses dois idiotas de verdade, não precisavam ser tão grossos. Percebendo meu ataque de lágrimas que já era mais costumeiro do que tomar banho (o que eu realmente vinha fazendo com bem menos frequência do que deveria), ele relaxou a expressão, mas continuou com a voz firme: – Não vamos deixar você se destruir. Tá me entendendo, Babi? Você não come, não dorme, só chora e joga as coisas na parede. Por mais que seja seu jeito de lidar com tudo, não está adiantando. Poderíamos comprar mil vasos para você quebrar que seu coração ainda se pareceria com eles: todo despedaçado, onde todos podem ver.

– Eu não sei o que fazer – solucei.

Ambos me soltaram e me sentaram no sofá. Cada um sentou de um lado e passou um dos braços ao meu redor. Nunca me senti tão segura na vida.

– Você vai fazer o que sempre faz, não é? – perguntou Gustavo com uma tristeza devastadora. – Vai embora para outro lugar, de preferência mais longe do que o anterior.

Eu não tinha resposta para isso, porque era uma ideia que já havia me passado pela cabeça. Assim que as coisas se assentassem, colocaria o pé na estrada novamente, não podia mentir para eles. Meu silêncio foi tomado como uma confirmação, porque meu irmão, o que não era o monstro gritando, o que tinha talvez um pouco de coração, me fez uma oferta:

– Se for fugir, fuge pra junto da gente – sugeriu Gustavo, tentando sorrir. – Você pode se instalar no nosso apartamento enquanto

pensa no que fazer, pode ficar lá até o seu ser vendido e depois decidir o que fazer. Quem sabe você gosta do lugar? Quem sabe você não decide ficar onde...

– Onde vocês podem ficar de olho em mim – terminei a frase por ele.

– Exato – completou o monstro sem coração que gritava com garotinhas assustadas, vulgo Augusto. – Até porque você vai deixar a mamãe maluca aqui. Não que eu não ache divertido, mas...

– Aqui vocês não poderiam ficar de olho em mim – completei novamente.

– Exato!

Eles sabiam muito bem que papai, mamãe e vovó davam conta da besta, mas também sabiam que não conseguiriam me segurar se eu enfiasse uma ideia na cabeça, e não sei por que motivo, mas dessa vez eles não me achavam preparada para partir.

– O que os colegas de apartamento de vocês vão achar disso? – perguntei séria. – E mais uma coisa, algum deles é gatinho?

– NEM PENSE NISSO! – ralhou Augusto. Monstro. Monstro. Monstro.

– Explicamos a situação e você será bem-vinda – Gustavo tomou a palavra. Percebi que ele engasgou um pouco, porque estava morrendo de vontade de dar risada. – Mas, maninha, nem pense nisso, ok?

Não aceitei a proposta como eles imaginavam que eu faria. Dividir o apartamento com quatro caras não estava na minha lista de coisas a realizar antes de morrer. Só de imaginar quantas meias e cuecas sujas o apartamento devia ter espalhadas já me dava náuseas. Além do mais, lembro muito bem da minha mãe reclamando que eles faziam arroz na mesma panela todos os dias sem lavá-la. Parecia

que ela tinha visto Hitler matar um judeu de tão horrorizada que me ligou para contar. Eu já disse que ela é fanática por limpeza, não disse? Nenhum dos filhos puxou sua loucura, graças a Deus, mas pelo menos eu era uma pessoa limpa. Ok, eu *era* uma pessoa limpa. Já meus irmãos nunca foram. Vamos dizer apenas que certa vez a mesma cueca foi usada durante uma semana porque não tinha mais nenhuma na gaveta.

O que eu não contava é que minha mãe recuperaria as forças e viria para o ataque. Ela deixou de lado seu medo de ter a cabeça rachada e resolveu abordar outra técnica, que particularmente não combinava nadinha com ela: a da mãe amorosa. Dava para acreditar? Claro, minha mãe era uma ótima mãe, mas daquelas que dão um tapa na cara para você acordar e não colinho. Então quando ela começou a me cercar de mimos, cafés da manhã na cama e convites para passeios na praia para “espairecer”, resolvi cair fora. E o lugar mais próximo e barato, devido à minha falta de fundos, era o buraco onde meus irmãos moravam.

## **SMS**

**De:** Bárbara

**Para:** Mala, Monstro

*Vocês venceram. Qual o endereço? Chego aí amanhã à tarde.*

*Bjs da Besta!*

**De:** Gustavo

**Para:** Ursinha, Monstro

*Rua das Alamedas, 1000*

**De:** Augusto

**Para:** A Besta, Folgado

*Foi muito fácil. O que aconteceu?*

**De:** Bárbara

**Para:** Mala, Monstro

*A mamãe tá cheia de amor. Estou com medo.*

**De:** Augusto

**Para:** A Besta, Folgado

*Ihhh, a última vez que ela ficou cheia de amor, me convidou para um sorvete e eu acabei sem os dentes do siso.*

**De:** Gustavo

**Para:** Ursinha, Monstro

*Foge!*

**De:** Augusto

**Para:** A Besta, Folgado

*Folgado e eu não estaremos em casa, vamos passar o fds em Camboriú junto com Bernardo. Partida de fut! A chave vai ficar na portaria.*

**De:** Bárbara

**Para:** Mala, Monstro

*E o outro?*

**De:** Gustavo

**Para:** Ursinha, Monstro

*Em congresso. A casa é só sua.*

# 6

“E se você dormisse? E se, em seu sono, você sonhasse?

E se, em seu sonho, você fosse ao paraíso

E lá colhesse uma flor bela e estranha?

E se ao despertar, você tivesse a flor nas mãos?

Ah, e então?”

**Samuel Taylor Coleridge, *E se você dormisse?***

# Rosas brancas sempre me fazer chorar

A mudança não foi nada difícil. Eu ainda não tinha aberto a maioria das caixas que trouxe de São Paulo. As únicas coisas que saíram delas foram algumas calcinhas, uma calça de moletom, uma camiseta e as tigelas de ração do Vito, que pulou no banco do passageiro do carro mais rápido que um foguete, com a coleira presa nos caninos. Só faltou apertar a buzina para que andasse logo. Minha mãe já estava deixando até o cachorro de saco cheio. Mas assim que percebeu que eu seria responsável dos meus irmãos, seu amor diminuiu um pouquinho, e até gritou comigo para pôr o cachorro no banco de trás. Talvez me mandar para a casa dos meus irmãos fosse seu plano o tempo todo.

Deixei Garopaba rumo a Floripa sem um pinga de remorso, mas também não estava animada para me hospedar no "chiqueiro", apelido carinhoso que minha mãe usava para falar sobre o apartamento que meus irmãos dividiam com mais dois amigos. Dei tchauzinhos nada animados, para um pai lacrimejante, uma avó chorosa e uma mãe realmente feliz por me ver partir.

Pois é, fugi de novo, mas dessa vez era de mim mesma. Meus irmãos tinham razão, eu não podia me destruir, já bastava que outras pessoas tentassem fazê-lo. Terem minha colaboração já passava dos limites. Eu tinha planos. Um monte deles. E pensei em todos durante a viagem.

Precisava arrumar um emprego urgente. Conferi de manhã minha conta bancária e vi que meu último salário tinha caído na conta, sem

nenhum desconto, afinal, eu havia tirado férias de trinta dias pelo casamento, mas precisava tomar vergonha na cara e ligar para o meu chefe logo, pelo menos para explicar a situação. Não que ele não soubesse, pois ele e a esposa estavam sentados na igreja no dia em que meu pesadelo particular começou, mas era necessário e educado da minha parte explicar da minha própria boca que eu preferia comer pernas de barata frita a pisar em seu escritório novamente. Depois podia relaxar e tentar me divertir até conseguir vender meu apartamento, que graças a Deus, já estava em uma imobiliária. Gustavo não perdeu tempo e resolveu tudo para mim na primeira segunda-feira desde que vim embora. Agora era só esperar e tentar não ficar louca morando com um monte de homens. Dois já eram demais; quatro, seria uma provação!

Cheguei ao endereço graças ao GPS do celular. A rua era linda e arborizada, com várias cerejeiras cor-de-rosa. Eu me senti calma e relaxada só de olhar. Seria uma ótima paisagem para se observar todos os dias ou mesmo para ser a última vista que eu teria do mundo se aceitasse o conselho da minha mãe e realmente decidisse pular da janela. O prédio de número mil era uma construção antiga, imponente e pintada de branco. Um prédio de luxo, com certeza.

Não conseguia me lembrar do nome dos colegas que dividiam o apartamento com meus irmãos, muito menos qual deles era o dono. Engraçado, parando para pensar, nunca tive curiosidade de saber quem eles eram, nem uma fuçadinha no Facebook nem nada. Acho que estava muito ocupada com a minha vidinha “perfeita”, para prestar atenção nisso, mas teria sido conveniente nesse momento. Afinal, eu ia morar com esses caras.

*Deus permita que eles não tenham chulé, mau hálito ou a mania de deixar a caixa de leite vazia na geladeira, rezei antes de entrar.*



*Eu prometo ser uma boa menina. E parando para pensar, o Senhor está em falta comigo, não está?*

Estacionei na porta do prédio e desci sozinha para me informar sobre as vagas e pegar a chave. Tudo isso contra a vontade do Vito, que começou a latir feito doido. Dei de cara com um senhor jovial de aparência simpática lendo um livro na portaria.

– Bom dia – anunciei minha presença para o homem, que de pronto abandonou o livro e me olhou por cima dos óculos.

– Bom dia, querida, em que posso ser útil?

– Eu estou... – Como eu ia explicar? – Vindo passar uma temporada com meus irmãos. – Boa, ninguém precisava saber que eu não tinha mais casa, autoestima, dinheiro, emprego ou uma geladeira para chamar de minha. – Eles disseram que estariam fora no fim de semana, mas que deixariam a chave do apartamento na portaria.

O sorriso do homem se iluminou.

– Claro, querida, você é a senhorita Babi Elbesta, certo? – perguntou, consultando um pedaço de papel preso a um quadro de avisos.

Eu ia matar aqueles dois sacanas, dessa vez eu matava!

– Sim, mas pode me chamar só de Babi – respondi acanhada. Seu Jaime tinha que ter umas aulinhas de cortesia com esse porteiro.

– Aqui estão as chaves e um controle do portão automático. Sabe qual é o andar?

– Não, senhor.

– Por favor, pode me chamar apenas de José. – Ele sorriu mais ainda. – O apartamento do senhor Vitorazzi é o 73, no 7<sup>o</sup> andar.

Qual seria o nome do tal senhor Vitorazzi? Não me lembro dos meninos terem falado sobre ele antes. Mas, bom, também só

mencionaram o outro ontem. Breno, acho. Minha memória não era das melhores. Agradei e voltei para o carro, engatei a primeira e entrei na garagem.

Encontrei um carrinho de supermercado parado próximo ao elevador. Ia servir. Eu que não ia esperar meus irmãos para levarem as caixas, senão teria que aguentar a maior gozação por ser uma menininha. Coloquei tudo que coube, amarrei a coleira do Vito no carrinho e lá fomos nós.

Qual não foi minha surpresa quando abri a porta e me deparei com um apartamento perfumado e completamente limpo, com uma mobília moderna e de aparência extremamente cara. Fiquei em choque. Abri a porta um pouco mais e conferi o número do apê novamente. Setenta e três, estava certo, não estava? Mas não podia ser. Parecia um apartamento de revista de decoração, e eu estava esperando algo como o que vemos naquele programa americano sobre acumuladores.

– Vito, pelo amor de Deus, não faz xixi em nada, hein?

Enquanto eu instruí meu monstinho a se comportar, algo preto e reluzente pulou em cima da mesa da cozinha americana, que ficava perto da porta de entrada. Quase fiz xixi nas calças. Vito daria risada se pudesse, o que eu tinha acabado de lhe dizer? Minha respiração ficou pesada e sufocada e me segurei à porta. Na verdade era penas um...

Merda! Eles tinham um gato!

Acho que falei em voz alta, não me lembro bem, mas Vitória começou a rosnar como se sua vida dependesse disso e o gato por sua vez fez *criiiiiirrrr* (sabe quando um gato faz aquele barulho estranho de descontentamento? Então, esse) e mostrou os dentinhos pequenos e afiados. Isso daria confusão, com certeza.

Fiquei indecisa sobre o que fazer. Eu não sabia até onde meus irmãos tinham ido nas aulas de "odeie um gato" com meu *pit bull*, mas também não queria descobrir, ou melhor, não queria ter que explicar para o dono do felino que meu cachorrinho tinha comido o bichano dele. Fui até a mesa com Vito preso na coleira, segurando-a muito firme. Chegando perto, estendi a mão para o gato. Como era lindo. Dono de olhos verdes e intensos, com uma pelagem preta longa e brilhante. O gatinho roçou na minha mão em sinal de paz e Vito, para minha surpresa, começou a abanar o rabo. Graças a Deus, acho que meus irmãos não tinham mostrado um gato de verdade pro meu cachorro durante as aulas. Era só evitar a palavra mágica, que talvez tudo terminasse bem.

Ou talvez não.

O gato deu o uma patada na cara de Vito e pulou em cima da geladeira. Gatinho temperamental! Pelo menos fez com que eu enxergasse um bilhete destinado a mim, pendurado por um ímã na geladeira.

*Última porta à esquerda. Divirta-se e desfaça as malas, não seja preguiçosa. Não tem comida na geladeira e o mais importante, nós temos um gato. Não deixe que Vito jante o bicho, senão o Ian mata você e depois me mata, e, por último e só por diversão, mata o Folgado!*

*Com amor,  
Seu irmão mais gato!*

Muito gentil, Augusto. O babaca podia ter avisado antes. Ou melhor, ele podia não ter treinado meu cachorro para ser tão babaca quanto ele. Só faltava ensiná-lo a latir quando via mulher pelada na TV. Se é que não tinha ensinado, eu nunca testei.

Arrastei-me com o cachorro atrás de mim até meu novo quarto, cheia de preguiça de tirar as caixas do carrinho e com mais preguiça ainda de ir buscar o resto no carro. Eu não estava preparada para mais uma surpresa ao abrir outra porta.

O quarto era incrível.

Eu estava esperando um beliche ou uma cama extra no quarto dos meus irmãos, mas parecia que esse era só meu. Uma cama com dossel estava no centro do quarto, com um mosquiteiro branco enrolado nos cantos. Parecia uma cama de contos de fadas. Num dos cantos havia um guarda-roupa branco embutido e uma penteadeira. Na outra extremidade, havia uma escrivaninha em L, próximo à porta do... Deus, obrigada! Um banheiro. Só MEU. Eu podia gritar de tanta felicidade e fiz exatamente isso quando vi a TV de plasma em uma estante bastante espaçosa ao lado da porta, de frente para a cama. Joguei-me naquele edredom branco e fofinho, feito um pintinho no lixo. Tudo teria sido perfeito se algo não tivesse espetado minhas costas. Fiquei até com medo de olhar, pois era tudo bom demais para ser verdade. Até onde eu sabia, podia ser uma cobra ou uma barata; não seria a primeira vez que meus irmãos dariam uma dessas.

Mas quando me virei, era uma rosa. Eu nunca mais havia ganhado rosas...

Chorei novamente, sem nem saber ao certo o motivo.

# 7

"Basta um olhar  
Que o outro não espera  
Para assustar e até perturbar  
Mesmo a Bela e a Fera."

**A Bela e a Fera, *Sentimentos*.**

# Fazendo amizade

Surpreendi-me com o gesto, pois nenhum dos meus irmãos poderia ser considerado romântico ou gentil para fazer algo assim. Eu teria que agradecê-los quando tivesse chance. Peguei a rosa com muito cuidado, como se ela fosse se despedaçar ao mínimo toque. Não sei bem por que eu chorava. Por dentro, estava feliz com a delicadeza. Abandonei as crendices naquele altar, mas se não fosse por isso, acharia que era um sinal. Eu estava no lugar certo.

Enquanto passava os dedos levemente pelas pétalas, repensei minha vida. Era fácil dizer “estou sofrendo”, assim como demonstrar, fosse chorando pelos cantos ou quebrando objetos. Mas por que eu realmente me sentia tão desolada, era a pergunta que teimava em surgir na minha mente.

Sim, eu sempre quis me casar. Sempre acreditei naquelas baboseiras de contos de fadas e de felizes para sempre. Será que esse sonho tinha me cegado a ponto de eu não me importar com quem estaria me casando, desde que alcançasse meu objetivo? Será que o propósito era apenas colocar um vestido branco e dar alguns passos em um tapete vermelho? Será que por algum momento eu tinha pensado com clareza sobre o que vinha depois, no “felizes para sempre”?

Miguel nunca fora um príncipe encantado se eu parasse para prestar bastante atenção nas minhas lembranças. Nunca abriu a porta do carro, muito menos puxou a cadeira para que eu me sentasse, nunca me deu nenhum presente fora de datas comemorativas e, sem instruções do que eu realmente queria, nem uma única rosa, ou um bilhete, como os que escreveu para Manoela.

Mas mesmo assim aceitei me casar com ele, achei que seria feliz. Por quê? Já se passaram duas semanas que esse inferno começou e eu ainda não tenho nenhuma resposta para as minhas dúvidas. Eu tenho certeza de que o amava, mas também sei que boa parte desse amor morreu naquela igreja. Por que eu não conseguia simplesmente aceitar os fatos? Ele não ligaria, não voltaria. Ele não viajaria centenas de quilômetros para me dizer que errou. E, infelizmente, minha vida não era um filme de mulherzinha. Eu não estaria numa Ferrari com um supergato atrás do volante se ele voltasse. Quando eu finalmente iria entender que na vida real a mocinha sofre o pão que o diabo amassou e nem sempre tem um final feliz?

Olhando para trás, ficava claro que eu deveria ter percebido a roubada em que estava me metendo. Nem do meu cachorro aquele cretino gostava. Como eu poderia casar com alguém que não gostasse do meu cachorro? Sempre limpando os pelos do Vito do paletó...

Miguel tinha me decepcionado em muitas situações, mas sempre achei que era uma fase, uma situação e nada mais. Eu não enxergava suas ações como um todo. Não reparava. Fui burra, fui sonhadora, fui inocente. Como não percebi que meu noivo e minha melhor amiga tinham um caso? Quantos olhares entre eles eu não vi por estar distraída demais sentada em toda minha autoconfiança? Quantas carícias eles não trocaram debaixo da mesa, sem pensar em mim, quando eu saía do ambiente ou quando eu demorava para chegar em casa? Quantas vezes ela desejou estar no meu lugar e não precisar se esconder? Quantas vezes ele desejou que a mulher deitada ao seu lado fosse ela e não eu? São tantos detalhes, tantos furos na minha história perfeita e mesmo assim não consigo me

lembrar de ter notado que meu castelinho de areia estava sendo engolido pelo mar.

Imersa em meus pensamentos, acabei destruindo a rosa. Eu não queria destruí-la e chorei ainda mais por ver tamanha beleza se esvaír entre meus dedos. Prometi a mim mesma que seria a última vez. Mais nada nem ninguém teria o poder de me abalar, de me destruir, de fazer com que eu duvidasse de mim mesma a ponto de não saber mais quem eu era. Eu não ia procurar mais pelo cavalo branco. Matei meu sonho de entrar em um vestido de noiva e de dizer o tão sonhado "sim". Eu não acreditava mais que alguém fosse me olhar daquela maneira que eu tanto sonhei quando as portas da igreja se abrissem, nem daria chance de isso acontecer. Não valia a pena o esforço.

Ocupei minha tarde de sexta-feira fuçando no apartamento. Descobri que havia cinco quartos, então eu provavelmente não fiz ninguém ganhar um coleguinha com a minha súbita aparição. Observei cada porta e não foi muito difícil encontrar os quartos dos meus irmãos. A porta com o banner de mulher pelada e cerveja era do Gustavo, com certeza. E a com a plaquinha de não perturbe era do Monstro, pois ele a tinha desde adolescente, e não fiquei muito surpresa ao descobrir que as duas portas estavam trancadas. Hum, monstrosinhos espertos. Não tive coragem de invadir a privacidade dos outros quartos, embora não me faltasse vontade. No fim do corredor havia um banheiro com banheira. Humm...

A sala de TV exibia dois grandes sofás extremamente confortáveis e, ao lado, estava uma sala de jantar com uma mesa e oito cadeiras. Tudo de muito bom gosto. Provavelmente decorado por uma mulher. Eu podia apostar metade da minha bunda nisso. Mas a cozinha era a melhor parte. Uma cozinha americana com armários vermelhos,



eletrodomésticos pretos e vários utensílios de inox pendurados sobre o fogão. Sem comida espalhada, sem restos de gordura e sem ratos. Eu estava no paraíso. Ou pelo menos achei que estava até abrir a geladeira.

Passsei a noite com os olhos secos depois do episódio com a rosa, fiel à minha promessa. Baixei um filme de terror no *notebook*, passei para o *pen-*

*-drive* e resolvi assisti-lo na sala com um enorme balde de sorvete Häagen-Dazs de café que encontrei no freezer. O gosto não era dos melhores, mas ia servir, afinal era a única coisa que tinha na geladeira, isso porque ainda fui otimista e esperançosa e procurei bem. Encontrei o pote escondido atrás de um carregamento de torta de palmito congelada. Tenho alergia a palmito, então a menos que eu queira virar um bebê elefante de cabelo loiro, fico longe dele.

Não tirei o olho do Vito e do gato, que a essa altura já estavam se cheirando. Ou melhor, o gato tinha encurralado meu cachorro em uma parede e o cheirava de forma ameaçadora, enquanto Vito me olhava com um olhar de súplica. Resolvi não intervir. Lá pela metade do filme, comecei a ouvir um barulhinho irritante, mas não prestei muita atenção até ouvir batidas insistentes na porta da frente. “Batidas” seria uma forma educada de dizer que algum infeliz estava tentando derrubar a porta a pontapés.

Abaixei o volume da TV e fui conferir quem estava atrapalhando meu momento Bridget Jones. O olho mágico não me deixou ver muita coisa. Um homem, ok. Loiro, ok. Extremamente irritado, ok.

– Quem é? – perguntei com uma vozinha doce, embora não me parecesse nenhum vizinho sedento por uma xícara de açúcar.

– Ian.

Grande coisa, quem era Ian?

– Pois não? – Eu já estava perdendo a paciência. Jason ia matar a próxima vítima e eu detestava pausar o filme bem nos momentos mais cruciais.

– Será que você pode fazer o favor de me deixar entrar? – Acho que a paciência dele, se é que ele tinha alguma, também não estava presente.

– Por que eu faria isso? – perguntei rispidamente. – Eu nem sei quem você é. Sinto muito, não tem ninguém em casa.

– Realmente não deveria ter ninguém em casa – disse sarcasticamente –, mas pelo visto tem você.

– Faz sentido – respondi pensativa. – Volta outra hora.

– Eu. Moro. Aqui.

– Onde?

– Aqui.

– Tá, isso você já disse, em qual apartamento?

– No que você está. – Ele já tinha desistido de tentar soar grosseiro a essa altura.

– Duvido muito. Meus irmãos e um tal de Breno estão viajando, o outro está em outro lugar, e além de mim não mora mais ninguém aqui.

– É Bernardo. É eu sei, eles foram viajar e EU estava em um congresso, mas voltei mais cedo. Será que você me deixar entrar, por favor?

Ah, a ficha caiu.

– Você é o outro? – perguntei confusa.

– Ian, eu sou Ian! – berrou. – *Eu* sou o outro – respondeu, agora mais calmamente.

– Mas como posso ter certeza? E se você for Jack, o Estripador?

– Talvez eu vire quando conseguir pôr as mãos no seu pescoço – ele disse tão baixo, que duvidei ter ouvido. Outro motivo para ele não entrar. – Você está com seu celular?

– Não tô não, Jack.

– Então vai pegá-lo.

Obedeci ao Jack, o Estripador, e fui atrás do celular, que estava no sofá. Como mágica, assim que o peguei na mão, chegou uma mensagem.

***De: Monstro***

***Para: A Besta***

*Vejo que conheceu Ian.*

*Será que AGORA DÁ PARA VOCÊ DEIXAR ELE ENTRAR EM CASA, SUA DESMIOLADA?*

Ops. Acho que dava sim. Eles não podiam me culpar, pois eu não sabia quem morava ali, estava sozinha, carente e assistindo a um filme do Jason. O que eles queriam que eu fizesse? Abri a porta bem de mansinho e meu queixo caiu instantaneamente. Eu estava diante de um deus grego. Que tinha raiva, pelo visto, porque só faltou espumar pela boca quando entrou em casa e passou por mim a toda velocidade.

– Eu... é... desculpa... – tentei, mexendo meus pés um por sobre o outro, para disfarçar a vergonha.

– Jason, é? – perguntou, apontando para televisão sarcasticamente.

– É um ótimo filme – justifiquei. Mas ele simplesmente me deu as costas e foi em direção ao último quarto, o que ficava de frente para o meu, entrou e bateu a porta. Quem mandou esquecer as chaves?

Mesmo depois de ter partido, seu perfume ainda estava no ambiente. Amadeirado. E minha boca ainda estava aberta. Deus, que eu não tivesse babado na frente daquele homem! Ok. Vamos analisar a situação. O cara não era só bonito. Ele tinha aquele tipo de beleza da qual as pessoas têm até medo. Não era saudável ser tão atraente. Mas os olhos... Os olhos foram o que me prenderam... Azuis, da cor do céu. Tanta beleza em alguém tão pouco educado e tão pouco carismático era realmente um desperdício. Ignorando o fato de estar na casa dele, voltei para o filme e para o sorvete, mas não antes de responder à mensagem do meu irmão.

**De:** *Bárbara*

**Para:** *Monstro*

*NÃO. PRECISA. GRITAR. Mal-humorado seu amiguinho, não?!*

Não recebi resposta até o final do filme.

**De:** *Mostro*

**Para:** *A Besta*

*Isso não é nada, normalmente ele é pior. Você não viu o que ele fez com o último cara que comeu o sorvete que ele guarda escondido no freezer! Haha!*

**De:** *Bárbara*

**Para:** *Monstro*

*Só não me diz que é o de café?!*

*Snif*

**De:** *Monstro*

**Para:** *A Besta*

*kk*

*Foi bom te conhecer, você é uma mulher morta! Uma a menos para dividir a herança! \o/*

Ai. Meu. Deus. Em menos de vinte minutos eu já tinha conseguido deixar o cara trancado do lado de fora e comer o sorvete pelo qual, aparentemente, o brutamontes tinha algum laço sentimental. Eu não queria acordar sem sobrancelhas ou com pasta de dente no cabelo. Precisava fazer amizade com o cara urgente e comprar outra droga de sorvete antes que ele desse falta. Pois é, não sobrou nadinha de nada, deixei Vito até lamber o pote depois que ele ficou choramingando por bons uns cinco minutos.

Assim que o filme acabou, fiquei sem opções de coisas para *fazer*, porque *desfazer* as malas obviamente nunca seria minha opção, não antes de alguém gritar comigo para que o serviço fosse feito. As caixas ainda estavam no carrinho de compras estacionado na sala de jantar. Mas não fiquei entediada por muito tempo. Assim que comecei a zapear pelos canais da TV a cabo, ouvi passos no corredor.

Deus, que ele não abrisse o freezer. Dessa vez era só um pedido, eu não tinha mais nada para oferecer como barganha!

As costas de Ian apareceram no meu campo de visão. Ele usava uma camisa polo vermelha e calças jeans desbotadas, e tinha o cabelo molhado. Tive bastante tempo para conferir o material até que ele chegasse na cozinha e me olhasse por cima do balcão. Bundinha bonita.

– Você está com fome? – perguntou, com aqueles olhos divinos olhando diretamente para mim. A pergunta não foi feita de forma muito gentil, mas essa não era a questão. Ele parecia genuinamente preocupado. – Um de nós sempre fica responsável por fazer as

compras, mas sempre esquecemos quem é, então não é raro a gente ficar sem comida.

– Imaginei. – Eu sabia que a perfeição do apartamento era fachada, eu morreria de fome. Eu odiava supermercados, porque odiava filas. Droga.

– Você está ou não com fome? – Qualquer traço de preocupação em sua voz se escafedeu assim que ele focou o objeto em cima da mesa de centro. Droga, Deus. Nenhum favor, né? Tudo tinha que ter uma promessa embutida...

– Na verdade eu estou – respondi. *Isso, continua falando, tira o foco do maldito sorvete devorado.*

– Engraçado, seus irmãos falaram que você estava pensando em se matar de fome. Mas hoje, milagrosamente, você devorou um pote de sorvete e ainda está com fome?

Garotinho irônico. Na verdade essa história de não comer fora invenção da minha mãe, porque eu andei comendo... Digamos, eu não me lembrava qual a última coisa que tinha comido antes do sorvete, mas eu devia ter comido alguma coisa. Parando para pensar, eu estava mortinha de fome, será que eu realmente não estava comendo nada todos esses dias?

– Ah o sorvete... – *Se finja de desentendida.* – Vito ajudou. – Apontei para o cachorro, que ainda era encurralado pelo gato. Se alguém levaria a culpa, que fosse ele.

– Você deu meu sorvete para o cachorro? – A essa altura ele já estava bravo. Ian passou a mão pelo cabelo sedoso e brilhante, exasperado. *Nota mental: perguntar qual condicionador ele usa.* – Seus irmãos falaram as regras da casa?

– Não. – Isso pelo menos era verdade, ninguém falou de regra nenhuma.

– Vejamos – disse determinado. – Não mexa no meu sorvete é a primeira delas. Não traga homens para passar a noite aqui. Não traga homens quando estiver sozinha. Não traga homens, ponto! Não deixe nada jogado – disse apontando para o pote de sorvete –, principalmente o que for à base de leite, por causa da Victória, ela tem intolerância à lactose.

Hum, então ele tinha uma namorada. Ora bolas, com essa beleza toda ele devia ter vinte delas espalhadas pelo estado.

– O gato, Bárbara. Está acompanhando meu raciocínio?

Ah, o gato.

Fiz um resumo das regras:

– Não traga homens, não coma o sorvete de café, não dê leite para o gato.

– Exatamente. Acha que consegue se controlar?

– Claro, os homens não serão um problema, pode ter certeza. Eu não gosto de leite e nem de sorvete de café. Então acho que tudo bem.

Ele estava a ponto de explodir, se você levasse em conta seu rosto vermelho. Antes que ele pudesse explicar o que eu tinha dito de errado, meu estômago roncou em alto e bom som.

– Vai vestir uma roupa, vamos comer alguma coisa – disse, virando-se para voltar ao quarto. – A gente se encontra aqui em dez minutos, o que acha?

– O que tem de errado com as minhas roupas? – soltei, analisando meu visual de cima para baixo, quase com a cara enfiada nos meus peitos. Estava vestindo uma calça de moletom que eu usava como pijama, mas que não tirava desde... Acho que vim com ela de São Paulo. Uma camiseta que um dia foi dos meus irmãos. Ué, estava limpa, tirando uma manchinha de sorvete de café.

– Por mais que eu goste que pensem que ajudo pessoas carentes, atrapalharia o jantar se os clientes ficassem parando no nosso caminho para lhe dar esmolas. E quem sabe um vidro de shampoo. Sem contar que você precisa de um banho, seu cabelo está horrível.

Coloquei instintivamente as mãos na cabeça e me preparei para xingá-lo, mas ele já estava entrando em seu quarto no fim do corredor. Garotinho arrogante. Eu tinha tomado banho esses dias.



# 8

“Com o tempo a vida faz crescer e aceitar  
Que de repente tudo muda e troca de lugar.”

**NX Zero, *Maré.***

# Encontro inesperado

Aquele insulto contra minha aparência foi bastante motivador. Assim que o senhor Dono-de-si de topete loiro se trancou no palácio, corri até o meu carrinho de compras (porque, sim, agora ele era meu e ninguém ia levá-lo embora) e comecei a revirar as caixas atrás de uma roupa decente. Depois do que pareceram horas, consegui encontrar minha jeans favorita de lavagem clara, uma sobrevivente do Katrina, de tão velha e rasgada que estava. Ué, estava na moda, não estava? Peguei uma camisa com babado azul-marinho, minhas sapatilhas preferidas da Santa Lolla no tom da blusa e a maleta de maquiagem. Encontrei também uma calcinha que até minha avó se recusaria a usar por estar fora de moda e ser grande demais e, para minha surpresa, os vidros de shampoo e condicionador. Quem empacota os vidros de shampoo do banheiro quando está se mudando em situação de emergência? Se você respondeu minha mãe, acertou na mosca. Se eu procurasse bem também, encontraria talheres, utensílios domésticos e meu travesseiro, o James. Até o pó do meu antigo quarto devia estar empacotado em uma das caixas.

Corri pelo corredor como quem foge de um *serial killer* e pulei dentro do chuveiro. Eu tinha exatos dez minutos para fazer um serviço benfeito que calasse a boca daquele idiota.

Para quem não tomava banho havia alguns dias, consegui sair limpa do chuveiro em exatos dois minutos e meio, um recorde. Vesti a roupa e fiz uma maquiagem básica e clara, que me deixava com um aspecto saudável, e fui conferir o resultado no espelho enquanto

desembaraçava os cabelos com os dedos. Droga, esqueci de procurar pelo pente.

Eu tinha cerca de um metro e sessenta de altura, cabelos loiros lisos com pouca ondulação nas pontas e olhos verdes brilhantes. Meu rosto era quadrado com covinhas e algumas sardas, que me davam muito prejuízo com base de boa qualidade para escondê-las. Meus seios eram tamanho G e eu não tinha nadinha de bunda. Pelo menos eu era magra, o que compensava a falta de visão na parte traseira. Embora não pudesse ser comparada a nenhuma *top model*, com certeza abalava qualquer obra. Até meus 10 anos ainda chorava quando meus irmãos diziam que eu era filha do leiteiro, mas parei quando descobri que minha bisavó também tinha cabelos loiro. Não só parei de chorar, como destruí a coleção de figurinhas de futebol dos dois. Pois é... Eu era uma menininha malvada.

Até que fiquei feliz com o resultado. Quando meu cabelo secasse, eu ia parecer um *poodle*, mas o resto estava apresentável. Cheguei à sala antes de Ian e sentei no sofá como se estivesse ali há horas, pronta para inventar alguma piadinha sobre sua demora. Estava tão entretida nas minhas opções, que só reparei que ele me observava, quando falou comigo.

– Precisa de um pente emprestado?

Inferno.

– Não, estou bem assim.

Empinei meu narizinho e me dirigi para a porta sem esperá-lo, parando no caminho apenas para recuperar minha bolsa do meu carrinho de compras superútil.

– Se você diz... – rebateu, dando risada de algum lugar atrás de mim. Considerei profundamente a opção de lhe dar uma bolsada.

Descemos para o subsolo em silêncio.

– Vamos com o seu carro ou com o meu? – perguntei.

– Vamos com o meu – respondeu, enquanto se distanciava de mim em direção a uma vaga perto da qual eu tinha parado. Onde uma Land Rover prata o esperava.

– Por quê? – Estaquei no lugar.

– Bárbara, com base no carrinho de supermercado que eu vi lá em cima, se você cuida do seu carro como cuida das suas coisas, eu sinceramente prefiro não descobrir qual tipo de animal já fez ninho e constituiu família aí dentro.

*Touché!* Ele não esperou pela resposta e eu sinceramente não consegui pensar em nada para responder, pois meu carro era realmente uma zona de guerra. Apenas o segui e o observei enquanto ele apertava o alarme e abria a porta do passageiro para mim. Era bom ele não estar esperando um agradecimento ou coisa do tipo.

Ian fechou a porta e deu a volta no carro, se posicionando atrás do volante e engatando a ré. Existia alguma coisa de muito sexy em ver um homem realmente bonito dirigindo, ou eu é que era meio tarada?

– Quer ir a algum lugar específico? – perguntou sem se virar na minha direção. Hum, apenas uma das mãos no volante, dirigindo um pouquinho mais inclinado para a direita, sua outra mão fuçando no botão do rádio, sexy, sexy, sexy. – Bárbara?

– Oi?

– Eu perguntei se você quer ir a algum lugar específico, o que você quer comer?

– Qualquer coisa. Nunca vim muito a essa parte da cidade quando morava aqui, então não sei. Escolhe você.

Pelo sorriso de canto de boca ficou óbvio que ele sacou com o que eu estava distraída. Morri de vergonha e afundei mais no banco de couro do carro.

- Tem um restaurante a duas quadras daqui, a comida é boa.
- Pode ser.

Embora tivesse ficado envergonhada de ter sido pega no flagra, não resisti a dar mais uma espiadinha. Fiquei encantada quando percebi que, quando ele sorria, duas covinhas apareciam em suas bochechas. Seu rosto quadrado e cabelos loiros cor de mel realmente lhe caíam bem. Na verdade, se ele fosse vesgo ou tivesse uma verruga na ponta do nariz, ainda assim, seria lindo de morrer!

O restaurante era no mínimo aconchegante. Bem localizado, lotado e com um cheiro divino. Ian entrou apoiando as mãos nas minhas costas para que eu desviasse das demais pessoas até acharmos uma mesa. De repente ele apertou meu ombro esquerdo como se estivesse puxando as rédeas de um cavalo e eu entendi que deveria virar para a esquerda, mas não fui rápida o suficiente. Uma loira imensa e magra, entrou no meu campo de visão e trombou comigo.

– Ian, que bom ver você. Como foi o congresso? – perguntou ela, piscando os cílios longos na direção do meu domador, que por sinal ainda estava com a mão no meu ombro.

– Não foi, Camila, foi cancelado – respondeu com má vontade evidente.

– Ah, que pena. Quem é sua amiga? – perguntou com um grande interesse, fixando os olhos azuis nos meus. – Acho que você não me é estranha, já nos conhecemos?

Assim que nossos olhos realmente se cruzaram, eu soube que de fato a conhecia, mas por nada no mundo eu admitiria. Eu só tinha

energia naquele momento para tentar me esconder. Ian deve ter percebido meu desconforto, porque apertou meu ombro de leve. O que será que aconteceria se eu gritasse “fogo!” e me escondesse embaixo de uma mesa?

– Creio que não, Camila, ela é a irmã do Gustavo e do Augusto. Veio passar uns dias conosco – respondeu Ian com voz séria.

– Ah, claro. – Ela se lembrava, claro que ela se lembrava. Ninguém esquece de jogar alguém dentro de um rio. Seu olhar, que já não era amistoso, tornou-se frio, gelado. – Esqueceu que eu conheço os meninos desde a infância, Ian? – perguntou, fingindo inocência. – Como vai, Bárbara?

Eu ainda não gostava dessa garota. Eu nunca mais tinha pensado nela e não a tinha visto mais em nenhuma das outras férias que passei em Garopaba. Inclusive, me lembro nitidamente de um dos meus irmãos terem comentado que ela havia se mudado. Mas se eu tivesse pensado, nem que fosse só por um minuto, não teria adivinhado que o tempo seria tão generoso com ela. Por outro lado, com certeza, teria acertado de primeira se dissesse que ela continuava sendo a mesma vaca de sempre.

– Muito bem, Camila, e você? – Empinei o peito, que Deus me ajudasse.

– Também.

Era notório que ela não estava feliz em ser cortês comigo e só vi um motivo para ela não me atirar outra vez em algum lugar: Ian. Não importava o que essa garota sentisse por ele, mas não queria que Ian tivesse a ideia errada sobre ela. Sorte a minha, porque reparei em uma enorme poça d’água perto da entrada do restaurante e eu não desejava acabar a noite sentada dentro dela.

– Vai ficar por muito tempo? – prosseguiu, mas não tive oportunidade de responder.

– Camila, foi ótimo vê-la, mas realmente precisamos achar uma mesa – Ian respondeu antes de mim. Sua mão ainda estava no meu ombro.

– Claro, passo lá depois para ver você. – Onde seria esse “lá”? Não tive chance de perguntar ao Ian, que novamente me conduzia no meio da multidão rumo a uma mesa vazia no canto do restaurante.

– Você está bem? – perguntou ao nos sentarmos.

*Claro, por que eu não estaria?*, pensei. *Só porque eu acabei de dar de cara com meu demônio pessoal em carne e osso?* Por que eu não tinha gostado nadinha do jeitinho como ela tinha dito “lá”? Porque foi muito íntimo e eu já estava rezando para não ter que dar de cara com ela novamente? Ou porque várias lembranças indesejadas começaram a pipocar na minha mente?

– Estou ótima.

– Você está meio verde – disse, estreitando os olhos na minha direção.

– Deve ser a luz – retruquei. Anos convivendo com dois irmãos enxeridos vinham bem a calhar.

Deixei Ian pedir a comida e me perdi em pensamentos. Ele não ligou, já que estava grudado ao celular. Tinha como ficar pior?

Sabe, essa pergunta não deveria ter sido feita e eu sabia bem disso, pois eu andava atraindo azar. E dos grandes. Em menos de uma semana eu perdi meu noivo, minhas duas melhores amigas, minha casa, e encontrei a pessoa que mais me humilhou na vida. Na minha grande inocência realmente não tinha como ficar pior, mas como sempre demonstrava, o destino tinha algum problema pessoal

comigo e me provou como podia ser esperto e sacana quando queria.

– Tem alguma coisa errada com seu rosto – disse Ian, largando o garfo e me olhando com a mesma expressão que eu usaria para descrever um cientista vendo um Avatar pela primeira vez.

– Ah, muito obrigada – respondi irritada, também abandonando minha salada colorida. – Primeiro você diz que meu cabelo está horrível, depois que algum animal peçonhento mora no meu carro e, agora, que meu rosto também tem algo de errado? – explodi. Eu já estava no meu limite havia mais ou menos vinte minutos. – Ninguém nunca te ensinou bons modos, cara?

– Ah, Bárbara, tem mesmo alguma coisa muito errada com seu rosto – insistiu, desculpando-se. – Olha – pediu, apontando o celular dele, que mostrava a imagem da câmera frontal na tela. Não entendi muito bem por que ele estava me mostrando um bebê elefante, até ver que o tal elefantinho era loiro.

Merda.



# 9

“O único silêncio que perturba, é aquele que fala.

E fala alto.

É quando ninguém bate à nossa porta,  
não há e-mails na caixa de entrada  
não há recados na secretária eletrônica  
e mesmo assim, você entende a mensagem.”

**Marta Medeiros, *A voz do silêncio.***

# Não há nada tão ruim que não possa piorar

Depois de constatar imediatamente que eu era um poço de burrice, tudo se tornou muito colorido e foi sumindo do meu campo de visão pouco a pouco. Camila realmente estava parada próximo à mesa? Ian realmente voou da cadeira e colocou as mãos no meu rosto com tamanha rapidez e precisão? Tudo parecia um sonho. Tentei entender o que Ian falava, mas sua voz soou muito distante e então... escuridão completa! A última coisa que me lembrava de pensar era, *pelo amor de Deus, não posso ir para o hospital, vão ver o meu calção gigante*, e a droga da calcinha ainda era bege.

Acordei ao som de um *bip-bip-bip* muito irritante.

Eu estava lúcida o suficiente para entender que o colchão de pregos era uma maca de hospital e que eu definitivamente devia ter dormido muito tempo, porque era dia do lado de fora da janela.

– Sente-se melhor? – A voz veio da minha direita. Meu rosto ainda estava inchado, porque demorei a conseguir virar o pescoço para o dono da voz.

– Como se tivesse sido atropelada por um caminhão – respondi e ele riu. – Três vezes.

– Imaginei. O inchaço já começou a diminuir e não deve demorar muito para que você possa voltar para casa – disse levantando-se. – Talvez mais algumas horas. Tenho que atender um paciente que deu entrada na emergência enquanto você dormia, mas volto assim que possível, tudo bem?

– Você é médico?

*Não, gênio, meu inconsciente me respondeu. O jaleco é parte de uma fantasia que você está alucinando devido a excesso de uma droga psicodélica chamada palmitocodeína.*

– Sou. Eu estava de folga, mas já que estava aqui não precisaram chamar outro cardiologista para atender o paciente.

– Desculpe fazer você perder o dia de folga – disse arrependida.

– Você me fez perder a noite também. Não parou de chegar gente na emergência – respondeu abrindo a porta e dando um último aceno.

Eu não estava mais arrependida.

Ian saiu do quarto, mas novamente seu perfume ficou no ambiente. Se eu achei o cara sexy dirigindo, nem queira saber que tipo de barbaridades passaram pela minha cabeça com ele vestido de médico. Mas me obriguei a parar de alucinar de forma consciente. Esse tipo de fantasia nunca acabava bem, e eu ainda queria um lugar para morar por mais algumas semanas. Mas o cara era um idiota. Fora que a beleza dele rebaixava a minha para o equivalente a uma rã acasalando. Nunca daria certo. Trouxe-me para o hospital, cuidou de mim e jogou na minha cara na primeira chance que teve, e também deve ter rido horrores com as enfermeiras às minhas custas. Virei de lado para tentar voltar a dormir.

Foi quando eu vi.

Um ramalhete de rosas brancas no criado-mudo.

Não consegui pegar no sono.

Ian voltou meia hora depois alegando estar cansado de ficar dentro do hospital e que me daria alta só para poder ir para casa tirar um cochilo. Disse ele que eu ronco e que não o deixei pregar o olho a noite inteira (não que a poltrona do acompanhante ajudasse

em alguma coisa). E lógico, quem não roncaria com o rosto duas vezes o tamanho normal?

– Você poderia ter voltado para sua casa, eu ficaria bem – eu disse mais tarde, enquanto ajustava o cinto de segurança.

– Para você me dedurar para os seus irmãos e eu acabar em pedaços no freezer junto com meu sorvete? Nem pensar.

– Me diz que você não ligou para eles. – Ah, por favor, por favor.

– Claro que não – Ufa. – Eu estava esperando para ver se você ia sobreviver, enquanto já me adiantava procurando passagens aéreas com um preço acessível para o México, caso isso não acontecesse.

Ri alto. Ele conhecia bem Gustavo e Augusto.

– Onde você conheceu meus irmãos?

– Eu e Augusto fizemos faculdade juntos. Gustavo veio de brinde – completou rindo.

– Típico. Meus pais sempre falam que foram fazer uma nova lua de mel no Rio de Janeiro e que também acabaram voltando com ele de brinde de lá. Papai se recusa a voltar ao Rio até hoje.

– Posso imaginar o motivo – retrucou, parando na porta do prédio.

– Preciso ir ao supermercado, quer ir comigo?

– Nem morta – respondi saindo do carro e dando tchauzinho.

Ter sido vista por ele nesse estado já era ruim, ser vista por uma dúzia de mães e fazer com que seus filhos abrissem o berreiro só faria com que alguém chamasse o Ibama. Não, eu preferia ficar em casa, quietinha no sofá até ele voltar com comida.

Ian abriu o portão da garagem para que eu não tivesse que cruzar com nenhum condômino e fiz minha pequena corridinha desengonçada até o elevador. O inchaço demorava cerca de quarenta e oito horas para passar. Eu não conseguiria esconder dos

meus irmãos a tempo, mas pelo menos tentaria esconder do resto do mundo.

Agora imagine minha irritação quando alguém colocou um pé (com um sapato lindo de salto alto, diga-se de passagem) para fazer o elevador, que já estava se fechando, parar.

– Oi, queridinha – disse Camila. – Você está melhor? Acho que não. – completou, analisando meu rosto. – Pensei que seu rosto fosse explodir – riu.

*Calma, Bárbara, tentei me controlar. Ela ainda acha que você é a mesma garotinha assustada de dez anos atrás e você não precisa mostrar que mudou, esmurrando a cara dela dentro de um elevador. Se fosse para fazer isso, pelo menos que eu a arrastasse até a rua e ganhasse algum crédito público pelo serviço.*

– Na verdade eu estou ótima – respondi, rangendo os dentes. – Se você veio ver Ian, melhor voltar depois, ele saiu.

– Eu moro aqui – disse apertando o botão de número 4. Essa não. – Bom, não posso dizer que foi bom revê-la, então tchau – despediu-se, saindo do elevador quando chegamos ao seu andar.

Entrei no apartamento bufando de raiva, assustando o gato e Vitória, que a essa altura já estavam dormindo juntos e enroladinhos no sofá. Empurrei os dois para o lado e afundei. Como paz estava em falta no estoque, antes que eu completasse um minutinho com os olhos fechados, saboreando o silêncio da minha vida, meu celular começou a tocar. Fosse quem fosse, realmente queria falar comigo. Me arrependi instantaneamente de ter ligado o aparelho para ver as horas a caminho de casa. Na quinta vez que ele tocou, resolvi atender só para descontar minha frustração em alguém. Não importava quem estivesse do outro lado da linha; minha mãe ou o Papa teriam até a quinta geração xingada em alto e bom som da

mesma forma, então nem me dignei a olhar o identificar de chamadas antes de atender.

– Alô? – Voz de quem pica criancinhas por prazer.

– Posso saber onde você se meteu? – Eu não estava esperando por essa. – Faz duas semanas que estou tentando ligar e essa merda só dá caixa postal.

– Oi, chefinho.

Como era bom ouvir uma voz conhecida gritar comigo... Trazia um pouco de normalidade para minha vida nada normal.

– Chefinho uma pinoia, Bárbara!

– Na verdade eu estou de férias, lembra?

Meu chefe era um poderosíssimo advogado criminalista dono de vários escritórios espalhados pelo Brasil. Muito eficiente na profissão, mas garanto que nunca foi conhecido por ter muito tato.

– Claro que lembro, mas depois daquele fiasco de casamento você simplesmente sumiu. Puft, evaporou! – *Claro, enfia mesmo o dedo na ferida.* – Quem poderia me garantir que você não tinha se jogado do Viaduto do Chá?

– Na verdade estou em Floripa.

– Eu sei onde você está – respondeu irritado. – Diferente de você, sua mãe atendeu o celular.

– Como você conseguiu o celular da minha mãe?

– Eu tenho sua mãe no Facebook.

– Mas você acabou de perguntar onde eu estav...

– Bárbara, presta bem atenção, porque minha paciência com você já se esgotou há mais ou menos uma semana. Suas férias só vão até o dia 10 de agosto. Dia 11 é uma quarta-feira e eu quero que você levante essa sua bunda loira da cama, se enfie em um terninho novo e limpo, lave a droga do cabelo e se apresente na filial de

Florianópolis, estamos entendidos? – Sua voz não deixava margem à dúvida.

– Mas achei que seria demitida, pedi para meu irmão avisar que eu não ia voltar.

– Pensou errado e eu não pretendo demiti-la nem se você quiser – bufou. – Não apareça na filial e eu pego o primeiro avião para Florianópolis e arrasto você pelas orelhas.

Isso não daria certo.

– Mas quem cuida dessa filial a distância é a Manu...

– Não é mais.

– Eu não estou entendendo.

– Não tem nada para entender. Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, nem mudando para outro estado. Eu não vou perder a minha melhor advogada criminalista porque uma perua resolveu ferrar com a vida dela. Você sabe como é difícil encontrar pessoas habilidosas para fazer o que você faz? Quantos dos nossos clientes você conseguiu absolver neste ano? Vinte? Trinta? Bom é isso. Você ainda tem um emprego e espero que fique feliz por isso.

– Eu estou, eu...

– De nada.

*Tu-tu-tu.* Ele desligou na minha cara? O senhor José Velasques podia ser um tanto ogro, mas era dono do maior coração que já tive o prazer de conhecer. Me senti muito aliviada depois de encerrar a ligação.

Eu ainda tinha um emprego. Aqui, em Florianópolis. Nem tudo estava perdido, afinal. Eu poderia continuar morando aqui até vender meu apartamento. Voltaria a trabalhar e a tocar minha vida e quando finalmente tivesse o dinheiro em mãos, procuraria um lugar só meu. Talvez perto dos meus irmãos, mas não tão perto que eu

tivesse que cruzar com Camila no elevador. Tudo finalmente entrava nos eixos.

Resolvi soltar as amarras e deixar meu celular ligado. Até me senti confiante para olhar meu álbum de fotos. Conversa, eu realmente tinha virado uma masoquista. Queria olhar para as minhas fotos e para o meu passado, mas tudo que encontrei foi uma pasta em branco. Não sei quem da minha família invadiu meu celular, mas com uma pequena busca, constatei que não existiam mais fotos, vídeos, músicas nem os contatos das pessoas que foram importantes para mim, mas que me magoaram. Melhor assim. Mas ainda faltava fazer mais uma coisa: ativar novamente meu Facebook. Na verdade eu faria um novo, para não ver nenhum rosto e não ser obrigada a mudar meu status de relacionamento de "noiva" para "traída".

Ian chegou horas depois, trazendo milhares de sacolas nas mãos.

– Quer ajuda? – ofereci de meu posto no sofá.

– Imagina, eu adoro ser soterrado por alimentos não perecíveis. – Esse garoto tinha transtorno bipolar, só podia. – Alguém roubou o carrinho de compras do subsolo, sabia? – Ah era isso. Continuei vendo meu filme e até aumentei o volume para não conseguir ouvi-lo resmungando da cozinha. Mas ele sabia ser persistente. – Você vai ter que devolver o carrinho uma hora dessas.

– Não vou não! Eu já me apeguei a ele – respondi sarcasticamente. – Criamos um laço. Vai ser impossível devolvê-lo.

Engraçado, eu estava de bom humor até agora, mas parecia que Ian tinha algo nele que expunha o pior de mim. Ele conseguia me tirar do sério com um revirar de olhos, nem falar era necessário se ele não quisesse.

– Tô com fome, o que você trouxe de bom?



– Ah, mais algumas tortas de palmito, congelados, legumes que ninguém vai fazer e frutas. Chocolate, bolacha recheada...

Essa estadia seria longa. Precisaria de um guindaste para me tirar de dentro desse apartamento quando fosse me mudar. Comendo tanta tranqueira engordaria no mínimo duzentos quilos.

– Ninguém sabe cozinhar nessa casa?

– Não, na maioria das vezes a gente come na rua – explicou. – Tentei trazer o máximo de coisas variadas: pão, ovos, queijo.

– Ah, sai daí – disse me levantando e o expulsando da cozinha. Se a gente quer algo bem feito, não tem outro jeito, é melhor fazer. Em menos de trinta minutos estávamos os dois sentados na frente da televisão com um prato de macarrão à bolonhesa feito por mim.

– Se você contar para os meus irmãos, eu mato você, tá ouvindo? – ameacei entre uma garfada e outra.

– Por quê? – indagou. – Até que isso aqui está comestível. – Encheu a boca de macarrão.

– Porque eu vou virar doméstica. Uma mulher morando com quatro caras? Não vai demorar nem uma semana para eles deixarem roupa suja na minha porta. Não preciso que descubram que eu sei cozinhar.

Depois do jantar sentamos no sofá para assistir a um filme. Eu não era a dona da casa, mas era a portadora do controle remoto: o maior poder em uma residência era meu e eu estava feliz com isso. Achei um filme de mulherzinha na TV a cabo. Um no qual eu sabia que alguém morria no final, meu tipo preferido de filme no momento. Relaxei assistindo, mas pareceu que Ian não ficou muito feliz com a programação, tanto que resolveu conversar, decerto para minar o tédio.

– Como você está?

Virei-me irritada, recusando mentalmente abaixar o volume para parecer menos grosseira. Mas seus olhos me fizeram ceder. Ele não estava perguntando por educação. Suas feições diziam que ele realmente queria saber como eu estava.

– Bem. O inchaço incomoda um pouco, mas se tudo correr bem, até amanhã à noite ninguém vai dizer que comi palmito.

– Não foi isso que perguntei – respondeu, posicionando-se melhor para ficar de frente para mim. – Quero saber como você está com toda essa situação?

– O quanto você sabe?

– O bastante.

– Estou me sentindo sozinha – me rendi. Inicialmente porque quando ele falava com jeitinho, piscando os cílios louros, era difícil resistir, mas também porque ninguém, absolutamente ninguém, tinha me perguntado isso ainda. As pessoas presumiam que eu estava mal, mas ninguém de fato perguntou o que eu sentia, ou se queria conversar. Talvez eu não tivesse dado chance a que ninguém o fizesse. – Estou me sentindo como se mais nada fizesse sentido.

– Ah, mas isso faz sentido.

Eu ri.

– Sabe, Ian, acho que a felicidade não é algo palpável, é simplesmente um estado de espírito. Uma hora você está feliz, outra não está e isso pode mudar em questão de segundos, com uma palavra, um gesto, uma música. Mas, mesmo que eu tente, mais nada chega ao fundo do meu sofrimento, entende? Nada é bom o bastante para me tirar desse torpor. Num momento estou bem; não feliz, mas bem, e então acesso uma lembrança e já fico péssima.

– Você o amava tanto assim? – perguntou, cerrando os punhos. – Depois do que ele fez você deveria estar com raiva e não triste.

– Eu o amava sim. Quer dizer, não. Não sei mais. Eu estou com raiva, mas ainda não consigo pensar nos fatos com clareza. Ainda me lembro do pedido de casamento, me lembro de nós dois dançando na minha formatura, me lembro de como ele dizia que eu era a mulher da vida dele.

– Mas você não era. – afirmou, incisivo.

– Não, eu não era.

– Agora que você sabe disso, tem que seguir em frente – propôs, determinado.

– É eu tenho. – Fácil falar, tão difícil de pôr na prática.

Fui para o quarto pensando em nossa conversa. Era tão fácil falar para alguém parar de sofrer. Normalmente amigos e familiares, por mais que tivessem boas intenções, não toleravam tanto sofrimento vindo de apenas uma pessoa por tanto tempo. Para tudo havia um limite e eu não fazia ideia de qual seria o meu. Eu queria muito que uma fada madrinha entrasse voando pela minha janela e resolvesse minha vida, me desse uma poção do esquecimento, me indicasse o castelo certo e me emprestasse a tal da abóbora. O que Cinderela tinha que eu não tinha, fora duas irmãs malvadas e uma madrasta?

Meu celular apitou e me tirou de meus pensamentos. Pensei que alguém estava aceitando a solicitação de amizade que enviei pelo Facebook. Enviei convites apenas para meus pais, irmãos, poucos amigos, os conhecidos que não estavam no casamento e meu chefe. Mas na verdade existia uma solicitação para que eu aceitasse, vinda de uma das garotas do escritório. Vinha acompanhada por uma mensagem:

***Bianca:*** *Vi que o chefe adicionou você nesse novo Facebook e gostaria que você me aceitasse. Sinto muito pelo que aconteceu. Fiquei doente no dia do casamento e acabei não conseguindo ir, mas*

*Manoela me contou tudo na segunda. Não sei como ela teve coragem e nem sei como você deve ter recebido a notícia do casamento, então fique bem e, se precisar de alguma coisa, me avisa, ok? Você pode contar comigo.*

Bianca sempre foi uma colega, não uma amiga. Na relação que eu tinha com Luiza e Manoela, havia uma regra implícita: ninguém mais entrava no círculo. Claro que tínhamos outras colegas, mas não tínhamos outras amigas. Bianca sempre foi muito doce e meiga comigo, e Manoela sempre a odiou por não receber o mesmo tratamento. Devido às farpas, nunca me aproximei mais do que o necessário dela, mas agora estava com uma dúvida: que notícia do casamento era essa? Como eu “receberia a notícia” se eu estava lá e vi tudo ao vivo e a cores? A não ser que... A não ser que... Não, era impossível.

– Isso não está acontecendo, não está acontecendo, não está acontecendo!

Ian começou a esmurrar a porta. Quando se deu por vencido de tanto gritar e tentou abri-la como uma pessoa normal, eu já estava de pé, andando de um lado para o outro.

– Isso não pode estar acontecendo, não pode – eu repetia entre soluços sufocados.

– O que, Bárbara? – perguntou, agarrando meus ombros e me olhando de frente. – O que não pode estar acontecendo?

Eu não conseguia responder de tão alto que chorava. Eu não me importava se ficaria com o rosto ainda mais inchado, nem minha promessa de nunca mais derramar uma lágrima. Eu só queria expulsar aquele sentimento de revolta de dentro do meu peito. Duas semanas, fazia apenas duas semanas e eles já estavam planejando um casamento.

– Por favor, me fala – pediu preocupado, me abraçando e me aninhando em seu peito.

– Eles vão se casar – consegui dizer por fim, grata por ter alguém em quem me encostar. Ian me abraçou mais forte e, como num passe de mágica, as lágrimas diminuíram. Eu estava segura, eu me sentia segura, o que era bom porque, da mesma maneira, sentia que desabaria a qualquer momento.

– Se acalma – consolou.

Minhas pernas vacilaram em seu abraço e, atento ao menor dos meus movimentos, Ian me segurou com mais força e me ergueu do chão, me colocando gentilmente em cima da cama.

– Vou pegar um copo de água com açúcar, está bem? – perguntou me olhando uma última vez com pena, antes de sair do quarto. Assenti. O que mais eu poderia fazer? Pedir que ele colocasse cianureto em vez de açúcar parecia uma boa ideia, mas duvido que ele o fizesse.

Quantas vezes um coração podia se partir?

Ian entrou no quarto a passos largos, segurando um copo numa das mãos e um comprimido na outra. Seu maxilar estava cerrado e eu podia jurar que ele estava bravo, mesmo sem conhecê-lo bem. Sentou-se ao meu lado na cama e me fez beber um gole antes de segurar meu rosto e virá-lo para ele.

– Você sabe que é mais forte que isso, não sabe? – perguntou, fitando-me profundamente.

– Eu não tenho certeza.

– Você é, pode acreditar em mim – insistiu com os olhos brilhando.

– Como você pode saber? Só me conhece há dois dias – observei. Um lampejo de tristeza passou por seu olhar, mas foi embora tão

rápido que não tive certeza de realmente tê-lo visto.

– Toma esse comprimido, vai ajudá-la a dormir – ofereceu, depositando um pequeno comprimido azul em minhas mãos. Engoli, sem hesitar. Aninhei-me nas cobertas e me cobri. Ouvi passos pelo quarto e uma porta abrir.

– Ian? – ele parou e se virou. – Você pode ficar até eu pegar no sono? – Eu não me sentia em condições mentais de ser abandonada em um quarto escuro à minha própria sorte nesse momento. Ele era minha única opção.

– Claro. – Ele voltou a fechar a porta e se sentou ao pé da cama, me olhando. Seus olhos azuis foram a última coisa que vi antes de pegar no sono. Sonhei com o céu.

# 10

“Um amigo me chamou pra cuidar da dor dele, guardei a minha no bolso e fui.”

**Caio Fernando Abreu, *Pálpebras de neblina*.**

# Uma gentileza conserta qualquer coração partido

Acordei de sobressalto e afundei novamente na cama ao me lembrar da cena de ontem. Um casamento. Será que eu receberia um convite? Senti-me enrubescer, não acreditava que tinha pedido ao Ian que ficasse comigo. Na verdade, não acreditava que ele tivesse aceitado. Mas sou grata por isso, teria sido pior enfrentar a notícia sozinha. Meu coração doía de forma tão violenta que eu podia senti-lo subindo pela minha garganta e tentando me sufocar. Caí no choro novamente abraçando Vito, que a essa altura já tinha vindo dormir comigo na cama. Afundei o rosto no pelo sedoso do meu cachorro, sentindo seu cheiro conhecido, o cheiro de casa. Algo se mexeu no pé da cama e eu levantei o tronco para olhar, imaginando que fosse o gato. Ou a gata (na verdade para mim ela era "o gato", mesmo). Mas tomei um grande susto ao ver a Barbie em pessoa sentada aos meus pés.

A garota parecia uma boneca. Pisquei algumas vezes só para ter certeza de que estava acordada, estava quase beliscando meu próprio braço quando ela sorriu. Duas lindas covinhas apareceram em suas bochechas rosadas. Ela era loira, curvilínea e dona de um par de lindos olhos azuis. Eu conhecia aqueles olhos... Ela era realmente linda e suas feições eram doces, mas nada disso vinha ao caso. O que ela estava fazendo na minha cama?

– Bom dia – cumprimentou alargando o sorriso. – Eu sou Vivian, mas todos me chamam de Vivi, sou irmã do Ian. – Estava explicada a fonte da beleza, que pelo visto, deveria ser de família.



– Bom dia – respondi, mas bom só se fosse o dela. – Onde ele está? – questionei. Não que eu tivesse imaginado que ainda o encontraria no meu quarto.

– Ele teve que trabalhar, surgiu uma emergência com um de seus pacientes – respondeu.

– Então agora eu tenho uma babá? – perguntei sarcasticamente enquanto me sentava. Parte de mim estava arrependida de ser tão grosseira com uma moça de aparência tão gentil, mas definitivamente estava ficando cansada da piedade das pessoas.

– Na verdade você tem uma acompanhante. Estou ganhando por hora. Então o que vai ser? – perguntou, fingindo desabotoar a blusa e, percebendo minha cara de assustada, ela caiu na risada. – É brincadeira. Bom, pelo menos a parte do pagamento e dos serviços extras. – Continuei calada. – Ok, eu decido por você, vamos à praia. Hoje vai ter praia.

– Só pode ser brincadeira. O idiota foi trabalhar e me deixou sob a guarda da Barbie Malibu.

Rindo alto ela se levantou.

– Vamos?

– Não vai dar não, me desculpa. Eu cheguei há dois dias e ainda não faço ideia de onde estão meus biquínis.

Parte da história era verdadeira, afinal, no dia do restaurante, eu tinha demorado horas para achar uma calcinha (como se ela pudesse ser descrita desse modo). Quanto tempo demoraria até achar um biquíni? E a outra parte era pura falta de vontade mesmo. Na verdade, esperava encontrar Ian em casa e pedir um vidro inteiro daquele comprimido.

– Seus biquínis estão na terceira gaveta do guarda-roupa.

– O quê? – Eu tinha entendido, só não entendi o contexto.

– Você dormiu por um longo tempo. Já é quase meio-dia e eu fiquei meio entediada – justificou-se, levantando meio envergonhada e abrindo as portas do guarda-roupa, antes vazio. Tudo o que eu tinha estava arrumado, dobrado ou pendurado. O quê? Definido por cor e estação do ano?

É isso mesmo, produção? A Barbie Malibu tem TOC?

Eu estava horrorizada. Como ela conseguiu fazer tudo isso, sem ninguém obrigá-la e em tão pouco tempo?

– Onde está meu carrinho de supermercado?

– Eu o devolvi. – *Ela fez o quê!?* – Ian avisou que não era para mexer nele porque você desenvolveu certa afeição... Mas a vizinha do 44 armou o maior escândalo depois de ter que subir com as compras na mão hoje de manhã, então eu o devolvi para ela parar de gritar comigo – explicou corando. – Sinto muito. Mas se ajuda em alguma coisa, também arrumei as roupas que ainda estavam espalhadas.

Não, não ajudava. Ela estava se segurando para não cair na gargalhada, e eu para não matá-la, mas resolvi dar uma chance à garota. Talvez o dia não fosse tão ruim, afinal. Talvez eu tivesse entendido errado a mensagem de Bianca. Talvez, só talvez, ir à praia me fizesse bem.

Vesti meu biquíni e um short, peguei minha carteira e dei de cara com Vivi tentando enfiar no elevador duas cadeiras, um guarda-sol e uma bolsa estilo sacola de feira abarrotada de coisas.

– Cabe a minha carteira aí dentro? – zombei.

– Sempre cabe mais alguma coisa – respondeu, pegando a carteira da minha mão e socando dentro da bolsa, empurrando diversos pertences para o fundo. O elevador começou a descida, que foi interrompida no 4<sup>o</sup> andar. Camila abriu a porta num rompante,

ignorando-me de propósito e abrindo um sorriso de princesa para Vivian, repleto de segundas intenções.

– Vivi, querida, está indo à praia?

– Não, estou indo acampar, não está vendo? – perguntou de forma grosseira. Quem visse seu rostinho angelical não imaginaria o quanto sua língua poderia ser afiada. Camila ficou sem graça, mas logo se recompôs. Saiu do elevador primeiro e tentou outra abordagem.

– Vejo você por aí.

– Eu prefiro comer chumbinho – sussurrou tão baixo, que imaginei que seria apenas para eu ouvir. Ri alto. Eu definitivamente estava começando a gostar dessa garota mesmo que ela tivesse sumido com meu estimado carrinho de supermercado. Ela me deu uma piscadela e saímos para o sol escaldante de 36°C.

Assim que chegamos à praia e nos instalamos, Vivian começou a ficar inquieta. Eu já havia percebido que silêncio não combinava muito com o seu perfil.

– Desembucha, o que seu irmão fez para convencê-la a passar o dia com uma desconhecida de mau humor na praia? – perguntei, protegendo o rosto do sol. Ela já estava incomodada na cadeira havia um bom tempo. Eu sabia que ela queria que eu puxasse assunto.

– Tá brincando? Ele me proibiu de vir sexta e ontem. Por mim eu teria ido buscar você – ela riu e fiquei encantada em como seu riso era fácil. – Sou a única garota que convive com aqueles quatro. Digo, garota fixa. É um pesadelo, na verdade, e agora simplesmente ganho você de presente. Meio mal-humorada e mal-organizada, mais ainda assim, uma garota.

Era uma pena que fazer amizade estava longe dos meus planos para minha vida nova. Não tinha dado muito certo da última vez, não é verdade?

– Por que ele a proibiu de vir? – perguntei curiosa.

– Porque ele diz que sou muito enxerida e que tenho um leve amor pelo drama. Ele disse que acabaríamos chorando uma agarrada à outra, cantando Celine Dion e que, claro, eu a perturbaria com as minhas perguntas idiotas.

– E por que ele mudou de ideia? – Isso estava ficando cada vez melhor.

– Porque ele não tinha mais opções e queria alguém de olho em você. Algo como “crise” e “deprimida” usadas na mesma frase, mas se quer saber, parei de ouvir assim que ele perguntou se eu poderia dar uma passadinha no apê.

– Nem um desconhecido confia em mim sozinha comigo mesma – murmurei, tentando fingir reprovação, mas estava na cara que eu estava me saindo mal. – Se isso não é o fundo do poço, eu estou chegando perto.

– Eu ouvi você chorar hoje cedo, sabe? – disse de forma séria, me olhando da mesma maneira que seu irmão havia me olhado quando disse que eu era forte o suficiente para enfrentar todo esse problema. Com intensidade. – Eles quatro são ótimas pessoas, mas ainda assim são homens, não entendem nada de sofrimento feminino. O maior drama envolvendo mulher com que meu irmão já teve de lidar na vida foi tentar se lembrar do nome dela para poder mandá-la embora pela manhã. Eu não vou pressioná-la para contar nada, embora já saiba mais ou menos a história toda. Augusto fala muito quando está bravo. Bom, você sabe disso, né? Mas se quiser conversar com alguém que talvez entenda, eu vou estar por perto.

Nem pensar. A única pessoa com quem eu tentei me abrir acabou me arrumando uma babá. O melhor era guardar tudo para mim e seguir em frente. Mas que droga, era mentira. Eu queria, sim, conversar com uma mulher, pelo amor de Deus.

– Eu acho que eles vão se casar.

– Filhos da mãe – rebateu revoltada, mas se calou, esperando que eu continuasse. Sim, eu realmente gostava dela.

– Ontem uma das meninas que trabalhava comigo me mandou uma solicitação de amizade no novo Facebook que fiz e me deixou uma mensagem dizendo que não tinha podido ir ao meu casamento, mas que a Manoela tinha lhe contado toda a história e que ela sentia muito. Depois terminou a mensagem dizendo... – fiz aspas no ar para enfatizar minha frase de efeito: – “Não sei como você deve ter recebido a notícia do casamento”, e disse que esperava que eu estivesse bem.

– Mas você estava lá no dia do casamento, então a única notícia cabível seria... – Ela piscou algumas vezes. – Filhos da mãe!

– Grande, grande, grande dupla de filhos da mãe!

– Tem alguma chance de isso ser um mal-entendido?

– Pensei a mesma coisa, mas não consigo entender como – respondi exasperada.

– Mas podemos descobrir. Se você acessar seu Facebook antigo, talvez eles não tenham excluído você como amiga – sugeriu, pensativa. – Provavelmente é uma péssima ideia. Se você encontrar alguma coisa vai ficar arrasada, né? – Mais? – Passa seu e-mail e senha que eu vou procurar por você. Ouvir a notícia dói menos do que ler sobre ela.

– Você faria isso?

– Claro! Desde que seja nosso segredo. Se meu irmão descobrir, me mata.

– Os meus então, não quero nem pensar.

– Na verdade todos os assuntos “femininos” poderiam ficar apenas entre nós duas – disse olhando para baixo.

– Claro tudo bem – concordei, esperando o que ela diria em seguida. Eu sentia que ela queria me dizer alguma coisa, mas pensou melhor e deixou para lá. – E você, namora?

– Quem me dera – disse com ar sonhador. – Sou apaixonada por um cara há muito tempo, mas ele mal me nota.

Não tocamos mais no assunto. Aproveitamos o tempo para nos conhecermos melhor. Deixei Vivian a par de toda minha desgraça nos mínimos detalhes e ela me contou tudo sobre seus relacionamentos anteriores, mas não tocou novamente no assunto de sua paixão secreta. Descobri que ela é professora e que dá aulas para alunos do 5<sup>o</sup> ano. Como ela não pira, sendo professora e tendo TOC, para mim se tornou um mistério. Ela tem 24 anos, apenas um ano mais nova que eu, e, sim, é realmente uma pessoa divertida. Quando estávamos voltando para casa, ela finalmente tomou coragem para me fazer uma confissão.

– Eu nunca contei para ninguém o que vou contar agora – confidenciou, parando no meio da rua. – Mas tenho certeza de que você vai descobrir de uma maneira ou de outra.

– Você é apaixonada por um deles... – terminei. Eu já tinha tido tempo suficiente para montar o quebra-cabeça. – Você não está me contando por uma questão de confiança, mas porque sabe que eu, sendo mulher e menos tapada do que os quatro juntos, isso porque eu ainda nem conheço um deles, perceberia uma hora ou outra, e você não quer que eu conte para ninguém. Ou você pode ter

interesse em descobrir as coisas através de mim, já que moro aqui, ou simplesmente quer me dar um toque sutil para não arrastar uma asa para o que é seu. Depende de qual dos meninos seja.

– Sim, não e não. – Ela pareceu triste. – Eu nunca me aproveitaria de você. Mas sim, eu gostaria que você não contasse para ninguém, ok?

– Sem problemas. – Eu também achei que minhas ex-melhores amigas nunca se aproveitariam de mim. O fato é que simplesmente se tornou muito difícil confiar nas pessoas.

Entramos no apartamento somente para nos arrependermos. Os quatro rapazes estavam na frente da TV. Dois com controles de videogame e dois torcendo.

– Ele vai matar você! – berrou Ian para Augusto. – Viu, eu avisei que ele ia matar.

– Cala a boca, não consigo me concentrar assim.

Nossa presença mal foi notada.

– Pega a arma, Bernardo – sugeriu Gustavo.

Então esse era Bernardo. Um rapaz bonito, magro, de olhos... Hum, verdes, eu podia jurar que eram verdes. Sentado não dava para saber direito.

– Oi, gente – tentei me comunicar com aquele bando de *aliens*, mesmo sabendo que provavelmente não conseguiria contato imediato. Como ninguém respondeu, cutuquei Vivi e pedi que ela me seguisse. Quando estava entrando no corredor, braços fortes me apertaram por trás e me tiraram do chão. Virei-me e dei de cara com o Mala.

– Como você está, maninha? – perguntou.

– Eu tô bem – respondi, me desvencilhando do abraço que começava a me sufocar. Ele me deu um beijo na testa e voltou para

o videogame. A essa altura Vivian já estava no meu quarto. Quando me virei para encontrá-la, novamente fui puxada para trás, mas dessa vez pelo braço.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou Ian no meu ouvido, fazendo com que os pelos dos meus braços se arrepiassem.

– Tenho. – Ele pareceu duvidar, mas não discordou. – Muito obrigada pela Barbie Malibu, ela foi muito útil, até arrumou meu guarda-roupa. POR COR E ESTAÇÃO, IAN! – Tentei transmitir minha frustração em voz baixa, mas não deu. Augusto se virou para me olhar e me afastei instintivamente de seu amigo.

– Dá uma chance para ela – pediu Ian, rindo e voltando para junto dos outros.

Entrei no meu quarto e fechei a porta. Eu não queria a ajuda de ninguém para resolver meus problemas, mas sentia que precisava. E se tinha que escolher alguém, a loirinha serviria.

– Está mesmo disposta a fazer isso? – perguntei, já me arrependendo do que faríamos.

– Eu estou sempre disposta, meu bem.

Eu lhe disse então o nome completo do Miguel, mas seu perfil estava bloqueado para quem não fosse seu amigo, e o da Manoela também. Não vi outra solução a não ser acessar meu antigo Facebook e torcer para que um deles não tivesse me excluído. Acessei minha antiga conta, virei o *notebook* para ela e me afastei para olhar pela janela. Depois de alguns minutos torturantes, ela finalmente falou. Ou melhor, gemeu.

– É verdade – disse, triste. Ou pelo menos na teoria. – Eles publicaram que estão noivos, mas não tem menção a datas aqui e poucas pessoas se dignaram a dar os parabéns.



Respirei fundo tomando a pior decisão que eu poderia tomar na minha vida.

– Me ajuda a descobrir quando e onde? – pedi.

– Você não está pensando no que eu estou pensando, está? – perguntou com cara de poucos amigos.

– Provavelmente estou – admiti.

– Não, eu não vou deixar você fazer isso – disse resoluta. – Nem pensar.

– Eu preciso fazer isso.

Joguei-me na cama, ruminando meu plano.

– Por quê? Me dê apenas um motivo para apoiar essa burrice. – Vivian se jogou ao meu lado e ficamos as duas olhando para o teto por alguns minutos.

– Eu preciso dar um final para minha história – respondi por fim.

– Babi, ela já teve um fim e você saiu magoada – rebateu, pegando minha mão quando percebeu que meus olhos marejavam.

– Como você acha que vai se sentir vendo os dois se casando? Vendo sua ex-amiga, uma das pessoas que você mais confiava, se casando com o homem que você ama?

– Não, Vi, outras pessoas deram um fim à minha história sem minha permissão. – Como eu explicaria se nem eu estava entendendo onde queria chegar? – Preciso pôr um fim nisso e provavelmente vê-los fará com que eu finalmente processe tudo que aconteceu nessas últimas duas semanas. Eu preciso escrever meu próprio final.

– Ainda acho uma péssima ideia. Talvez até impossível. Nem imagino como você vai fazer isso sem ser notada. – Ficamos novamente em silêncio, pensando. – Sabe, eu não teria aguentado.

– O quê?

– Ser aban... Desculpe-me.

– Eu quero ouvir.

– Eu não teria suportado perder minhas melhores amigas dessa forma, perder meu noivo. Ter que sair da minha casa, do meu estado. Você não fez nada e mesmo assim foi quem pagou o preço. Como você consegue?

– Quebrei muitos vasos no caminho – respondi. Ela riu e apertou mais minha mão.

– Você me contou na praia que trabalhava no mesmo escritório que a vagabunda e que era ela quem cuidava da filial de Florianópolis, mas que não é mais?

– Sim.

– Será que ela foi mandada embora?

– Não vejo motivo. O que ela fez foi errado de várias formas, mas não afetou seu lado profissional. Por quê?

– Porque eu tive uma ideia.

– Qual? – perguntei esperançosa.

– Isso eu só vou contar depois de conseguir as informações que você precisa – sorriu.

– O que você vai querer em troca?

– Digo quando chegar a hora.

Não era essa a resposta que eu esperava.

# 11

“Ele foi bom e delicado, mas era mal e era tão mal-educado  
Foi tão gentil e tão cortês  
Por que será que não notei nenhuma vez.”

**A Bela e a Fera, *Alguma coisa acontece.***

# Vinho demais causa amnésia

Passei a segunda-feira sozinha no apartamento. Todos estavam trabalhando: Monstro e Ian estavam de plantão no hospital, e Bernardo, na delegacia (descobri por meio da Vivian que ele era delegado de polícia). Já Gustavo deveria estar com alguma garota, ou amigos em algum bar, porque chegou em casa já de madrugada. Só me movi do sofá até a geladeira e da geladeira até o sofá, tirando minha caminhada para a cama quando o sono ameaçava me vencer. Minhas únicas companhias eram Vitória e a gata que, a cada dia, parecia gostar mais de mim. Até me pediu colo enquanto eu via TV. Só não morri de tédio porque passei boa parte da noite trocando mensagens com Vivian sobre o que víamos na TV.

Embora eu tivesse receio de fazer amizade novamente, era obrigada a encarar que sentia falta de rir com alguém, de mandar uma mensagem idiota ou de uma ida ao boteco mais próximo. Minha solidão era maior que o medo, então quando ela me convidou para um cinema no dia seguinte, não pensei duas vezes antes de aceitar. Eu não precisava me apaixonar por ela, certo? Eu não precisava entregar minha confiança e meu coração de bandeja como fizera antes, mas podia aproveitar sua companhia. Nossa, como sentia falta das minhas amigas, das conversas jogadas fora na sacada do apartamento, de abrir uma garrafa de vinho sempre que uma de nós tinha um dia particularmente difícil, das mensagens de texto desconexas e engraçadas.

Estava magoada com Manoela como nunca me magoei com ninguém antes. Inclusive comecei a pensar que nossa amizade para ela deveria ter virado apenas conveniência, existia somente para ter

acesso mais fácil ao meu ex-noivo. Não era amor o que ela sentia por mim e sim a comodidade da minha presença em sua vida. Com Luiza, porém, eu só estava decepcionada. O sentimento era mais brando, mas machucava do mesmo jeito. O pior era saber que ela era melhor do que isso, ou já tinha sido. Onde foi parar a garota que não matava nem uma barata? “Ela deve ter família, sabia? Um monte de baratinhas para alimentar, eu é que não vou ser a assassina de um pai de família”, dizia ela. Pensar nas duas não me fazia mais chorar. Pensar no casamento também não. Conhecendo Miguel como agora conhecia, eu sabia que cedo ou tarde isso aconteceria. Ele não teria destruído sua reputação, nem teria jogado seu dinheiro no lixo com o casamento se realmente conseguisse ir em frente. Mas por que eles não me contaram? Por que ele simplesmente não terminou nosso noivado no momento em que se apaixonou por ela? Depois de um tempo eles poderiam se assumir sem ninguém sair machucado. Também não entendo o porquê de um casamento feito às pressas dessa forma. Talvez Miguel não quisesse que o nome da Manoela fosse parar na boca do povo e, com certeza, casar-se com ela daria cabo do assunto “Bárbara”.

Na tarde de terça-feira resolvi tomar um banho extremamente demorado de banheira. Ainda faltavam algumas horas até que Vivian chegasse para me buscar. Levei minha toalha e minhas roupas para o banheiro central do apartamento e me afundei na água quente tentando relaxar. Levei um susto quando a porta foi aberta abruptamente e um vulto entrou depressa e a fechou.

– O que você está fazendo? – perguntei irritada. Ian se virou para a banheira e sua face ruborizou imediatamente. – Vira para lá, droga! – gritei, tentando me cobrir.

– Eu pensei que estava vazio e eu estava apertado. Desculpa, tá legal? – falou rindo. – Por que você não trancou a porta?

– Você não disse que estava apertado? Dá o fora!

Ele saiu rindo da minha cara enquanto eu morria de vergonha. Lógico, por que eu não tranquei a maldita porta?

Não consegui mais relaxar no banho, então resolvi me trancar no quarto e só sair quando Vivian chegasse, não queria ter que encarar Ian depois dessa. Deitei na cama onde o gato me esperava e comecei a pensar no meu plano. Mal notei quando alguém bateu na porta.

– Vivian pediu para você descer – avisou Ian com um sorrisinho zombeteiro no rosto, decerto pensando no que tinha acontecido mais cedo.

– Por ela não me ligou? – perguntei, levantando e pegando a bolsa.

– Ela disse que tentou e mandou perguntar se você enfiou o celular na...

– Ok, deixa pra lá, já entendi – falei passando por ele.

– Não precisa se envergonhar sobre hoje. Eu não vi nada.

Por que será que eu não acreditava nele? Talvez porque ele estivesse rindo da minha cara. Não respondi. Desci de escadas até o térreo para tentar aplacar um pouquinho da minha raiva, que, mesmo assim, foi percebida pela irmã do idiota logo que sentei ao seu lado.

– Que bicho mordeu você? – perguntou, me dando um beijo estalado na bochecha.

– Seu irmão me viu tomando banho e agora não para de me irritar.

– Assim, logo de cara? Nem pagou um jantar antes? – Ela era mais parecida com ele do que eu imaginava.

– Vivian – alertei, mas ela apenas deu risada e saiu da vaga.

Vou contar uma coisa... Com essa menina dirigindo, era bom meu seguro de vida estar ok, porque eu tinha grandes chances de ver um filme com Deus esta noite. Tentei ao máximo fazê-la calar a boca no caminho, mas essa era uma missão quase impossível. Quando não estava xingando outro motorista, ela estava tagarelando. Depois de cortar três caminhões, quase atropelar um ciclista e passar por SETE sinais vermelhos, chegamos ao shopping.

– Terra firme – sussurrei, cambaleando para fora do carro.

– Para de ser tão dramática, assim vou ficar magoada.

Ela não. Eu, né?

Na volta, resolvemos parar em um barzinho no caminho de casa. A noite estava quente e ainda não eram nem dez horas.

– Consegui – anunciou assim que o garçom se virou, prometendo trazer as duas maiores canecas da casa com chope até a borda.

– O quê?

– Consegui descobrir quando é o casamento!

Impossível, essa garota era impossível.

– Quando? – perguntei ansiosa, quase caindo da cadeira.

– Calma, primeiro vou pedir o que quero em troca. – Viu? Eu disse que ter amigas não era uma boa ideia. Devo ter feito cara feia, porque ela emendou: – Você concordou.

– O que você quer? – Eu realmente tinha concordado.

– Eu quero ir junto.

Fiquei surpresa. Estava imaginando que ela queria ajuda para conquistar o garoto por quem estava apaixonada (mas não sou boa nisso, já deu para perceber, né?), ou vigiá-lo.

– Nem pensar – respondi. Não, nunca, definitivamente não.

– Você disse que eu teria o que quisesse e eu quero ir junto. – Parecia que ela falava com um de seus alunos, pronunciando bem as vogais para tentar me fazer entender.

– Não foi bem assim, você disse que queria algo em troca e eu concordei, só que...

– Só que nada – interrompeu. – Você não disse que ir junto estava fora de cogitação, então... – Ela era teimosa.

– Por que você quer ir junto?

Seus olhos se suavizaram e ela sorriu.

– Porque me preocupo com você. – Outra me demonstrando seu apoio!

– Você me conhece há poucos dias! – respondi. Tenho que lembrar ela e o irmão até quando?

– Não interessa há quanto tempo a conheço. Sabe quando você acaba de conhecer alguém e mesmo assim sente que conhece a pessoa há muito tempo?

– Sei – respondi. Senti a mesma coisa.

– Então está resolvido!

*Ainda não, querida,* respondi em pensamento, mas concordar era mais prático. Balancei a cabeça para cima e para baixo. Fomos interrompidas pelo garçom e eu quase arranquei a caneca de suas mãos de tão ansiosa que estava. Sorvi uma boa golada.

– É no sábado.

– O quê? – perguntei engasgando.

– Estranho não é?

– Como aquela cadela conseguiu marcar a data para tão perto? – esbravejei. – Eu quase tive que fazer o teste do sofá com o padre para conseguir minha data dentro de um ano.



– Foco, amiga – pediu, exasperada. – Por que um casamento às pressas desse jeito?

Eu não tinha uma resposta para essa pergunta, somente uma teoria.

– Talvez Manoela o tenha convencido. Ela não quer ficar conhecida como a amiga que rouba namorado, então achou que o cargo de esposa vinha mais a calhar. – Eu já tinha pensado nisso antes.

– Talvez. – Vivian parecia não estar convencida, mas resolveu deixar suas teorias para lá. – Sabe onde fica a igreja de São Gabriel?

– Sei, é no Itaim. – E ela já devia estar morando no apartamento dele a essa altura. – No bairro onde ele mora. Qual horário?

– Às 7h da noite. Vamos de carro ou de avião? – indagou. A garota realmente queria ir comigo, o que era muito nobre, mas eu não queria plateia, pois sabia que não ficaria muito bem depois de ver os dois de mãos dadas.

– Você não vai comigo – declarei, e suas feições ficaram tristes. Parecia que eu tinha cortado as pernas de sua boneca favorita. – E se eu prometer ligar de dez em dez minutos para dizer que estou bem?

– Talvez...

Eu podia sentir que ela cederia.

– Não precisa se preocupar, vou ficar bem – insisti, mas nem eu acreditava nisso. – Agora me conta como você conseguiu descobrir tudo isso? – perguntei curiosa, apoiando a cabeça nas mãos.

– Liguei para a filial de São Paulo me passando por uma funcionária daqui e disse que fiquei sabendo do casamento e que gostaria de mandar um presente – disse Vivi rindo. – A garota acabou me passando o endereço da Manoela e durante a conversa consegui arrancar quando e onde seria a cerimônia.

– Você é incrível, garota!  
E ela era mesmo.

\* \* \*

Nos falamos durante todos os dias da semana. Realmente tivemos uma conexão instantânea, parecia que éramos amigas há anos, tamanha a facilidade que tínhamos de nos comunicar. Não foram uma nem duas vezes que a Vi me mandou mensagem reclamando de um de seus alunos ou dizendo que a diretora do colégio era uma bruxa, e eu respondia dizendo o que estava assistindo na TV. Só nos vimos novamente na sexta-feira, quando a convidei para uma pizza, pois, novamente eu ficaria sozinha em casa e poderíamos traçar um plano para o dia seguinte. Ela chegou entrando no apartamento com uma garrafa de vinho na mão.

– Hoje eu quero me embriagar – anunciou rindo e pegando duas taças no armário. Eu já havia pedido as pizzas meia hora antes.

– Ei, para de ser tão egoísta, enche mais o copo – repreendi, segurando a garrafa até meu copo transbordar. – Melhorou.

– É, eu não sou a única precisando de um gole. Minha semana foi um inferno – choramingou, tirando os sapatos e encostando-se ao sofá. – Teve uma briga na sala entre dois alunos, e fui acusada de não ter feito nada, como se a culpa deles se atracarem fosse minha!

– E você tentou separar a briga? – perguntei, matando metade da minha taça de vinho.

– Claro que não. Um deles chamou a mãe do outro de piranha, se fosse a minha mãe eu também bateria – comentou e eu ri muito. – Como vamos fazer amanhã? – indagou. – Tem certeza de que não quer que eu vá junto?

Eu havia passado a semana tentando convencê-la de que ela me seria muito mais útil aqui.

– Tenho. Você me ajuda mais ficando aqui, porque se nós duas sumirmos por tanto tempo, eles vão acabar descobrindo. Se você ficar, pode me dar cobertura, pode dizer que estou no quarto com dor de cabeça e não deixar ninguém entrar até eu voltar. – Eu ia explicando minha ideia e ela, concordando com a cabeça. – Acha que consegue?

– Moleza! – respondeu enfaticamente. – Enche aí de novo. – E foi o que eu fiz. Já estávamos na quarta taça quando as pizzas chegaram e a Vi desceu para buscá-las. Voltou sem fôlego e esbaforida.

– O que aconteceu com você? Foi pegar a pizza ou correr em volta do quarteirão?

– Aquela perua da Camila estava esperando o elevador, então optei pelas escadas – disse, jogando-se em seu lugar no sofá e fazendo careta.

– Por que você não gosta dela? – Eu já estava curiosa quanto a isso desde o dia em que fomos à praia.

– Você não conhece essa garota! – disse carrancuda. – Ela é um pesadelo. Fingiu ser minha amiga por um ano, antes de conseguir dormir com meu irmão.

– E depois?

– Adivinha? – Ela parecia magoada agora, seus olhos marejaram.  
– Nunca mais me ligou, não respondia minhas mensagens e só voltou a me procurar depois que meu irmão a descartou.

– Não me diga que você vai chorar por aquela piranha? – perguntei incrédula, com raiva da história que ouvia. Como ele podia ter dormido com aquela garota? O que aquele idiota tinha na

cabeça? Mas por que eu estava com raiva disso? Esse não era o ponto. Foco, Bárbara Cristina, foco!

– Não – respondeu, recompondo-se. – Só dói ser usada. Eu não tinha nenhuma amiga, estava carente e então ela se aproveitou de mim

– Você não tem amigas? – perguntei. Isso sim era uma surpresa. Uma garota tão linda e legal quanto ela se sentir tão sozinha.

– Não. – Sua expressão era triste, mas convidativa, então me arrisquei a perguntar:

– Por quê?

– É uma história triste, tem certeza de que quer ouvir?

– Você escutou a minha, estou em dívida com você. – Sorri e coloquei minha mão sobre a dela.

– Eu tinha uma melhor amiga. Éramos amigas desde a infância. – contou e fez uma pausa. – Nunca senti necessidade de fazer mais amizades, pois ela já era tudo o que eu desejava. – É, eu sabia qual era a sensação.

– Vocês brigaram? – arrisquei.

– Não – respondeu soluçando. – Ela morreu há dois anos. – Merda. Não era esse o final que eu esperava. – Ela sempre teve um problema no coração, mas ninguém nunca imaginou que... – Ela desatou a chorar.

Eu era um monstro, por que tinha feito a menina contar essa história depois de quatro copos de vinho? A bebida fazia isso com as pessoas. Eu, particularmente, estava mais habituada a dançar em cima da mesa quando tomava um porre, mas chorar parecia ter virado uma opção, porque também senti meus olhos marejarem e a abracei. Agora entendia por que ela tentava fazer amizade. Um coração partido, sempre encontra outro.

– Não fica assim – consolei, abraçando-a mais forte. – Não é a mesma coisa, mas agora você tem uma amiga.

Ela me soltou e sorriu.

– Eu sabia que conseguiria derreter seu coração. – Pois é. – Eu não vou trair você, Babi. – Mesmo contra todos os meus instintos, acreditei nela.

A primeira garrafa terminou e então roubamos outra no quarto do Bernardo. Antes de sairmos, vi Vivian deitar na cama e cheirar o travesseiro. Mistério desvendado.

– É ele, né?

– É sim – respondeu com ar sonhador.

Droga, eu tinha esperança de que fosse um dos meus irmãos, tê-la como cunhada não seria nada mau. Eu já estava na porta, mas me virei e voltei para dentro do quarto, sentando em uma cadeira ao lado da cama.

– Precisamos resolver isso! – anunciei. Eu daria um jeito de ajudá-la, mesmo que a parte sentimental não fosse meu forte.

– Primeiro o seu problema, depois o meu. Já faz um ano que eu espero ele ver que eu existo, mesmo! – disse abrindo a garrafa e dando uma golada direto do gargalo.

Vivian apagou meia hora depois na cama do Bernardo. Resolvi não acordá-la, muito menos mudá-la de lugar. Veríamos se ele não notaria uma loira gratíssima em sua cama quando chegasse. Saí fechando a porta e voltei para a sala. Aumentei o som no último volume, pois tinha mais meia garrafa para matar. Dancei sozinha. Eu me sentia feliz, mas também estava consciente de que era o álcool falando. Tudo rodava e, quando dei por mim, estava rebolando em cima da mesa ao som de Lady Gaga com a garrafa na mão, só para

não perder o costume. No meio de um rebolado meio torto, ouvi uma gargalhada.

– Além de tudo é bêbada.

Três Ians estavam parados na minha frente com as mãos apoiadas nos joelhos de tanto rir.

– Vai se ferrar!

Assim que terminei de xingá-lo, minha coordenação motora falhou e eu fiz um voo livre em direção a um dos três. Fechei os olhos e torci para ser o de carne e osso. Se alguém tinha que se machucar na queda, que fosse ele e não eu. Não soltei a garrafa, eu ia terminá-la assim que conseguisse levantar. A garrafa de vinho se despreendeu da minha mão durante a aterrissagem, após bater em algo duro, e eu caí em cima do Ian certo, que berrou um palavrão com todas as forças. Não me mexi por quase um minuto e também não abri os olhos. Tudo o que não precisava nessa altura da vida era matar alguém.

– Sai de cima de mim, Bárbara – pediu Ian com a voz sem fôlego. Hum, acho que não dava, não. Eu não tinha força de vontade nem ânimo para me mexer, e mesmo se quisesse, tudo estava rodando. Percebendo meu torpor, ele me empurrou para o lado e levantou, me puxando junto com ele.

– Oh, ouuu!

Assim que ele me firmou em solo estável, meu estômago, que já estava embrulhado, resolveu expulsar o vinho de dentro dele. Engasguei e me abaixei para vomitar ainda de olhos fechados.

– Merda, meus sapatos!

E isso é tudo de que me lembro antes de acordar do meu estado vegetativo, ainda embriagada, no chuveiro gelado, com um Ian com cara de bravo bem atrás de mim dentro do box.

Eu estava sentada e vestida, mas não me importei muito com isso. Olhei para cima, para o homem lindo e forte que segurava meus braços com uma das mãos e passava a outra pelo meu rosto. Minha cabeça estava apoiada em seu peito.

Como ele era lindo.

O momento mágico acabou quando ele jogou um punhado de água fria no meu rosto e eu tive que me mexer mais e dar a entender que estava acordada. Ele me levantou, me enrolou na toalha que estava no suporte e me empurrou até que eu sentasse no vaso sanitário.

– Consegue ficar sentada aqui sem causar problemas a ninguém até eu pegar uma roupa? – perguntou, carrancudo.

– Ahã – respondi. *Vai, inferno, vai pegar uma roupa. Quem precisa do seu corpo quentinho para se encostar?*, ralhei em silêncio. Momentos depois ele entrou com o pijama que deixei no chão do quarto.

– Consegue se vestir sozinha?

Que pergunta idiota, lógico que conseguia me vestir. Não fazia ideia de por que ele estava tão bravo. Embebedar-me e dançar em cima da mesa não estavam nas malditas regras dele. Afirmei com a cabeça e ele saiu do banheiro fechando a porta. Em seguida, me levantei, ou pelo menos tentei me levantar. Seria difícil. Era impressão minha ou a parede tinha chegado mais perto? Parecia que ela estava a um palmo de distância... Na terceira tentativa, consegui me manter de pé por tempo o suficiente para encostar a mão na parede ao meu lado... para descobrir que não tinha parede nenhuma e cair de bunda no chão. Ian, que deveria estar atrás da porta, não pensou duas vezes antes de invadir o banheiro comigo dentro pela

segunda vez. Levantou-me do chão e me colocou sentada no vaso sanitário novamente.

– O que vou fazer agora, porra? – perguntou, acho que para si mesmo, então não vi motivos para respondê-lo; mesmo porque acho que não conseguiria nem se quisesse. – Ah, que se dane – disse, puxando minha blusa pela cabeça e enfiando a blusa do pijama pelos meus braços com delicadeza. Depois que terminou, ele se levantou e começou a tatear minhas costas atrás do sutiã, sem muito sucesso. E eu pensando que ele tinha experiência nisso. Tentei focar minha visão e fiquei espantada, tão espantada quanto alguém caindo de bêbada poderia ficar: seus olhos estavam fechados. FECHADOS. O cara tirava minha roupa de olhos *fechados*. O que era fofo, mas também ofensivo. Tentei empurrá-lo.

– Fica quietinha um minuto – pediu quando finalmente conseguiu puxar meu sutiã pela cabeça. Ele pensou um minuto e me colocou de pé, encostada na parede. – Tente se segurar no porta-toalhas.

– Onde?

Vendo minha falta de reação, ele colocou minhas mãos em algo frio e de metal e, como ele mandou, agarrei-me àquela varinha mágica. Ele se abaixou na minha frente e procurou manter seus olhos nos meus pés enquanto puxava meu short, com calcinha e tudo, para baixo, de forma delicada e com mãos práticas. Depois enfiou o short do pijama pelas minhas pernas e o subiu, sem olhar novamente. Tirou-me do banheiro no colo e me colocou na cama, cedo demais. Seu perfume tinha um cheiro incrível e seu pescoço, tão próximo do meu rosto, fez borboletas subirem pelo meu estômago. Apaguei.

Abri os olhos e o quarto estava escuro, mas conseguia ver o brilho da lua pela janela. Estava dolorida e ainda me sentia embriagada.



Não queria nem ver a ressaca que aquele vinho me daria. Virei-me para o outro lado e vi Ian sentado do meu lado na cama, olhando para o escuro.

– O que você faz aqui? – perguntei surpresa em minha voz de bêbada.

– Vendo se você não entra em coma alcoólico – explicou bravo. – Esse cara deve mesmo ter feito sua cabeça virar para você precisar se comportar desse modo.

– Ele vai se casar com ela amanhã – choraminguei. – Não bebi por culpa daquele idiota... – Arrotei. – Ele não merece nem uma gota! – Ian virou para me olhar, decerto para conferir se eu falava sério. – Ele não era “o cara”.

– Então quem é? – perguntou com os olhos azuis me analisando.

– O cara não existe! – respondi e me virei para olhar o teto.

– Se ele existisse, Bárbara – fez uma pausa, e me controlei para não me virar e olhar para ele novamente –, como ele seria?

– Não sei. – *Se meu príncipe encantado existisse, ele teria os seus olhos,* respondi em silêncio.

– Tenta me dizer como ele deveria ser.

Não sei se foi o vinho ou a tonalidade rouca de sua voz, mas falei.

– Ele abriria a porta do carro todas as vezes, puxaria a cadeira para que me sentasse, nem que fosse dentro de casa, só para mostrar o quanto presta atenção em cada um dos meus movimentos. Notaria que cortei o cabelo, nem que fosse um único dedo, e elogiaria mesmo se não tivesse gostado. Faria tudo à moda antiga, me pediria em casamento de maneira romântica e se eu pudesse escolher, publicamente, porque ele não teria vergonha de demonstrar o quanto me ama e se preocuparia com a benção do meu pai. Ele me olharia de forma intensa todas as vezes que falasse

comigo e realmente prestaria atenção em mim, não no futebol ou na mulher pelada no comercial de cerveja que passa na TV. Ele teria que gostar do meu cachorro e dos meus irmãos. Só aí você já sabe a chance de ele existir reduz noventa e nove por cento. Ele também me daria presentes fora de época, nada caro, uma rosa já seria suficiente, só para mostrar que durante o seu dia pensou em mim. Por fim, ele não me trocava por ninguém, muito menos pela minha melhor amiga. Ah, e viria me buscar em um cavalo branco com asas!

– Virei para Ian, achando que a essa altura ele já deveria estar roncando com meu monólogo, mas ele me olhava intensamente, provando que tinha absorvido todas as minhas palavras. – Viu? Eu disse que era impossível meu cara existir!

– Nunca se sabe. – Ele sorriu, fazendo as covinhas aparecerem.

– IAATAAN! – O grito veio do corredor e pareceu ter vindo do Bernardo. Merda! Ian se levantou da cama num pulo, mas segurei seus braços.

– Ah, eu acho que esqueci sua irmã no quarto dele – contei sorrindo.

– Você embebedou minha irmã? – Ele já tinha voltado ao seu estado chato de sempre. E não, a irmã dele é que me embebedou, mas ele saiu sem esperar resposta, já que Bernardo gritou novamente. Dez minutos depois, uma Vivian bem acordada foi colocada na minha cama e nós duas fomos chamadas de irresponsáveis pelo menos umas mil vezes. Pouco importou, dormimos de mãos dadas às gargalhadas.

Acordei com uma dor de cabeça insuportável. A claridade me matava e alguém me chutara para o canto da cama. Olhei para o lado e vi Vivian dormindo profundamente debaixo das cobertas. Aos poucos, as cenas de ontem começaram a voltar à minha mente.

– ACORDA, VIVI! – Chacoalhei minha amiga sem dó. Estava surtando. Vitória levantou a cabeça assustado ao pé da cama, me olhou, bocejou e voltou a dormir. Esse cachorro já tinha se preocupado mais comigo...

– Hã? – resmungou sem abrir os olhos.

– Eu deixei você apagada no quarto do Bernardo e continuei bebendo. Comecei a dançar em cima da mesa da sala e acabei caindo em cima do seu irmão. Ai, meu Deus, ele me deu banho.

– O QUÊ? – berrou, acordando em um milésimo de segundo. – Você me deixou ONDE?

– Você só registrou essa parte? – perguntei irritada.

– Ah, relaxa. Assim que Ian me ligou perguntando se podia ficar de babá, imaginei que vocês terminariam no chuveiro – disse rindo.

– Eu não me lembro de nada.

– Não, besta, não foi um banho assim – expliquei corando. – Eu meio que apaguei e acordei no chuveiro, vestida e apoiada no seu irmão. Acabei caindo quando ele me deixou sozinha para me vestir e ele teve que colocar a minha roupa.

– Vão acabar no chuveiro de todo jeito, em minha opinião – disse às gargalhadas.

– Ele estava de olhos FECHADOS – contei irritada. – Sou tão horrível que ele nem deu uma espiadinha.

A essa altura ela já estava quase enfartando de tanto rir.

– Não seja tão babaca, você é linda. Mas é realmente estranho ele ser tão puritano com uma mulher. Se eu conheço meu irmão, ele acabaria na cama com você apagada ou não. – Não gostei do comentário. – A menos que...

– A menos que ele me ache horrível.

– Não – objetou, fazendo uma pausa dramática. – A menos que você seja especial demais para isso.

– Ah, corta essa – respondi, fazendo um gesto de desdém no ar. – Isso também não importa. Ele não faz meu tipo. – Ela me olhou como se duvidasse. – Ele é bonito demais.

Outro acesso de gargalhada.

– O que mais aconteceu?

– Sei lá. Minha memória só vai até aí.

– O que Bernardo fez quando chegou? – perguntou, novamente interessada.

– Berrou “IAAAAN”. – Eu ri, mas ela não achou tão engraçado. – Ei, fica fria, ele trouxe você no colo até aqui enquanto Ian foi pegar um copo de água para você.

– Sério? – Seu rosto se iluminou.

– Sério.

# 12

"O que mata um jardim  
Não é mesmo alguma ausência  
nem o abandono...

O que mata um jardim  
É esse olhar vazio  
de quem por ele passa indiferente."

**Mário Quintana, *Jardim Interior*.**

# Às escondidas

– Tem certeza de que ainda quer fazer isso? – perguntou Vivi pela décima vez, enquanto pegava uma roupa para mim no guarda-roupa.

– Tenho – respondi, largando o pente em cima da cama. Ela me entregou um vestido curto azul-marinho de tecido leve e óculos de sol.

– Ligue assim que chegar em São Paulo, quando chegar à igreja também, e não esquece de me ligar quando sair de lá – instruiu, guardando o pente que deixei jogado. – Ah, quer saber, para o carro de meia em meia hora e me manda uma droga de mensagem para dizer se você está bem.

– Eu mando – respondi sorrindo. Mas meu sorriso tinha um tempo contado de vida. – Agora vai ver se o perímetro está limpo, não quero dar de cara com seu irmão no corredor.

Ela saiu de fininho pelo quarto e voltou depois de alguns momentos, gesticulando para eu andar logo. Passei pelo corredor e pela sala. Gustavo roncava no sofá, e fora ele não tinha mais ninguém à vista. Dei um beijo em Vivian e saí do apartamento.

Seriam quase nove horas de viagem e eu não pretendia parar nem se minha bexiga estourasse. Eu já tinha saído de casa tarde, se eu não me apressasse chegaria assim que a cerimônia começasse. Isso sem levar em conta o trânsito de São Paulo. Concentrei meus pensamentos no que faria. O plano era simples: me esconder em algum lugar, até uma árvore serviria, e olhar Manoela entrando na igreja. Vê-la vestida de noiva era o suficiente para mim.

Fiz a viagem em oito horas, mas, cortando pela cidade, demorei quase uma hora e dez minutos para chegar à igreja. Estacionei o carro a duas quadras de distância e respirei fundo. Meu celular acabou ficando fora de área quase o caminho inteiro, então acabei desligando para economizar bateria, pois nem eu nem Vivian pensamos na hipótese de ela acabar no meio da missão. Antes de sair do carro, porém, resolvi cumprir minha promessa e ligar o aparelho para avisar Vivian que eu estava bem, só que uma enxurrada de alertas de mensagem chegou no meu Galaxy 4. E nenhuma delas era promissora.

**De:** *Barbie - 11:30 AM*

**Para:** *Bárbara*

*Ferrouuuuu! Eles descobriram!*

*ABORTAR MISSÃO!*

**De:** *Barbie - 11:32 AM*

**Para:** *Bárbara*

*Pelo amor de Deus, não conversamos sobre o celular desligado?  
Cadê você?*

**De:** *Barbie - 11:40 AM*

**Para:** *Bárbara*

*Você contou para ele.*

*Sua bêbada burra, VOCÊ CONTOU!*

Merda. Será que eu realmente contei para o Ian ontem? Por que fui encher a cara? Era bem típico eu estragar tudo. Embora meu histórico de amizade fosse péssimo, eu duvidava que Vivian tivesse aberto o bico. Eu, por outro lado, me achava muito capaz de ter chorado no ombro de Ian ontem. Como eu era patética. Mas agora que já estava aqui não perderia a viagem. Mande uma mensagem

para a Vi, dizendo que estava bem e que já tinha chegado, e saí do carro para a noite fria de São Paulo. Quando cheguei, as portas da igreja já estavam fechadas, como imaginei que estariam, mas avistei o carro da noiva na esquina. Era minha chance. O único problema era que não havia nada nem ninguém para me servir de esconderijo, então acabei fazendo uma corridinha até a porta lateral da igreja e entrando em um salão anexo, com a esperança de não ser vista. Acabou que dali eu tinha uma ótima visão da entrada e, acima de tudo, a salinha me esconderia dos olhos alheios, por ser bem atrás de onde os bancos começavam. Dei uma espiada no noivo, que já estava no altar, e meu coração acelerou. Ele estava lindo num *smoking* branco, tinha o olhar apreensivo e sorria para as pessoas da primeira fila. Seus pais eu supunha. Que, aliás, nunca foram com a minha cara, então obviamente não deviam ter se preocupado com seu filhinho arruinando minha vida.

A marcha nupcial começou a tocar e meus olhos marejaram. Era agora, eu não tinha mais para onde fugir. Se eu saísse, ela me veria, então aguentei firme atrás da porta, olhando pela pequena abertura, com as pernas bambas. De onde eu estava, tinha a visão do lado esquerdo da igreja, o lado por onde ela entraria.

A espera estava me matando, eu não queria ver mais nada, queria apenas minha casa e minha cama. Quando me lembrei que nem casa eu tinha mais por culpa deles, a primeira lágrima escorreu pelo meu rosto, e Manoela fez sua grande entrada. Eu não podia negar, ela estava linda. Não era uma mulher propriamente bonita, mas tinha algo que chamava a atenção por onde passava. Seus cabelos loiros estavam soltos e repletos de cachos, e seu vestido era de uma tonalidade bege, dando-lhe um ar clássico. Ele era apertado no busto e solto na cintura... Oh. Meu. Deus! Sua barriga, ela estava...



Apertei bem os olhos, fazendo as lágrimas rolarem soltas pelo meu rosto e pingarem no decote do meu vestido. Tapei minha boca com a mão para não gritar e dei continuidade à minha tradição: olhei para o noivo. Ele sorria para ela, era o bastante. Virei-me para ir embora e vi Luiza parada atrás de mim.

– Você já vai? – perguntou com os olhos marejados. – Não vai ficar para tentar impedir essa loucura? – Antes que pudesse responder, um vulto entrou na sala: Ian parecia em pânico e extremamente cansado. Mas por sua expressão, ele tinha ouvido a pergunta e aguardava a resposta, me olhando intensamente. Me analisando, me sentindo, me apoiando... Eu sorri em meio às lágrimas e ele me estendeu a mão. Olhei para Luiza uma última vez.

– Eu já vi o bastante – respondi, pegando a mão de Ian. Estava quente. – Eu só queria um fim, e parece que consegui. Agora é a vez de eles começarem... – Deixei um soluço escapar e Ian me puxou para um abraço, não sem antes beijar minha testa. Após alguns segundos, ele se afastou e me puxou pela mão.

– Senti sua falta – Luiza soluçou atrás de mim, fazendo com que eu me virasse. – Queria que tudo fosse diferente.

– Mais não é – suspirei. – Você está aqui hoje, novamente fez sua escolha.

Ian me puxou para a rua e eu me deixei levar, vendo Luiza chorar...

– Onde está seu carro? – perguntou ele, assim que ganhamos certa distância da igreja.

– A duas quadras, por ali – respondi. Ele continuava com a mão presa na minha. – Você não veio de carro?

– Não – respondeu me olhando feio. – Peguei um avião.

– Por quê? – Por que ele pegaria um avião para me encontrar?

– Para ter certeza de que você não faria nenhuma besteira. – Ah, claro. Ele não confiava em mim.

Chegamos ao carro e ele me pediu as chaves para poder conduzir. Se fosse em outro momento, eu faria um discurso feminista e me recusaria a entregá-las, mas tudo o que vivi há poucos momentos me deixou extremamente exausta. Ele ligou o GPS e não encontrou problema em se virar sozinho para sair de São Paulo. Assim que alcançamos a estrada, fui tomada por um sentimento de nostalgia tão grande que senti ânsia de vômito, ânsia de pôr para fora o que tinha visto.

– Ela está grávida. – afirmei e continuei olhando pela janela, vendo as árvores passarem num borrão.

– Eu sei – respondeu tão baixo, que tive de me virar para ver sua expressão.

– Como assim, você sabe? – perguntei apertando os olhos.

– Todos nós sabemos – respondeu como se estivesse se desculpando. – O cara contou para os seus irmãos na delegacia no dia do seu... Enfim, naquele dia.

– E ninguém achou que eu precisava saber?! – urrei. Eu mataria um por um. Juro por Deus que amanhã apareceria na capa de todos os jornais e no programa do Marcelo Rezende com a seguinte manchete: “Garota joga irmãos do 7º andar de prédio em Florianópolis e, não contente, vai atrás dos pais e da avó e os mata a sangue frio!”.

– Não – falou, carrancudo. – Você realmente não precisava saber, tá legal? Você já estava péssima o suficiente – disse, apertando as mãos no volante até o nó de seus dedos ficarem brancos.

– Era meu direito saber! – continuei a gritar, o que só o fez ficar mais irritado.

– Também era direito da sua família querer protegê-la. – Ele passava a mão no cabelo sempre que estava irritado de verdade. – Droga, Bárbara, você só enxerga o que realmente quer ver.

– O que você quer dizer com isso?

– Que você não enxerga o que está bem na sua frente. Sim, você perdeu duas amigas, grande coisa. Se elas realmente gostassem de você, teriam sido honestas. Você perdeu um noivo, dane-se. Se ele ta amasse, nunca teria cedido às investidas de ninguém, muito menos de uma das suas amigas. – Comecei a chorar novamente. – Mas você ainda tem pessoas que se preocupam. Têm pais ótimos, uma avó linda, dois irmãos que a amam e dariam a vida por você, e tem amigos, você ainda tem amigos, Bárbara.

Não respondi. Tudo o que ele dizia era verdade, isso eu não podia negar, mas não aplacava a sensação de ser traída pela minha própria família.

– Quem mais sabe? – Minha intenção era descobrir se Vivian também sabia.

– Só sua família e eu – respondeu, exasperado, como se eu não tivesse dado a mínima importância para o que ele acabara de falar. – Quer fazer uma parada?

– Não, se estiver tudo bem para você, quero ir para a sua casa – falei, virando novamente para a janela.

– *Nossa*, Bárbara, a casa é nossa.

Não respondi. Depois de um tempo fingi estar dormindo para não ter que conversar, mas acho que realmente peguei no sono porque acordei na garagem do *nosso* prédio, com Ian me cutucando.

– Vamos, Bárbara – chamou, cutucando meu braço. – Chegamos – Despertei e saí do carro. Conferi as horas no celular: eram quatro horas da manhã, mas eu me sentia alerta e ainda com raiva. Assim

que Ian abriu a porta do apartamento, várias pessoas pularam do sofá. Vivian me lançou um olhar de súplica e de medo. Bernardo continuou imóvel, Gustavo se adiantou na minha direção, mas estacou assim que estendi a mão em sinal de "pare". Só Augusto não se tocou que minha expressão era assassina. Ou não se importava.

– Sua garotinha mimada e irresponsável! – gritou na minha direção. – Sabe o quanto ficamos preocupados?

– O suficiente para mentir para mim – berrei de volta, nas mesmas proporções.

– Isso não vem ao caso. Foi o que achamos que era melhor para você no momento – devolveu. – Eu devia ligar para a mamãe e contar a irresponsabilidade que você fez hoje.

Foi a gota d'água. Havia um vaso vazio no balcão e não pensei duas vezes antes de pegá-lo e lançá-lo na parede. Não estava com tanta raiva a ponto de tacar na cabeça do meu irmão, mas foi por pouco.

– Sabe quanto eu sofri por causa deles? Sabe o quanto eu chorei? Até agora você só soube rir da minha cara e se esqueceu de fazer o papel de irmão mais velho. Até agora você NEM ME PERGUNTOU como estou me sentindo, seu otário!

Vi que sua expressão mudou no instante em que as palavras saíram da minha boca e me arrependi de ter sido tão dura com ele. Mas a regra era não voltar atrás, senão ele faria da minha vida um inferno. Ele veio na minha direção com os braços abertos, mas escapei pelo lado e corri para o quarto. Que se danasse, eu não queria abraço nenhum, queria era ter ficado sabendo antes que tinha uma criança na jogada. Teria ficado muito mais fácil de suportar sabendo que agora, por causa do que eles tinham feito

comigo, um bebê que não tinha nada a ver com a história seria feliz ao lado de um casal casado e unido. Com os pais excelentes que tive, aprendi a importância de um lar feliz e harmonioso. (Ok, está falando a garota que quase acertou um vaso na cabeça do irmão).

Pouco depois ouvi batidas da minha porta.

– Quem é?

– Sou eu – disse Vivi do outro lado. Levantei-me e deixei que ela entrasse. – Como você está? – perguntou me abraçando.

– Com raiva – respondi, puxando-a para a cama.

– Amanhã teremos almoço na casa dos meus pais. É tradição todo domingo. Só não teve domingo passado porque seus irmãos estavam viajando. Você vai, não vai? – perguntou esperançosa.

– Não sei.

– Você não achou que tinha sido eu que contei, né? – Uma verdadeira preocupação tomou conta de seus olhos.

– Não, estando bêbada, imaginei que era a minha cara contar algum segredo a alguém; essa não foi a primeira vez. – Sorri para que ela soubesse que estava tudo bem. – Mas como Ian sabia onde me encontrar?

Estranhamente essa pergunta surgia na minha mente pela primeira vez.

– Essa parte fui eu – disse ela, preocupada. – Depois de uma hora mais ou menos ele parou de cair nas minhas desculpas e quis entrar no seu quarto para ver como você estava. Quando ele entrou e não achou você, ligou os pontos. – Pausa para explicação embaraçosa: – Como ele já tinha descoberto mesmo, falei onde seria o casamento. Primeiro, porque achei que ele jamais alcançaria a tempo. Segundo, porque assim ele pararia de gritar comigo. Terceiro,

porque eu tinha esperança de que ele a encontrasse e te trouxesse para casa. Desculpe-me.

– Tudo bem. Você guardou o segredo até onde pôde. – Eu era sincera. No lugar dela teria feito a mesma coisa. Minto, na verdade teria contado assim que as coisas apertassem para o meu lado.

– Quer que eu durma com você?

– Não precisa. Eu vou ficar bem.

Eu queria ficar sozinha, mas ela era muito doce para que eu lhe dissesse isso com todas as letras. Então nos despedimos e ela prometeu vir me buscar no dia seguinte, se eu quisesse ir à sua casa, assim não teria que ir com os meninos. Estava quase pegando no sono quando percebi alguém entrando no quarto.

– Desculpa – falou Augusto, sentando-se na cama e passando as mãos pelo meu rosto.

Fiquei tentada a fingir que dormia, mas conseguir um pedido de desculpas dele era tão difícil que, se eu pudesse, teria até gravado. Resolvi escutar e ter essa arma para jogar na cara dele sempre que eu quisesse. Abri os olhos.

– Percebi que você estava certa – acrescentou –, eu não perguntei como você estava. Se você quer mesmo que eu diga, eu não queria saber. Não queria vê-la assim, não queria ouvir você dizer o quanto estava doendo. Minha vontade era de caçar aquele cara e acabar com a raça dele por tudo o que fez a você. Eu a amo tanto, que não suporto ver você assim.

Uau, depois dessa quem continuaria brava? O máximo que ele já tinha me dito era “foi mal”, e apenas algumas vezes. Ele, assim como a mãe, não era muito dado a sentimentos. Abracei meu irmão e me aconcheguei a ele. Pouco depois, Gustavo entrou no quarto, subiu na cama e se juntou a nós dois.

– Desculpa se mentimos para você, mas você já estava tão triste.

– Tudo bem. Eu precisava ver, de qualquer maneira.

Augusto se despediu porque estava indo para um plantão.

– Você tá legal com o que viu hoje? – perguntou Gustavo assim que nosso irmão saiu pela porta.

– Estou melhor do que antes – respondi com sinceridade. – Aquela criança merece mais do que pais separados, qualquer criança merece.

Meu irmão não respondeu.

Gustavo dormiu comigo naquela noite; eu encostei a cabeça em seu peito e me deixei imergir em sonhos enquanto ele mexia no meu cabelo.

Sonhei com Ian.

# 13

"Eu sempre achei  
Que minha vida poderia ser  
Como uma fantasia  
Cada dia uma aventura  
Uma nova emoção  
Terá sido só... Ilusão?"

**Cinderela, *Muito mais que sonhar.***



# Família Vitorazzi

Acordei com o celular tocando na cabeceira da cama. Por ter chegado tão tarde, não dormi muito, então atendi ainda grogue de sono.

– Bom dia – disse mamãe alegremente. – Como você está, filha?

– Com sono. – E dei um risinho. – Pensei que vocês tinham me esquecido, porque ficaram uma semana sem me ligar.

– Na verdade seu pai ligou, mas só deu caixa postal. Como seus irmãos disseram que você estava viva, não me preocupei muito. – *Claro que não*, pensei.

– É a mamãe? – perguntou meu irmão, acordando.

– É, quer falar com ela?

– Quero – respondeu, pegando o telefone da minha mão e saindo do quarto.

Tchau, mamãe...

– Você vai almoçar na casa dos meus pais? – perguntou Ian, colocando a cabeça no vão da porta que meu irmão largou aberta. Embora fosse tentador dormir mais, estava curiosa.

– Vou.

– Minha irmã quer saber se você quer que ela venha buscá-la – falou fazendo careta.

– Quero sim.

– Ótimo, porque ela já saiu de casa – riu. Ninguém dizia “não” para essa garota?

Embora eu não tivesse nenhum motivo concreto, queria ficar apresentável, por isso, vasculhei o guarda-roupa até encontrar algo que me agradasse. Calça jeans, sapatos de salto doze e uma blusa

estampada em diversos tons de amarelo e laranja. Tomei banho (sem ninguém mandar) e fiz uma maquiagem básica com olhos esfumados. Antes que tivesse a chance de terminar, Vivian invadiu meu quarto, fazendo Vito ter um ataque de êxtase. Ele vinha se mostrando tão apaixonado por ela, que eu começava a ter ciúmes.

– Você não vai com essa blusa – ela me recriminou, abrindo meu guarda-roupa.

– Bom dia para você também.

– Oi. Você não vai com essa roupa – tentou novamente.

– O que tem de errado com ela?

– Você parece um suco gigante de frutas cítricas. Seu cabelo, mesmo que seja lindo, não está valorizando sua blusa nesse momento. Toma – disse, jogando para mim uma blusa justa nos seios e na barriga, mas com mangas mais largas. – Coloca essa.

– Ok. – Não tinha como discutir sobre roupas com a Barbie, né?

– Terça à noite você vai fazer alguma coisa?

– Depende do que estiver passando na televisão. – Embora parecesse, não era brincadeira.

– Você precisa sair mais. – *Jura?* – Vamos ao shopping comprar umas roupas novas, você também precisa de uma mudança de visual. – Percebendo minha expressão indignada, ela completou: – Sempre melhora o ânimo das pessoas mexer no cabelo. O que você acha?

– O que eu acho de me tornar um experimento nas suas mãos? Tentador, mas, não.

– Farei você mudar de ideia.

Eu não duvidava.

Chegamos à casa dos Vitorazzi antes dos rapazes, que ficaram jogando uma partida de truco quando saímos. Se eu fosse opinar

pela maneira acalorada com a qual se tratavam, aquilo terminaria em morte antes que conseguissem chegar para o almoço. Vivian foi entrando e eu fui atrás como um ratinho assustado. Conhecer os pais deles me deixava insegura, o que era bobo se parasse para pensar. Uma senhora na faixa de uns 50 anos veio ao nosso encontro, saindo da cozinha, e sorriu para mim. Os mesmos olhos.

– Olá, você deve ser Bárbara – cumprimentou-me, com um curto abraço apertado. – Ouvi muito sobre você.

– Coisas boas, espero. – Disparei meu melhor sorriso de comercial de pasta de dentes em sua direção.

– Não conte com isso – interveio uma voz grossa surgindo das escadas. Todos riram e eu, obviamente, fiquei vermelha igual a um pimentão. – Não se envergonhe, todos nós um dia já dançamos em cima de uma mesa. A propósito, eu sou Vicente – apresentou-se um homem alto e magro, com cabelos brancos e olhos verdes. Embora ele parecesse ter quase o dobro da idade de Ian, as semelhanças eram gritantes. A não ser pelos olhos, eu olhava para uma versão bem enxuta do meu colega de apartamento. Disparei um olhar mortal na direção de Vivian, que se escorava na mãe de tanto rir.

– Não me olha assim, não fui eu – se defendeu.

– Eu nunca dancei em cima da mesa – disse a mãe de Ian.

– Não, dona Mariana, mas se eu bem me lembro, quando você tomou seu primeiro porre, dançou no capô do meu carro – zombou Vicente. – Você estragou minha pintura e mesmo assim eu dei risada. Foi assim que descobri que a amava.

Nossa que lindo. Não era a melhor declaração de amor do mundo, mas fez com que meus olhos ficassem úmidos. Principalmente no momento em que dona Mariana tirou Vivian de cima dela e foi ao encontro do marido para lhe dar um rápido beijo.

– Eca! – disse Vivian com cara de nojo. – Eu não tenho mais idade para ver isso.

– Para de ser invejosa e leva Bárbara para conhecer a casa. – disse o pai, fingindo agarrar a esposa.

Vivi me pegou pela mão e me levou escada acima. A casa era imensa, perdi a conta de quantos quartos vi até parar na porta de um e ser puxada para dentro. Não era surpresa nenhuma constatar que estava na Barbielândia. Tudo, absolutamente tudo, era cor-de-rosa.

– Você precisa sair da casa dos seus pais, urgente – comentei, sentando na cama.

– Você acha que nunca pensei nisso? Eu já pedi um milhão de vezes para morar com Ian, mas ele nunca deixou – contou enquanto se sentava à escrivaninha e começava a girar sua cadeira.

– Por que não?

– Regras da casa: nada de mulheres.

Isso não fazia muito sentido.

– Eu sou a exceção? – Ele devia gostar muito dos meus irmãos.

– Parece que isso anda acontecendo muito ultimamente – disse ela com um sorriso zombeteiro. Minha cara de interrogação fez com que continuasse: – Ian nunca me deixa nem dormir lá, muito menos morar. As únicas mulheres que entram lá, ou entravam antes de você chegar, tinham que ser dispensadas antes do café da manhã. Meu irmão nunca deu banho em uma garota bêbada antes. O máximo que ele já fez foi levá-la para casa e passar a responsabilidade adiante. E, além disso, ele nunca pegou um avião por ninguém antes.

– O que ele faria? Me colocar na rua? Meus irmãos devem ter sido convincentes e é provável que ele tenha ficado com dó de mim e

resolvido me acolher. Ele não teria como me despachar no dia do porre, para onde eu iria? E por fim, ele provavelmente foi atrás de mim porque não conseguiu ligar para Augusto ou Gustavo, porque eles não conseguiriam chegar a tempo. O mais provável é que nenhum dos dois quisesse ir.

– Seus irmãos realmente não estavam em casa, mas ele nem tentou ligar. Pegou a carteira, um casaco e saiu dizendo que a traria de volta. – Eu não entendia. – Guga e Guto só descobriram que você foi para São Paulo quando receberam uma mensagem do meu irmão que, àquela altura, já estava no aeroporto. Como eu falei, eles realmente não estavam em casa, pois saíram achando que você estava trancada no quarto, como combinamos de dizer.

Eu estava tonta com tanta informação.

– Achei engraçado o fato de você não ter dado importância nem ter perguntado por que justamente ele foi buscá-la – acrescentou.

– Não pensei muito sobre o assunto. Gustavo tem medo de avião e pensei que pelo fato de Augusto estar cuspidando fogo, Gu tivesse pedido para que Ian fosse, ou sei lá.

– Seu raciocínio lógico é brilhante, mas é falho – concluiu, como se quisesse que eu entendesse algo importante.

– Não estou entendendo.

– Até seus irmãos o questionaram depois que você se trancou no quarto – disse pausadamente, como quem explica algo a uma criança. Uma criança burra. Fiquei distraída por um instante com um bichinho de pelúcia. Deus, a garota tinha uma coleção. – Bárbara, está prestando atenção?

Sim, eu estava.

– O que ele respondeu?

– Que não pensou direito e que achou melhor intervir antes de você passar por outra humilhação. – Fazia sentido para mim. – Augusto fez cara feia e mandou que ele ficasse longe de você. Algo como “não encoste um dedo na minha irmã, está entendendo?” e Ian mandou ele se ferrar. Gustavo chegou a agradecer, mas também não ficou muito feliz por ter sido meu irmão a ir atrás de você.

– Tudo bem, mas ainda não estou entendendo o porquê de você fazer tanto alarde sobre o assunto. Ele ficou com pena de mim e fez uma boa ação.

Ela levantou as mãos para o alto e se rendeu, deixando o assunto de lado. Não cheguei a pensar muito sobre o fato de ter sido Ian a ir atrás de mim, mas qualquer que fosse o motivo, não era o que sua irmã tentava insinuar. Até porque ele deixara bem claro no dia que não estava feliz em me resgatar.

– Mudando de assunto, encontrei Luiza ontem, ela me viu – comentei. O queixo da minha amiga foi parar no chão.

– Você não pensou em me contar isso antes? – questionou. Na verdade eu tinha esquecido.

– Ela me perguntou se eu não impediria o casamento, pode? O que ela pensou que eu faria? Empurrar Manoela grávida pelas escadas?

– A barriga dela já está muito aparente?

– Não tanto. Mas para quem morou com ela nos últimos quase cinco anos fica fácil notar a diferença. Pensei sobre o assunto e percebi que fazia certo tempo que não a via com roupas justas ou sem roupa nenhuma. Ela já deveria saber há algum tempo.

– Será que foi isso que fez Miguel não se casar com você? A obrigação de assumir a criança?

– Não acho que tenha sido. Ontem, quando ela entrou na igreja, os olhos dele se iluminaram – respondi pesarosa. – Quando eu entrei, ele nem sequer me olhou. Parece que foi há anos, mas só faz três semanas...?

– Você achou que o tempo passou rápido? – perguntou, colocando atrás da orelha uma mecha do cabelo que havia escapado.

– Sim e não. Mas um dia leva o outro, o que me faz pensar que em uma semana eu devo voltar ao trabalho.

– Mais um motivo para um banho de loja e uma mudança no visual. – Ela bem que avisou que tentaria me convencer. Não tive a chance de responder, porque sua mãe entrou no quarto.

– Os meninos chegaram, vamos almoçar?

– Claro, sua casa é linda, dona Mariana – respondi.

– Nada de “dona”, querida, pode me chamar de Mari – sugeriu, me pegando pela mão. – Vamos, o almoço está esfriando.

Quando descemos as escadas do sobrado, os garotos já faziam algazarra na mesa de jantar. Estavam todos falando ao mesmo tempo e se servindo sem esperar por nós. Coloquei a mão em uma cadeira ao lado da cabeceira da mesa, onde Mariana estava se sentando, mas fui impedida de puxá-la; uma outra mão se colocou sobre a minha e tomei um susto. Quando olhei para cima, Ian não tinha expressão, ele apenas retirou minha mão da cadeira e a puxou para que eu me sentasse, o que fiz lhe agradecendo meio sem jeito. Mesmo que estivesse envergonhada, não pude deixar de notar o olhar que Mariana lançou na direção do marido, provavelmente um olhar conspiratório, por ter criado um filho tão educado. Mal sabia ela que ele tinha o hobby de assassinar quem chegasse perto de seu sorvete. Ian se sentou ao meu lado e Vivian, à minha frente.

– Bá, a mamãe mandou falar que sábado que vem vamos passar o fim de semana lá – disse Gustavo. – Vocês também estão convidados – anunciou para os demais.

– Infelizmente temos uma pequena viagem programada. Tenho uma reunião e Mari vai comigo – disse Vicente, quando perguntado se gostaria de nos acompanhar.

– Eu tenho um almoço de negócios, mas posso ir sábado à tarde – disse Ian.

Bernardo se manifestou dizendo que também iria e mais do que rapidamente, Vivian também se prontificou.

Após o almoço, todos os garotos e Vivian foram para a piscina, assim como Vicente. Achei que seria educado da minha parte ajudar Mariana a retirar os pratos da mesa. Depois que terminamos o trabalho, ela foi para a pia começar a lavá-los e eu me escorei ao seu lado.

– Como você está, querida? Se adaptando bem à nova vida?

Minha desgraça já tinha chegado até ali?

– Estou indo bem.

– Os meninos não estão deixando você louca com a bagunça? – riu.

– Ainda não. Fora a louça na pia e a pilha de roupas para lavar, eles estão indo bem. Pensei que seria pior. Até a última notícia de que eu me lembro, minha mãe queria comprar sapatos cirúrgicos para poder pisar no apartamento.

– Então éramos duas – completou rindo mais e mergulhando um prato na água, antes de voltar a ensaboá-lo. – As coisas melhoraram depois que Bernardo se mudou para lá, ele tem horror à sujeira.

– Sério? – duvidei. Quem visse não acreditaria, afinal ele não tinha cara de ser um maníaco por vassouras como minha mãe.



– Sim, depois que ele começou a jogar os pratos, as roupas e os objetos perdidos pela casa no lixo, os meninos cederam e criaram uma tabela de tarefas – explicou, colocando o prato lavado no escorredor. – Eu achei ótimo.

– Até agora ninguém me disse nada sobre as tarefas, acho que por eu estar lavando minha própria roupa e louça na maioria das vezes. – E eles que não esperassem muito mais do que isso. – Deixe eu ajudá-la – ofereci –, eu posso lavar a louça ou secar para você? – Era mais por educação, eu esperava que ela não aceitasse a oferta.

– Não se preocupe com isso. – Graças a Deus. – Pode ir se divertir com eles.

Eu fui. Todos estavam dentro da piscina em uma partida de vôlei, mas preferi não participar, apenas me deitei em uma espreguiçadeira para observar. Não importava para onde eu tentasse olhar, meus olhos sempre terminavam no corpo de Ian. Quase caí no chão quando ele emergiu da água e saiu da piscina para buscar a bola que havia ido parar em um arbusto. Deveria ser um crime federal ser tão atraente. Suas pernas e braços davam sinais de terem sido construídos à base de uma rotina severa de exercícios físicos. Qual seria sensação de ser abraçada por aqueles braços? Eu sabia bem qual era, ele havia me abraçado em três ocasiões: quando descobri sobre o casamento, quando eu estava bêbada demais para me lembrar da sensação e na igreja, mas em todas elas eu não estava em condições de aproveitar o momento. O que eu realmente queria saber era qual a sensação de um abraço verdadeiramente meu, e não um por pena ou cuidado. Obriguei-me a parar de pensar e prestar atenção no jogo. Ficar enfeitiçada pela beleza de Ian só atrasaria minha vida.

No final da tarde nos despedimos de Mariana e Vicente, pois Vivian tinha algumas provas para corrigir. Ao chegar minha vez de dar um beijo de despedida em Mariana, ela sussurrou no meu ouvido.

– Foi um prazer conhecê-la. Você é a primeira amiga que Ian traz aqui em casa. – Ok, os outros três trogloditas que já me esperavam no carro eram o quê? – Espero que volte mais vezes.

– Pode apostar que sim. – Sorri e corri em direção aos rapazes, que já estavam buzinando por minha demora.

# 14

“Se a resposta é amor, você poderia reformular a pergunta?”

***Lily Tomlin***

# Observando estrelas

Eu tenho um sério problema quando digo “não” a alguém. Não sei se é minha expressão pouco confiável ou o tom de dúvida na minha voz, mas o fato é que a Vivian realmente me arrastou para o shopping e me fez gastar uma pequena fortuna em algumas roupas e em um novo corte de cabelo, que na verdade não fez diferença alguma. Só um salão extremamente chique tem o dom de cortar um fio do seu cabelo e te cobrar o equivalente à dívida externa de um país de terceiro mundo por isso. Fiquei tão irritada com a sessão de tortura desnecessária, que me recusei a jantar fora e aproveitar a noite de terça-feira em algum bar da vida.

Assim que abri a porta do apartamento, eu o encontrei vazio e às escuras. E eu pensando que morar com esses caras seria difícil. Eu praticamente morava sozinha, pois eles nunca estavam em casa. Eu ainda não tinha visto ratos, nem nenhuma mulher com os peitos de fora. Comecei a imaginar que minha mãe devia estar drogada no dia em que os visitou.

Vitório veio trotando na minha direção com a língua de fora e, pela primeira vez em semanas, me dei conta do quanto o abandonei à própria sorte enquanto continuava à margem dos meus problemas. Eu não me lembrava quando fora a última vez em que o levei para um passeio. Resolvi trocar de roupa e levá-lo para uma caminhada na praia. Quem sabe uma água de coco e uma cadelinha para ele paquerar podiam reparar minha falta, porque a relação que ele desenvolvia com o gato era muito preocupante. Se não levássemos em conta que ele tinha um piti histérico toda vez que a

palavra “gato” era dita, ele estava se apaixonado e nem sabia por quem. Realmente os animais saem iguais aos donos.

Fui em direção ao meu quarto e percebi que a porta de Ian estava aberta. Havia uma certa claridade lá dentro e resolvi conferir se ele não havia pegado no sono com a televisão ligada, ou algo assim, mas minha presença foi percebida imediatamente.

– Oi – disse ele, sorrindo. – Onde você estava?

Minha vontade de dizer que não era da conta dele foi grande, porque aquele sorrisinho que ele me mostrou era de puro deboche.

– Com a sua irmã – respondi a contragosto. – Agora vou levar o cachorro para passear, tenho sua permissão, amo?

– Depende. Vai ser só uma voltinha na esquina? – perguntou, ficando sério de repente.

– Não, vou levá-lo à praia.

– Não vai, não – respondeu, ficando sério.

– Como é que é? – Viu só? Ele tinha o dom de me irritar.

– Já está escuro.

– E daí?

– Como você é teimosa, garota, não é seguro andar por aí depois que escurece, principalmente na praia.

– Eu não estou indo sozinha, estou indo com a droga de um *pit bull* – respondi irritada.

– Que é mais manso que a Lassie.

Dei as costas para ele e fui para o quarto me trocar. Nem meus irmãos pegavam tanto no meu pé ultimamente quanto esse cara, quem ele pensava que era? Troquei de roupa, peguei uma canga de praia e minha carteira, enfiei tudo na bolsa e fui atrás do Vitório. Assim que cheguei à sala, Ian já estava calçando o tênis.

– Aonde você pensa que vai? – A pergunta era só para confirmar, porque eu já fazia ideia de onde ele pensava que ia.

– Vou com você – disse se levantando.

– Não vai mesmo.

Coloquei a coleira no cachorro e o puxei para fora do apartamento. Chamei o elevador e pensei, só pensei, que tinha me livrado dele.

– Vou sim – rebateu, tateando os bolsos. – Droga esqueci a carteira, me espera aqui, entendeu?

– Claro, mestre.

Mas assim que ele entrou no apartamento, fugi com Vito pelas escadas. Saí em disparada pelo prédio e só parei de correr quando já tinha aberto boa distância. Eu sei que parecia uma garotinha mimada e egoísta, mas não me importava. Se ele realmente quisesse me acompanhar porque era sua *vontade*, eu ficaria agradecida pela companhia, mas ele apenas me tratava como se eu fosse uma criança burra que não conseguia fazer nada direito. Além do mais, a maneira como ele achava que tinha alguma autoridade sobre mim me tirava do sério, sem contar que depois do episódio do banho, eu não me sentia mais tão à vontade com ele. Ele havia contado para os pais! Que tipo de cara conta isso para os pais? Mas não era só isso. O que mais me incomodava é que eu tinha esquecido tudo o que aconteceu depois que ele me colocou na cama. Será que eu realmente tinha dormido ou apenas não me lembrava dos fatos? Isso me assustava, minha boca me assustava, porque eu era conhecida por abri-la mesmo antes que alguém me perguntasse algo. Se eu fosse sequestrada, tudo que o criminoso precisaria fazer para eu dar minhas senhas do banco era me dar

bom dia. Então vai saber que tipos de besteiras eu poderia ter falado depois de apagar?

Eu estava tão entretida pensando na minha burrice, que o deixei atacar novamente...

– Bárbara, cuidado! – gritou Ian. Sua voz estava longe, mas chegou até meus ouvidos como se ele estivesse parado atrás de mim. Virei-me abruptamente para dar de cara com... Droga!

Antes que eu pudesse entender a situação, fui jogada no chão por algo sólido que tirou meu folego em um único golpe.

– Você está bem?

Por que todo mundo ficava me perguntando isso, porra? Fechei os olhos e esperei que a tontura que se abateu sobre mim diminuísse. Quando os abri, estava sentada de bunda no chão, Ian estava agachado à minha frente com as mãos nas minhas pernas e, ao lado dele, havia um garoto que não deveria ter mais do que 15 anos.

– O que aconteceu? – perguntei, arrancando a mão de Ian das minhas pernas e tentando me levantar. Meu corpo doía, na verdade minha bunda doía, e meu joelho esquerdo (ou o que um dia foi meu joelho esquerdo e que agora parecia uma bola de futebol) queimava e pingava sangue. Ele apoiou meu cotovelo para que eu conseguisse levantar.

– O garoto atropelou você com a bicicleta – disse irritado já que estava claro que eu não partiria dessa para melhor.

– Quem é você? – perguntei de forma inocente só para tirar uma com a cara dele, que arregalou os olhos azuis e me fez cair na gargalhada.

– Muito engraçado. – Mas ele não parecia ter achado.

– Desculpa aê, tia, eu buzinei – disse o moleque. Eu tinha me esquecido dele.

– Tia é o caral...

– Não foi nada – Ian me cortou, direcionando seu olhar assassino para o garoto. – Só vê se presta mais atenção da próxima vez. – ralhou, mas o garoto não parecia nem um pouquinho assustado por ter tentado me matar. – Vem, Bárbara, vamos para casa.

– Eu não vou para casa – respondi mancando em direção à praia, dessa vez prestando atenção aos dois lados da rua. Olhei para Vitório e ele colocou a língua para fora. Agora até o cachorro ria de mim. Por que ele não tinha me puxado quando viu a bicicleta? Biscoitos de graça ele queria, não é?

– Ok, mas dessa vez vou vigiá-la de perto – respondeu Ian, dando uma corridinha para entrar no meu compasso.

– Eu não preciso de babá, Ian.

– Na verdade, eu acho que você precisa sim, porque numa hora você está bêbada demais para conseguir descer de uma mesa, na outra você é atropelada por uma bicicleta, sem contar o dia em que você fugiu para assistir a um casamento sobre o qual não deveria nem desconfiar. Como a gente pode confiar em você?

Eu não podia negar que ele tinha argumentos, mas isso não queria dizer nada, eu só era meio burra, qual é? Era crime ser tapada nesse país?

Continuei andando até pisar no calçadão da praia. Eu não queria mais brigar, eu só queria colocar meus pés na areia e olhar para o mar por cinco minutos sem ninguém encher meu saco, e conseguir andar sem mancar seria um bônus extra. Tirei meus chinelos e pisei na areia sem lhe dar uma resposta. Depois de alguns passos, olhei para trás e vi que ele estava batendo papo com o tio do sorvete, melhor assim.



Ian chegou alguns minutos depois que estendi a canga próximo ao mar e, antes que eu pudesse reagir, ele puxou meu joelho em sua direção e limpou meu machucado com água mineral de uma garrafa e um guardanapo.

– Arde? – perguntou. Olhei embasbacada para ele. É, meu coração estava ardendo, mas era um ardor tão delicioso que eu... – O machucado, Bá, está ardendo?

– Um pouco – respondi me encolhendo. Depois que ele terminou, deitei de barriga para cima e observei as estrelas.

– São lindas não? – perguntou, olhando para o céu. Não respondi e ele deitou-se ao meu lado, tão longe e ao mesmo tempo tão perto. Seu cheiro chegava junto com a brisa do mar e inebriava meus sentidos. Senti uma necessidade louca de pegar suas mãos nas minhas só para ver se elas se encaixavam. Arrisquei me virar para olhá-lo, mas se ele percebeu não se moveu; ele também olhava para as mesmas estrelas que olhei havia pouco. A única diferença é que talvez para Ian elas brilhassem mais do que ele brilhava aos meus olhos naquele momento. Eu não tinha mais interesse nelas, eu só tinha olhos para ele.

O que estava acontecendo comigo? Meu cérebro começou a mandar avisos insistentes para que meu coração fechasse as portas, pois meu sistema interno estava em pane. Eu não deveria e não queria olhá-lo de outro modo, eu não podia.

– Você já se apaixonou? – perguntei. DE ONDE SAIU ISSO? Eu disse que estava em curto circuito. Ele ficou sem expressão e demorou tanto tempo para responder que me senti envergonhada e voltei a olhar para as estrelas. Garota burra, burra, burra.

– Sim – respondeu por fim. Um sentimento de descontentamento me invadiu assim que as palavras saíram de sua boca. – Uma única

vez.

Eu não queria saber mais detalhes, mas me obriguei a dar cabo da minha curiosidade:

– O que aconteceu?

– Eu era novo demais, deixei que ela fosse embora – respondeu com a voz carregada de uma emoção bastante conhecida por mim, a saudade. – E você, como está se sentindo depois do que viu sábado?

– Menos magoada. Se uma criança terá um lar completo e feliz por causa da minha desgraça, acho que vale o preço, afinal a criança não tem culpa da falta de caráter dos pais, não é? – Eu estava sendo sincera.

– Você é incrível, sabia disso? – perguntou ele, virando-se para mim pela primeira vez e sorrindo.

– Por quê? – Dei risada.

– Com tudo o que você passou ainda se preocupa com o filho deles – disse incrédulo. – Eu a teria partido ao meio se fosse você, vestida de noiva ou não.

– Não cheguei a pensar nisso no dia do meu casamento, e ainda bem que não o fiz, né? – Ri ainda mais, pensando no bebê que eles teriam. – Se eu fosse só um pouco mais esperta, teria eu mesma desistido daquele casamento quando tive a chance. Ele já estava afundado antes de ser realizado.

– Por que você diz isso? – perguntou com curiosidade.

– Você vai rir de mim. – respondi sorrindo, mas o que era mais uma gargalhada às minhas custas? Era bom aproveitar enquanto o bom humor dele durasse. – Eu tenho uma teoria que nunca dividi com ninguém.

– Ah, essa eu quero ouvir – disse rindo.

– Quando eu ainda era criança, fui ao meu primeiro casamento e fiquei encantada – comecei, testando as palavras. Ele ainda sorria, mas esperava ansioso pelo resto da minha história e não desgrudava os olhos dos meus; nós dois deitados na areia da praia. Senti que o conhecia a minha vida inteira e que poderia confiar nele. – Não sei o que chamou minha atenção, mas me preocupei em olhar para o noivo e não para a noiva, que é a estrela do espetáculo. Ele estava tão emocionado e apreensivo, que me lembro como se fosse hoje, e eu sabia, simplesmente sabia, que ele a amava. Eu queria aquilo para mim um dia e adquiri a mania de olhar para o noivo em todos os casamentos aos quais fui durante a vida, e posso apostar com você que eu sei adivinhar se um casamento dará certo ou não só pela maneira como o noivo olha para sua futura esposa quando ele acha que ninguém está prestando atenção nele, e sua sentença de morte está para ser assinada.

– Miguel não a olhou da forma como você sonhou?

Eu ri, mas não foi por ter achado engraçado, era mais como uma risada de deboche. Quem dera tudo fosse uma piada, não?

– Ele nem me olhou, Ian.

– Ele é um babaca.

– Não posso discordar de você.

– Você ainda tem esse sonho? – perguntou rápido. – Quero dizer, de se casar novamente?

Agora sim, eu estava quase fazendo xixi nas calças de tanto rir.

– Nem pensar. Não há nada que me faça entrar em um vestido branco de novo. NADA – afirmei veementemente. Ele não respondeu e voltou a fitar o céu. – E você? – perguntei. – Eu não conheço nada sobre você.

– O que você quer saber? Minha vida não é nada agitada como a sua.

– Conta qualquer coisa... – TUDO, eu queria saber tudo.

– Morei aqui em Floripa quase a vida inteira. Nunca quis fazer outra coisa a não ser me tornar médico, então me esforcei ao máximo para conseguir uma bolsa e consegui. Nunca namorei sério com ninguém. Gosto mais do meu carro e da minha gata do que da maioria das pessoas com quem convivo. Tenho os melhores amigos do mundo, eles até moram na minha casa. Odeio pagode, filmes de mulherzinha e fazer a barba. Não consigo viver nem uma semana sem meu sorvete de café e odeio que o comam escondido, porque ninguém nunca se lembra de repor. Acho que não tem sensação pior no mundo do que a de perder um paciente e não tem nada melhor do que sentar na beira do mar, como estamos fazendo agora. É o suficiente por hoje?

– Acho que sim.

– Você está se dando muito bem com a minha irmã, aonde vocês foram hoje?

– No shopping comprar algumas roupas. Eu volto a trabalhar já na semana que vem. Por falar nisso, você tinha um plano o tempo todo, não tinha?

– Depende – respondeu desconfiado.

– Quando resolveu me apresentar sua irmã. Você queria que ela tivesse uma amiga – expliquei, entendendo de repente suas intenções.

– Você também precisava de uma. Ela contou alguma coisa? – perguntou jogando o verde.

– Sobre ela se sentir sozinha e ter perdido sua única amiga?

– Não acredito que ela contou isso pra você – afirmou, surpreso.

– Por quê?

– Ela nunca toca no assunto; com ninguém – respondeu, ainda incrédulo. – Ela deve ter se identificado mais com você do que eu supunha. A Bia praticamente morava em casa; elas eram amigas desde o jardim de infância, então crescemos convivendo com ela. Todos nós sabíamos que ela havia nascido com uma má-formação no coração, mas isso nunca a impediu de fazer nada e, aparentemente, ela era saudável. No dia em que ela partiu, eu tinha acabado de me formar em medicina. Vivian e ela estavam sozinhas em casa, e Bia desmaiou enquanto descia a escada para pegar alguma coisa na cozinha. Como ela começou a demorar muito para voltar, Vivian foi atrás e a encontrou caída no fim da escada. Minha irmã foi rápida e ligou para o resgate imediatamente e depois para mim, mas eu não pude fazer nada. Quando cheguei à casa dos meus pais, ela já estava morta e sendo levada pelo IML. Os paramédicos constataram o óbito e se recusaram a levá-la de ambulância.

– Isso é horrível. – Eu estava horrorizada. Ainda bem que eu não voltei a tocar no assunto com Vivian. Eu não imaginava como era perder alguém que eu amava dessa maneira, bem na minha frente, e não poder fazer nada.

– Minha irmã ficou desolada. Ela não tinha mais nenhuma amiga próxima, mas as duas tinham muitos colegas. O problema é que Vivian afastou todos eles, inicialmente sem querer, porque só queria fugir do mundo. Depois de algumas semanas um ou outro ainda ligava ou mandava recados, mas esses também desistiram depois de certo tempo, quando perceberam que ela não cederia. Foi então que minha irmã arrumou uma mala e viajou pelo país por quase um ano. Quando voltou estava diferente. Ela ainda sofre, mas hoje consegue

não deixar transparecer com muita facilidade. O único problema que persistiu foi a resistência em fazer novas amizades, pelo menos até você chegar.

– Eu também não queria fazer amigos, os últimos que fiz não foram muito gentis, sabe? – Apoiei os antebraços na areia e ergui um pouco o corpo para poder sentir a brisa melhor. – Mas ela é encantadora, a Barbie Malibu é mesmo encantadora.

– E você acha que eu não sei? – riu, levantando-se e me estendendo a mão. – Vem, vamos para casa.

Vitório demorou a querer levantar. Acho que o cochilo na areia estava ótimo, porque tive que arrastá-lo de volta até o apartamento. Quando entramos, tudo ainda estava às escuras. Nada nem ninguém à vista.

– Você sabe onde meus irmãos se enfiam na maior parte das noites? – perguntei curiosa. Era raro ver os dois em casa ultimamente.

– É... não – titubeou.

– Mentiroso.

– Ok, se eu falar você promete não contar para eles? – Essa promessa seria difícil. Dependendo do grau da informação, eu poderia suborná-los para lavarem minha roupa suja. Mesmo assim assenti. – Quando você veio morar aqui uma nova regra foi criada. – Era impressão minha, ou ele estava sem jeito? – Nada de mulheres dentro de casa.

– Por quê? – Como se eu nunca tivesse visto uma mulher antes.

– Porque seus irmãos não acharam saudável você conviver com as festinhas que esse apartamento proporcionava todos os fins de semana.

– Garanto que metade das piranhas do bairro quer me pegar. – Joguei-me numa cadeira da mesa de jantar. – Você pode dizer a eles que eu não sou mais criança? Muito menos virgem? – Seus olhos se fecharam e ele fez cara de poucos amigos. – Vocês não precisam parar a vida de vocês por minha causa, afinal eu vou embora logo.

– Logo, quando? – perguntou ele, sentando-se em uma cadeira ao meu lado.

– Assim que meu apartamento for vendido.

Sua postura endureceu.

– A conta bancária deles vai agradecer – disse apenas, levantando-se tão rápido quanto tinha se sentado e indo em direção ao quarto. O que eu tinha dito de errado dessa vez?

Sentei-me no sofá e antes que eu ligasse a televisão, ouvi Ian conversando com alguém ao telefone. Sua voz estava muito longe para que eu entendesse do que se tratava o assunto, por isso resolvi entrar no corredor na ponta dos pés para poder ouvir melhor.

– Tudo bem, chego aí em meia hora – disse ele, encerrando a ligação e saindo do quarto. Fingi o melhor que pude que não estava bisbilhotando, mas minha língua me traiu.

– Vai sair?

– Vou – confirmou, passando por mim enquanto vestia uma jaqueta jeans. – A propósito, seu cabelo ficou ótimo – emendou e desapareceu no corredor.

# 15

“E não sei se sou eu ou você,  
mas posso ver que os céus estão mudando.  
Não há mais tons de azul.”

**James Morrison, *Please don't stop the rain.***



# Acidentes acontecem

Por mais que eu tenha ficado de orelha em pé durante a última semana, não consegui descobrir aonde ele foi, e olha que eu tentei, viu? Me escondi atrás das portas, tentei ouvir conversas e fiquei de espreita. Mas parece que os homens, diferente de nós mulheres, não fazem a mínima questão de dividir com os amigos aonde vão ou com quem ficam, o que é no mínimo irritante. Também não o ouvi voltar para casa, mas poderia ter ouvido; afinal, passei o resto daquela noite me perguntando por que cargas d'água ele havia reparado no meu cabelo. Isso era um fato inédito no universo masculino e acho que eu merecia reconhecimento. Por conta da semana de provas, também não vi a Vivi. Embora tenhamos nos falado todas as noites, o único assunto que resolvi não mencionar foi seu irmão. Tenho certeza de que ela entenderia... Mas não me daria mais paz se soubesse que talvez – e isso era um talvez gigante – eu estivesse ficando a fim dele. E havia o meu maior problema: eu não acreditava realmente nisso, ou não queria admitir, até porque eu já tinha problemas demais no momento.

– Acorda – disse Gustavo, me dando um chute na canela e me fazendo dar um pulo do sofá.

– O que você quer? – respondi, abaixando o volume da televisão enquanto esfregava minha canela.

– Vou sair para jantar, não tem mais nada comestível em casa, quer ir?

– Não.

– Tanto faz então.

Aumentei o volume da televisão e voltei para o filme; porém, meia hora depois me arrependi de não ter aceitado o convite do meu irmão. Minha barriga começou a roncar e fui dominada por um desejo avassalador. Pouco me importava que não houvesse comida, eu estava com vontade de outra coisa. Levantei de fininho e fui até o freezer. O único que estava em casa era Bernardo, mas eu ainda não o conhecia bem o suficiente para saber se ele me deduraria ou não. Havia também o fato de eu nunca saber quando Ian chegaria em casa. Eu nunca tinha nem decorado o número do meu celular, que dirá os dias de seu plantão no hospital. Abri a porta do freezer e comecei a procurar meu objetivo atrás das tortas de palmito (eca!).

Achei o sorvete dele onde imaginei que estaria, bem no fundo, atrás de tudo. Aquela droga tinha um gosto péssimo, mas eu já estava salivando. Retirei a embalagem e fechei a porta do freezer.

– O que você está fazendo? – perguntou Bernardo, aparecendo por trás de mim com um sorrisinho nos lábios.

– Eu estava é... – tentei esconder a prova do crime atrás das costas – procurando uma torta de palmito, mas acabou.

– Você não tinha alergia a palmito? Se me lembro bem, Ian nos contou que você deu trabalho no seu primeiro fim de semana aqui.

– Não, na verdade eu tenho alergia a tomate – menti descaradamente.

– Você não estava comendo pizza com massa de tomate no dia em que esqueceu sua amiga no meu quarto? – perguntou com desconfiança, e eu percebi que ele realmente deveria ser ótimo na sua profissão.

– Ok, eu tô roubando sorvete, vai me prender? – irritei-me.

– Não se você dividir – riu. – Adoro esse sorvete.

Foi assim que acabamos no sofá assistindo à novela das oito, devorando o sorvete do Ian.

– Como você está? – investigou ele. Fiz uma careta enquanto o sorvete escorria pelo meu queixo. – Tem muita gente perguntando isso, né?

– Mais do que eu gostaria – respondi rindo. Era fácil conversar com ele. Muito diferente de Ian.

– Então vamos mudar de assunto. Já se acostumou a morar aqui?

– Essa dá para responder. Não tem muita diferença por enquanto.

– Eu acharia a mesma coisa se ficasse o dia inteiro vendo televisão.

– Ei, é uma atividade bem cultural se você quer saber. – Quantas vezes alguém poderia assistir *Maria do Bairro* e ainda continuar lúcida? Mas resolvi investir na primeira conversa séria que tinha com ele, para ajudar Vivian. – Na verdade tudo tem sido mais fácil por causa da Vivian. A amizade dela tem me ajudado muito.

– Ela realmente é uma moça incrível – respondeu sorrindo e se concentrando na televisão novamente.

– Eu também acho.

Será que eu deixaria minhas intenções muito na cara se perguntasse o que mais ele achava?

– Quando você volta a trabalhar? – disse ele. E o momento perfeito bateu asas...

– Segunda-feira.

– Está animada?

– Nem um pouco. – E perder *Vale a pena ver de novo?* Nem pensar!

Fomos interrompidos pelo barulho de uma chave na fechadura.

– Corre, esconde isso – disse Bernardo, jogando o pote vazio para cima de mim e saindo correndo em direção ao seu quarto. Uma atitude muito madura da parte dele, na minha opinião. Sem tempo e sem recursos, escondi o pote de sorvete atrás de uma planta artificial que ficava ao lado do sofá.

– Boa noite – cumprimentou Ian. Reparei que seu sorriso não chegava aos olhos; não era seu sorriso habitual.

– Tudo bem?

– Claro, só estou cansado. Vou tentar dormir cedo hoje – respondeu, entrando no corredor. Ufa, essa foi por pouco.

Assim que ouvi o barulho de sua porta se fechando, voei em direção ao meu esconderijo secreto. Eu jogaria aquilo na lixeira do prédio e sairia para comprar outro antes que ele desse falta do sorvete, mas estaquei no lugar assim que vi uma bola de pelos pretos com a cara enfiada no pote.

O gato.

O que Ian tinha mesmo me falado sobre a gata no dia em que nos conhecemos?

Merda, ela tinha alergia a leite.

Ter me lembrado desse pequeno detalhe não faria diferença nenhuma, até porque eu teria percebido assim que o focinho dela começou a inchar. O que eu faria agora? Ian iria me matar. Peguei o gato no colo, quer dizer, *a gata*, e corri até a porta do Bernardo. Bati algumas vezes, mas não obtive resposta. Tentei a maçaneta, mas estava fechada.

– Bernardo – chamei, batendo novamente.

– Oi – disse, abrindo uma fresta. – Ele descobriu? – Sua expressão era de pânico.

– Para de ser tão medroso, temos um problema maior. – Eu estava sem fôlego. – Nós matamos o gato.

– Nós o quê?

– Matamos o gato, droga. – Ele era surdo?

– Ai, meu Deus! – desesperou-se assim que levantei a Vick para que ele a olhasse melhor. – Você a deixou tomar o sorvete?

– Claro que não, mas ela achou o esconderijo antes que Ian saísse da sala.

– Ele vai matar você.

Minhas pernas começaram a tremer.

– Ele vai matar *nós dois*! – Apontei o dedo para ele. – Você tem tanta culpa nisso quanto eu.

– Ok, ok, não precisa ficar brava. Eu o distraio e você corre com ela para o veterinário – sugeri.

– Nem pensar! – Agarrei a manga de sua camiseta. – Você vai comigo.

Ele tentou lutar, mas obviamente foi em vão. Entreguei Vick a ele e corri para pegar minha bolsa. Tentamos sair de casa sem fazer barulho e descemos até a garagem sem sermos vistos. Meu carro não pegava. Que surpresa. Meu azar às vezes chegava a assustar a mim mesma.

– Vamos com o seu, o meu deve estar com a bateria arriada, faz tempo que não saio com ele.

– Não vai dar não – falou com a mesma expressão de pânico que ainda não havia sumido de seu rosto.

– Por que não?

– Deixei na oficina de manhã, um babaca bateu nele ontem.

– Maravilha! – exclamei sarcasticamente.

– E agora, Babi? – perguntou andando de um lado para o outro. Ele já estava me deixando tonta quando tive uma ideia.

– Já sei, chamar um táxi vai demorar uma eternidade, afinal hoje é quinta-feira, dia de rolê. Mas ainda tem um carro aqui – eu disse, apontando para a Land Rover prata.

– Não, nem pensar – Bernardo negou com a cabeça. – A gente não vai roubar o carro dele. Já basta ter tentado matar o gato.

– Ele não vai perceber, ele disse que ia tentar dormir. É só você entrar de mansinho no quarto e pegar a chave – tentei, determinada. – Ele nem vai descobrir que saímos.

– Por que eu tenho a sensação de que isso não vai dar certo?

– Confia em mim – pedi sorrindo meu sorriso mais convincente, cheio de dentes. – Ele não vai perceber.

– Você sabe o que vai acontecer se ele descobrir, não sabe? – perguntou com um medo evidente.

– Sei – respondi, chamando o elevador. – Vou culpar você.

Eu deveria ter tirado uma foto de seu desespero. Como achei que o coitado já estava sob muito estresse, resolvi eu mesma roubar a chave, em vez de forçá-lo a ir. Entrei no apartamento, tirei o tênis e fui me esgueirando até o quarto do Ian. Para minha sorte e a do gato, a porta estava destrancada. O brilho da lua iluminava o quarto o bastante para que eu visse o que estava procurando, no criado-mudo. Fui andando o mais cautelosa que pude e me aproximei o suficiente para pegar a chave, que escapou dos meus dedos e caiu no chão, fazendo um pequeno som estridente. Ian se mexeu na cama e se virou para o meu lado no exato momento em que me joguei no chão. Esperei sua respiração ganhar ritmo novamente e me levantei.

Eu não deveria ter olhado para ele, mas não consegui resistir. Ele vestia apenas uma calça de moletom e dormia enrolado no edredom, com metade do corpo exposto. Sua expressão era suave e neutra, ele parecia um anjo. Senti vontade de deitar ao seu lado e me aninhar em seus braços, de dormir nem que fosse por alguns minutos aconchegada por seu corpo, porém meu celular apitou, o que fez com que ele se mexesse novamente. Estaquei no lugar.

***De: Bernardo***

***Para: Babi***

*A cara dela já está duas vezes o tamanho normal, cadê você?*

Droga, a Vick! Eu aqui fantasiando enquanto a coitadinha passava mal. Saí do quarto me sentindo culpada e ultrajada comigo mesma. Eu não conseguia fazer nada certo? E se ele tivesse acordado e me encontrado olhando para ele? Precisaria de um buraco gigante para enfiar minha cabeça, fora o fato de que esses pensamentos, digamos, *impuros* ficavam maiores a cada dia. Eu tinha que arrumar uma solução urgente.

Cheguei ao subsolo e mostrei a chave para Bernardo.

– Você dirige – pedi, jogando a chave do ar.

– Nem pensar – respondeu, jogando a chave de volta. – Já é ruim o suficiente eu estar indo junto. Ele não deixa ninguém dirigir esse carro.

– Para um delegado, você é muito bundão – rebati aos risos, destravando o alarme da Land Rover.

Dirigi feito uma louca pelas ruas até encontrarmos um veterinário aberto. Vick parecia muito bem, bem demais para alguém que tinha um focinho enorme, e foi superboazinha na hora em que a veterinária tentou pegar sua veia. Depois de ser medicada, ela

andou pela maca de metal até chegar perto de mim, que estava sentada ao seu lado com as mãos apoiadas na superfície metálica, deitou-se e colocou a cabeça no meu braço.

– Desculpa, garota. – Ela focou seus olhos verdes em mim e miou.  
– Promete não contar nada para o papai? – Vick começou a ronronar e eu tive esperanças de me livrar dessa. Esperança que, obviamente, dado meu histórico, não durou nem vinte minutos.

**De:** Ian

**Para:** Bárbara

*Bárbara, você viu a Vick por aí?*

**De:** Bárbara

**Para:** Ian

*Não vi não. Ela deve ter se escondido e acabou dormindo em algum lugar.*

**De:** Ian

**Para:** Bárbara

*Pensei o mesmo, mas já revirei o apartamento, e nada dela. Vou ligar na portaria, talvez ela tenha saído atrás de um de nós e não percebemos.*

Quais eram as chances de o porteiro ter ido ao banheiro e demorado para voltar os vinte minutos em que ficamos com a gata na garagem, decidindo se roubávamos ou não o carro do Ian? A ligação que recebi minutos depois sanou minha dúvida de forma bastante eficiente. Mesmo tendo hesitado para atender, acabei decidindo que doeria menos acabar com isso de uma vez.

– Alô? – falei numa voz tão doce que até eu mesma duvidei que vinha de mim.



– Cadê você? – berrou Ian do outro lado. – Cadê a Victória? E, porra, cadê o meu carro, Bárbara?

– Na verdade, tivemos um pequeno probleminha – enrolei.

– Eu não vou perguntar de novo – disse em tom ameaçador. Eu, particularmente, prefiro quando ele grita.

– Eu e Bernardo estamos no veterinário – desembuchei. – Como eu disse, tivemos um pequeno probleminha.

– Victória está bem? – perguntou preocupado e, ufa, mais calmo.

– Por que você não me acordou?

– Eu não quis incomodar, você disse que estava cansado. – Eu estava começando a ficar surpreendentemente boa com as minhas mentiras.

– Eu vou até aí, em qual clínica vocês estão?

– Não precisa, ela já foi medicada e daqui a pouco estamos indo embora. – Assim que o focinho dela voltar ao tamanho normal.

– Mas o que ela teve?

– Ela deve ter comido algo que não caiu bem, mas não precisa se preocupar, Ian, ela já está melhor. – Do ponto de vista técnico, essa não era uma mentira. Ele só não precisava saber exatamente o que ela havia comido.

– Tudo bem, mas qualquer coisa me liga, tá?

– Claro, pode deixar – respondi encerrando a ligação e desligando meu celular. Se ele perguntasse, era só dizer que minha bateria tinha ido pro saco.

– Ele descobriu – disse Bernardo, tão branco quanto uma folha de papel, ao invadir o consultório alguns minutos depois.

– Eu sei. Ele me ligou. – Vendo sua preocupação, emendei: – Calma, ele caiu na mentirinha de que Vick apenas passou mal e que nós apenas fizemos a boa ação de trazê-la até o veterinário.

– Não, ele não caiu – replicou, mostrando-me seu celular, onde havia dez ligações perdidas do Ian e uma mensagem de texto que tinha acabado de chegar.

**De:** Ian

**Para:** Bernardo

***EU VOU MATAR VOCÊS!***

– Você jogou fora o pote de sorvete, né? – perguntou.

– Droga – respondi me lembrando de que na hora fiquei tão desesperada que não escondi as evidências do nosso crime.

– Você acabou de matar nós dois.

Nossa, Vivian se daria muito bem com ele.

O rei do drama não me deixou pagar a consulta e fomos liberados para levar Vick para casa, embora nenhum de nós dois estivesse muito contente em retornar. Voltei dirigindo, já que Bernardo ainda se recusava a fazê-lo. Quando chegamos, a pouca coragem que adquirimos no caminho deu no pé e passamos bons cinco minutos discutindo os prós e os contras de uma viagem de fim de semana de última hora.

– Será que algum hotel aceita o gato? – perguntou Bernardo. Estávamos sendo infantis, Ian acabaria entendendo a situação. Na verdade não tínhamos feito nada de errado, nada a não ser roubar o sorvete.

– Duvido, melhor a gente entrar e acabar com isso de uma vez.

Assim que abrimos a porta do apartamento e eu vi a expressão de raiva no rosto do Ian, senti vontade de voltar atrás e ir procurar um maldito hotel que aceitasse gatos.

– Sua irresponsável! – gritou, levantando-se do sofá e olhando para o pacotinho negro em minhas mãos. – Além de roubar o meu

sorvete, deixou que Victória o comesse? Onde você estava com a cabeça? – perguntou exasperado, retirando a gata dos meus braços e conferindo seu focinho, que ainda estava gigante.

– Foi um acidente e não fui *eu*, fomos *nós* – expliquei, apontando o dedo para Bernardo, depois para mim e vice-versa.

– Você participou de tudo isso? – berrou Ian para o amigo. – Eu pensei que ela só tivesse lhe arrastado junto.

– Muito obrigado, Babi – chiou Bernardo, baixo o suficiente para que só eu ouvisse. – Na verdade foi um acidente – disse, dessa vez para ser ouvido.

– É, realmente acontecem muitos acidentes quando essa garota está por perto – acusou Ian, apontando para mim.

– Eu já disse, sinto muito – tentei humildemente.

– Você podia tê-la matado.

Na verdade a veterinária tinha dito que não, que era apenas uma alergia e que o único problema seria o inchaço. A gata tinha muito mais em comum comigo do que meu próprio animal de estimação, mas não achei que fosse o momento de contar isso ao Ian.

– Você, em um só dia, roubou meu sorvete, roubou meu carro e tentou matar meu gato. O que vai ser da próxima vez? Tentar pôr fogo na casa? – Ele não podia simplesmente esquecer o assunto?

Nesse momento Augusto entrou pela porta. Como sempre, seu *timer* funcionava perfeitamente.

– O que está acontecendo aqui? Estou ouvindo você gritar desde o terceiro andar – perguntou ele ao Ian.

– A irresponsável da sua irmã quase matou Victória.

– O que você fez? – indagou ele, olhando feio para mim.

– Eu acidentalmente deixei o pote de sorvete onde ela conseguia alcançar.

– De novo a culpa é do sorvete – constatou Augusto, dessa vez olhando feio para Ian.

– Ela roubou meu carro também – justificou.

– Agora sim você passou dos limites, mocinha – rebateu Augusto. Quem ele pensava que era?

– Para salvar a vida do gato dele! – me defendi. – O meu carro não funcionava.

– Se você não tivesse tentado matá-la, não precisaria ter roubado o carro. – Claro, Augusto, bela dedução. Por que ele não ficava quieto?

– Quer saber, eu tô de saco cheio de vocês! – gritei. – Se sou um problema tão grande assim, vou embora dessa casa.

Saí da sala pisando duro.

– Isso resolve as coisas da maneira mais fácil, sua garotinha mimada e irresponsável – rebateu Ian, sem sair do lugar.

# 16

“Sou companhia, mas posso ser solidão. Tranquilidade e inconstância, pedra e coração. Sou abraços, sorrisos e ânimo, bom humor, sarcasmo, preguiça e sono. Música alta e silêncio.”

**Autor desconhecido**

# Convite inesperado

Bati a porta do quarto e procurei o número da Vivian nos meus contatos. Eu estava furiosa, principalmente comigo mesma. Ian não precisava de desculpa para não ir com a minha cara e mesmo assim, eu vivia lhe arrumando uma nova. Vivian atendeu no primeiro toque e assim que ouvi sua voz, desatei a chorar. Isso estava se repetindo muitas vezes ultimamente.

– Calma, Babi, o que aconteceu? – perguntou preocupada.

– Seu irmão, ele... – A essa altura alguém começou a bater na porta do meu quarto, que ainda bem, dessa vez eu tinha me lembrado de trancar.

– O que aquele babaca fez? – perguntou irritada.

– Eu roubei o sorvete dele. – Soluço. – Aí deixei Victória lamber o pote sem querer. – Soluço. – Aí ela passou mal. – Soluço. – Aí meu carro não pegava. – Soluço. – Aí eu roubei o do seu irmão. – Soluço. – Para levar a gata até o veterinário.

Se eu estava esperando apoio, não viria daquela fonte, porque ela caiu na risada e eu, claro, chorei mais.

– Pelo amor de Deus, fica calma – pediu quando viu que eu não estava achando graça alguma na situação. – Quer vir dormir aqui comigo?

– Quero – soluzei de novo.

– Tudo bem, estou indo aí buscar você – disse e desligou.

Quem quer que fosse bateria na minha porta até cansar. Eu não queria mais discutir com ninguém. Não fazia ideia de por que eu tinha ficado tão emotiva por causa de uma simples discussão (isso

não fazia meu perfil), mas continuei a chorar até Vivian me chamar quase quarenta minutos depois.

– Babi, sou eu – disse detrás da porta, tentando virar a maçaneta.  
– Vamos?

Desci da cama e limpei o rosto antes de pegar minha mochila e sair. Ian estava escorado na porta do quarto dele e assim que viu meu rosto, sua expressão irritada se suavizou, somente para se tornar horrorizada.

– Você está chorando? – perguntou, franzindo o cenho.

– Não, ela está lavando o olho de dentro para fora, não está vendo? – disparou Vivian com cara de poucos amigos. – Precisava ter gritado com a garota por causa da droga de um sorvete?

– Ela roubou meu carro também e...

– Mais nada – Vivian interrompeu o irmão e prosseguiu, inclinando-se para pegar na minha mão. – Ela já passou por muita coisa para ainda ter que aturar um babaca como você, gritando com ela por causa de um acidente – rebateu enquanto me puxava pelo corredor. Não sei explicar o motivo, mas o fato de ser defendida por ela me fez chorar ainda mais. Isso estava passando dos limites, eu tinha que parar. Mas era tão reconfortante alguém gritar *por* você, em vez de *com* você, pelo menos uma vez na vida.

Ian agarrou meu braço.

– Bárbara, espera – disse com ar decepcionado. – Eu sinto muito, eu...

– Deixa a Bá em paz – ralhou Vivian, me dando um novo puxão e desprendendo a mão de Ian do meu braço. – Amanhã, quando ela estiver mais calma, você se desculpa.

Chegamos à sala e encontramos Augusto e Bernardo sentados no sofá, olhando assustados para a loira de aparência meiga que estava

soltando fogo pelas ventas.

– Aonde você vai, Bárbara? – perguntou meu irmão, de forma autoritária.

– Não é da sua conta. – respondeu Vivian, antes que eu tivesse até mesmo processado a pergunta. – Ela já é bem grandinha para ter que dar alguma satisfação.

– Que bicho mordeu você, Vivi? – perguntou espantado. Ele não estava muito habituado a ter pessoas gritando com ele; normalmente era ele quem gritava. Se eu não estivesse chorando tanto, teria gargalhado da situação.

– Vocês, vocês me morderam – brigou Vivian, olhando do meu irmão para o dela, que tinha se juntado aos demais. – A garota já está passando por muita coisa para ter que aturar vocês. Se fosse eu já tinha matado um por um durante o sono. – Caramba... – Vem, Bárbara.

E foi assim que ela me puxou para fora do apartamento pela mão e deixou três homens feitos sem palavras e de queixo caído.

– Você pode ficar comigo quanto tempo quiser – ofereceu assim que saímos do prédio.

– Obrigada. – Respirei fundo a brisa noturna que entrava pela janela. – Por tudo. Por me deixar dormir com você e por ter me defendido.

– Não seja por isso. – Sorriu. – Eles são um bando de insensíveis. Mas o que deu na sua cabeça?

– Foi um acidente – respondi e pude ver que ela não acreditava na minha mentira, porque voltou a gargalhar.

Em sua casa fomos recebidas à porta por Mariana, que me abraçou.



– Entre, querida, seja bem-vinda. – Percebi que ela já sabia que eu me hospedaria lá.

– Obrigada por me hospedar esta noite.

– Imagine, fique o tempo que quiser – disse, afagando meus cabelos –, e pode ficar tranquila que vou dar uma bronca no meu filho por isso.

– Não precisa. Na verdade acho que eu é que deveria me desculpar com ele. – *Afinal a culpa de tudo isso é minha*, completei em silêncio.

– Foi só um acidente, querida – me acalmou, indo em direção à sala de televisão.

Pelo menos alguém tinha caído nessa.

– Nunca roubei um carro por acidente – riu Vicente, que estava prestando atenção à nossa conversa e ao jornal ao mesmo tempo, sentando em uma poltrona no canto da sala.

– Viu o que eu disse? – perguntou Vivian. – Homens: todos eles são insensíveis.

\* \* \*

À noite, já deitada em uma cama improvisada no chão ao lado de Vivian. Sim, porque eu tinha me recusado a dormir sozinha, pensando em quanto a noite havia sido longa. Eu não tinha lá grandes motivos para ter me comportado como uma criança e mesmo agora não conseguia me lembrar de por que eu tinha reagido tão mal. A dúvida era tão persistente, que acabei dividindo-a com minha colega de quarto.

– Vi, tá acordada? – perguntei baixinho, enquanto me virava para tentar olhá-la na cama de solteiro acima de mim.

– Agora estou – respondeu de olhos fechados. Notei que um sorriso escapou de seus lábios.

– Acho que eu exagerei.

– Para com isso. – Abriu os olhos. – Não vai se sentir culpada agora. Aqueles babacas têm um mecanismo que fareja insegurança a milhares de quilômetros. Deixe que eles se desculpem com você.

– Mas eu não queria que seu irmão ficasse bravo – admiti. – Tivemos um dia tão legal na praia no domingo, depois que fui atropelada por um garoto assassino em uma bicicleta. Ele até reparou que eu cortei o cabelo.

– Ele reparou que você cortou um dedo do cabelo? – perguntou curiosa ao se levantar num rompante e se sentar na cama.

– Acho que sim. Quando voltamos ele já estava de mau humor e, antes de sair sabe Deus para onde, ele me disse: “A propósito, seu cabelo ficou ótimo”.

– Então ele reparou! – declarou, maravilhada.

– Não é nada de mais, até porque nesse momento ele deve me considerar uma ladra de carros, assassina de gatinhos.

– Ele vai superar, só não entendo porque você está se preocupando tanto com o assunto. A não ser... – sorriu – que você também ande reparando mais nele do que deveria.

Era a hora. Contar ou não contar?

– Talvez eu tenha reparado... – falei, por fim. – Mas eu não deveria.

– Por que não?

– Você mesma disse que ele dorme com uma mulher diferente a cada dia – lembrei.

– Às vezes até mais de uma. – Meu estômago se revirou. – Mas isso foi antes de você chegar – tentou me tranquilizar. – Não o vi

com mais ninguém desde então.

– Não importa. Além de ele ser muita areia para o meu caminhãozinho, está escrito “PROBLEMAS” na testa dele, em tinta neon.

– Então você precisa tirá-lo da cabeça. – Fácil falar. – Você precisa sair com mais gente, talvez o que você esteja sentindo, seja lá o que for, seja passageiro.

– Claro que é passageiro, não estou apaixonada nem nada do tipo. – Eu queria acreditar nisso, realmente queria. – Você tem razão – continuei –, vou ficar de olhos abertos, preciso encontrar um ficante.

– Mas, sabe que seria ótimo?

– O quê?

– Ter você como cunhada – respondeu sorrindo.

– Isso não vai acontecer.

Sem chance. Ok, eu achava o cara bonito, mas só. Fora o fato de que apenas *eu* achava, não era recíproco, o que tornava improvável qualquer coisa que ela estivesse imaginando.

– Chega para lá – pedi, deitando com ela na cama de solteiro.

– Boa noite, amiga – desejou Vivian, passando um dos braços por cima de mim e pegando no sono. Quem dera eu conseguisse dormir tão rápido. Meus pensamentos foram e voltaram até o apartamento e até Ian um milhão de vezes, antes que eu sequer começasse a piscar mais pesado.

\* \* \*

Na manhã seguinte, acordei sendo chacoalhada por alguém. Abri os olhos para me deparar com duas safiras azuis.

– Me desculpa – pediu Ian de forma arrependida, sentando-se ao meu lado na cama, que a essa altura já estava bem mais espaçosa. Vivian já deveria ter saído para o trabalho. – Eu exagerei ontem. Não levei em consideração tudo o que você está passando.

– Tudo bem – sorri. – Eu não deveria ter roubado nem o sorvete, nem o carro. Por falar nisso, Vick está bem?

– Ela está ótima, ficou dormindo com Vito no sofá quando saí – disse sorrindo. Seu cabelo estava bagunçado e ele tinha olheiras.

– Então podemos esquecer esse assunto? – perguntei timidamente.

– Claro – respondeu, retribuindo meu sorriso. – Assim que você me comprar outro sorvete.

– Parece justo – gargalhei.

– Aceita almoçar comigo, como um pedido de desculpas? – ofertou.

– Aceito. – Eu iria com ele até o inferno se me pedisse com jeitinho.

A casa estava vazia quando saímos. Fomos ao mesmo restaurante onde ele tinha me levado da primeira vez.

– Você pode tirar o palmito da salada dela, por favor? – pediu Ian ao garçom.

– Obrigada – eu disse a ele, assim que o rapaz virou as costas com nossos pedidos.

– Eu queria perguntar uma coisa – disse Ian, meio sem jeito –, mas sempre acabo esquecendo. – Esperei que ele terminasse, em silêncio. – Lembra quando eu disse que só vou para a casa dos seus pais no sábado?

– Lembro, você tinha um evento de trabalho, não tinha? – Eu me lembrava de tudo o que tinha saído de seus lábios desde o dia em

que o conheci.

– Isso. Na verdade é um almoço beneficente entre médicos cardiologistas de todas as regiões do Brasil. O problema é que não tenho uma acompanhante – disse ansioso. – Você gostaria de ir comigo?

– Eu? – Eu estava surpresa demais para dizer o “sim” que eu queria, porque provavelmente atrairia a atenção de todos se começasse a fazer uma dancinha de alegria no meio do restaurante.

– Sim, por que não? – completou. – Eu convidaria Vivian, mas ela estava muito empolgada com a viagem, então...

Então eu era sua última opção. *Ah, que se dane!*

– Claro – respondi apenas. Não era hora para ser orgulhosa.

– Ótimo, assim que terminar o almoço, se você quiser, vamos direto para a casa dos seus pais.

– Será que meus irmãos se importam de levarem Vitório antes? – perguntei. – Assim não precisaremos perder tempo passando em casa.

– Acho que não, também vou pedir que levem a Vick para que ela não fique sozinha.

\* \* \*

Liguei para Vivian assim que cheguei em casa. Eu tinha decidido voltar com Ian para o apartamento dele.

– Seu irmão me convidou para ir a um almoço beneficente com ele amanhã – contei empolgada. – Você se importa de ir sozinha com os meninos?

– Não, claro que não – respondeu contente.

– Não fique tão feliz.

– Mas é uma ótima notícia, vocês fizeram as pazes, então?

– Ele foi até a casa dos seus pais hoje de manhã e me convidou para almoçar com ele – respondi, indo até a janela olhar para a vista. – Aí durante o almoço ele comentou sobre o evento de amanhã.

– Então por que eu não devo ficar feliz? – perguntou Vivian, sua expressão confusa.

– Porque ele disse que a chamaria, mas como você estava empolgada com a viagem, ele acabou me convidando – bufei. – Sou a segunda opção.

– Não é não, e ele é um mentiroso – observou, convicta. – Não falei para ele em momento algum sobre a viagem de sábado, então como ele poderia saber que fiquei empolgada?

– Pode ser porque você concordou rapidinho em ir. – Eu sabia os motivos dela, mas o irmão não.

– Duvido muito, acho que ele usou uma desculpa para convidar você – afirmou.

Porém, antes que o assunto se prolongasse, resolvi mudá-lo:

– Bernardo acha você incrível. – Imaginei que isso daria conta do recado.

– Como assim? – ela perguntou em êxtase. – Ele disse isso?

– Disse quando estávamos tomando sorvete, antes do acidente com a gata. Ele perguntou como eu estava me saindo aqui e se eu estava me acostumando, aí resolvi jogar um verde e dizer a ele que sua amizade estava me ajudando muito; então ele me disse que você era mesmo incrível.

– Não acredito! – Deu risada. – Ele me acha incrível... – Ela suspirou algumas vezes e redirecionou a conversa. – Como assim jogou um verde? Eu não estou ajudando? – perguntou magoada.

– Claro que está, mas contei isso só para ver se ele falava alguma coisa sobre você.

– Ah, bom, melhor assim – concedeu Vivi, voltando a ficar alegre.

– Agora se você não se importar, vou sonhar um pouquinho acordada antes de dormir.

– Vai fundo – respondi.

Pensei em fazer a mesma coisa. Saí da janela e pulei na cama, me aninhando no edredom. Acabei ficando acordada, assistindo a um filme na cama para não ter que ajudar ninguém com as malas. Quando acabou, levantei e fui até a cozinha pegar algo para comer, mas, sem muitas opções, voltei com um refrigerante. A porta do quarto do Ian estava aberta e decidi colocar a cabeça no vão enquanto pensava em uma desculpa para incomodá-lo.

– Quer um refri? – perguntei atraindo sua atenção. Parecia que ele tinha tido a mesma ideia que eu e estava vendo TV, a única diferença era que no meu filme tinha drama e lágrimas, e no dele, uma faca e alguns presidiários se espancando.

– Não, obrigado – respondeu. Virei-me para sair, mas ele perguntou: – Já está com sono?

– Na verdade não.

– Então entra, esse filme é ótimo.

Eu não acreditava nisso nem por minuto, mas não resistiria a um convite para deitar na cama dele e sentir o cheiro dos seus travesseiros por nada no mundo. Andei até a cama e me sentei na beirada.

– Pode ficar à vontade, Bá – acrescentou. Eu amava quando ele me chamava assim, pois queria dizer que o céu estava sem nuvens e que era seguro manter uma conversa. Já que ele insistia, acabei me encostando na cabeceira da cama junto com ele.

– Sobre o que é o filme? – perguntei por educação.

– É sobre um cara que trabalha fugindo de prisões. A empresa dele as testa e ele consegue fugir de todas. – Já vi que seriam as horas mais longas do meu dia. – Quer pipoca?

– Quero – respondi.

Assim que Ian se levantou e passou pela porta, agarrei o travesseiro no qual ele estava encostado e afundei meu nariz nele. Seu cheiro ainda estava na fronha. Respirei aquele aroma delicioso e me perdi em pensamentos; tanto, que não escutei quando ele se aproximou.

– O que você está fazendo? – perguntou rindo.

– Sentindo o cheiro do amaciante – menti. Essa tinha sido rápida.  
– É ótimo.

– É eu também gosto – comentou, fazendo careta. – Se você quiser tem na lavanderia.

– Na verdade eu quero sim, obrigada. – Sorri, essa tinha sido por pouco. – Preciso mesmo lavar as minhas roupas.

Ele pegou seu travesseiro de volta e se encostou, colocando o balde de pipoca ao meio de nós. O filme *Rota de Fuga* até que se mostrou bem interessante. Era feito por dois atores superfamosos e musculosos e, embora fosse de ação, tinha diversas cenas engraçadas. O cara que trabalhava fugindo das prisões levou um golpe e acabou dentro de uma que fora feita especialmente para ele, para que jamais conseguisse fugir, o que me fez pensar que talvez todos tivéssemos nossa própria prisão na vida real, algo do qual não conseguíssemos fugir por mais que tentássemos e eu começava a pensar que a minha tinha nome e enchia a boca de pipoca neste exato momento, bem ao meu lado.



Acho que peguei no sono, porque quando voltei a mim, o filme ainda passava na tela e minha cabeça estava encostada no peito de Ian, que tinha escorregado um pouco na cama e passava a mão pelos meus cabelos. A cena era tão inusitada, tão íntima e deliciosa, que não ousei sequer respirar, quanto mais me mexer. Eu não queria que ele percebesse que eu tinha acordado e que parasse o que estava fazendo. Então me aninhei mais e fechei os olhos novamente, sentindo suas mãos me acariciando.

Enquanto seu cheiro me inebriava e suas mãos aqueciam todos os pequenos buracos do meu coração, voltei a pegar no sono sonhando com ele.

# 17

“Já passou o nevoeiro  
Vejo enfim a luz brilhar  
Para o alto me conduz  
E ela pode transformar  
de uma vez o mundo inteiro  
Tudo é novo, pois agora eu vejo  
É você a luz.”

**Enrolados, *Vejo enfim a luz brilhar.***

# Todo o azar do mundo

Acordei em uma cama que não era a minha e sorri ainda de olhos fechados. Eu sabia somente pelo perfume no ambiente que ainda estava no quarto dele, na cama DELE, e também sabia que tinha passado a noite ali, porque mesmo com os olhos fechados, eu podia sentir a claridade se esgueirando através das minhas pálpebras. Levei alguns minutos sentindo a maciez dos lençóis em que ele dormia todas as noites e enfim abri os olhos. Ele não estava na cama. Antes que eu pudesse me frustrar, imaginando que ele havia ido dormir em outro quarto para não me acordar, em vez de ter pegado no sono ao meu lado, ouvi o barulho da água correr no banheiro. Entretanto, as palavras que ouvi em seguida me fizeram estacar no lugar. Ele estava cantando...

*"Olhando o céu  
Lembrei que tudo que vivemos  
Não passou  
E pra dizer mais  
Pensei que temos outra chance  
De fazer o nosso sol brilhar em mim  
Em você.*

*O tempo não apaga  
Não desfaz o beijo que eu desejo sempre mais.  
Não posso esquecer o seu olhar no meu  
Eu sei que o nosso amor ainda não morreu."*

Não sei o que me deixou mais surpresa: o fato de que ele realmente estava cantando Victor e Leo, ou a forma perfeita com a qual ele o fazia. Ele não só estava cantando, ele *sabia* cantar.

Levantei e fui a passos lentos até a porta do banheiro, encostei meu rosto nela e me deixei ser absorvida pelas palavras que saíam da boca dele. Era perfeição demais em uma única pessoa para que ele fosse real. Considerei seriamente a ideia de conferir seus sapatos, ele tinha que ter chulé, ou qualquer outro defeito! Ninguém era tão perfeito, era contra a ordem da natureza; mas acabei não saindo do lugar e sentando no chão, escorada na porta, ouvindo-o atentamente. Eu cortaria minha própria perna só para tê-lo cantando aquela música só para mim, cantando-a por mim.

Assim que o chuveiro foi desligado, fui obrigada a levantar, e então apareceu a dúvida: o que fazer? Correr para meu próprio quarto? Voltar para sua cama? A situação ficaria embaraçosa de qualquer maneira, então acabei me decidindo ir até a sacada do quarto e respirar ar puro.

– Bom dia – cumprimentou, sorrindo na minha direção e se sentando em uma das cadeiras na sacada. Ele já havia se vestido no banheiro. Droga, bem que eu queria ter apreciado a vista de apenas uma toalha.

– Bom dia – retribuí sorrindo também. – Desde quando você canta? – Eu não conseguiria deixar o assunto para lá.

– Eu... é... – ele parecia envergonhado por ter sido ouvido, então resolvi ajudá-lo.

– Sua voz é linda. – *Igual você, por completo.*

– Obrigado, eu também toco violão, mas não tenho mais o hábito de cantar, ao menos não fora do chuveiro. – Sorriu. – Não gosto de muitas pessoas olhando para mim ao mesmo tempo.

– Desculpe por ontem, eu peguei no sono – menti, mudando de assunto.

– Eu é que peço desculpas, você dormiu primeiro e eu ia colocá-la na sua cama antes que você acordasse – ele disse, passando a mão pelos cabelos molhados –, mas acabei dormindo também e...

Não gostei de sua expressão, por isso virei o rosto. Claro que tinha sido obra do acaso, mas éramos amigos, certo? Não tinha acontecido nada de mais.

– Acho que deveríamos deixar esse incidente apenas entre nós dois – terminou. – Não quero que seus irmãos tenham ideias erradas.

– Claro – respondi me levantando e arrastando a cortina para entrar no quarto. Eu era tão repugnante para ele, que nem mesmo dormir comigo sem querer poderia ser levado em consideração.

– Eu disse alguma coisa que chateou você? – perguntou, vindo atrás de mim.

– Claro que não. Você tem razão – respondi, indo em direção à porta do quarto. – Isso não vai se repetir, e pode ficar tranquilo que não vou contar para os meus irmãos que dormi com o lobo mal.

– Eu não quis dizer isso da maneira que você está imaginando – ele tentou se explicar, exasperado, indo atrás de mim até meu quarto. – Só não quero que eles fiquem enchendo seu saco por algo tão sem importância.

Ele estava melhorando muito a situação... Por que não calava a boca de uma vez? Tinha sido importante para mim. Afinal, uma garota nunca se esquece da primeira vez em que dorme na cama de um homem e não é bolinada durante a noite, porque, no fim das contas, isso era raro. Parando para pensar por esse lado, eu deveria ter ficado ofendida muito tempo antes dele ter aberto a boca. Que

tipo de homem galinha dorme com uma mulher e não tira nem uma lasquinha? Isso só me levava de volta ao pensamento de que ele não sentia atração nenhuma por mim, e que se eu fosse esperta, deveria começar a agir da mesma forma.

Eu já estava humilhada demais com a situação para prolongar o assunto.

– A que horas vamos sair? – perguntei ao me sentar na cama.

– Ao meio-dia. Eu preciso sair, mas volto antes disso – sorriu. Senti vontade de levantar e tirar aquele sorriso do rosto dele a tapa.

– Tudo bem – concordei, correndo-me para saber onde ele tinha que ir.

Eu realmente precisava dar um jeito de parar com aquelas fantasias envolvendo Ian, e Deus sabia que meu coração não aguentava mais um bombardeio. Acabei me arrependendo de ter aceitado o convite dele para o almoço, mas agora que eu já tinha dado minha palavra, seria quase impossível arrumar uma desculpa aceitável. Assim, pouco antes do horário marcado, comecei a tentar me arrumar e organizar meus pensamentos, como se isso fosse possível. Foi então que me lembrei do mais importante: EU NÃO TINHA ROUPA.

Sei que a maioria das mulheres fala isso, mas eu realmente não tinha roupa nenhuma. As que tinha comprado com Vivian eram todas roupas de trabalho e eu não fazia ideia do que vestir para um almoço beneficente de cardiologistas. Liguei para Vivian. Se tinha alguém que saberia, era ela.

– EU NÃO TENHO ROUPA! – gritei assim que ela atendeu, para ver se ela dava importância ao meu problema.

– Eu sei – ela disse com calma.

– Você. Não. Está. Entendendo! – Qual dos dois era mais irritante, ela ou o irmão? Difícil saber.

– Eu já disse que eu sei – reafirmou, rindo. – Você não tem nenhuma roupa decente para usar hoje. Eu já decorei seu guarda-roupa.

– E você só me diz isso agora, sua imbecil? – perguntei irritada, como se minha falta de roupas fosse culpa dela. – Não passou pela sua cabeça que eu fosse me lembrar desse *pequeno* detalhe pouco antes de ter que sair de casa?

– Passou sim. – Mais risos. Qual era a graça, caramba? – Mas quem disse que você não pode ter uma fada madrinha?

– Como é que é? – questionei surpresa. Por acaso ela estava se drogando?

– Faz assim, vai tomar banho e fazer uma maquiagem decente – instruiu – e daqui a pouco eu ligo de novo, tudo bem? Vou ajudá-la a encontrar algo para vestir.

– Tá – respondi carrancuda e fiz exatamente o que ela mandou.

Depois de um bom banho e de uma maquiagem marrom básica, mas chamativa o suficiente para provar que usava rímel, me enrolei numa toalha e apanhei o celular da pia, pronta para perturbar Vivi novamente. Saí do banheiro distraída, tentando apertar os botões para chamar, ainda com as mãos molhadas, e só me dei conta da caixa que estava sobre a cama quando me sentei sobre ela. Tirei minha bunda de cima e abri a caixa.

Como ela havia conseguido fazer isso? Dentro tinha um vestido curto e de manguinhas, azul-marinho com flores amarelas. Tirei-o da caixa e o coloquei na frente do corpo, era lindo. Antes que eu pudesse experimentá-lo, meu celular tocou e não precisei olhar o identificador para saber quem era.

– Como você fez isso? – perguntei encantada.  
– Não fui eu. Ele acertou? – perguntou com preocupação.  
– Ele quem?  
– Meu irmão. – respondeu impaciente. – Você gostou?  
– Foi ele quem comprou o vestido?  
– Foi, ele me ligou da loja pouco antes de você me ligar desesperada. Acho que ele também adivinhou que seu guarda-roupa anda meio escasso – comentou com voz animada. – Acertei no tamanho?  
– É perfeito, mas ele não precisava ter feito isso. – Por que ele se preocuparia em me comprar um vestido? Só poderia ser porque não queria passar vergonha no evento ao lado de uma mulher mal-arrumada, claro.

Desligamos o telefone e tentei pôr minha cabeça para funcionar enquanto me trocava. Ian continuava sendo uma incógnita para mim: ora me rejeitava sem arrependimento, ora me comprava vestidos. Não entender como sua mente funcionava me deixava maluca.

\* \* \*

– Você está linda – ele disparou sorrindo, assim que apareci na sala com o vestido novo.  
– Foi muita gentileza da sua parte, mas não precisava ter me comprado um vestido novo... – respondi, encabulada.  
– Tem certeza? – perguntou, levantando uma das sobrancelhas.  
– Na verdade eu precisava sim do vestido, mas você não precisava ter pagado por ele. Quanto eu te devo? – perguntei por fim.  
– Um almoço chato na minha companhia. – E pensando melhor, acrescentou: – Eu também gostaria que você jogasse fora aquela



calça de moletom que você nunca tira. Qualquer dia ela vai perseguir você pela rua se sair sem ela.

– Considere pago. – *Pelo menos o primeiro pedido.*

Ian se levantou do sofá e eu quase caí sentada. Ele vestia uma calça jeans de aparência cara, uma camisa social *skinny* rosa-bebê, que grudava em todos os seus músculos – na verdade *realçava* todos os malditos músculos –, e um sapato esporte azul-marinho de bom gosto. Olhei para o meu look. Vista de cima eu estava apresentável, mas com certeza passaria vergonha ao lado dele.

Chegamos a um bufê decorado de forma simples, mas o tamanho do espaço e sua arquitetura já impressionavam por si sós. Grandes pilastras de estilo antigo foram inseridas no projeto da fachada, dando ao local um ar de casarão assombrado de alto luxo.

Deixamos o carro com o manobrista na porta do evento e, antes de entrarmos, Ian enganchou seu braço no meu. Vendo meu olhar interrogativo, ele se achou na obrigação de me dar uma explicação:

– Sou meio que assediado nesses eventos. Algumas senhoras... elas...

Caí na risada cortando sua explicação.

– Eu cobro bem mais que um vestido para ser acompanhante de luxo – disparei. *Aprendi com a sua irmã, querido.*

– Que tal você me mandar a conta depois de fazer seu trabalho...?

Ele travou o maxilar assim que uma senhora na faixa dos 60 anos o viu e veio a passos largos em nossa direção. Digo “na faixa dos sessenta”, mas não tinha como ter certeza, porque sua cara parecia ter tantas plásticas que se ela me dissesse que tinha 200 anos, eu era capaz de acreditar.

– Ian, querido, que bom que você veio – cumprimentou, dando-lhe dois beijinhos e sem parar de olhar para essa que vos fala. –

Quem é sua amiga?

– Eu sou Bárbara, prazer – respondi, estendendo minha mão antes que ele pudesse responder quem era sua “amiga”. Ela me cumprimentou a contragosto e, virando-se somente para Ian, começou um bate-papo sobre os investimentos na nova ala neonatal do hospital. Não me importei nem um pouquinho de ter sido excluída da conversa e desativei meu cérebro para poupar mais espaço. Ocupei meu tempo observando o ambiente à minha volta. Havia diversos grupos de pessoas conversando e rindo, incluindo um grupo de mulheres que pareciam ter saído do catálogo da Victoria’s Secret, não fosse por uma ou duas que, se eu fosse homem, não queria nem de graça. Elas cochichavam e olhavam na nossa direção, mas tentaram ser mais discretas quando perceberam que eu as observava.

Pedi licença e me dirigi ao banheiro só para ter certeza de que eu não tinha passado batom no lugar errado, ou se não havia alguma casquinha da pipoca de ontem ainda alojada nos meus dentes. Porém, já que estava lá, aproveitei para fazer xixi. Aliás, tenho um grande problema para fazer xixi em banheiros públicos, pois morro de vergonha do barulhinho que ele faz quando está saindo. Por isso, quando algumas mulheres escancararam a porta de entrada do sanitário e começaram um bate-papo desenfreado, parei minha missão pela metade e acabei escutando a conversa.

– Alguma de vocês sabe quem é a loira com Dr. Ian? – perguntou uma voz com a língua presa.

– Não faço ideia – respondeu outra.

– Mas bem que eu queria saber – disse uma terceira mulher. – Ele nunca traz ninguém a esses eventos.

– Eu não me importaria de acompanhá-lo a qualquer evento se pudesse – acrescentou a primeira voz.

– Você não se importaria de acompanhá-lo nem se ele a convidasse para a cama dele depois, você quer dizer – zombou a dona da terceira voz, a mais suave.

– Como se vocês e todas as outras médicas, enfermeiras e pacientes pensassem diferente de mim – defendeu-se a garota de língua presa. Eu já a odiava.

– Eu bem que queria saber como ele é de cama – comentou a segunda. – Mas parece que ele não fica com ninguém do hospital.

Seria profissionalismo?

– Bom, há rumores de que ele saiu com uma enfermeira ano passado, mas ninguém nunca confirmou.

– Aquela loira com os peitos imensos? – perguntou a segunda, em dúvida.

– Essa mesma.

– Duvido que ele tenha transado com ela; ela é horrível, somos muito melhores.

– Se você está tão interessada, por que não o convida para sair? – perguntou a garota de voz suave.

– Talvez eu faça isso.

– Não se eu fizer primeiro – interveio a segunda. – Ou todas as novas enfermeiras que também estão de olho nele.

Resolvi sair do banheiro, eu tinha perdido a vontade de fazer xixi, de qualquer maneira, e estava extremamente irritada com aquelas biscates que queriam arrastar as asinhas para cima do meu Ian. “Meu” era, obviamente, modo de dizer, mas se eu não o teria, elas muito menos. Assim que saí e comecei a lavar as mãos e elas

perceberam a minha presença, ao menos fingiram estar constrangidas. Bom quase todas.

– Olá, querida, eu sou Helena – me cumprimentou a garota de língua pesa. – Você é a namorada do Dr. Ian?

– Claro que não – eu ri, e antes que pudesse pensar no que estava fazendo, completei: – Sou a acompanhante de luxo dele. Dr. Ian é gay, vocês não sabiam? – Sorri, sequei as mãos e abandonei as três de queixo caído no banheiro. Ainda pude ouvir exclamações como: “Nossa será que é verdade?”, “Eu sempre soube” ou “Estava na cara”, antes de bater a porta atrás de mim.

Agora não adiantaria me arrepender, estava feito e eu me sentia muito bem comigo mesma em saber que elas espalhariam a história dentro do hospital. Isso diminuiria a chance de garotas o chamando para sair em pelo menos cinquenta por cento. Eu não fazia ideia do que tinha me levado a tomar tal atitude, mas eu estava feliz com ela.

Caminhei em direção ao Ian, que estava no meio de um grupo de rapazes. Eles me notaram antes dele e cutucaram uns aos outros, fazendo com que Ian também olhasse. Seu rosto tinha uma expressão fechada. Ele agarrou minha mão assim que cheguei perto o bastante.

– Não vai apresentar sua amiga, Ian? – perguntou um rapaz moreno, sorrindo para mim de orelha a orelha.

– Não – respondeu ele, olhando feio para o amigo.

– Eu sou Bárbara – me apresentei, acenando um “oi” geral, enquanto Ian bufava ao meu lado.

Não demorou muito para que ele me arrastasse para longe, em busca de uma taça de champanhe. Um rapaz tinha perguntado se eu era solteira ou se realmente estava com Ian. Foi o que bastou para

Ian pegar minha mão e me levar embora, me impedindo de responder.

– Onde é o fogo? – perguntei rindo.

– Eles não são para você – declarou, parando no lugar. Essa era boa.

– Então quem é?

Ele não respondeu, seu olhar se perdeu na entrada no salão. Segui seus olhos e não acreditei na minha sorte, ou na falta dela.

Miguel.

Meu Miguel, quer dizer, meu ex-Miguel, entrou no espaço com sua esposa grávida – gritantemente grávida –, procurando algo com olhos aguçados, mas garanto que não era uma loira com cara de tacho.

– Miguel – sussurrei. Olhei para Ian e percebi que ele entendeu a situação rapidamente.

Não foi difícil deduzir o que ele estava fazendo ali, pois pouco antes de *não* casarmos, ele tentava uma vaga em uma empresa que distribui medicamentos para hospitais. Provavelmente veio vender seu peixe no evento, mas saber desse fato não me ajudou a entender porque a vida era tão sacana. Por que naquele dia? Por que ali? A velhota cheia das plásticas apaixonada pelo Ian foi recebê-los e estava rebocando os dois na nossa direção. Ian pegou minha mão e sussurrou preocupado:

– Quer ir embora?

– Nem pensar. – Eu não perderia isso por nada, mesmo porque, analisando as mensagens enviadas por meu cérebro e coração, eu estava me lixando para aqueles dois. – Eu estou bem – garanti, antes que ele pudesse me colocar nos ombros e dar o fora dali. Apertei mais sua mão em resposta ao seu toque.

O rosto de Miguel entrou em puro choque assim que seus olhos encontraram os meus, e percebi que ele apertou a mão da Manoela e que ela também me encontrou; porém seu semblante mostrava pura satisfação. Ali eu tive a certeza de que ela realmente estava feliz com tudo o que tinha acontecido e que não mudaria nem uma vírgula da história se pudesse. Ela sorria como se esfregasse uma vitória bem no meu nariz, de uma maneira muito pior do que no nosso último encontro no meu apartamento. Embora uma fúria repentina pelo seu comportamento tivesse me invadido dos dedos dos pés até o último fio de cabelo, eu sabia que não era por ciúmes de Miguel, era mais a sensação de ter sido trocada. Percebi que talvez esse fosse o problema o tempo todo: *ter perdido*. O que me fez crer que meu amor por aquele idiota não era lá muito grande. No começo eu até tentei me fazer acreditar que Manoela tinha dito aquelas coisas no nosso último encontro por raiva de eu ter descoberto, por ter manchado seu nome, mas não era isso. Ela não estava arrependida e se olhares dissessem alguma coisa, o dele me dizia a mesma coisa.

– Dr. Ian, esse é o Sr. Miguel e sua esposa – apresentou a velha de mil anos. – Lembra que havíamos conversado sobre um revendedor de São Paulo?

Miguel estendeu a mão para que Ian apertasse, gesto que, para este, causou repulsa. Mesmo assim, ele o retribuiu. Seu maxilar estava travado e eu tinha completa certeza de que ele estava irritado, eu só não entendia por quê. Será que ele pensava que eu daria algum vexame? Apertei novamente a mão de Ian como sinal de paz, mas talvez ele tivesse entendido errado.

– Sim, eu me lembro – respondeu ríspido.

– Essa é... – Miguel gaguejou, olhando para Manoela.

– Eu sou Manoela, a esposa dele – adiantou-se, estendendo a mão para que Ian apertasse. Notei como ela o mediu, decerto também impressionada por sua beleza. *Esse aqui não, queridinha.*

– Essa é Bárbara, minha namorada – apresentou-me em tom orgulhoso, sem meias palavras. O queixo de Manoela foi parar no chão, talvez por ela não ter pensado que eu pudesse estar bem e já transando com outro, o que, de fato, não tinha acontecido, mas ela não tinha necessidade de saber; não seria eu a contradizer Ian naquele momento. Miguel olhou com curiosidade para nossas mãos entrelaçadas, mas não esboçou uma reação.

Não entendi porque Ian tinha me apresentado como namorada, talvez ele tivesse pensado que dessa forma tudo seria menos constrangedor para mim, ou que assim eu ficaria quietinha e não faria um escândalo. De qualquer modo, resolvi provar que era madura o suficiente para encarar a situação.

– Nós já nos conhecemos, Ian – me manifestei. Miguel olhava de Ian para mim e vice-versa, e Manoela ainda tinha o queixo no joelho. Ian fingiu estar surpreso, mas não evoluiu o assunto, porque, obviamente, ele sabia.

– Como você está, Babi? – perguntou Manoela friamente.

– Como você pode ver, muito bem. – *E magra, ao contrário de você, piranha,* pensei e sorri.

– Henrique – Ian chamou um rapaz que passava que se virou e veio em nossa direção. – Você pode levar minha namorada para conhecer o resto da minha equipe, enquanto trato de negócios com este revendedor? – pediu, cuspidando a última palavra como se Miguel fosse o cocô da barata que vive no esgoto.

– Claro, chefe – prontificou-se o rapaz, me oferecendo o braço.

– Eu já encontro você, amor – disse Ian, beijando minha testa enquanto eu pegava no braço do rapaz. Deixei-me ser rebocada pelo tal de Henrique.

Eu estava flutuando. Ele havia me chamado de “amor”, que se danasse se tinha sido ou não por pena da minha situação, que a propósito, ele não precisava ter, mas ele tinha dito e ouvir o som daquelas palavras saindo de sua boca, destinadas apenas aos meus ouvidos, me enlouquecia.

Estava na hora de eu ter uma conversa profunda comigo mesma:

*O que você tem na cabeça, sua mula?*

*Ian...?*

*É aí que está o problema.*

Revisei meus pensamentos e encontrei apenas Ian. O som da sua voz cantando, seu perfume no travesseiro, a maneira como ele passava a mão pelos cabelos quando estava com raiva ou em situação embaraçosa, seus olhos penetrantes, suas mãos nas minhas... Elas se encaixavam...

Não tive tempo de ficar feliz por não ter sentido absolutamente nenhuma dor em relação ao que eu tinha presenciado havia pouco. A questão era que eu tinha um problema bem maior no momento.

Eu estava apaixonada e isso daria merda!



# 18

“Quando tudo nos parece dar errado, acontecem coisas boas que não teriam acontecido se tudo tivesse dado certo.”

**Renato Russo**

# Em casa

Ian voltou meia hora depois, e eu já tinha conhecido todos os membros de sua equipe, incluindo a garota de língua presa, que descobri ser sua anestesista. Agora, talvez, bem pouquinho, pouquinho mesmo, eu estivesse arrependida de ter falado que ele era gay. Afinal, o cara estava tentando me ajudar, enquanto eu diminua suas chances de transar. Isso não estava certo. Diante de tudo, acho que eu deveria me oferecer para o serviço, era o mínimo que eu poderia fazer.

– Você está bem? – perguntou ao meu ouvido, quando se sentou ao meu lado na mesa.

– Estou sim – respondi sorrindo em sua direção. Droga, eu estava realmente apaixonada. Só o seu olhar já fazia minhas pernas bambearem embaixo da mesa.

– Tem certeza? – perguntou preocupado.

– Tenho, certeza absoluta – reafirmei, e ele respirou aliviado.

– Se você quiser, podemos ir embora.

– Antes da comida? – Fiz careta. – Nem pensar.

– Sua amiga – ele pausou –, ex-amiga, a cobra venenosa, perguntou há quanto tempo estamos juntos.

– E o que você respondeu?

– Disse que não era da conta dela – riu. Ele definitivamente era perfeito.

– Você não precisava ter feito isso. – Mas eu gostei que tivesse feito. – Quer dizer, não precisava ter dito que é meu namorado. Eu teria suportado aquele encontro.

– Mas eu quis dizer, eu quis que eles soubessem que você não precisa deles, que alguém tinha notado você.

Não sei se foram as palavras ou a maneira como ele me olhou, mas fui remetida imediatamente a uma época do passado, mais de dez anos antes. Voltei para os braços do meu garoto de olhos azuis em questão de segundos e senti minhas pernas tremerem, meus olhos se encherem de lágrimas.

– O que eu disse de errado? – perguntou ele, pegando minha mão por baixo da mesa. – Eu sabia que você não ficaria bem.

– Não é isso, você só me fez lembrar de alguém – admiti, respirando fundo.

– Quem? – perguntou, interessado.

– Não tem importância. Ele nunca existiu, mesmo. A não ser dentro da minha cabeça. – Era isso que meu garoto era, uma ilusão. À margem de tantos problemas, fantasiar com ele tinha deixado de ser um refúgio de esperança, eu não acreditava mais em contos de fadas. Sua lembrança não resolvia mais nada.

Aquele garoto, de fato, nunca existiu. Não de verdade, ele era apenas um garoto que teve uma boa intenção e que ajudou alguém. Ele me deu um beijo, provavelmente por pena, e voltou para sua vida. Mas eu o segurei firme com as duas mãos e criei uma ilusão de quem eu achei que ele seria e a tranquei dentro de mim em cárcere privado. Estava na hora de deixá-lo ir embora também. Afinal, eu tinha um garoto de olhos azuis de verdade para conquistar.

– Você ficou chateada por eu ter dito que era seu namorado?

Eu ficaria se isso não se transformasse em realidade.

– Não, eu agradeço. Pelo menos parece que eu dei a volta por cima, não parece?

– Você vai dar a volta por cima.

Talvez eu já tivesse dado.

Fomos embora só depois que consegui me empanturrar de camarão, e na saída passamos pela mesa em que Miguel estava com Manoela. Fiz questão de ignorá-los enquanto Ian fez questão de não soltar minha mão. Não me importei, a sensação era ótima. Eu queria que nunca chegássemos ao carro para ele não me soltar.

A viagem até Garopaba seria longa e eu já me sentia exausta, embora tivesse dormido bem durante a noite (e põe “bem” nisso). Adormeci assim que o carro começou a se movimentar.

Acordei com um embrulho no estômago, algo se revirando lá dentro. Será que os camarões tinham ganhado vida? Muito *The Walking Dead* para ser real, mas a sensação era de que eles me devoravam de dentro para fora. Eles precisavam sair.

– PARA O CARRO! – gritei e Ian não titubeou: jogou o automóvel para o acostamento e tive tempo apenas de abrir a porta e despejar o almoço em um punhado de grama. Ele rapidamente saiu do veículo e deu a volta para segurar meus cabelos enquanto eu colocava a bile para fora e tudo o que havia sobrado do maravilhoso camarão.

– Sente-se melhor? – perguntou depois que encostei meu corpo no banco e apoiei minha cabeça no encosto, olhando para o alto.

– Sim.

Quer vergonha maior? Descubro que gosto do cara e vomito na frente dele. Ele devia ter percebido meu desconforto, porque sorriu para me tranquilizar.

– Não precisa se envergonhar, eu sou médico lembra? E além do mais, não é a primeira vez que a vejo vomitar. Da última, meu sapato teve uma visão até melhor que a minha.

Eu ainda estava baqueada, então apenas sorri e fechei os olhos novamente. Ouvi quando ele voltou para o banco do motorista e fechou a porta.

– Você tem certeza de que está bem por tê-los visto?

– Ian, eu acho que eu nem o amava – despejei.

– Por quê?

– Porque eu não senti nada quando os vi juntos. – Ele sorriu e voltou o carro para a estrada. – Parece que tudo aconteceu há muito tempo, muita coisa mudou. – E mal sabia ele o quanto.

– Então talvez tenha sido o camarão – opinou, sorrindo para a estrada à sua frente.

– Com certeza foi o camarão.

Chegamos à casa da vovó no final da tarde e todos viam televisão na sala. Após os cumprimentos iniciais e as lenga-lengas da minha mãe sobre eu estar magra demais, verde demais, ser filha dela demais, consegui arrastar Vivian para fora de casa quase pelos cabelos.

– Aonde vocês vão? – perguntou papai, levantando os olhos do jornal.

– Até a praia dar uma volta.

Eu precisava desabafar senão acabaria explodindo. Saímos pela porta e Vivian foi tagarelando pelo caminho inteiro, dizendo que Bernardo ainda não tinha sequer olhado na sua direção, não sem incluir os demais na conversa. Quando finalmente chegamos à beira do mar e começamos a chutar a água, eu perdi minha paciência: ela não calava a boca.

– Estou apaixonada pelo seu irmão – declarei. Isso fez com que ela ficasse quieta imediatamente. Sua boca abria e fechava e nada saía de dentro, então continuei: – Dormimos juntos ontem. – Ela

estava sufocando ou era impressão? Não me importei e continuei: – Víamos um filme e apenas dormimos na mesma cama, e hoje no almoço, encontramos Miguel e Manoela, mas eu não senti nada, absolutamente nada, a não ser a mão do seu irmão na minha. Eu só conseguia pensar em como nossas mãos se encaixavam e no cheiro do travesseiro dele.

– Você encontrou com eles?

Deus, ela era muito lerda. O problema não era esse.

– Ele revende medicamentos, mas isso não vem ao caso; é só meu azar me lembrando de que não me abandonou – expliquei, abaixando-me e pegando uma conchinha do chão. – O problema é que eu não sei o que fazer.

– Fala pra ele – respondeu Vivian, se iluminando.

– Ah, claro, porque aí ele vai me pedir em casamento, teremos setenta e oito filhos e vamos viver em um castelinho de contos de fadas cor-de-rosa – respondi sarcástica, recomeçando a andar. Ela me alcançou quando concluí: – Isso não vai dar certo.

– Você não sabe – disse ela, olhando para o céu. – Você é importante para ele. Eu não sei por quê, mas é, e é a primeira. Quantas vezes você acha que meu irmão comprou um vestido na vida? Se você responderia uma, está certa. Ele nunca pegou um avião por ninguém, jamais deixou mulher nenhuma ficar em sua casa e nunca deixou que mulher nenhuma dormisse na cama dele.

– Como é que é? – perguntei espantada.

– Ele tem uma regra.

– Claro, uma regra – repeti, irritada.

– Elas não podem passar a noite, senão isso torna tudo meio oficial.

– Então é pior do que eu pensava. Ele tem fobia a compromisso. – Onde eu tinha ido me meter? – E ele pode ter feito tudo isso por eu ser a irmã mais nova dos melhores amigos dele. Ele deve me ver como vê você, como uma irmã.

– Ele nunca olhou para minha bunda, posso garantir.

– Que bunda, amiga? – Eu era uma tábua.

Antes que ela me fizesse acreditar que eu tinha alguma chance, os rapazes nos alcançaram, mas eu não estava com a mínima vontade de rir e tomar cerveja com eles, então voltei para casa e passei o resto da noite com meus pais e minha avó, me empanturrando de comida e de conversas sem sentido.

Na manhã seguinte, fui a primeira a acordar, ou pelo menos pensei que fosse, porque Vivian ainda dormia ao meu lado no quarto de hóspedes, e cruzei com os corpos desfalecidos dos meus dois irmãos em um colchão de ar na sala – eles tinham cedido o outro quarto disponível para Ian e Bê. Acabei encontrando minha avó na cozinha, a todo o vapor, preparando o café.

– Bom dia, querida – cumprimentou-me com um beijo e colocou um bolinho de chuva ainda quente na minha mão.

– Bom dia, vovó. – Sorri e me sentei à mesa da cozinha para atacar mais alguns bolinhos.

– Como você está?

Eu me remexi na cadeira, fazendo careta.

– Vou viver.

– Isso é ótimo – disse sorrindo e se sentando à minha frente –, porque eu não tinha nenhum pretinho básico no guarda-roupa caso isso não acontecesse.

– Oh. – Fingi que havia levado uma facada. – Eu esperava esse tipo de ofensa da minha mãe, nunca de você.

– É convivência, querida – retrucou em tom de deboche –, é a maldita convivência.

– Imagino que sim... – respondi enchendo a boca de bolinho de chuva.

– Mas me diga, quem é ele? – investigou, franzindo os olhos.

– Quem, vó?

– Você ficou bem rápido demais – explicou com voz de quem sabia das coisas, e pelo visto sabia mesmo. – Na sua situação, ninguém fica tão bem se não estiver interessada em outra pessoa.

– Só estou interessada em voltar ao trabalho e recuperar um pouco de normalidade para minha vida. – Eu não contaria nem se ela me ameaçasse de morte. Minha avó poderia ser um anjo, mas acabaria contando para a minha mãe e aí eu não teria mais sossego. Eu até conseguia visualizar minha mãe fazendo caretas atrás das costas de Ian pelos próximos cinquenta anos todas as vezes em que estivéssemos no mesmo ambiente.

– Eu vou fingir que acredito em você – brincou, sorrindo. – Por enquanto.

Nossa conversa foi interrompida pelo resto da casa despertando e pelos latidos do Vitório, que era perseguido pela Vick dentro de casa. Um a um foram se juntando a nós na cozinha. Partiríamos após o café da manhã.

Levantei-me para encher novamente minha xícara de café e perdi minha cadeira para um Augusto de cara inchada.

– Foi namorar, perdeu o lugar – riu.

– Pelo menos eu ainda tenho cérebro e não a inteligência de um garoto de 5 anos – respondi mostrando a língua e me encostando na pia.



– Vem – disse Ian, levantando de sua cadeira, – pode sentar no meu lugar.

– Não precisa.

– Eu faço questão. – Ele puxou a cadeira e eu me sentei, mostrando novamente a língua para meu irmão, que deu de ombros.

– Ian, querido, nossa filha tem dado muito trabalho? – perguntou minha mãe para puxar conversa, e eu gemi.

– Imagina – respondeu ele, me dando uma piscadela. – Ela tem sido encantadora.

– Tanto quanto um bebê elefante pode ser – argumentou Gustavo.

– Eu não fico feliz de a minha filha estar morando com tantos rapazes – lamentou meu pai.

– Ela tá morando com a gente, pai – disse Gustavo.

– Por isso mesmo, vocês não cuidam nem de si mesmos, que dirá dela.

– Ela vai ficar bem – assegurou minha avó, sorrindo especialmente para Ian e me olhando como se tivesse resolvido um grande mistério. Corei e abaixei a cabeça. Droga.

Depois do café, todos começaram a arrumar suas coisas. Vivian e os meninos foram com o carro do Augusto, e como havia surgido um compromisso no hospital e precisariam dele ainda naquele dia, eles tinham que ir embora. Ian e eu resolvemos ir também.

Levantei-me da cadeira e não senti o chão sob meus pés. Ian me segurou pela cintura antes que eu despencasse e fechei os olhos instintivamente. Meu pai, que estava mais perto, segurou meus braços e me sentou novamente na cadeira.

– Você está bem? – perguntou realmente preocupado.

– Sim, só fiquei tonta por um momento.

– Vivian, vai pegar minha maleta no carro – ordenou Ian.

– Augusto pode fazer isso – sugeriu meu pai. Minha avó, que ainda estava ali por perto, foi contra.

– Ele está carregando o carro, Ian dá conta. Foi só um mal-estar.

Vivian chegou correndo com a maleta, e Ian pegou o estetoscópio para sentir meu coração, o que era uma má ideia, porque assim que sua mão se instalou no meu decote, senti meu coração quase sair de dentro do peito. Será que ele perceberia que era por sua causa?

– Respira fundo, Bá – pediu –, e agora solta. – Depois da terceira vez e de uma boa olhada na minha garganta e nos meus olhos, seu rosto se suavizou. – Você não tem comido direito, pode ser isso que anda causando o mal-estar, ou o camarão de ontem a afetou mais do que eu tinha imaginado. – Apesar de ser claro que ele tentava me tranquilizar, Ian ainda tinha dúvidas e seu rosto parecia preocupado.

– Pode ser – disse papai. – Bárbara, quantas vezes teremos que conversar com você sobre se alimentar corretamente?

– Acho que é melhor irmos embora um pouco mais tarde. Você deveria voltar para cama e descansar um pouco – disse Ian. Concordei e tentei me levantar, mas tive que me segurar na mesa. Vendo meu esforço, Ian me pegou nos braços e me levou até a cama. Depois de me deitar, ele sentou-se ao meu lado.

– Vou voltar para a cozinha antes que seu pai entre aqui com uma arma. – Então ele tinha percebido.

Bernardo e Vivian vieram se despedir de mim. Ela prometeu me ligar mais tarde. Já meus irmãos alegaram que me veriam em casa e não se deram ao trabalho de dar “tchau”. Não consegui voltar a dormir, apenas vi um pouco de televisão, mas acabei ficando com dó do Ian sozinho com a minha família. Saí da cama quentinha e fui até a cozinha. Encontrei-o com a minha avó.

– Quando você vai contar a ela? – perguntou vovó. Não entendi sobre o que falavam e ele não chegou a responder, porque minha avó me viu e veio na minha direção, deixando-o sozinho na cozinha.

– Está se sentindo melhor, querida?

– Sim, a tontura já passou – respondi e me virei para ele: – Vamos para casa?

– Vocês não vão ficar para o almoço? – perguntou minha mãe, chegando da rua cheia de sacolas, com meu pai a reboque.

– Não dá mãe, amanhã eu volto a trabalhar.

– Ah, se é assim, então boa sorte.

– Eu vou precisar – afirmei, voltando para o quarto para buscar minha mochila.

– Eu levo isso – ofereceu Ian, retirando a mochila das minhas mãos quando voltei para a cozinha. Ele foi até o carro, enquanto eu me despedia da minha família.

# 19

“Sinto ciúmes de tudo o que é meu, e de tudo o que eu acho que deveria ser.”

***Bob Marley***

# Dias de branco, dias de fúria

Acordei atrasada na segunda-feira, nada muito fora do meu estado habitual em dias de trabalho. Eu tinha uma enorme capacidade para acordar cedo aos fins de semana e feriados, e para hibernar quando eu deveria levantar minha bunda da cama e ir para o trabalho. Tomei um banho rápido, vesti a primeira coisa que encontrei, apanhei uma maçã da fruteira e estava saindo.

– Você mandou alguém olhar seu carro? – me perguntou Ian de cabelos molhados e vestido de jaleco, entrando na cozinha.

– Mais que droga! – exclamei, jogando as mãos para o alto. Como eu tinha me esquecido que meu carro tinha pifado?

– Toma – ofereceu, jogando as chaves de seu carro no ar. – Vai com o meu.

– Você vai deixar Babi dirigir seu carro, cara? – perguntou Augusto, saindo do corredor. Meu irmão também ficava um arraso quando vestia seu jaleco.

– Ela já o roubou uma vez e o devolveu depois, não faz mais diferença. – Bem lembrado. – E eu sempre posso pegar uma carona com você.

– Valeu – agradei e voei escada abaixo.

Cheguei quarenta minutos atrasada no meu primeiro dia, em parte porque o maldito GPS fez com que eu me perdesse. Eu não tinha dúvidas de que receberia uma ligação do meu chefe mais tarde me dando os parabéns. Demorei mais vinte minutos para conseguir sair do carro. O cheiro dele estava por todos os lugares, principalmente no banco do motorista. Dei uma última cafungada para me trazer sorte e saí para o dia chuvoso. Claro que esqueci o guarda-chuva.

Não preciso nem comentar que só descobri que estava chovendo quando saí com a Land Rover da garagem, não é?

Cheguei à recepção do prédio encharcada, pingando água da roupa e do cabelo. Eu não queria me ver num espelho tão cedo.

– Bom dia – me cumprimentou a recepcionista.

– Bom dia, eu começo hoje no Velasques Advogados Associados.

– Você pode me emprestar seu RG? – Entreguei o documento para a moça. Será que seu rosto não doía de sorrir tanto? – Só um minuto, vou fazer o cadastro enquanto anuncio sua chega ao Dr. Thomas.

– Tudo bem – respondi apenas. Eu não conhecia ninguém dessa filial, sempre tinha trabalhado em parceria apenas com a do Rio de Janeiro, mas me lembro de Manoela ter dito que o diretor de Floripa era gatinho.

– Você pode se virar mais para a direita? – pediu a recepcionista.

– Preciso tirar uma foto.

– Claro. – Travei o maxilar. *Tomara que essa foto não seja a do crachá que eu vou ter que pendurar no peito*, pensei em desespero.

Assim que ela bateu a foto, um homem bem apessoado de terno saiu do elevador e veio na minha direção. Sorriu e me estendeu a mão.

– Então você é a famosa Dra. Bárbara? – perguntou, apertando minha mão.

– Então o senhor já ouviu falar de mim?

– Na verdade eu tinha ordens expressas para ir até sua casa buscá-la se demorasse mais dez minutos. – Riu. – É raro Dr. José gostar tanto de um funcionário, por isso estava extremamente curioso para conhecê-la, doutora. – Ele não esperou por uma

resposta, fez um gesto para que eu o seguisse e apertou o botão do elevador. – O que está achando da cidade?

– Maravilhosa, doutor, morei aqui durante minha infância e adolescência, mas confesso que não a tenho aproveitado muito desde que cheguei.

– Pode me chamar apenas de Thomas.

– Tudo bem, Thomas – sorri, analisando o homem diante de mim.

Ele era quase da minha estatura, o que eu considerava baixo para o “padrão Bárbara”, mas ele compensava em músculos. Tinha os olhos e os cabelos pretos. Um rapaz que não era bonito, mas que tinha algo que o tornava atraente; talvez fosse o sorriso, ou a maneira com que seus olhos encaravam as pessoas quando ele lhes dirigia a palavra. Sem dúvida ele era charmoso.

– Pode me chamar de Bárbara – acrescentei.

– Ótimo.

Chegamos ao 5<sup>o</sup> andar, onde o escritório ocupava todas as salas.

– Vou lhe apresentar algumas pessoas e depois mostrar sua sala.

– Concordei com a cabeça. – Você já está familiarizada com os trâmites do processo criminal, pelo que fiquei sabendo.

– Sim, sou criminalista.

– Aqui você ficará encarregada de fazer exatamente a mesma coisa que fazia em São Paulo, temos apenas mais um criminalista que dividirá a carteira de clientes com você. Prefere trabalhar para pessoas físicas ou jurídicas?

– Prefiro pessoas físicas. – Nada como brigar em delegacias para aplacar o tédio da vida.

– Então você fica com esses casos.

Thomas me apresentou para uma penca de pessoas, e eu apenas sorri. Eu esquecia seus nomes assim que ele os falava, e continuei

sorrindo. Quando será que eu poderia finalmente conhecer minha sala e fuçar no Facebook?

– E por último esse é Vítor, ele é o outro criminalista de quem falei.

– Olá, é um prazer. – Estendi minha mão para o rapaz magro à minha frente. Esse sim, eu consideraria bonitinho. Alto, magro e sem músculos, uma pena. Mas ele tinha uma postura ótima e, o que eu descobriria depois, também um ótimo senso de humor.

– O prazer é meu, querida, você vai ficar com metade do meu trabalho – disse sorrindo. – Então já deu para imaginar o quanto estou feliz? – Eu ri. – Deixa, Thomas, eu a levo para conhecer sua nova sala.

Assim que ele abriu a porta para minha nova residência, porque eu sempre morei mais no trabalho do que em casa, um peso saiu dos meus ombros; eu tinha sentido falta disso. Ver o Facebook em casa nunca foi a mesma coisa. Matar o tempo, muito menos.

– Se quer um conselho, fica longe dele – avisou Vítor. – Ele sempre tenta pegar as novatas.

– Longe de quem? – perguntei, sentando na minha cadeira e dando uma giradinha.

– Do Thomas, ele é um babaca, então cuidado – disse fechando a porta e se sentando em uma das cadeiras em frente à minha mesa.

– Não precisa se preocupar. Eu não pretendo ficar com ninguém mesmo, principalmente um colega de trabalho.

– Problemas na vida sentimental, meu bem?

– Chegou perto, meu bem. – Ele caiu na risada com minha imitação. – Quais são as regras?

Ele pareceu entender minha pergunta. Toda empresa tinha regras e só era feliz quem as conhecia.



– Nunca dê um perdido muito longo e sozinha, Thomas é um pé no saco. Então pode ficar à vontade pra me mandar uma mensagem interna se quiser tomar um café ou matar trabalho – respondeu, já se empolgando. – Nunca conte nada de importante para a recepcionista, porque ela é uma vaca fofqueira, e nunca, eu disse nunca, pergunte para quando é o filho da Eduarda. Ela não está grávida, só gorda mesmo. Eu sempre testo toda semana para ver se continua igual e pode acreditar em mim, nunca é uma criança.

– Entendi – confirmei rindo. – Então também se sinta à vontade para me chamar se quiser matar um tempinho.

– Sempre que eu for fumar um cigarrinho, meu bem – disse ao se levantar. – Você parece legal. Fico feliz de ter você como parceira, as outras meninas são quase sempre umas mal-comidas.

– Fico feliz em ser útil – retribuí, ligando o computador.

– Ah, só mais um detalhe – lembrou, parando na porta. – O Facebook é bloqueado.

– Ah, mas que merda! – exclamei, irritada. – Era exatamente o que eu ia conferir agora.

– Eu disse que Thomas era um pé no saco. – Vendo minha cara de triste, ele confidenciou: – Conheço um cara que trabalha em uma empresa de informática no 3<sup>o</sup> andar que pode dar uma mãozinha. Eu o peguei uma vez, e ele vive querendo me bajular para experimentar esse corpinho de novo – disse, alisando a barriga. Se eu já não tivesse desconfiado que ele era gay pela camisa polo rosa-choque, essa teria bastado. – Acho que eu posso resolver.

– Você é um anjo! – exclamei.

– E você é a primeira pessoa que me fala isso. – Saiu da sala rindo e fechando a porta atrás de si.

Voltar ao normal era bom e fácil. Algo natural. Acho que todas as pessoas que trabalham no que gostam se sentem assim. Não que meu pai tivesse ficado feliz quando eu disse que meu sonho era defender criminosos, sempre aquele papo de “e se ele tivesse feito com alguém da sua família?”. Eu não pegaria o caso, ué. Infelizmente no nosso país, todo mundo tem direito à defesa e se alguém lucraria com isso então, que fosse eu. Minha mãe já foi mais direta: “Por que você não arruma uma profissão que nem a dos seus irmãos?” Porque eu preferiria limpar privada com a língua a ter que ver gente aberta em uma mesa de cirurgia, ou projetar uma casa (eu não consigo montar nem um Lego), pelo amor de Deus.

Depois que me instalei e dei uma boa olhada em alguns casos que Vítor já tinha me enviado por e-mail, alguém bateu à minha porta.

– Pode entrar – chamei.

Thomas colocou a cabeça para dentro e convidou:

– Você gostaria de um café?

Não dava para recusar um pedido do chefe, né? A menos que fosse um teste do sofá, porque aí a conversa seria outra. Levantei da cadeira e o segui até a varanda do andar, onde ficavam algumas mesas, uma pia e uma máquina de café. Assim que a máquina apitou, retirei meu café e me virei rápido demais, dando uma trombada no Thomas, fazendo minha bebida derramar no meu decote. Droga!

Thomas ficou sem saber o que fazer enquanto eu xingava horrores e pulava no lugar por estar com os peitos queimando.

– Sinto muito, Bárbara – desculpou-se ao me entregar alguns guardanapos.

– A culpa foi minha – falei, e olhamos os dois ao mesmo tempo para minha roupa arruinada.

– Acho melhor você ir pra casa se trocar, não há problema. – Agradei, voltei para minha mesa e encontrei Vítor quando eu já estava de saída.

– Ah, ele fez de novo – comentou, me olhando de cima a baixo. – O truque do café.

Eu não entendi, apenas me despedi e voltei para casa. Eu já estava começando a grudar e a cheirar como a cafeteira do apartamento.

Depois de ter ficado dez minutos tentando colocar o carro do Ian na garagem sem acertar nenhuma pilastra, entrei em casa meio irritada e ainda me deparei com uma visão que acabaria com a minha tarde: uma garota de cabelos longos e peitos grandes vinha na minha direção abotoando a blusa e tentando colocar a bolsa no ombro ao mesmo tempo. Eu não olhei para seu rosto, pois ainda estava focada nos desenhos de seu sutiã, quando ela percebeu minha presença.

– Quem é você? – perguntou irritada. – A próxima da fila?

– Eu é que pergunto, eu moro aqui. – *Deus permita que essa vagabunda não tenha saído de onde eu estou imaginando que saiu*, pedi em silêncio. Ela não se dignou a responder, apenas passou por mim e saiu do apartamento. Eu a segui com os olhos e quando voltei minha atenção para dentro de casa novamente e fechei a porta, um Ian vestido somente com uma calça jeans me olhava, escorado na entrada do corredor.

– Não é o que você está pensando.

Quem estava pensando em alguma coisa aqui?

– Não é da minha conta – respondi, tentando disfarçar minha irritação e indo em direção ao meu quarto. Ele não se mexeu.

Droga, como eu era burra. Não importava quantas vezes antes eu já tivesse constatado esse fato, era sempre uma surpresa quando eu percebia outra vez. Uma grande loira burra. As piadas de loiras começavam a fazer todo o sentido pra mim, eu realmente tinha problemas. Até que tinha demorado bastante para que eu topasse com alguma piranha sem roupa nessa casa. Eu estava furiosa e nem sabia ao certo por quê. Eu não podia estar amando aquele desgraçado. Era só uma paixonite que passaria, eu tinha certeza, assim como a raiva que eu sentia.

Meia hora depois ainda não tinha passado.

Nem a paixonite, nem a raiva.

# 20

“Tá reclamando do meu orgulho e do meu ciúmes?  
Espera pra ver a minha indiferença.”

**Tati Bernardi**

# Ciúme é um bichinho verde

Eu não tinha nada para quebrar nesse quarto então resolvi desabafar. Procurei o número da Vivian nos contatos e liguei; não dei chance nem de ela me dizer “alô”.

– O idiota do seu irmão estava com uma piranha aqui quando eu cheguei – anunciei irritada. – Ela estava com os peitos pra fora.

– Fica calma – disse Vivian, me tranquilizando. Na verdade eu nem sei como ela estava me ouvindo com tanto barulho.

– Onde você está? Numa estação de trem?

– Na escola, amiga, eu ainda tô trabalhando – respondeu com uma risada. – Quer que eu passe aí mais tarde?

– Vai me ajudar a esconder o corpo? Se não, nem precisa vir.

– A gente o enterra no jardim do prédio, que tal?

– Perfeito.

Desliguei, já me sentindo melhor; melhor e faminta. Aproveitei que o celular estava na minha mão e usei o Google para encontrar alguém que viesse me trazer comida a essa hora, não eram nem cinco da tarde ainda.

– Boa tarde, vocês já estão entregando? – perguntei para o senhor que atendeu na pizzeria.

– Já sim, querida, qual o seu pedido?

– Eu quero uma pizza metade quatro queijos e metade calabresa – respondi, esperando que ele anotasse – e uma Coca dois litros.

– Mais alguma coisa?

– Fala pro boy que se ele entregar na porta do meu quarto ele ganha uma caixinha de cinquenta mangos.

– Pode deixar – respondeu o homem, rindo.

Liguei na portaria e autorizei a subida do motoboy. Chovia e eu estava com preguiça demais para descer e ter que buscar minha pizza lá embaixo. Eu duvidava que ele fosse deixar de ganhar cinquentinha por preguiça, eu não deixaria, pelo menos. Por cinquentinha eu era capaz até de tirar a roupa. Meia hora depois comecei a ouvir vozes exaltadas por cima do barulho da televisão. Abaixei o volume e, não contente, abri minha porta para ver o que era.

– Você não vai até o quarto dela – Ian estava dizendo irritado.

– Mas a moça pediu que fosse entregue na porta do quarto – tentou se explicar o rapaz.

– Eu já disse que...

Eu o interrompi colocando a cabeça para fora da porta:

– Deixa o garoto passar com a droga da minha pizza, Ian! – berrei.

Não vi o que aconteceu na porta, mas o garoto trazendo a pizza logo apareceu no meu campo de visão. Eu paguei minha conta e, como prometido, dei-lhe a nota de cinquenta reais. Antes que eu pudesse dar a primeira mordida, Ian apareceu irritado.

– Você faz isso quando está sozinha? – perguntou, passando a mão pelos cabelos e apoiando a outra no batente da minha porta.

– Comer pizza? – perguntei, fingindo inocência. Ele revirou os olhos.

– Não, deixar que os entregadores entrem em casa e venham até seu quarto – explicou impaciente.

– Não interessa. – Aquilo ali pulsando no pescoço dele era uma veia? – Quer um pedaço? Ah, não, você já comeu, né? – disparei, referindo-me à garota dos peitões. Sem que ele pudesse responder,

levantei e fechei a porta na cara dele. Ouvi Ian dizer um palavrão em alto e bom som, e depois sua porta bater com força.

Comi minha pizza e não saí mais do quarto.

Vivian chegou quando já passava das 7h da noite e eu já estava entediada havia muito tempo.

– Eu tenho um plano – avisou assim que abriu a porta. *Oi para você também, Barbie.*

– Qual?

– Precisamos arrumar alguém para sair com você – explicou, pulando na cama e abraçando Vito, que tinha abandonado o gato e se lembrado que eu existia, assim que sentiu cheiro de pizza.

– E de que isso adiantaria? – perguntei, confusa, quando me sentei na cama para poder olhá-la melhor.

– De duas, uma: ou essa sua paixonite pelo meu irmão vai para o espaço se você se interessar mesmo pelo cara, ou no mínimo vai deixar Ian com ciúmes.

– Ok, vamos supor que Ian realmente ficasse com ciúmes, o que não vai acontecer. Você por acaso acha que estão *vendendo* homem na prateleira do mercado?

– Vamos pensar em alguém – respondeu convicta, enquanto abria a caixa de pizza que ainda estava em cima da cama e pegava um pedaço.

\* \* \*

Não precisamos pensar por muito tempo, na manhã seguinte nossos problemas foram resolvidos. Thomas, assim que me viu entrar no escritório, me chamou para sair, uma recompensa pelo café derramado na minha roupa, e eu de pronto aceitei. Em parte, porque eu tinha esperanças de que o plano da Vivian desse certo,



embora eu realmente duvidasse. Em parte porque eu tinha achado o cara atraente. Afinal, se Ian podia se divertir com a garota dos melões, eu também poderia sair com um cara legal. Combinamos de jantar na sexta-feira próxima e que ele me pegaria em casa.

Vivian ficou feliz por saber que eu tinha arrumado uma cobaia, e a semana passou tão rápido com tantos casos que eu tinha para analisar no escritório, que não conseguimos mais tocar no assunto. Eu praticamente morava na minha mesa e ajudou bastante o fato de Vítor ter convencido o cara dos computadores a desbloquear meu Facebook. Quando enfim a sexta-feira chegou, eu estava tão cansada que só queria ir para casa e dormir... Mas Vivian me convenceu de que eu deveria pôr o plano em prática e até se voluntariou a me ajudar a me arrumar. Tradução: ela me arrumaria *sozinha*, porque não confiava no meu trabalho.

Às 7h em ponto eu estava dentro de um microvestido preto (cortesia da Vivi), que mostrava mais do que eu gostaria em um primeiro encontro, e calçava um sapato de salto quinze, vermelho vivo. Eu usava uma maquiagem bem carregada e esfumada, e vários cachos no cabelo. Esperei que não tivesse que cruzar com nenhum dos meus irmãos antes de sair, senão eu correria um sério risco de perguntarem onde é que eu fazia ponto.

Fomos até a sala para esperar o interfone tocar. Para o meu azar, os quatro rapazes estavam se revezando no videogame.

– Aonde você vai fazer ponto? – perguntou Gustavo. Viu? Eu disse, eu conhecia bem aquelas pestes.

– Você não vai a lugar nenhum vestida assim – disse Augusto com voz autoritária, largando o controle e recebendo vários xingamentos de Bernardo por ter “ferrado uma missão” e o matado.

– Pra mim está bom – disse Bernardo, me dando uma olhada de esguelha e voltando para seu jogo. Quando criei coragem para olhar para Ian, percebi que sua boca estava aberta e que ele queria falar alguma coisa, mas não conseguia. Agradei à Vivian mentalmente por isso. Quem disse que se vestir que nem uma prostituta não gerava efeitos?

– Eu não sei aonde você pensa que vai – disse Augusto quando se levantou, apontado o dedo para mim –, mas você não vai vestida assim.

– Tenta me impedir – debochei.

– Na verdade ela tem um encontro – contou Vivian de propósito, toda animada, indo se sentar ao lado do irmão (que fechou a boca e a cara ao mesmo tempo assim que ouviu a palavra “encontro”). *Pois é, queridinho, acha que só você pode?*

Antes que Augusto continuasse a encher minha paciência, o interfone tocou, a Vi foi correndo atender e apareceu sem fôlego na sala alguns instantes depois.

– Ele está subindo – anunciou, dando-me um beijo de despedida e tomando o controle da mão do Gustavo para jogar com Bernardo. Ninguém, muito menos o Bê, pareceu perceber que ela quase tinha se sentado no colo dele, de tão perto.

– Quem é o cara? – perguntou Ian por fim, desistindo de tentar manter a pose. A campainha soou.

– Alguém aí – respondi enquanto atenderia a porta.

– Você está linda – disse Thomas, beijando meu rosto e me entregando um lindo buquê de alguma coisa amarela. Eu não conhecia muitas flores além de rosas.

– Obrigada. – Sorri e pisquei meus cílios como aprendi com Vivian.  
– Pelas flores e pelo elogio.

– Vamos? – perguntou.

– Não tão rápido – intrometeu-se Augusto, que já vinha em nossa direção. – Você não quer ficar para uma bebida? – perguntou de forma tão grosseira, que teria ficado ainda mais grosseiro se Thomas tivesse recusado. Uma bebida. Eu daria o fora com ele dali depois de *uma* bebida. Coloquei as flores em um vaso e fui para a sala.

Todos acabamos ficando desconfortáveis com a situação, pois Augusto não parava de fazer perguntas idiotas para o meu acompanhante: como a gente tinha se conhecido, quando, onde íamos... Parecia que meu pai tinha possuído o corpo do menino. Eu continuei de pé e não deixei de reparar que Thomas parecia me devorar com os olhos a cada pausa para uma nova pergunta. Até então só minhas pernas recebiam atenção e garanto que se eu tivesse me intrometido na conversa e tivesse lhe perguntado qual era a cor do meu cabelo, ele não saberia responder sem ter que olhar. Ian parecia estar reparando a mesma coisa, porque se levantou do sofá e sumiu no corredor pisando duro, para voltar alguns minutos depois e jogar um sobretudo, que ele deve ter encontrado no meu guarda-roupa, em cima de mim.

– Veste isso – sussurrou no meu ouvido com a voz áspera. Eu recusaria, mas ele já parecia irritado, então apenas segurei o casaco nas mãos e interrompi o interrogatório.

– Chega, Augusto, temos que ir – anunciei, estendendo minha mão para que Thomas se levantasse do sofá. Ele pareceu aliviado ao pegá-la e me seguiu até a porta.

– Superprotetor seu irmão, não? – comentou quando já estávamos no elevador.

– Você não viu nada – respondi sorrindo. – E o guardião bonzinho estava apenas distraído com o videogame – acrescentei para me

referir ao Gustavo.

Thomas parecia extremamente desconfortável, então resolvi calar minha boca.

Acabamos conversando amenidades no caminho e parando num bar para um chope. A maioria dos assuntos girou em torno de trabalho, quais eram minhas expectativas (nenhuma), minhas dificuldades (nenhuma também), e o que eu estava achando da cidade (de novo?). Nada muito interessante e instigante, então não demorou muito para que eu alegasse que estava cansada e quisesse ir embora.

Aí surgiu um novo problema: e se o cara tentasse me beijar? Já fazia mais de um mês que eu não beijava ninguém. Mulheres também tinham suas necessidades, sabe?

– Posso subir? – perguntou.

– Acho que tudo bem – concedi. Claro, se fosse só para um café e nenhuma transa, por mim estava ok.

Ele parou o carro e subimos para o apartamento, que já estava silencioso. Cada um dos meninos deveria estar em seu próprio quarto e Vivian deveria ter ido embora. Thomas se sentou no sofá e eu me dirigi para a cozinha americana.

– Prefere um café ou uma cerveja? – perguntei, olhando para ele por cima do balcão.

– Prefiro você. – Esse era direto. – Por que não me faz companhia aqui no sofá?

Fiquei sem saber o que responder. Esse cara estava matando todas as chances comigo só por me olhar daquela maneira. Eu me sentia a chapeuzinho vermelho em pessoa, e a qualquer momento o lobo mau me daria um bote. Enrolei, pegando uma cerveja *long neck* da geladeira e abrindo-a, tentando fazer barulho para acordar

alguém. Se eu tivesse sorte, seria interrompida. Mas aqueles idiotas nunca prestavam atenção no que importava, né? Quando eu realmente queria que alguém aparecesse, todos eles resolveram esquecer que eu tinha saído e foram dormir.

Sentei-me no sofá, propositalmente longe do Thomas.

– Vem cá, Bárbara, eu não morde – disse salivando.

Deus era agora.

– Eu sei, mas ainda mal conheço você – retruquei sem sair do lugar. – Não quero que crie expectativas, antes de...

Ele me interrompeu e me puxou do sofá com força, colando os lábios nos meus de forma brusca. Fiquei sem ar e tentei sair de seu abraço apertado que começava a me machucar, mas ele não me soltava. Considerei lhe dar um chute onde mais doía, mas até o lobo precisava respirar. Assim que ele tomou fôlego para tentar dar uma nova investida, consegui traduzir minha frustração em palavras:

– Me solta! – ofeguei, mas se ele ouviu, não mostrou sinais de que pararia, então comecei a me debater em seus braços.

Como num passe de mágica ele me soltou, e antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, Ian tinha jogado Thomas no sofá e estava investindo contra ele.

– Você não ouviu ela dizer para parar, filho da puta? – perguntou exasperado, agarrando Thomas pela gola da camisa. Cadê meus irmãos quando se precisava deles?

– Corta essa, cara, ela estava gostando – respondeu Thomas, rindo. Ian estava a ponto de lhe dar um soco no rosto quando puxei seu braço.

– Ian, chega – pedi, puxando-o para trás de mim –, não foi nada de mais.

– Você estava mandando o cara parar – respondeu irritado. – O que queria que eu pensasse?

– Ele só me pegou de surpresa. Só isso. – Será que tinha sido só isso mesmo? Eu me lembrava de ter dito para ele parar e mesmo assim Thomas ignorou meu pedido e não me soltou.

– Não me importa, eu quero esse cara fora da minha casa – decretou Ian, indo até a porta da frente e abrindo-a.

– Tudo bem, gata. – disse Thomas, levantando-se. – Eu ligo e a gente marca alguma coisa amanhã.

Ele não esperou uma resposta e saiu do apartamento, e Ian bateu a porta da sala como quem bate a porta da geladeira, sem se importar com o barulho. Em seguida ele veio para cima de mim com o dedo apontado na minha cara.

– O que você tem na cabeça? – perguntou irado e aos berros. – Você se esqueceu das regras? Nada de homens em casa!

– Mas você pode, não pode? A regra só se aplica aos homens? – Por que eu estava brava era um mistério para mim, mas eu só sabia que queria arrancar aquele dedo da mão dele.

– Ele poderia ter feito alguma coisa com você – rebateu, passando as mãos pelo cabelo e ignorando meu comentário. – E se eu não tivesse chegado?

– Não foi nada demais – objetei, virando as costas para ele, mas ele me puxou de volta.

– Tem certeza? – insistiu, passando as mãos pelos meus lábios que deveriam estar vermelhos por causa da barba por fazer de Thomas e de sua brutalidade. – Você merece mais do que isso. – Em questão de segundos sua fisionomia mudou de cão raivoso para decepcionado, e eu não sabia como lidar com um Ian decepcionado.

– Talvez não exista mais ninguém esperando por mim – eu disse, dando as costas novamente e indo para o quarto. Porém, antes de entrar olhei para a sala e Ian ainda estava no mesmo lugar, me olhando, ainda decepcionado. Tudo isso era demais, o que esse cara estava fazendo com a minha cabeça?

# 21

“Estranho seria se eu não me apaixonasse por você.”

***Nando Reis, All Star.***



# Tudo sempre termina em pizza

– Acorda – disse Vivian, com um chacoalhão. – Me conta tudo! Como foi ontem?

– Humm... – Coloquei o travesseiro sobre a cabeça e tentei ignorar tanto sua presença quanto a noite do dia anterior. Não importava o quanto eu estivesse cansada, mas não tinha conseguido dormir. Passei metade da noite revivendo a decepção de Ian na minha mente.

– Tão ruim assim? – investigou Vivian, arrancando o travesseiro da minha cara e o usando para apoiar a cabeça.

– Pior – gemi. – Você trouxe café?

– Sinto muito – respondeu, balançando a cabeça.

– Então vai embora. – Virei para o outro lado.

– Não antes de você me contar tudo.

– Só se você for buscar café – choraminguei. Ela bufou e saiu do quarto correndo, voltando em dois segundos.

– Serve um energético? – ofereceu, jogando-se na cama novamente e colocando a lata gelada nas minhas costas.

– Aiiiiii! – Pronto eu estava acordada. – Serve.

– Desembucha.

– O encontro foi chato e nada interessante, depois ele se convidou para subir e me beijou à força.

– À força? – perguntou preocupada. – Como assim?

– Ele me agarrou, e seu irmão acabou tendo que tirar o cara de cima de mim.

Só de lembrar da cena eu já ficava vermelha.

– Para com isso – replicou, fazendo careta. – Sua cara está ficando da cor de um tomate.

– Aí, foi isso, terminei mais uma noite brigando com o seu irmão – concluí, me afundando nas cobertas.

– Pelo menos ele ficou com ciúmes – observou alegre.

– Como você sabe?

– Eu o vi jogando o casaco em você – lembrou.

– Ah, isso, provavelmente ele não queria que eu pegasse uma pneumonia, só para não infectá-lo. – Minha curiosidade me matava.

– Ele falou algo depois que eu saí?

– Não, ele saiu logo atrás e não avisou aonde ia.

– Hum...

– Não desanima, amiga. Eu sei o que vai ser perfeito para animar você.

– Por que será que eu tenho até medo de ouvir?

– Balada.

– Nem pensar, eu tô velha demais para isso.

Eu já disse que ninguém conseguia dizer não para aquela garota? Ela era irritante de tão insistente, tanto que acabou convencendo não só a mim, mas aos quatro rapazes de que, ir a uma balada nova que tinha aberto recentemente, era uma boa ideia. Ficamos jogadas na frente da televisão a tarde toda. Thomas já tinha me ligado duas vezes e eu não pretendia atendê-lo tão cedo. Eu tivera muito tempo para pensar, entre um programa ruim e outro, porque sábado é definitivamente o pior dia para ver televisão. Além do mais, eu tinha que concordar com Ian: o que teria acontecido se ele não tivesse aparecido? Claro que nada de tão grave, ou talvez, quem sabe? Resolvi conversar com Thomas só na segunda e dar um fim ao que

nem havia começado. Eu não estava tão desesperada a ponto de aceitar qualquer lixo, estava?

– Você não vai atender? – perguntou Vivian novamente. Ela fazia a mesma pergunta todas as vezes que o telefone tocava.

– Acho que não.

– Eu acho que você deveria atender, afinal o cara é seu chefe.

Esse era o problema, era por causa de situações como essas que eu sempre tinha detestado me envolver com pessoas que trabalhassem comigo. No entanto, pensei melhor.

– Acho que você tem razão... – Peguei o aparelho. – Alô?

– Oi, gata. – Eu já me sentia enjoada somente por ouvir sua voz.

– O que você vai fazer hoje? Tá a fim de sair?

– Não vai dar, na verdade eu já tenho planos – ufa –, vou conhecer uma balada nova que abriu no centro.

– Eu conheço, é ótima, fui à inauguração sábado passado. Te vejo lá então?

*VOCÊ NÃO FOI CONVIDADO!*, gritei em silêncio, mas o que respondi com um fio de voz foi outra coisa:

– Claro, tudo bem. – E encerrei a ligação.

É, acho que conversaríamos antes de segunda, então.

– O babaca se convidou – contei à Vivian.

– Meu irmão vai pirar – riu.

Minha vida era tão mais fácil quando eu tinha apenas o meu garoto de olhos azuis imaginário...

\* \* \*

Deixei que a Barbie me vestisse novamente e adorei o resultado final. Dessa vez ela tinha me emprestado um vestido vermelho decotadíssimo e um pouco mais solto nas pernas e, para combinar,

um sapato de salto alto branco. Nota mental: eu tinha que voltar à casa dela com uma sacola e fazer novas compras (grátis) no seu guarda-roupa; era uma maneira melhor de dizer do que “roubar”, certo?

Fiquei ainda mais feliz com meu visual quando Ian colocou a cabeça para dentro do quarto e assobiou. Resolvemos ir com dois carros, até porque eu tinha certeza de que não conseguiria ficar em pé muito tempo naquele salto, e dependendo do grau de dor nos pés, eu viria embora antes dos outros. Parte dessa pressa de vir embora antes de chegar à balada se devia ao fato de que eu não estava nada ansiosa para rever Thomas.

Saímos de casa tropeçando uns nos outros e ninguém além da Vivi estava empolgada com o programa. Garanto que se eu sugerisse uma pizza e um filme todos dariam meia-volta.

Assim que chegamos à garagem e a Land Rover foi destravada, pulei no banco do passageiro. Que as aparências se danassem, eu ia com Ian e irmão nenhum me tiraria dali. Ninguém falou absolutamente nada e todos se encaminharam para o Honda Civic do Augusto.

O engraçado era que, de onde Bernardo tirava o pé, Vivi colocava o dela; seus sentimentos estavam na cara. Porém, nenhum daqueles quatro idiotas tinha percebido nada, muito menos o idiota mais importante. Eu tinha que dar um jeito nisso.

Eu e Ian acabamos ficando para trás. Ele sabia onde ficava a balada e eu estava feliz de estar envolta em seu perfume e ao seu lado. O brilho da noite através da janela dava uma sensação mágica ao momento, e observei Ian sem o menor pudor.

– Você está linda.

Um segundo depois, falamos ao mesmo tempo:

– Me desculpa por ontem.

E eu emendei:

– Obrigada, você também não está nada mal.

– Isso é um elogio, por acaso? – perguntou rindo.

– Ah, pelo amor de Deus, você nunca se olha no espelho?

Ele pareceu ter ficado intrigado com a pergunta.

– Por quê?

– Você é tão bonito que deveria ser proibido de sair na rua – confessei. Talvez, só talvez, eu devesse ter ficado quietinha porque ele caiu na risada e eu acabei constrangida.

– Você também é um arraso, Bárbara. – Devolver o elogio por pena não valia, eu não consideraria. Sorri mesmo assim. – Você está mesmo a fim de ir a uma balada? – perguntou, olhando para mim quando paramos em um semáforo.

– Nem um pouco.

– Topa dar um perdido? – sugeriu.

*Com você eu topo tudo.*

– Claro – concordei –, o que você quer fazer?

– Não sei, poderíamos encostar em algum bar e tomar alguma coisa.

– Por mim fechou – aprovei. Uma noite sozinha com ele? Como eu não toparia? Resolvemos parar em um bar com música ao vivo. Estacionamos e fomos em direção à entrada. Procuramos por uma mesa e por sorte havia uma vagando perto do palco.

Tivemos uma noite incrível: comemos, bebemos e demos risada. A companhia de Ian era a melhor que eu poderia querer. Reparei em todos os seus movimentos, eu achava gracioso até a forma como ele depositava o copo de volta na mesa depois de pegá-lo para dar uma golada na cerveja; a maneira como ele sempre me olhava nos olhos

quando falava comigo ou a forma protetora com que ele segurava nas minhas costas ao me conduzir em meio às pessoas quando estávamos saindo do bar. Ou até a maneira com a qual ele abaixou gentilmente minha mão que segurava a carteira na hora de pagar a conta.

– Se divertiu? – perguntou, colocando o cinto de segurança.

– Muito. – *Mas seria melhor terminar a noite na sua cama*, pensei.

Voltamos ao apartamento crentes de que meus irmãos, Bê e Vivi estavam dançando até se acabar na balada, mas encontramos todos eles em casa. Meus irmãos e Bê no sofá, e Vivian de pé em frente ao Bernardo. A cena me pareceu estranha e quando finalmente vi o que ela estava fazendo, levei um susto.

– O que aconteceu?

– Aquele babaca do seu namoradinho me bateu – respondeu Bernardo. Eu tinha um namoradinho?

– Hum, tá bem feio – constatei. Ele estava com um olho roxo gritante.

– Obrigado pela parte que me toca – respondeu sarcástico, enquanto se encolhia com o gelo que Vivian colocava em seu rosto –, mas eu já tinha percebido.

– O que aconteceu? – questionou Ian, indo até Bernardo e levantando seu rosto para ter uma visão melhor.

– Eu é que pergunto, onde você estava quando precisei de você, porra?

– Resolvemos abortar a missão na metade do caminho – respondi.

– O cretino do Tom, passou a mão na sua irmã quando viu que a minha não ia aparecer – disse Augusto, louco da vida. Na verdade era Thomas, mas não seria eu a corrigi-lo.

– Ele fez o quê? – exasperou-se Ian, cerrando os punhos. – Eu vou matar aquele desgraçado.

– Tudo bem, e onde a cara do Bernardo entra nessa história? Ele errou a Vivi e passou a mão no Bernardo? – Minha tentativa de humor não funcionou e todos me olharam feio, menos Vivian, que estava se segurando para não rir.

– Eu fui defender a honra dela.

Claro, a honra dela. Eu estava entendendo quase tudo.

– Eu falei que aquele cara não era para você! – berrou Ian furioso, se virando para mim.

– Agora a droga da culpa é minha? – retruquei. Novidade, tudo sempre sobrava para mim.

– Lógico que a culpa é sua – interveio Augusto –, é sempre sua.

– O que eu posso fazer se só os babacas se interessam por mim? – perguntei frustrada, indo sentar perto do Vito e acariciando suas orelhas. O cachorro estava nas nuvens, encostou a cabeça na minha perna e dormiu enquanto eu lhe fazia carinho.

– Nem todos eles são babacas. – disse Gustavo como quem sabe das coisas. – Você só presta atenção nos lugares errados. – Agora todos estavam olhando feio para ele. – Ok, já calei a boca.

– Eu vou conversar com Thomas na segunda, ok? – prometi.

– Você não vai chegar nem perto daquele cara de novo – rebateu meu irmão malvado.

– O cara é meu chefe, Augusto. – Pequeno detalhe. Viu, eu disse que não gostava de sair com colegas de trabalho.

Meu irmão fez cara feia e ajudou Vivian a levar Bernardo para o quarto. Ian estava irritado e foi para o seu próprio. Vito o seguiu de perto, e sobramos só eu e Gustavo.

– Como foi a cena? – perguntei curiosa.

– Engraçada – riu. – Bernardo estava longe, mas quando viu o cara passar a mão na bunda da Vivi, partiu que nem louco para cima dele e fomos todos expulsos da balada.

– Droga, eu perdi essa.

– Bá, eu acho que ele gosta dela.

Guga era um gênio...

– É estou começando a achar a mesma coisa – concordei ao me levantar. – Mas se for verdade, ele sabe esconder muito bem o jogo.

Fui para o meu quarto, mas me demorei na porta do quarto do Ian, que estava deitado ao lado do meu cachorro, conversando com ele enquanto coçava sua barriga.

Quantas vezes era possível se apaixonar pela mesma pessoa?

\* \* \*

Acordei na manhã de segunda-feira com os berros do Ian.

– Vitória, você é igualzinho à sua mãe, incontrolável!

Nossa, a casa inteira precisava saber disso às (conferi o relógio) 6h da manhã?

– Seu cachorrinho malvado – acrescentou.

Levantei e fui até o quarto dele ver que merda estava acontecendo.

– Ah, olha quem apareceu, o Rei Leão.

Coloquei instintivamente a mão na cabeça e tentei arrumar minha juba.

– Vá à merda – cuspi. – O que meu cachorro fez?

– O que ele não fez, você quer dizer – disse apontando para o quarto.

O travesseiro estava rasgado, um sapato social tinha sido comido pela metade e a cortina... Como ele tinha conseguido arrancar a cortina?



– Ele não dorme sem ser comigo, acho que eu deveria ter avisado – gargalhei. O mesmo tinha acontecido com Luiza muito tempo antes quando ela tentou fazer Vito dormir no quarto dela de portas fechadas.

– Agora que você avisa?

Era melhor não provocar mais a fera, por isso peguei meu monstinho grandalhão no colo e o levei comigo de volta ao meu quarto para o bem dele. Em seguida tentei dormir mais alguns minutos antes que meu despertador tocasse.

Quando acordei, tomei um banho rápido e comecei a juntar minhas coisas para poder ir trabalhar. Eu tinha uma conversa séria pela frente. Porém, não consegui encontrar a chave do carro. Eu podia jurar que estava no criado-mudo, bem onde Vitório estava fuçando, mas que droga!

– Iannnnnnnnnnnn! – berrei. – O cachorro comeu a chave do meu carro! – E eu tinha trocado a bateria daquela porcaria ontem.

– O cachorro é seu – respondeu rindo e aparecendo à minha porta. Pelo visto ele já tinha esquecido a destruição em seu próprio quarto mais cedo.

– Esse cachorro deve estar possuído, só pode – acrescentei, pegando meu cachorro no colo e entregando para ele. – Cuida dele, faça-o vomitar e me empresta seu carro.

– Por que eu? – perguntou confuso.

– Porque você está de folga e eu já estou atrasada – respondi irritada.

– Acho que seria bom levá-lo ao veterinário. Por onde essa chave vai sair?

– Esse é um problema seu e dele – respondi, pegando a bolsa e o celular. – Eu nem sei como cabe uma chave dentro dele.

– Acho que vou levá-lo agora. – disse Ian, voltando para o quarto dele. – Posso lhe dar uma carona e ir buscá-la depois?

– Tanto faz, desde que eu chegue lá.

Eu odiava segundas-feiras e ainda passaria essa preocupada com meu cachorro...

Meu mau humor durou o dia inteiro, principalmente porque uma hora depois, Ian havia me ligado para contar que a chave estava no sofá, debaixo da Vick. Sim, tínhamos uma gangue em casa. Ladrõezinhos de uma figa! Mesmo que eu me sentisse menos preocupada com Vitório, ainda estava ansiosa sobre a conversa que teria com Thomas, mas não o tinha visto em momento algum do meu dia. Pouco antes do final do expediente ele apareceu na minha sala e não deixei nem que ele abrisse a boca.

– Precisamos conversar – disparei.

– Eu sei – respondeu a contragosto, aparentemente sem outro motivo para estar pisando na minha sala. – Mas não aqui, posso lhe dar uma carona para casa, ou você está de carro?

Eu não tinha muitas opções, conversar dentro da empresa não era realmente uma boa ideia.

– Eu aceito a carona – respondi contrariada. Ele voltou para desligar seu computador e eu mandei uma mensagem para Ian avisando que não precisaria me buscar.

Entrei no carro do Thomas e fui invadida por um cheiro de perfume barato que revirou meu estômago.

– Eu sinto muito por ontem – desculpou-se depois de colocar o veículo em movimento. – Eu não sabia que sua amiga se aproveitaria do fato de você não ter ido, para dar em cima de mim.

Comecei a rir. Eu tinha ficado fora do mercado, comprometida, por três anos, e tinha sido *nisso* que os homens se transformaram?

– Para de ser mentiroso, eu sei que você não só deu em cima dela, como passou a mão nela sem permissão – disse irritada. – O que você faz com frequência, digo, fazer as coisas sem permissão.

– Gata, eu entendo que você deve ter ficado chateada, mas não aconteceu nada ontem, eu juro.

Eu tinha que admitir que o cara sabia mentir bem.

– Sim e o rosto do Bernardo está de prova.

– Ele entendeu errado, na verdade ele não viu que a namoradinha dele estava dando em cima de mim.

Ok, ele já tinha ido longe demais.

– Ah, cala essa boca – disparei e pareceu que eu tinha conseguido assustar o cara. – O papo é o seguinte: a partir de agora você fica longe de mim, ok? Vamos nos falar só o que for realmente necessário e sobre questões de trabalho.

– Deixa disso, vamos aproveitar a noite só nós dois – disse ele, embicando o carro em uma entrada. Onde eu estava com a cabeça quando aceitei entrar nesse carro? Eu já disse o quanto era burra? – Eu sei que você tá a fim – acrescentou.

Tentei fugir, mas as portas estavam travadas e o palhaço tinha acabado de entrar em um motel.

– Ou você me deixa sair dessa merda de carro agora ou vou gritar para a recepcionista chamar a polícia, porque eu estou sendo ESTUPRADA! – berrei a última palavra.

– Calma, gata.

– Para de me chamar assim, seu babaca, e destrava essa merda.

– Se você insiste... Aliás, você nem é tão gostosa assim – falou com irritação, destravando a porta. E ele era o quê? O Brad Pitt?

Desci do carro e comecei a andar pela rua meio sem rumo. Eu não fazia ideia de onde estava e já começava a escurecer. Ah, mas eu ia

ferrar com a vida desse babaca! Nenhum dos dois lados da rua era muito promissor e o idiota não tinha nem pensado duas vezes antes de me abandonar ali e de arrancar com o carro. Eu só tinha uma opção: voltar para o motel e pedir ajuda.

Liguei três vezes para Vivian, mas ela não me atendeu. Considerei minhas outras opções e fiz a ligação.

– VOCÊ ESTÁ ONDE?

Precisava gritar?

Liguei para Ian. Lógico que para os meus irmãos é que não seria, não é?

“Eu gosto de olhos que sorriem, de gestos que se desculpam, de toques que sabem conversar e de silêncios que se declaram.”

**Autor desconhecido**

# Borboletas

Ele gritou tanto comigo ao telefone, que nem tive tempo de me explicar depois de pedir educadamente à recepcionista do motel que me passasse o endereço. Ian desligou na minha cara antes. Será que ele não tinha nenhum colega de faculdade que tinha virado psiquiatra? Viria bem a calhar.

Ora ele gritava comigo, ora também. Em qual intervalo de tempo eu tinha me apaixonado por ele? Foi tudo culpa daquelas mãos enormes, macias e quentinhas que ficaram perfeitas coladas nas minhas, eu tinha quase certeza.

Eu pensava nos prós e nos contras de arrancar minha mão a dentadas, quanto avistei seu carro no final da rua, inconfundível. Ian vinha rápido o suficiente para fazer qualquer um acreditar que fora chamado para apagar um incêndio.

Ele estacionou e desceu. Quando eu estava pronta para abrir a porta do passageiro, ele me perguntou com a veia saltando no pescoço (não sei como ela não explodiu):

– Cadê ele?

– Foi embora – eu disse simplesmente, como se não fosse nada de mais, o que pareceu agravar a situação.

– Entra – mandou, abrindo a porta para mim e fechando-a em seguida com toda força. Só pela sua postura e por ele ter passado as mãos nos cabelos enquanto dava a volta no carro, deduzi que o caminho para casa seria longo. Porém eu me enganei. Ele ficou em silêncio e mal olhou na minha direção.

Assim que entramos em casa e eu conferi se estávamos sozinhos, resolvi tirar a pulga de trás da minha orelha:

– O que foi que eu fiz?

Ele já estava sumindo para dentro do corredor, mas voltou e parou na minha frente, a um palmo de distância. Se eu tropeçasse, assim sem querer, sabe, cairia com a minha boca na dele, mas a ideia desapareceu assim que ele começou a falar.

– O que foi que você fez? – rugiu. Eu me senti na frente de um leão. Tenho certeza de que se alguém tivesse filmado a cena, meu cabelo teria aparecido voando. – Você quer que eu enumere TUDO o que você já fez?

– Não – respondi. A lista seria longa. – Só quero saber o que eu fiz agora. Por que você está tão bravo?

– Quer saber por que o fato de buscá-la na porta do motel, sabendo que você estava com outro cara, me tira do sério, Bárbara?

– Do jeito que ele gritava, eu e todo o 7<sup>o</sup> andar queríamos saber. – O filho da mãe ainda a largou na rua como qualquer uma. Eu não posso acreditar que você seja tão BURRA! – berrou, andando de um lado para o outro com os punhos cerrados.

– Eu não sou burra – me defendi, magoada. Talvez só um pouquinho.

– Como não? Eu prefiro pensar nessa hipótese do que em uma pior.

– Do que você está falando, afinal? – perguntei. Ele vivia no mesmo planeta que eu? Certeza? De que diabos ele estava falando? E lá ia a mão pelo cabelo outra vez. Ele me deu as costas.

– Você é linda demais, especial demais, para que eu pense que você se rebaixou tanto – confessou por fim. – Você sabia que o cara era um babaca, sabia que ele deu em cima da Vivian e mesmo assim você foi pra cama com ele.

Engasguei. O quê? Eu? Pra cama? Com alguém? Já fazia tanto tempo, que eu nem me lembrava mais como era a sensação, meu filho!

– Eu... eu... – Não conseguia falar, dava para perceber, né? Ian se virou novamente para mim com uma decepção aparente no olhar.

– Eu deveria ter imaginado. – E levantou a mão em direção aos meus cabelos, mas deixando-as cair antes. – Eu deveria ter percebido o quanto você estava carente e que ele se aproveitaria disso.

– Ian, chega – interrompi de forma autoritária.

– Me desculpa, eu não tenho nada a ver com a sua vida. – E se afastou um pouco. – Eu só não quero que você se machuque mais.

– Então para de me machucar – retruquei, encarando as safiras azuis e dando alguns passos em sua direção. – Pare de me desvalorizar.

– Eu? – Ele parecia confuso.

– Como você pode pensar que eu iria para a cama com um babaca daqueles? – questionei, elevando o tom de voz. Como ele ousava? – Você acha que eu não me dou valor? Você me acha tão fraca a ponto de me jogar na cama de qualquer um?

– Não eu, eu não sei, eu só...

– VOCÊ O QUÊ? – *Fala, inferno, esse suspense está me matando!*  
O que realmente estava acontecendo entre nós dois?

– Fiquei com ciúmes.

– Ciúmes? – Eu não acreditava.

– Você realmente não percebeu? – indagou. Agora quem não acreditava era ele. – Viu, foi sobre isso que eu disse quando falei que você só enxerga o que realmente quer ver.

– Talvez se você fosse um pouquinho mais preci...



– Cala a boca, Bárbara – interrompeu-me e me puxou para junto do seu peito, colando os lábios nos meus...

Foi quando eu vi estrelas e senti as borboletas dançarem no meu estômago pela segunda vez na minha vida...

Uma sensação incrível invadiu todos os poros do meu corpo, Ian agarrou meus cabelos por trás da minha nuca e forçou seus lábios contra os meus com mais força. Acabamos indo para trás e quando me dei conta, eu estava escorada na parede e podia sentir todas as partes do corpo dele coladas ao meu enquanto sua língua explorava minha boca de diversas formas diferentes. Quando enfim ela encontrou o caminho e se uniu à minha, eu gemi de prazer e felicidade. Ele estava me beijando, ele finalmente estava me beijando.

Correspondi ao beijo agarrando seu pescoço e inclinando meu corpo para mais perto do seu, até que nos uníssemos por completo. Uma de suas mãos viajou pelas minhas costas, passando pela minha cintura, e finalmente desceu até minha coxa puxando-a em direção a ele. Me deixei levar e me entreguei ao melhor beijo da minha vida; sim, porque sem dúvidas esse tinha sido o melhor, mais intenso e apaixonante do que os beijos que inventei na minha mente. Quando dei por mim, minhas duas pernas estavam em volta da cintura dele. Ele me queria, de todas as formas, e eu podia sentir o quanto. Ian apoiou uma das mãos nas minhas coxas e a outra ele segurava meu rosto enquanto me levava em direção ao seu quarto, sem desencostar sua boca da minha nem por um segundo. Ele fechou a porta com um chute e me deitou delicadamente na cama. Lembrei-me de todas as vezes em que ele tinha feito isso no último mês, por motivos diversos, mas nenhuma delas tinha a perfeição que esse momento tinha. Ele se deitou sobre mim e continuou a acariciar meu

rosto enquanto me beijava; eu me mexi para que nossos corpos se encaixassem da maneira certa e arranquei um gemido seu quando o pressionei da maneira que eu queria.

Ele levantou o tronco o suficiente para tirar a camiseta. Embora sua boca estivesse longe, seus olhos ainda estavam nos meus. Me ergui para que ele tirasse minha blusa e quando o fez, ele parou por alguns minutos para me observar. Eu deveria me sentir envergonhada, mas estava longe disso: eu me sentia linda. Com um golpe hábil ele abriu meu sutiã e envolveu um dos meus seios com as mãos.

– Sabe quantas vezes eu sonhei com esse momento? – sussurrou enquanto eu gemia sob seu toque, com seu olhar penetrando todos os cantos da minha alma. Seus olhos tinham um brilho tão intenso, que eu poderia nadar dentro deles, me perder e me encontrar, desaparecer sem deixar vestígios e viver ali, naquela imensidão azul para sempre. Eles me convidavam a tentar, a entrar, a me deixar levar e me sufocar em tamanha beleza. Uma promessa de algo tão intenso... eu não tinha certeza se me redescobriria como mulher, ou se jamais me encontraria novamente, mas mesmo assim, a única coisa em que eu conseguia pensar é que precisava daqueles olhos, como quem precisa do ar para respirar.

– Não mais do que eu – confidenciei ao agarrá-lo como se ele fosse uma boia salva-vidas e eu estivesse me afogando. Ele estava deitado de lado e suas mãos passeavam em minha barriga à procura do cós da minha calça jeans, quando alguém começou a bater na porta.

– Ian? – chamou Augusto.

Ter irmãos já era uma merda, eles me interromperem na hora H era uma desgraça!

– O quê? – perguntou Ian, tentando recompor a voz.

– Você viu a Bárbara?

Ah, se tinha visto...

Ele deu um risinho com a minha expressão divertida e colocou o indicador sobre a boca, me pedindo silêncio.

– Você não ia buscá-la? – insistiu Augusto.

– Ela me disse que sairia com Vivian – mentiu Ian.

– Então eu vou ligar para ela, só para confirmar se correu tudo bem na conversa com aquele otário.

– Deixa que eu ligo – Ian falou rápido demais.

– Por quê? – meu irmão perguntou desconfiado.

– Porque eu tenho que perguntar quantas gotas eu tenho que tomar do remédio de dor de cabeça que ela me emprestou de manhã – emendou. Essa era uma desculpa péssima.

– Você comprou o seu diploma ou só quer uma desculpa para falar com a minha irmã? – indagou Augusto com deboche.

*Deus, se você existe arrasta esse moleque para longe antes que eu abra essa porta e encha a cara dele de porrada,* pedi em pensamento.

– Nem uma coisa nem outra – respondeu Ian e me agarrou novamente.

– Eu tô de olho em você! – ameaçou Augusto, já se afastando.

– Ah se ele soubesse... – eu disse rindo.

– Ele vai ter que saber – Ian se sentou e me puxou para o seu peito. Ok, era isso. O momento tinha passado graças ao idiota do meu irmão.

– Ele não precisa saber, na verdade você não precisa contar – tentei explicar.

– Mais eu quero – sussurrou no meu ouvido, fazendo com que os pelos do meu braço se arrepiassem.

– E eu quero poder dormir na sua cama sem você levar uma facada do Augusto.

– *Touché!* – brincou. – Mas eles vão precisar saber uma hora ou outra.

– Podemos discutir isso amanhã? – pedi, virando-me e encostando meus lábios nos seus. – Ou nunca?

– Você consegue ser bem convincente quando quer – disse ao me jogar novamente na cama e investir contra minha calça. Até que enfim.

– Ian? – chamou Gustavo do outro lado da porta.

– Fala, Gustavo – respondeu irritando, parando mais uma vez no meio da missão.

– Você viu a minha irmã?

De novo?

– Até você? Onde você acha que ela tá, na minha cama? – perguntou Ian, sarcástico, e eu me acabei de dar risada. Em silêncio.

– Não se você quiser continuar vivo, só perguntei, oras. Era você quem ia buscá-la.

– Ela saiu com a Vivian.

– Mas a Vivian ligou para o Bernardo dizendo que vinha para cá.

Merda.

# 23

“O amor é paciente e benigno, não arde em ciúmes; o amor não se ufana, não se ensoberbece. O amor não é rude nem egoísta, não se exaspera e não se ressentido do mal. O amor não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Está sempre pronto para perdoar, crer, esperar e suportar o que vier.”

***Um amor para recordar (filme)***

# Surpresa

**De:** Bárbara

**Para:** Vi

*Pelo amor de Deus, não aparece aqui. Você é meu álibi, liga e desmarca com meus irmãos e diz que vou dormir na sua casa, por favor. Ah, e sem perguntas.*

**De:** Vivian

**Para:** Bá

*Até parece, desembucha, senão vou dizer para eles que você fugiu de casa!!!*

**De:** Bárbara

**Para:** Vi

*Tô na cama do seu irmão!*

**De:** Vivian

**Para:** Bá

*AI MEU DEUS*

*AI MEU DEUS*

*AI MEU DEUS*

**De:** Bárbara

**Para:** Vi

*Surta depois, amiga, tô ocupada!*

**De:** Vivian

**Para:** Bá

*<3*

*Sonhos se realizam!*

**De:** Bárbara

**Para:** Vi

*Sua brega!*

**De:** Vivian

**Para:** Bá

*Sua SAFADA!*

– Resolveu? – perguntou Ian, agarrando minha cintura.

– Ela vai me dar cobertura – respondi, subindo no colo dele e olhando-o nos olhos.

– Você falou a verdade para ela? – perguntou surpreso, deslizando as mãos pelas minhas costas.

– Ahã. – Era pedir demais que nesse momento eu conseguisse articular uma frase perfeita.

– Por quê? – perguntou curioso.

*Cala a boca e me beija, pode ser?*

– Porque diferente dos meus irmãos, ela ficou feliz e não está vindo nos matar.

Ele riu e me jogou novamente na cama.

– Mata, mata, MATA! – berrou Augusto, nos fazendo levar um susto. – O zumbi tá atrás de você, sua anta!

– Eu tô vendo, eu tô vendo – respondeu Bernardo. – Me deixa jogar em paz.

– Ah, eu também quero jogar – reclamou Gustavo.

– Eu desisto – disse por fim.

– Está tudo bem – tranquilizou-me Ian, ao me puxar para junto de seu peito. – Eu não quero que nossa primeira noite seja ouvindo aqueles três berrarem na sala uns com os outros, ou com medo de

alguém aparecer, eu quero que você se sinta especial, desejada, am... – Ele não terminou a frase, apenas sorriu. – Dorme comigo esta noite?

– Eu estava pensando que você não perguntaria.

– Por que não? – Sua expressão era confusa.

– Vivi disse que você não deixa mulher nenhuma dormir aqui – contei, jogando minha perna sobre seu corpo.

– Vivian fala demais e você é diferente.

Aninhei-me em seu corpo ainda vestida de calça jeans e, embora tivesse pensado que demoraria décadas para pegar no sono, ele veio rápido e novamente dormi sentindo as mãos de Ian me acariciando.

Então era assim. Eu finalmente descobri como era estar apaixonada de verdade por um homem de carne e osso.

A primeira coisa na qual pensei quando acordei foi nele e parecia que Ian não havia saído da minha cabeça nem durante meus sonhos. Seu sorriso surgiu na minha mente antes que eu estivesse desperta. Estiquei meu braço e encontrei Ian ainda na cama, comigo. Ele se mexeu e jogou os braços ao meu redor, me puxando para junto de seu corpo e me apertando como se jamais fosse soltar. Eu queria que ele realmente nunca mais me soltasse, mas a porta foi aberta devagar e eu fui obrigada a abrir os olhos.

– Babi, levanta. – disse Vivian baixinho, fechando a porta atrás de si. – Daqui a pouco todos vão acordar e perceber que você nem chegou a sair de casa e que dormiu na cama do meu irmão.

Puxei um travesseiro de trás da minha cabeça e o atirei na cara dela. Vivi xingou baixinho e tentou me puxar pela mão. Levantei e fui tropeçando em direção ao meu quarto, mas não sem antes olhar para ele... Ian dormia profundamente, mas se inquietou quando o espaço ao seu lado ficou vazio. Saí dali o mais rápido que pude



porque se eu voltasse a admirá-lo, nem meus irmãos me tirariam daquela cama.

– Eu quero saber tudo – disse Vivian quando ficamos a sós. – Não, espera, tudo não, isso é nojento. Só como você está se sentindo – completou, fingindo que ia vomitar.

– Não aconteceu nada, nós só dormimos. – Eu estava flutuando, me joguei na cama e abracei meu travesseiro gelado. – Nós só nos beijamos. – Eu não conseguia parar de sorrir.

– É, acho que você está mesmo apaixonada.

Eu estava e tinha certeza disso.

– Espero não me machucar.

– Você não vai – garantiu Vivian com um sorriso. – Eu o matei antes disso.

– Mas agora eu quero saber como você e Bernardo estão. – Eu estava tão absorta na minha própria felicidade que esqueci que Vivian também tinha seus assuntos inacabados.

– Não estamos – respondeu, jogando-se na cama. Era evidente que ela estava sem esperanças. – Eu achei o que ele fez muito romântico e acabei me iludindo, mas não passou disso. Ele está me evitando.

– Então vamos pensar em algo que force Bê a não poder evitar mais – declarei decidida. – Mas o quê?

– Eu já tenho um plano e quero sua ajuda.

– Pode contar comigo – respondi.

Claro que eu ia ajudá-la. Eu queria ver minha cunhada feliz. Eu sei, eu estava apressando as coisas, mas era exatamente isso, cunhada, que ela era no momento.

– Um amigo meu tem um sítio – Vivian começou a dizer – e faz um preço bem barato para o aluguel no fim de semana, então eu

pensei em fecharmos com ele e irmos todos juntos. Assim mudamos de ares um pouco. Quem sabe consigo passar alguns momentos sozinha com ele?

– É uma ótima ideia, vamos acordar os meninos e perguntar se eles topam. Não esquece de dizer que acabamos de chegar em casa.  
– A história de ter dormido na cama do Ian ainda era segredo.

E eles toparam, claro, assim que as palavras “sítio”, “churrasco”, “piscina” e “quase de graça” foram ditas no mesmo convite.

Homens: tão fáceis de se subornar...

\* \* \*

Pareceu que o fim de semana demorou décadas para chegar, mas na verdade, o tempo apenas se arrastava lentamente quando eu não estava com Ian, ou seja, no escritório. Tudo o que eu conseguia pensar durante o dia era nele, eu ficava agoniada quando ele demorava para chegar de seus plantões ou quando não conseguíamos ficar sozinhos, o que não era raro. Eu estava me viciando em seus sorrisos e ansiava por ter suas mãos em mim sempre que fosse possível. Não conseguimos mais dormir juntos, pelo menos não até sexta-feira, quando deliberadamente inventamos uma desculpa para não irmos ao sítio junto com os outros, iríamos depois. O único problema é que Gustavo resolveu ficar e ir com a gente. Então, novamente, não seria o dia em que eu tiraria o meu atraso. Mas pelo menos isso nos rendeu algumas horas de paz, juntos.

Gustavo estava em seu quarto, fazendo sabia-se Deus o que, e eu estava na sala, assistindo a um filme na TV a cabo, quando ouvi uma chave ser colocada na porta. Seu perfume já inebriava meus sentidos e ele ainda nem havia entrado em casa. Levantei-me para

recebê-lo na porta e tive uma grande surpresa quando a primeira coisa que vi foi um lindo buquê de rosas brancas.

– Só para provar que eu não consegui parar de pensar em você nem um minuto durante o meu dia – disse Ian, sorrindo e me entregando as flores. Eu fiquei sem palavras, mas dessa vez não fui remetida ao meu garoto de olhos azuis. Quer dizer, fui remetida a um garoto, mas não mais ao *meu* garoto do passado. Viajei para o dia em que cheguei a esse apartamento pela primeira vez e encontrei uma rosa na minha cama. Também recordei quando acordei no hospital e havia uma dúzia de rosas brancas na minha cabeceira.

– Foi você o tempo todo? – perguntei. Ele tirou as flores da minha mão e as colocou sobre a bancada de mármore, olhando para mim confuso, sem entender a pergunta. – Que me deu as rosas?

– Eu espero que sim – respondeu e me beijou. Não era essa a resposta que eu queria, mas não me importei, me agarrei a ele e me deixei levar por esse sentimento novo e sufocante que tentava sair de mim. Passei a mão por seu rosto enquanto ele me beijava e tentei sentir todos os contornos de sua face com as pontas dos meus dedos.

– Ian, Augusto vai matar você!

Nos assustamos e nos afastamos num pulo, indo parar um em cada parede. Gustavo estava de braços cruzados no meio da sala de jantar nos olhando sem expressão. Não foi bem assim que pensei que ele descobriria, mas pelo menos não era Augusto.

– Não vai, porque você não vai contar – exigi indo em direção a ele, que me ignorou e encarou Ian.

– Quais são suas intenções com a minha irmã?

Fiquei quieta porque Gustavo falava sério e eu soube que era o melhor que ele conseguia fazer para não dar uma de machista radical.

– As melhores – respondeu Ian, passando as mãos pelos cabelos e indicando que todos se sentassem no sofá. – Eu deveria ter conversado com vocês antes, mas...

– Eu já sabia – disse Gustavo a contragosto. – Ninguém pega um avião para ir buscar uma garota de que não goste.

Será que já naquela época ele pensava em mim de outra forma? Mas tínhamos acabado de nos conhecer, eu tinha acabado de devorar o sorvete dele...

Gustavo continuou:

– Mas eu espero que isso seja algo sincero e sério porque se você tiver a intenção de usar a minha irmã e jogá-la fora, eu juro que eu mesmo abro a cova que Augusto vai enterrá-lo, estamos entendidos?

– Estamos – respondeu Ian, aliviado. Isso não era nem de longe uma grande declaração de amor, mas meus olhos marejaram, abandonei as flores no sofá e me joguei no colo do Gustavo, que me apertou.

Ganhamos uma babá durante a noite e fui obrigada a dormir no meu quarto. Eu até pensei em escapar para o quarto do Ian, mas Gustavo já era bem mais calejado nessa vida de crime do que eu e parece que ele tinha desenvolvido um novo hobby: usar do banheiro que ficava entre meu quarto e o de Ian ao invés de sua própria suíte, sempre passando para me dar um “oi” na volta. Eu ficava grata que ele estivesse cuidando de mim, mas teria ficado muito mais se ele tivesse sumido de casa essa noite. Esse era o problema de não ter uma *irmã*; ela teria se tocado e me dado privacidade.

Na manhã seguinte acordamos cedo e fomos para o sítio. Eu esperava do fundo do meu coração que meu outro irmão não tivesse atrapalhando tanto a Vivian quanto o que tinha ficado me atrapalhou. Eu esperava que ela tivesse conseguido ter um momento a sós com Bernardo antes que chegássemos.

A viagem quase não demorou. O sítio ficava perto de uma cidade pequena onde paramos para abastecer a Land Rover e nossos estômagos, para enfim podermos pegar a estrada de terra. Depois que já tínhamos percorrido algumas subidas e descidas e virado em várias ruelas arborizadas, comecei a sentir um leve desconforto com o balanço do carro – balanço era uma maneira civilizada de dizer que parecia que estávamos dentro de uma bateadeira. Senti a bÍlis subir pela minha garganta e travei os dentes para não deixar a coxinha da loja de conveniência no tapete do carro. Eu não conseguia falar, porque tinha certeza de que se abrisse a boca, mais do que palavras escapariam dela. Apertei o braço do Ian que estava na minha perna e ele me olhou. Num primeiro momento ele não entendeu minha expressão de pânico, mas comecei a movimentar os braços pedindo que ele encostasse o carro. Assim que ele o fez, abri a porta e dei “tchau” para o café da manhã.

– Você está passando mal de novo? – perguntou Ian. Claro que era uma pergunta retórica; ele não era cego. Ele colocou as mãos nas minhas costas e as massageou em círculos até que não restasse mais nada dentro de mim.

– Está tudo bem – garanti, tomando um gole de água mineral que eu havia comprado há pouco. – Provavelmente viajar no liquidificador revirou meu estômago.

Ele não respondeu, mas ergueu uma sobrancelha e jurei que ele falaria alguma coisa, mas olhou pelo retrovisor para o meu irmão

desmaiado do banco de trás e decidiu ficar calado.

Assim que despejei o café da manhã em uma moita, me senti bem melhor. Não havia mais vestígios de nenhum mal-estar, então relaxei.

Quando chegamos, encontramos Augusto e Bernardo brincando na piscina como duas crianças, e Vivian lendo um livro enquanto tomava sol. Acordei Gustavo, que se recusou a ajudar com as malas e pulou na piscina de roupa e tudo, parando apenas para arrancar o tênis no meio do caminho. Cumprimentamos todo mundo e fui ajudar Ian a levar as malas para o quarto. Não deixei de notar o olhar penetrante e brilhante que Vivian deu na minha direção. Ela tinha novidades.

Deixei minha mochila em cima da cama e Ian, embora não fosse ficar no mesmo quarto que eu, que a propósito eu dividiria com Vivian, deixou a sua no mesmo lugar. Olhei ao redor, o quarto era simples e rústico, mas aconchegante.

– Bá – chamou Ian quando me abraçou por trás e me virou para que pudesse me olhar nos olhos –, você está se sentindo melhor?

– Estou – respondi, envolvendo sua cintura com os braços. – Depois que coloquei tudo para fora o mal-estar passou.

– Foi o que eu imaginei. – Seu olhar me penetrava de tal forma, que gelou minha espinha. – Eu preciso fazer uma pergunta, mas não quero que fique magoada, está bem? – Embora não houvesse motivos, tive medo de ouvir. Deixei que ele me empurrasse até a cama e me sentei. Ele se sentou à minha frente e pegou minhas mãos nas dele. – Sua... – ele travou. – Sua menstruação, ela está em dia? – perguntou por fim, sem tirar os olhos dos meus.

Isso lá era pergunta que se fizesse? Há quanto tempo estávamos juntos? Uma semana? Lógico que a minha...

– Eu menstruei... – puxei pela memória. – Eu... – Quando tinha sido?

– Qual a data da sua última menstruação, Bá? – perguntou preocupado. Minhas mãos começaram a suar e minha visão ficou turva, não sei se cheguei a cair para frente, mas por meio segundo o quarto desapareceu da minha vista.

– Eu não sei! – respondi exasperada. Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro. – Foi... – Então eu me lembrei. – Foi antes do casamento.

– Do casamento do Miguel com Manoela? – Eu olhei para ele e soube que ele havia entendido na hora a qual casamento eu estava me referindo.

– Faz mais de dois meses – disse ele, fechando os olhos por um momento, mas abrindo-os em seguida. – Fica aqui, está bem? Não sai desse quarto até eu voltar, promete? – perguntou me dando um beijo rápido nos lábios e saindo porta afora.

Não sei dizer se ele demorou ou não para voltar, pois eu não estava mais prestando atenção. Minha cabeça estava a mil por hora e eu não conseguia focalizar em uma só linha de raciocínio. Eu tinha entendido rapidamente onde Ian queria chegar com suas perguntas, o que eu não entendia era como não percebi que minha menstruação não dava as caras havia meses. Como, pelo amor de Deus, eu fui me esquecer disso? Eu já tinha esquecido roupas na lavanderia, esquecido em qual vaga tinha estacionado o carro no shopping, eu já tinha esquecido até meu sobrenome depois de umas doses, mas como eu pude ser tão tapada para esquecer que eu era uma mulher e que isso incluía minhas regras mensais? Tentei respirar fundo e me acalmar. Não era possível, eu não estava... Eu não conseguia nem pensar na palavra, era um absurdo, eu tomava

pílula. Sempre tinha tomado desde os 16 anos e nunca esqueci nenhum dia, disso eu podia me gabar. Era a única merda que eu NUNCA tinha esquecido na vida.

Ian entrou no quarto segurando uma pequena sacola de plástico, pegou minha mão e me puxou da cama, me arrastando até o pequeno banheiro do quarto. Ele só parou para trancar a porta à chave. Depois fez com que eu me sentasse na privada e retirou quatro caixinhas de papel da sacola: eram testes de gravidez, eu sabia, embora nunca tivesse usado um.

– Sabe fazer?

Não, droga, eu não sabia. Eu estava em pânico, minhas mãos e pernas tremiam e eu não estava em condições de ler a bula, então ele me explicou pacientemente como usar os apetrechos e saiu do banheiro, pedindo que eu o chamasse quando terminasse.

Levantei apenas o suficiente para abrir a tampa da privada e voltei a me sentar, puxando o meu short para baixo de qualquer jeito. Eu nunca na vida tive tanto medo de nada quanto de fazer xixi naquela caneta de plástico. Por falta de um, Ian tinha comprado quatro testes. O pânico era tão grande, que o xixi não vinha, mesmo que eu estivesse apertada ainda da viagem.

– Você está bem, amor? – perguntou Ian do lado de fora. Ele tinha me chamado daquilo... de “amor”, como no dia em que fingiu ser meu namorado, a diferença é que dessa vez a palavra era realmente para mim. Meu peito se comprimiu com uma dor estranha que vinha direto do meu coração, e então eu chorei. – Bá, me responde – insistiu, batendo na porta. – Estou ficando preocupado.

– Estou, eu... – Não consegui terminar. Respirei fundo e fiz os testes enquanto ele me tranquilizava do lado de fora, assim que terminei e tampei as canetas, coloquei uma ao lado da outra na pia



e abri a porta. Embora fosse um problema só meu, eu era egoísta e precisaria de colo dependendo do resultado. Ian não pensou duas vezes antes de entrar no banheiro, abaixar a tampa da privada e sentar-se me puxando para o seu colo. Fiquei na diagonal sobre suas pernas e deitei minha cabeça em seus ombros, virada para o outro lado. Eu não queria olhar para a pia, não queria olhar para a sentença que me esperava ao alcance de uma só mão.

– Pronta? – perguntou, passando as mãos nos cabelos depois de alguns minutos. Neguei com a cabeça sem levantá-la. – Leve o tempo que você precisar.

– Você olharia o resultado para mim? – perguntei chorosa, e as palavras saíram abafadas, mas ele concordou.

– Claro.

Ele me levantou gentilmente e deixou que eu me sentasse em seu lugar, enquanto pegava os testes um por um nas mãos. Tentei adivinhar o resultado por meio de sua expressão, mas novamente ela estava impassível. Ele apenas continuou olhando e olhando para os quatro objetos que segurava. Eu já estava sem paciência e arranquei um deles de suas mãos: duas listras.

Peguei uma das caixas da lixeira e olhei na parte de trás onde trazia o desenho dos resultados. Duas listras significavam “positivo”. Não, isso não podia estar acontecendo. Retirei os restos de suas mãos um a um, conferindo um por vez e arremessando-os longe. Quando terminei, meu coração batia tão rápido que me surpreendia o fato de ainda não ter saído pela minha boca.

Quatro testes, quatro positivos.

# 24

“O amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer outra coisa no mundo. Ele não obedece lei ou piedade, ele desafia todas as coisas e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho.”

**Agatha Christie, *A última sessão*.**

# Te vejo, logo te amo

Ian tentou passar seus braços em volta de mim, mas não permiti. Afastei-me de seu corpo, colocando minhas mãos como empecilho para que ele não me alcançasse, e me escorei na parede. Olhei para o chão, pensando na certeza de que não estava mais sozinha e nunca mais estaria e deixei as lágrimas rolarem. Fui escorregando pela parede e só parei de descer quando atingi o chão. Ian passava a mão pelos cabelos e me olhava com pena, com a testa franzida, decerto pensando o que seria de nós agora. A grande verdade é que não existia um "nós"; um beijo nos dias atuais não significava mais nada, e mesmo que naquele momento eu tivesse certeza de que abrigava alguém dentro de mim, nunca me senti tão sozinha.

– Vem aqui, levanta do chão – disse ele, ao me estender a mão. Isso era tudo o que ele poderia fazer por mim agora: estender novamente a mão. Quando ele viu que eu não a aceitaria porque abracei a mim mesma para tentar preencher o vazio que me dominava, ele se abaixou diante de mim e tirou meu cabelo do rosto.

– Eu não vou abandonar você – ele me disse enquanto segurava meu rosto e me obrigava a encará-lo. – Eu nunca mais vou abandonar você.

Ele nunca havia me abandonado antes, então não entendi sua promessa, mas entendi que ele falava sério. Seus olhos estavam cravados nos meus para que eu não tivesse mais para onde fugir. E aonde eu iria dessa vez?

– Você não entende! – gritei. – Isso é grande, é muito maior do que nós dois.

– Não precisa ser. – Ele enxugou minhas lágrimas e me levantou do chão, me puxando de encontro aos seus braços.

Eu poderia acreditar nisso? Poderia acreditar que ainda teria alguma chance disso não nos engolir? Eu não sabia e não queria descobrir. Deixei que ele me pegasse no colo e envolvi minhas pernas em sua cintura. Ele se sentou em uma poltrona ao lado da cama, ainda me segurando no colo.

– O que eu faço agora, Ian? – Era uma pergunta retórica, não tinha mais nada a se fazer a não ser enfrentar as consequências. Mesmo que houvesse uma saída, ela jamais seria considerada e eu rezei para que Ian não a mencionasse, porque caso contrário meu encanto por ele pularia de um prédio.

– Você assume a responsabilidade e vive um dia de cada vez – disse tentando sorrir. – Vamos viver um dia de cada vez, meu amor. – *Até o dia em que isso se tornará pesado demais para você carregar em seus ombros, pensei.*

Ian retirou o celular do bolso e passou alguns segundos procurando por um contato em sua agenda telefônica, depois apertou o botão para chamar e colocou a ligação no viva-voz.

– Dr. Arthur, é o Ian – disse. – Desculpe ligar num sábado.

– Ian, meu garoto, como vai?

– Eu estou bem, mas preciso lhe pedir um favor. – E fez uma pausa. – Preciso que o senhor faça uma ultrassonografia de emergência na segunda, o senhor acha que consegue?

– Claro, não vejo problemas, quem é a moça?

Era a hora, o momento de meu coração ser partido mais uma vez.

– Minha namorada – respondeu Ian, sorrindo para mim. Meu coração afundou. Pensei que ficaria arrasada se ele dissesse que eu era uma amiga, ou apenas a irmã de seus colegas de apartamento,

mas eu não fazia ideia de que vê-lo se expor dessa maneira também me machucaria.

– Garota de sorte. Te vejo na segunda, umas 6h da tarde no meu consultório, tudo bem?

– Perfeito – respondeu, encerrando a ligação e voltando sua atenção novamente para mim. – O quanto antes você descobrir em qual estágio está a gestação, antes você poderá tomar todas as precauções necessárias. – A maneira com a qual ele falou não me deu margem para recusa.

– Obrigada. – Saí de cima dele. – Agora é melhor você ir se juntar a eles, antes que alguém venha aqui descobrir por que estamos demorando tanto.

– Eu não quero deixá-la sozinha. – Mas ele ia, uma hora ou outra, ele ia...

Assim que fiquei sozinha, as lágrimas voltaram sem aviso. Pelo menos agora eu entendia por que nunca conseguia fechar essa maldita torneira na qual meus olhos se transformaram. Daqui em diante, eu teria a desculpa dos hormônios para qualquer coisa, eu poderia quebrar tudo que tivesse vontade, incluindo a cara de quem entrasse no meu caminho em um dia ruim. Eu poderia me entupir de comida já que ninguém poderia me chamar de gorda, eu poderia andar com as roupas que quisesse sem ser incomodada, afinal, em pouco tempo nada mais me serviria de qualquer maneira. Depois que me acalmei do meu momento revolta comecei a pensar em todos os pontos em que essa decisão me afetaria. Eu ainda tinha um trabalho, que pagava bem, por sinal. Então fome e frio meu filho ou filha nunca passaria, mas eu ainda precisava encontrar um teto. Eu tinha que ligar e pressionar o agente imobiliário para que fechasse um contrato o mais breve possível, nem se eu tivesse que diminuir o

valor do imóvel para isso. Eu não poderia continuar na casa do Ian por muito tempo. A situação logo ficaria mais complicada e ele enxergaria que a promessa que me fez no chão daquele banheiro não poderia ser cumprida, não sem acabar com sua vida primeiro.

E não queria estar debaixo de seu teto quando isso acontecesse, não queria que ele fosse obrigado a me beijar sempre que passasse por mim só por eu ainda morar lá, ou que ele se sentisse obrigado a ficar comigo por pena. Também não queria que ele ficasse desconfortável em sua própria casa quando tudo fosse posto em pratos limpos e tivesse um fim definitivo. Mas não demorou muito para que outros medos tomassem minha mente: como eu contaria a notícia para minha família? E o principal, que raios eu faria com uma criança? Deus sabia que eu mal conseguia cuidar de mim.

– Posso entrar? – Vivian perguntou antes de abrir a porta. Limpei o rosto o melhor que pude e permiti que ela entrasse.

– Entra, Vivi – pigarreei para tentar fazer minha voz soar normal.

– O que aconteceu? – perguntou assim que viu meus olhos inchados. Eu ainda não havia absorvido a notícia, por isso estava fora dos meus planos deixar alguém saber, pelo menos antes da consulta de segunda-feira.

– Bati meu dedinho na quina da cama. – A cada dia mentir ficava mais fácil.

– E precisava chorar por causa disso? – perguntou desconfiada, sentando na poltrona onde seu irmão estava minutos antes. – Você e Ian não brigaram, não é? – A decepção em sua voz e em sua face eram tão aparentes que eu quase caí no choro de novo. Como eu contaria para ela que dentro de pouco tempo “nós dois” não existiríamos mais da maneira como ela gostaria?

– Claro que não. – Achei melhor desviar o assunto. – Mas me conta, e você e Bernardo, algum avanço?

– Sim – respondeu empolgada, esquecendo-se dos meus problemas. – Ontem ficamos nadando juntos até de madrugada, conversamos sobre diversos assuntos, e acho que estamos nos aproximando. Acho que ele enfim está me notando.

– Não teria como não notar. – Era verdade, além de linda por fora, ela possuía a mesma beleza por dentro. – Acho que ele é muito tímido para tomar alguma iniciativa.

– Se esse é o problema, eu tenho iniciativa por nós dois – respondeu rindo. – Ele vai descobrir quando eu tentar beijá-lo.

– Você teria coragem?

Só ela para me fazer rir numa situação como essa.

– Só conquista a felicidade quem está disposto a arriscar. – Parou e pensou. – Ou algo do tipo. Alguém disse isso, enfim, acho que é verdade. – *Mas nem tudo pode ser arriscado*, pensei.

Juntei-me aos demais na hora do jantar. Vivian resolveu cozinhar e Gustavo abriu duas garrafas de vinho. Ian se sentou ao meu lado e percebeu quando meu irmão me passou uma taça. Assim que eu ia colocá-la na boca, ele segurou meu braço de forma suave olhando para os outros em volta da mesa, decerto tentando perceber se prestavam atenção ou não. Eu fiquei sem entender até que seus lábios formaram as palavras: “você não pode”, em silêncio. Abandonei o vinho e ele trocou nossas taças depois de beber a sua sem que ninguém notasse. Viu o que eu disse? O que eu faria com uma criança se nem sabia as regras básicas do jogo? Isso não estava certo. Me despedi dos demais assim que os pratos foram retirados e fui deitar, alegando estar cansada. Ouvi quando Ian bateu na minha porta minutos depois, mas fiquei em silêncio

esperando que ele fosse embora. Fiz o mesmo quando Vivian veio dormir já de madrugada, minha mente ainda funcionava a todo vapor, mas fechei os olhos e fingi dormir para não ter que conversar.

Na manhã seguinte, abri os olhos e pisquei várias vezes, tentando me acostumar com a claridade. Vivian ainda dormia, por isso me levantei e fui ao banheiro. Eu ainda estava grogue de sono quando meus olhos encontraram o lixo. Os testes ainda estavam ali. Peguei um deles novamente e fiquei bons minutos fitando as duas listras vermelhas. Não havia sido um sonho, tudo realmente estava ruindo. Peguei todos os testes e embalagens do lixo e voltei a colocar na sacola que ainda estava sobre a pia. Fora um golpe de sorte Vivian não ter visto, e eu não poderia dar mais bandeira. Fiz xixi, escovei os dentes e o cabelo e voltei para pegar uma roupa na mala, aproveitando para guardar a sacola no meio de outras roupas.

O dia foi tranquilo, sem incidentes. Tentei me alimentar cedo para não ter nada no estômago durante a vigem. Almocei apenas folhas de alface, só por garantia. Ian passou o dia tentando se aproximar de mim, mas sempre dei um jeito de evolver outra pessoa na conversa e não dar espaço para que ficássemos sozinhos. Eu ainda não sabia o que fazer em relação a ele, mas sabia que algo tinha que ser feito e ainda não estava em condições de pensar nas opções. Na verdade, na minha única opção.

\* \* \*

Ian tinha me passado o endereço do hospital por mensagem de texto e o nome completo do obstetra que me atenderia, então assim que saí do trabalho, fui direto para a consulta. Eu estava morrendo de medo e de ansiedade ao mesmo tempo, minha ficha ainda não tinha caído. Tudo ainda era um borrão nos meus pensamentos. Eu já



sabia que haveria poucas chances de quatro testes de gravidez terem se enganado, mas ainda não conseguia me imaginar segurando uma criança nos braços. Era informação demais para meu cérebro limitado.

Já no hospital, fui conduzida por uma das recepcionistas, sem precisar abrir uma ficha, diretamente ao consultório do Dr. Arthur Albanez, que me recebeu com um aperto de mão e um grande sorriso nos lábios.

– Como vai, Bárbara? – perguntou, convidando-me a sentar em uma cadeira diante de sua mesa e dando a volta para ocupar o seu lugar.

Eu tinha um lema: ser totalmente sincera com médicos que não fossem meus familiares.

– Assustada.

– Imagino que sim – disse, sorrindo para mim outra vez. Ele devia ter mais ou menos a idade do meu pai, mas tinha cabelos brancos e olhos verdes, estava um pouquinho acima do peso e tinha aquele rosto que transmitia cem por cento de confiança às pessoas. Gostei dele. – Ian me ligou mais cedo para explicar a situação. Vejamos, sua última menstruação foi no início do mês de julho, certo? – Assenti. – Ian está preocupado porque você não percebeu de imediato que a falta de regra poderia ser uma gestação. Ele disse que você passou por um grande trauma emocional, ingeriu bebida alcoólica e que ele mesmo chegou a lhe dar um calmante. Todos esses fatores colocaram não só o bebê, mas também você em risco, por isso acho importante fazermos uma ultrassonografia para confirmarmos se está tudo correndo bem, você concorda?

Meu Deus, o que eu tinha feito com o meu filho no último mês? Quanta coisa poderia tê-lo colocado em risco e eu nem ao menos

percebi. Assenti novamente. Ele me conduziu para uma salinha anexa e pediu que eu me deitasse na maca, enquanto ligava um aparelho e se sentava ao meu lado, de frente para a máquina.

– Desculpe a demora – disse Ian, entrando na sala sem bater e me dando um susto. Vendo minha expressão, ele sorriu e completou: – Eu disse que não abandonaria você, nunca mais.

Aceitei sua mão. Ele estava lindo vestido de jaleco e tinha uma aparência cansada; ele estava no hospital desde a última madrugada, quando um de seus pacientes deu entrada na emergência.

– Eu perdi alguma coisa? – perguntou para o colega de profissão.

– Nada ainda, garoto – respondeu o médico, rindo. Ele levantou minha blusa e passou um gel extremamente gelado na minha barriga, me fazendo ter vontade de dar alguns pulinhos para esquentar. Logo em seguida segurou sobre meu abdômen um tubo branco ligado a um fio que o conectava à máquina e começou a passá-lo sobre a região.

*Tum, tum, tum, tum, tum* – o som preencheu a sala.

Ninguém precisou dizer mais nada, desaguei em lágrimas ouvindo o coração daquele pequeno ser batendo tão rápido. Senti meu coração entrar em compasso com o dele e esqueci do mundo.

Esqueci todos os problemas, todas as implicações e todas as barreiras que juntos enfrentaríamos, porque me dei conta de que ali, dentro de mim e em todos os cantos daquela sala, vivia uma parte minha, uma parte que eu não sabia que poderia vir a existir e que mesmo sem conhecer eu já amava.

– Aqui está ele – disse o médico, focando em outra dimensão da imagem de um ser minúsculo enrodilhado no próprio corpo. Ian apertou minha mão com mais força, eu não conseguia olhar para ele

nem para canto nenhum; eu só conseguia ver meu monstinho se movendo com lentidão. O meu, *meu* filho. A emoção me dominou por completo e minutos depois eu finalmente consegui desgrudar o olho da tela para olhar para Ian. Ele observava o monitor com os olhos marejados. Soltei sua mão.

25

“Se você pode fazer uma garota sorrir, você pode qualquer coisa.”

**Marilyn Monroe**

# Família Vitorazzi

Ian me olhou confuso, mas virei o rosto. Ele ficou desconfortável com a minha reação, mas eu não conseguia olhar para sua tristeza, vendo o filho de outro homem naquela tela. Em primeiro lugar por seu afastamento já estar doendo em mim antes mesmo que acontecesse. Chorar e me ressentir por essa criança não ser dele não adiantaria nada agora. Foi bom enquanto durou, e infelizmente durou pouco tempo. Em segundo lugar, nesses poucos minutos eu já tinha desenvolvido um sentimento tão forte de proteção pelo meu monstrinho, que não admitiria que nada nem ninguém se ressentisse dele, que não tinha culpa de nada, e muito menos tinha pedido para vir a esse mundo. Agora ele era minha prioridade e teria máxima importância na minha vida, a despeito de quanto isso fosse me custar.

– Tenho que voltar para o meu paciente, você passa na minha sala antes de ir? – perguntou apertando meu braço. Concordei com a cabeça, só que não, eu não passaria. – Mas antes, está tudo bem com ela, doutor?

– Claro, Bárbara está ótima, pelo menos até aqui. Vou pedir ainda alguns exames laboratoriais, mas você não deve se preocupar.

– Isso é ótimo, mas eu quero saber se ela – disse apontando o dedo para a tela – está bem.

Dr. Arthur riu.

– Ainda não sabemos se é *ela*, mas o bebê está bem, todas as medidas estão normais e o coração está batendo no ritmo certo.

Ian sorriu, deu um último apertão no meu braço e saiu apressado da sala.

– O papai está ansioso, não?

Não respondi, apenas me mexi desconfortavelmente na maca. Esse era o momento de eu dizer que ele não era o pai, apenas um amigo, mas que mal faria nesse primeiro momento me fingir de sonsa e sonhar que talvez Ian ficasse ao meu lado? Eu teria muito tempo para cair na real enquanto trocasse fraldas. Pensando no assunto, como era que se trocava uma fralda, mesmo?

Depois da consulta e com as guias de exame nas mãos, liguei para Vivian, que me atendeu no primeiro toque.

– Oi, amiga – cumprimentou ela.

– Preciso te ver – informei, fazendo uma pausa. – Posso ir até sua casa?

– Claro, está tudo bem?

– Está sim, chego em vinte minutos. – *Tão bem quanto uma explosão nuclear.*

Dirigi para a casa dos Vitorazzi com o pensamento a mil. Eu tinha problemas mais urgentes do que a reação das pessoas à notícia. Por exemplo, eu nunca tinha trocado uma fralda, eu nem sabia como se fazia isso. Pela cabeça? Eu não fazia ideia de como era a alimentação de um bebê, muito menos como era o procedimento para que ele saísse de mim e chegasse ao mundo. Não sou nenhuma tapada, já ouvi várias histórias, mas quando é com você a coisa muda completamente de figura.

Bati na porta e fui recebida por Mariana, como sempre, linda e com sorriso no rosto.

– Oi, meu bem, entre, entre – pediu, acenando para que eu entrasse. Depois fechou a porta e me empurrou para a cozinha. – Como você tem passado?

– Eu estou bem – menti. – E Vicente?

– Ainda no trabalho. – Ela se remexeu. – Sente-se. Você me acompanha num café? Vivi está no banho, já, já ela desce.

– Claro.

Ela se levantou, pegou duas xícaras no armário e serviu o café de uma garrafa térmica.

– Eu bebo isso o dia inteiro se deixar – reclamou enquanto se sentava à minha frente e me empurrava uma xícara. – É um vício que não consigo abandonar.

– Acabei me acostumando por causa do escritório, tomar café é uma ótima maneira de passar o tempo quando não tenho novidades no Facebook.

Ela riu e eu me preparei para tomar a primeira golada, mas o aroma do café invadiu meus sentidos antes que eu provasse seu gosto e fui acometida por uma vontade alucinante de despejar tudo que tinha no meu estômago em cima da mesa. Vendo meu desconforto e minhas mãos voarem para minha boca, Mariana de assustou.

– Você está bem?

– Estou, eu... – saí correndo da cozinha e a deixei falando sozinha, voei para o banheiro mais próximo e me escorei na privada, despejando meu almoço. Droga, aquele frango estava uma delícia. Mariana bateu na porta para se certificar de que eu não precisava de um médico, e não, eu não precisava, e precisava menos ainda me deparar com o médico que ela chamaria. Lavei o rosto e saí do banheiro.

– Me desculpa, eu não sei o que aconteceu – eu disse, sentando-me outra vez à mesa e afastando a xícara para longe sutilmente. Só de olhar para seu conteúdo minhas estranhas se reviravam. – Acho que o almoço não caiu bem.

Ela me olhou por um momento com os olhos atentos, colocou as mãos nas minhas e perguntou:

– Para quando é? – Não entendi sua pergunta e vendo minha cara de desentendida, ela continuou: – O bebê. É para quando?

– Eu, é...

Merda.

– Querida, você veio à minha casa há poucas semanas, tomou meu café – disse sorrindo – e não passou mal.

– Na verdade o frango que comi no almoço estava com uma cara esquisita e...

Ela balançou a cabeça me cortando.

– Eu também enjoiei de café – disse suspirando, decerto se lembrando –, mas só na gravidez da Vivian. Com Ian eu tive bem mais problemas além do café. Aquele moleque não deixava nada parar no meu estômago – riu.

Não adiantaria esconder, não é? Dali a alguns meses eu talvez nem conseguisse passar pela porta e todos descobririam de alguma maneira.

– O médico disse que é para abril, provavelmente – respondi, suspirando. – Só descobri no final de semana, eu não fazia ideia.

– Mas então você está com mais de três meses? – perguntou confusa.

– Aproximadamente treze semanas.

Tanto tempo vivendo com alguém dentro de mim, e eu sem fazer a mínima ideia.

– Então Ian, ele não... – Ela não terminou a pergunta e mesmo assim eu entendi.

– Não – confirmei. *Infelizmente não.* – Eu e seu filho somos somente amigos.



– Bárbara, meu filho nunca puxou uma cadeira para uma mulher se sentar à mesa – declarou, balançando a cabeça. – E eu ensinei isso a ele, não foi por falta de educação, mas ele estava esperando pela mulher que merecesse esse gesto. – Eu não soube o que lhe responder. – Ele já sabe?

– Sim, ele sabe. – Minha garganta estava se apertando. – Ele apareceu hoje no consultório do Dr. Arthur e assistiu ao exame.

– Ele é um ótimo médico – garantiu Mariana. – Como meu filho reagiu a tudo isso? – perguntou, apoiando a cabeça nas mãos.

– Ele é só...

– Um amigo?

Confirmei com a cabeça.

– Eu sei que não é, minha querida. Mesmo se eu não tivesse um bom relacionamento com ele, saberia que vocês iniciaram alguma coisa, só um cego não veria a maneira como ele a olha. – Mariana se levantou e foi até a geladeira. – E não pense que não percebi como você também o olha – acrescentou, retirando uma garrafa de água mineral e depositando nas minhas mãos.

– Não vai durar – admiti. Como poderia?

– Se ele realmente ama você, vai durar sim – afirmou enquanto voltava a se sentar e pegava em minhas mãos. A essa altura, lágrimas escorriam pelos meus olhos. – Ele não é mais um garoto, querida, ele vai saber lidar com a situação.

– Até que ponto? Acabamos de começar a nos envolver, não temos nenhuma base para enfrentar isso juntos. – Limpei o rosto. – E eu também não desejo que isso aconteça.

– Por que não? – perguntou espantada.

– Porque ele não merece isso – respondi, limpando o rosto. – Seu filho é um cara incrível, tem uma carreira brilhante, é bonito e

chama a atenção por onde passa, eu não vou prendê-lo ao meu lado.

– Essa escolha ele que terá que fazer – sorriu.

– Como você pode estar tão calma com a possibilidade do seu filho querer ficar com uma mulher grávida de outro cara?

Mariana era um mistério para mim. Se fosse a mãe do Miguel, eu já teria sido enxotada com uma vassoura.

– Porque meus pais nunca quiseram que eu me casasse com Vicente, eles o odiaram no momento em que nos conhecemos, eu ainda era uma garota. – Parou para respirar. Eu não tinha ideia do que aquilo tinha a ver com a minha pergunta. – Sabe por quê? – Neguei. – Porque ele era pobre. Como se a falta de recurso mostrasse sua personalidade, mas eu não o via assim. Eu via um lindo garoto de olhos verdes que vivia sorrindo e sempre fazendo de tudo para que eu também sorrisse para vida. Realmente ele não tinha condições financeiras, mas sempre trabalhou muito e juntava todo dinheiro que ganhava. Ele me prometeu um futuro e eu aceitei, porque eu o amava com todas as minhas forças, e ainda amo.

– Seus pais o aceitaram depois?

Ela negou com a cabeça.

– Demorou muito para que isso acontecesse. Primeiro eles se negaram a falar comigo quando contei minha decisão e não foram ao meu casamento. Você sabe o que é isso? Ser levada ao altar pelo sogro ao invés do pai? Meu coração se partiu e eu concluí que eles não me amavam tanto quanto eu pensava, já que não estavam preocupados com a minha felicidade, o que, por sinal, o dinheiro não compra – explicou, apertando minha mão. – No começo a vida foi difícil, vendíamos o almoço para ter o que comer na janta, como dizem por aí, mas eu sempre acreditei no Vicente e ele nunca deixou

que me faltasse nada. Ele começou a trabalhar em uma transportadora e a vida começou a melhorar, ele foi subindo de cargo e subindo até que decidiu criar sua própria empresa. Ele era seu único funcionário – riu – e eu continuei a apoiá-lo. Hoje ele é dono da própria transportadora, mas eu ainda seria feliz ao seu lado mesmo que ele não tivesse um tostão no bolso.

– A história de vocês é linda – suspirei.

– É sim, alguns meses depois que Ian nasceu, meus pais apareceram na minha porta. – Uma lágrima escapou de seus olhos. – Vicente tinha ido vê-los e lhes contou sobre o neto, o que eu me neguei a fazer. Foi um bonito reencontro e eles voltaram a fazer parte da minha vida, mas nunca mais foi a mesma coisa. Eu os perdoei por terem me virado as costas, mas nunca esqueci.

– Não tem como esquecer esse tipo de coisa – comentei, pensando em mim mesma correndo para fora daquela igreja. Parecia que tinha sido há muito tempo, mas a lembrança ainda fazia com que eu me encolhesse na cadeira.

– Não, não tem – concordou Mariana, olhando para mim. – Por isso eu decidi que jamais faria o mesmo com meus filhos. Eles são livres para amarem a quem escolherem e eu sempre, Bárbara, sempre vou apoiá-los.

– Isso é lindo da sua parte, mas sabemos como tudo vai terminar, não sabemos? – Suspirei frustrada.

– Sobre o que vocês estão conversando? – perguntou uma Vivian curiosa, entrando na cozinha com os cabelos pingando. – Desculpe a demora, amiga, mas precisava lavar essa juba.

– Nada de mais, filha, estávamos conversando sobre as novas flores que eu vou plantar no jardim.

Eu me sentia grata pela proteção, mas queria acabar com isso logo.

– Eu tô grávida – confessei. Vivian riu e se jogou em uma cadeira, depois parou e olhou bem para mim, notando que mais ninguém ria.

– É brincadeira, né? – perguntou. – Você me disse que vocês ainda não tinham transado. – Tinha como ficar pior? Olhei feio para ela e virei a cabeça indicando sua mãe. – Relaxa, ela sabe sobre você e meu irmão – contou Vivian.

– Não é brincadeira, Vi – garanti, ainda vermelha de vergonha.

– Eu vou ser tia? – gritou, pulando da cadeira e correndo em volta da mesa. Em seguida, ela atirou seus braços ao redor do meu pescoço, fazendo eu me debulhar em lágrimas. Isso tudo seria muito mais difícil do que pensava. – Por que você está chorando, amiga? É uma ótima notícia, tirando o fato de que eu vou te matar por não ter me contado...

– O bebê é do Miguel – soltei, e os braços dela caíram ao lado do corpo. Ela estreitou os olhos e me puxou da cadeira, enxugando minhas lágrimas antes de me abraçar. Eu me deixei envolver e retribuí o gesto.

– Dane-se, eu vou ser tia do mesmo jeito – falou no meu ouvido.

Ela ia sim, porque não importava o que aconteceria entre Ian e eu, Vivian não entraria na partilha. Por mais que a situação ficasse difícil e ela tomasse partido de seu irmão, eu não abriria mão dela na minha vida.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Vicente, jogando o paletó em cima de uma cadeira e se sentando. – O que você está fazendo com a minha filha? Pensei que você gostasse do meu *filho*.

– Quem contou para ele? – perguntei, largando o corpo na cadeira. Mariana riu.

– Fui eu, eu não aguentei quando Ian me contou, e eu precisava dividir a fofoca.

– Fica calmo, pai, eu ainda sou a segunda opção – brincou Vivian.

– Por que você tá chorando? O que foi que meu filho já aprontou?  
– perguntou Vicente, chutando os sapatos para longe e roubando minha água. Vivian me olhou e eu assenti. Como eu tinha dito, melhor acabar com isso de vez, pois os piores dias ainda estavam por vir.

– Ela está grávida – anunciou Vivian.

Sentei-me de novo na cadeira e esperei pela reação que eu já sabia qual era. Suas pupilas se dilataram, ele agarrou os cabelos com a mão e exclamou:

– Eu sou muito bonito para ser avô – disse, afundando a cabeça nas mãos. Um piadista. – Mariana, nosso filho foi rápido dessa vez. Eu o mato ou fico feliz?

Antes que ela pudesse responder, me preparei para falar e acabar com a sua agonia, mas Vivian foi mais rápida.

– O filho é do outro, pai.

Vicente levantou a cabeça e olhou dela para mim.

– Do otário que a deixou plantada na igreja? – Até onde a história corria... Era admirável. Vivian confirmou. – Isso é uma grande merda! – exclamou, levantando as mãos para o alto. Ele tinha resumido bem! Era uma grande, grande merda. Fiquei sem ação. – O idiota já sabe?

– Qual dos dois? O babaca ou meu irmão? – indagou Vivian.

– Os dois – respondeu. – Mas eu estava falando do babaca.

– Ainda não, ninguém sabe além de vocês e do Ian – respondi. – Meus irmãos vão me matar.

– Calma, não vai ser tão ruim – Mariana tentou me tranquilizar. Por acaso ela conhecia Augusto? Eu não tinha mais certeza.

Vicente ficou visivelmente abalado; era óbvio que ele não teria a mesma reação de Mariana, ele era mais prático.

– Você vai ter a criança? – perguntou na lata.

– Vicente! Pai! – exclamaram Vivian e Mariana ao mesmo tempo, mas não me importei. Era uma pergunta que mais de uma pessoa faria.

– Vou – afirmei decidida.

– Então que Deus nos ajude, porque isso vai acabar com meu filho – declarou Vicente. Finalmente alguém estava entendendo a minha visão da situação.

– Ele vai superar, estamos juntos há menos de duas semanas – tranquilizei-o. Ele já devia ter tido meias que duraram menos. Eu esperava que nós dois superássemos. Vicente murmurou um “não sei, não” tão baixo, que pensei que não fosse para eu ter ouvido. Eu estava magoada e chateada com a situação e queria somente ir embora, me trancar no meu quarto e não sair de lá nunca mais.

“Abre teu coração ou eu arrombo a janela.”

**Chico Buarque, *A Bela e a Fera*.**

# O primeiro presente dela

Ian e eu chegamos juntos ao prédio. Só porque eu estava tentando evitá-lo, o destino pareceu querer nos unir, como sempre, testando minha paciência.

– Eu esperei, por que você não passou na minha sala? – perguntou chateado, enquanto esperávamos o elevador.

– Porque eu queria contar para Vivian; seus pais também já estão sabendo. – *Porque eu não queria ver a decepção no seu olhar.*

– Como eles reagiram? – perguntou preocupado. – Eu queria estar com você quando eles ficassem sabendo.

– Reagiram normalmente, como se qualquer outra amiga da Vivian estivesse grávida. – Mentir era melhor do que resumir minha noite de altas emoções.

– Mas eles sabem que... – Ian parou de falar quando ouvimos barulho de saltos do chão, e uma Camila toda afobada apareceu no nosso campo de visão.

– Ian, que bom ver você – cumprimentou-o com um beijo no rosto. – Bárbara. – Acenou na minha direção.

– Oi, Camila – respondi educadamente.

– E aí, você está sumido. Quando vamos marcar de ver aquele filminho no seu apê? – perguntou se insinuando e passando a mão pelo braço dele. *Cadela.* Ian ficou desconfortável e me olhou. *Resolve sozinho, mané, ninguém mandou comer essa vadia.*

– Camila, não vai rolar, eu estou namorando – decidiu dizer por fim.

– Nós dois sabemos que isso nunca foi um problema – Camila respondeu rindo. – Quem é o lanche da vez?



– Sou eu – anunciei, pegando na mão dele. Dane-se se eu não seria mais dali algum tempo, mas ela não precisava saber. Esperei pela reação dele e jurei que se ele me contradissesse, eu mataria os dois. Hormônios, lembram? Eu tinha desculpas para ser homicida.

Ian sorriu e segurou minha mão mais forte e eu contive um impulso de não dar risada quando o queixo da Camila foi parar no seu sutiã. Agora com a nossa dívida paga, eu me sentia bem mais realizada.

– Eu esqueci uma coisa no carro, desculpe. Te vejo depois, Ian – despediu-se já se afastando e voltando para seu carro.

– Você é malvada – disse Ian, rindo. – Mas é bom saber que também tem ciúmes de mim.

Ela também já havia sido malvada comigo, estávamos quites.

– E quem falou que eu tenho ciúmes? – perguntei irritada, soltando a mão dele e abrindo a porta do elevador.

– “Sou eu” – me imitou rindo.

Fechei a porta e o abandonei na garagem. Ian abriu a porta e entrou ao meu lado ainda tirando sarro da minha cara. Só então percebi que ele tinha uma sacola de shopping nas mãos. Como toda mulher, curiosa, tentei olhar o que tinha dentro enquanto a caixa de metal fazia sua subida.

– Perdeu alguma coisa?

– O que é? – indaguei. A curiosidade era maior que o orgulho, sempre.

– Não é para você, se é isso que você quer saber – cortou meu barato. Parecendo uma garota mimada, virei para o outro lado e o ignorei. Ele acrescentou: – É o primeiro presente dela.

– Dela quem? – Já tinha outra na parada?

– Dela – disse ele, me abraçando por trás e colocando a mão na minha barriga. Foi a primeira vez que ele me tocou querendo tocá-la; isto é, se é que seria uma menina. Meus olhos se encheram de lágrimas, não tanto pelo presente, mas por sentir seu toque sobre o meu monstrinho. Chegamos ao andar, ele me puxou pela mão até dentro de casa e depois me arrastou para o meu quarto. Consegui distinguir alguns barulhos atrás da porta do Augusto, mas pareceu que só tinha ele em casa. Ian me sentou na cama e me deu a sacola de papel.

– Vamos, abre – pediu, me ajudando a desfazer o laço.

Dentro de uma caixa estava o macacão mais lindo que eu já tinha visto. Era rosa-choque e, na altura do coração, tinha uma linda rosa branca bordada à mão. Segurei a roupinha entre as mãos e afundei meu rosto nela, sentindo o cheiro de roupa nova e tentando afastar as lágrimas que tentavam escapar dos meus olhos.

– E se não for uma menina? – Eu tinha tantas perguntas para fazer a ele e foi isso que saiu primeiro?

– Vai ser. – *Aposta sua bunda nisso, amigão?* – Vai ser a nossa menininha – sorriu.

– Isso não está certo – eu disse por fim. Eu tinha que dar um basta nisso.

– Se você quiser, eu posso trocar o macacão por algo mais unissex – concedeu, parecendo desconfortável. – Você não gostou?

– Não é isso – respondi, balançando a cabeça. – Isso não está certo – insisti, apontando para nós dois.

– O que você quer dizer? – Ele parecia confuso.

– Você não tem que passar por isso, Ian – tentei fazê-lo entender, olhando em seus olhos. – Você não precisa ter pena de mim.

Pena. Esse era o único motivo pelo qual eu acreditava que ele ainda não tinha saído correndo. Qual é, até alguns pais biológicos tentavam fugir, e esse cara, além de não estar indo a lugar algum, queria se envolver. Provavelmente a ficha dele ainda não havia caído e quando isso acontecesse eu encontraria minhas malas do lado de fora, esperando por mim no hall do elevador. Se isso não acontecesse, eu o levaria até o hospício mais próximo e mandaria interná-lo.

– Eu não tenho pena de você, Bárbara. – Ele estava ficando irritado. – Eu estou APAIXONADO por você! – gritou. – É tão difícil colocar isso nessa sua cabecinha dura?

– Como você pode estar apaixonado por mim? Nós mal nos conhecemos. – E como eu estava apaixonada por ele então?

– Para com isso! – continuou a gritar e se levantou da cama. – Eu não sou ele, você não vai conseguir me afastar. – Se tudo corresse como eu previa, eu não precisaria mover um dedo para que isso acontecesse; minha barriga falaria por si.

– Eu não estou comparando – me defendi. Será que eu estava sendo sincera? Nem eu sabia mais.

– Então do que você tem medo? – perguntou me olhando fixamente e parando de andar pelo quarto. – Por que você está me afastando?

Então ele tinha percebido...

– Eu não tenho medo de nada. – *Tenho medo de que você me abandone, porque eu também estou apaixonada por você!*, gritei dentro da minha cabeça. – Só não quero arrastá-lo para dentro de tudo isso.

– Você não gosta de mim? Eu fui só mais um cara na sua vida, é isso?

Seu olhar me queimava. Eu tinha poucas opções no momento: ou eu me entregava e saía machucada no fim, ou eu o recusava e saía machucada agora. Ambas alternativas eram ruins, então optei pela que me daria um curto prazo de felicidade a mais.

– Você está apaixonada por mim? – insistiu ele ao não ouvir minha resposta.

– Desde o dia em que roubei seu sorvete – confessei. Mal as palavras saíram de minha boca, eu fui tomada em seus braços. Ele me beijou alucinadamente, me consumindo, me derretendo, fazendo com que eu me arrependesse do momento em que o deixei entrar na minha vida.

Ian me pegou nos braços e me tirou do quarto, levando-me até sua cama. Voltou apenas para trancar a porta e subiu em cima de mim, me pressionando de forma cuidadosa, sem soltar seu peso sobre meu corpo.

– Então seja minha.

Ele não precisava pedir duas vezes. Empurrei seu peito e fiz com que ele se sentasse, retirei minha blusa pela cabeça e puxei sua camiseta. Ele levantou os braços para que eu conseguisse puxá-la, e passei minhas mãos por seu peito torneado e cheio de músculos, sentindo sua textura, sua maciez. Empurrei-o sobre o encosto da cama e montei em seu colo, colocando as mãos atrás das costas e soltando meu sutiã, sem desviar meus olhos dos dele. Ian me observava atento, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Ele encostou seus lábios nos meus suavemente e foi descendo até meu pescoço, fazendo com que eu me arrepiasse por completo. Beijou minha clavícula e desceu até meus seios, segurando-os com ambas as mãos enquanto fazia sua boca explorá-los. Eu podia sentir

sua excitação por baixo de mim e, naquele momento, não havia mais nada que eu quisesse além dele.

Joguei a cabeça para trás e gemi, sem me importar se eu seria ouvida ou não, eu estava louca por ele. Ian me virou para que eu ficasse embaixo dele e com a mão ágil se livrou do meu short e de sua calça jeans. Ergui o tronco para admirar seu corpo sob a luz da lua. Nunca tinha visto algo tão perfeito em toda a vida e ele me olhava como se sentisse o mesmo, como se partilhássemos o mesmo segredo.

– Eu esperei você por tanto tempo – sussurrou no meu ouvido.

Quando ele finalmente me preencheu por completo, eu soube o que era ser realmente amada. Eu soube o que era fazer amor. Embora eu tivesse achado que já soubesse, isso estava longe da realidade. Ele foi tão cuidadoso, tão preciso e ele parou...

– O que foi? – perguntei erguendo a cabeça.

– Eu não quero machucá-la – disse sem fôlego.

– Você não está me machucando – respondi irritada. *Termina o serviço, pô!*

– Não, você... – disse sorrindo. – Talvez nós não devêssemos...

– O médico disse que podia, Ian.

Eu ia bater nele. Vi a dúvida em seus olhos, a preocupação, e me perguntei se seria realmente possível um homem fazer com que uma mulher se apaixonasse por ele todos os dias como Ian fazia comigo.

Ele tomou sua decisão e voltou a me beijar, sendo cuidadoso ao extremo e até irritante. Fizemos amor como se eu estivesse sendo amada pela primeira vez na vida.

“Responder a ofensa com ofensa é como lavar a alma com lama.  
O silêncio é um dos argumentos mais difíceis de se rebater.”

**Dalai Lama**

# Nem todos entendem

Ian saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado, me puxando para junto de seu peito. Virei para poder olhá-lo e sorri.

– Você sabe o quanto é linda? – perguntou, brincando com uma mecha do meu cabelo. – Minha Cinderela.

– Acho que estou mais para o Rei Leão nesse momento – ri, passando a mão sobre meu cabelo embaraçado. – E você sabe o quanto é perfeito?

– Estou longe de ser perfeito – respondeu, mudando de expressão –, mas eu tentaria ser por você.

– Você já é, basta notar quantas mulheres você tem a seus pés. – Fiquei um pouco emburrada. – Se você gritar “pula”, meia dúzia vai perguntar: “de onde?”

– Você está enganada, principalmente no hospital – falou sério. – Na verdade, depois que a levei ao almoço beneficente, nenhuma delas me incomoda mais – comentou, pensativo, e eu sabia bem por quê. – Nunca mais achei um bilhete na minha mesa e ninguém mais me convidou para sair, o que é bom, mas eu sinto falta do chocolate.

Dei um soco leve em seu braço e ele riu.

– Eu disse para algumas meninas que você era gay – contei, não resisti. Pensei que ele ficaria bravo, mas sua gargalhada foi tão alta que levei um susto.

– Você disse o quê? – perguntou enxugando uma lágrima que tinha escapado de seus olhos de tanto rir.

– Um bando de vadias me cercou no banheiro e uma delas me perguntou se eu era sua namorada – eu disse séria. – Aí expliquei que era sua acompanhante de luxo e que você era gay.

– Perfeito. – Mais risos. – Então eu não imaginei coisas quando achei que um dos enfermeiros estava olhando para minha bunda.

– Você está bravo? – perguntei sorrindo.

– Não. – Ele ficou sério mais uma vez. – Mas vou ficar se ele não passar logo para o segundo passo do flerte e começar a me comprar alguns chocolates.

Eu ri, mas acabei me lembrando de uma coisa.

– Quem era a garota dos peitos de fora? – perguntei me levantando e me sentando para poder olhá-lo melhor.

– Uma velha conhecida.

– Que você conhece muito bem por sinal – resmunguei, fechando a cara.

– A garota saiu daqui soltando fogo pelas ventas, você não percebeu? – Confirmei com a cabeça. – O porteiro estava acostumado a deixá-la subir direto, então quando ela apareceu na porta, eu fiquei sem reação. Ela já chegou direto no meu quarto e foi tirando a roupa antes que eu conseguisse dizer alguma coisa.

– Aí você não resistiu...

Ele riu.

– Não, amor, eu pedi que ela fosse embora.

– Jura? – duvidei. Pessoas apaixonadas se tornavam patéticas, não?!

– Não houve mais ninguém desde o dia em que você me deixou trancado para o lado de fora – confirmou. – Desde a primeira vez em que a vi, eu sabia que queria você.

– Por que eu? – Eu não tinha nenhuma qualidade que pudesse fazer esse deus grego se jogar aos meus pés dessa forma e eu juro que não tinha lhe dado nenhum chá de calcinha.



– Por que você é especial – encerrou o assunto com mais um beijo e me puxou novamente para me deitar junto de seu corpo. Aconcheguei-me e coloquei a cabeça no travesseiro. – Até sua avó já sabia.

– Era sobre isso então que eu peguei vocês conversando na cozinha?

– Era, ela queria saber quando eu contaria – respondeu sorrindo.

\* \* \*

Olhei para o corredor, estava livre. Saí na ponta dos pés, abri a porta do meu quarto e dei de cara com meu irmão encostado nos meus travesseiros.

– Acho que eu não preciso perguntar onde você dormiu, né? – perguntou Gustavo, sem sair do lugar.

– Não, eu acho que não. – Eu já era adulta, quando eles iam perceber e me deixar viver minha vida?

– Você tem sorte de ser sempre eu a pegar seus furos, se fosse o Monstro, teria arrancado você da cama do Ian na porrada.

Eu não duvidava.

– Eu o amo. – Não sei por que decidi contar justamente para ele, simplesmente saiu da minha boca antes que eu pudesse impedir.

– Amor? Estamos falando de... amor? – questionou Gustavo com cara de assustado. – É muito cedo. Ele não é, nem nunca foi, nenhum santo, Bárbara. Eu não o vejo com ninguém faz muito tempo, mas...

– Eu sei que você não quer que eu me machuque – fui falando no caminho até a minha cama e deitei a cabeça no colo do meu irmão. – Mas a situação é mais complicada que isso.

– Você não está me contando alguma coisa... – ele presumiu e começou a mexer no meu cabelo. – Você sabe que pode confiar em mim, não sabe? Eu sou seu irmão, o melhor deles por sinal, eu faço tudo por você, maninha.

Eu sabia.

– No momento certo, Gu – respondi. – Infelizmente você não pode resolver meu problema.

– Você está me deixando preocupado.

*E você quase fazendo com que eu abra o bico*, pensei. Levantei, peguei uma roupa limpa no guarda-roupa, mandei um beijo em sua direção e entrei no banheiro.

Saí para o trabalho sem cruzar com mais ninguém, mas foi impossível me concentrar durante o dia. Numa hora eu só conseguia pensar na noite que passei com Ian, na outra, nas decisões que tinha pela frente. Eu não sabia o que era pior: contar para minha família ou para Miguel. Não foi muito difícil escolher; peguei o telefone e liguei para Vivian.

– Bom dia, amiga – cumprimentei, fingindo uma animação que eu não sentia.

– Bom dia, meu amor – respondeu alegre. – Você não sabe o que eu fiz ontem!

– Nem você. – Eu ri. – Conta primeiro.

– Passei boa parte da noite conversando com Bernardo por mensagem no Face. – Eu podia sentir que ela estava sorrindo. –  
Acredita?

– Isso é ótimo – respondi com sinceridade. – Na verdade é incrível.

– E você fez o quê?

– Passei a noite com seu irmão.

– Ah, isso não é novidade.

– Não, Vi, eu passei mesmo a noite com ele. – Ela começou a fazer barulhos de ânsia de vômito assim que entendeu o que eu quis dizer.

– Isso é nojento! – disse, por fim.

– Foi incrível – continuei, só para provocá-la.

– Me diz, por que eu fui justo escolher como melhor amiga alguém que está transando com o meu irmão? – perguntou sarcástica. – Eu nem posso me deliciar ouvindo histórias picantes sem ter vontade de pular da janela.

Dei risada.

– Mas não foi por isso que liguei. – Eu precisava de apoio moral. – Posso passar na sua casa mais tarde? Eu vou ligar para o Miguel para contar sobre o monstrinho e não queria estar sozinha.

– Claro, e pare de chamar seu filho assim – riu. – Coitada da criança.

– Chego para o jantar.

– Te espero.

Ainda faltavam algumas pessoas na minha lista de para quem eu deveria dar a notícia. A mais fácil de contar seria meu chefe, mas eu tinha medo de que ele deixasse escapar a notícia no trabalho e Manoela ficasse sabendo antes da hora. Assim, nesse primeiro momento resolvi não falar nada a ninguém. A única pessoa que me deixava saçaricando na cadeira, morrendo de vontade de contar era o Vítor, que se mostrava um amor em todas as vezes em que fomos tomar café. Ou seja, mais ou menos quinze vezes por dia.

\* \* \*

Avisei Ian sobre meus planos para o jantar e ele decidiu me acompanhar. Nos encontramos na garagem e seguimos em seu carro até a casa de seus pais.

– Você ainda não me contou como meus pais reagiram quando souberam que você estava grávida – disse Ian, como quem não quer nada.

– Sua mãe foi um doce, já seu pai leva tudo na brincadeira, nunca sei quando ele está falando sério – respondi, resolvendo dividir minhas dúvidas com ele –, mas ele não me pareceu feliz.

– Não ligue para ele e nem para ninguém – instruiu, segurando o volante com mais força. Ele estava estranho e mais irritado do que o normal desde que tinha chegado do trabalho, talvez o tal enfermeiro tivesse feito mais do que lhe comprar chocolates, afinal. – Como vamos lidar com a situação é problema nosso.

– Lidar com a situação? – Não gostei do termo. – Meu filho não é uma situação, é uma pessoa, Ian – defendi.

– Me desculpe, estou com muitas coisas na cabeça hoje, eu não queria ter dito isso. – Depois dessa ele não disse mais nada, e eu resolvi não puxar assunto. Fosse o que fosse que o estivesse incomodando, eu tinha problemas maiores, como, por exemplo, destruir o recente e feliz casamento do meu ex-noivo com a minha ex-melhor amiga, anunciando a minha novidade.

Ninguém veio nos receber na porta dessa vez, e Ian usou sua chave para entrarmos. Encontramos todos já à mesa do jantar, esperando por nós.

– Bárbara querida, que bom que você veio – disse Mariana quando me abaixei para beijá-la. Vicente não falou nada, o que não era de seu feitio. Vivian se levantou, pulando no meu pescoço. Ian

puxou a cadeira para que eu me sentasse e se sentou ao meu lado, próximo ao pai, que estava na cabeceira da mesa.

– Como foi o dia de vocês? – perguntou Mariana, e Ian e eu respondemos ao mesmo tempo.

– Ótimo – eu.

– Um inferno – ele. Na hora me dei conta de que não havia lhe perguntado isso antes.

– As garotas em cima de você não o deixam em paz? – perguntou Vicente rindo. Não achei a menor graça e, para falar a verdade, levei suas palavras como quem leva um tapa.

– Não, isso não é mais problema, alguém espalhou que eu sou gay lá no hospital – disse Ian, sorrindo na minha direção.

– O que você fez, Bárbara?! – perguntou Vivian, divertindo-se e percebendo que seu irmão havia me incriminado.

– Naquele almoço beneficente a que fomos, ela falou para algumas médicas que era minha acompanhante de luxo e que eu era gay – explicou Ian, dando risada. – Agora só os enfermeiros me dão bola.

– Golpe baixo – rotulou Vivian, achando tudo o máximo.

– Quanto mais baixo melhor – brinquei.

– Achei que ela já tinha ido baixo o suficiente – falou Vicente sem humor, e eu sabia bem ao que ele estava se referindo; fiquei magoada porque eu havia me dado bem com ele, pelo menos até ele descobrir que eu estava grávida.

– Pai – alertou Ian, soltando o garfo.

– Eu estou falando alguma mentira, por acaso? – perguntou Vicente, repetindo o gesto do filho.

– Vicente, chega – ralhou Mariana, olhando feio para o marido. Eu estava com o garfo no caminho da boca, mas também acabei

abandonando-o no prato, eu não tinha mais fome.

– Essa garota entra na vida dele – disse Vicente, falando com sua esposa e apontando Ian –, vira tudo de cabeça para baixo e agora está grávida... – ele fez uma pausa – de *outro!* – gritou.

– Ela não tem culpa disso – disse a mulher com calma.

– Como não? – perguntou irritado. – Ela abriu as pernas, não? – Vivian colocou as mãos sobre a boca e Ian bateu os dois punhos na pesa.

– Chega! – gritou Ian. – Levanta, Bárbara – pediu de forma brusca. Pegou minha mão e me puxou da cadeira antes de eu ficar de pé. – Vamos para casa.

– Isso, vai embora, deixa essa menina afundar sua vida. Vai criar o filho de outro, garoto idiota! – berrou seu pai, da mesa. Mariana veio correndo na atrás de nós, assim como Vivian.

– Querido, espere – pediu, tentando puxar o braço do filho. – As coisas não se resolvem assim.

– Você estava mesmo sentada naquela mesa? – Eu jamais o vira tão bravo. A veia em sua testa pulsava e seu rosto começava a mudar de cor.

– Bárbara, me desculpa, querida – Mariana dessa vez falou comigo. – Eu disse para ele não abrir a boca, mas ele é teimoso.

– Eu entendo. – E realmente entendia, mas isso não queria dizer que eu não desejava sair correndo e me esconder no primeiro buraco que encontrasse. Se Ian não estivesse tão revoltado, eu teria deixado as lágrimas que se acumulavam nos meus olhos descerem, mas isso só tornaria tudo pior, então engoli conformada e olhei para o chão.

– Me esperem, eu vou com vocês – disse Vivian, sumindo de vista. Ian abriu a porta do carro para que eu entrasse e a fechou com

violência, antes de ir para o banco do motorista. Vivian apareceu correndo com a bolsa nas mãos logo depois.

Não conversamos. Eu, porque ainda tentava não chorar; Ian, porque estava fora de si; Vivian, porque tinha juízo. Ela apenas se inclinou entre os assentos dianteiros e passou uma de suas mãos em volta do encosto do banco do passageiro, para que chegasse ao meu pescoço, e ali a deixou. Eu precisava de um toque reconfortante e ela sabia. Agarrei sua mão.

# 28

“Ser feliz é encontrar força no perdão, esperanças nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos desencontros. É agradecer a Deus a cada minuto pelo milagre da vida.”

**Augusto Cury, *Dez leis para ser feliz.***



# Sangue do seu sangue e nada mais

Ian me deixou com Vivian e nem se dignou a me dar um beijo antes de se trancar no quarto. Meus irmãos estavam na sala jogando um jogo de luta no videogame, mas ele poderia ter se despedido de mim no corredor se quisesse, ou até no meio da sala, que nenhum nos dois teria reparado. Pensei em ir até lá e perguntar o que mais o incomodava, porque ele já havia chegado à casa dos pais sem paciência, mas Vivian me aconselhou a deixá-lo se acalmar em paz, antes que sobrasse para mim. Fomos para o meu quarto.

– Você vai fazer a ligação? – perguntou Vivian, já empoleirada na minha cama enquanto eu trancava a porta.

– Não restou muito mais de mim para aguentar outra porrada hoje – respondi, indo até a janela e olhando para a lua. Estava cheia.

– Meu pai foi um idiota. Sei que ele só está preocupado com meu irmão, mas ele não tinha o direito de ter falado com você daquela maneira.

– Prefiro esquecer esse assunto, entendo as razões dele, pode ficar tranquila – eu disse, virando-me só para responder e voltando a contemplar o céu.

– Acaba logo com isso, você vai se sentir muito melhor depois que todos souberem – tranquilizou-me Vivian fazendo careta –, incluindo sua família.

– Você acha? – perguntei em dúvida.

– Com certeza um peso vai sair de cima das suas costas – confirmou, encostando-se na cabeceira da cama.

– Acho que vou convidar meus pais para passar o fim de semana aqui e aproveito para contar a todos de uma vez só.

– É uma ótima ideia, agora pega – disse ao me estender meu celular.

Sentei na beirada da cama e fiquei olhando para o aparelho. Alguém tinha apagado meus contatos, mas eu não precisava deles. O que minha família nem sonhava é que eu sabia o número de cor, de todos eles. Digitei o número do Miguel e esperei a ligação se completar.

– Está chamando – comentei movendo os lábios para Vivian.

– Coloca no viva-voz – devolveu ela da mesma maneira, e fiz o que me pediu.

– Bárbara? – atendeu ele depois do quarto toque. Fiquei muda. – É você?

– Sou – respondi depois de alguns segundos. – Podemos conversar?

– Não é um bom momento.

Ele deveria estar com ela, mas que se danasse.

– Eu estou grávida. – Ele não respondeu, mas eu podia ouvir sua respiração. – Estou entrando no quarto mês.

– Espera um minuto – pediu, e pude ouvir barulhos do outro lado e uma porta se fechando. – Eu escutei direito?

– Parece que sim, eu vou ter um filho. – Fiz uma pausa. – Um filho seu, Miguel.

– Mas como isso é possível? – perguntou, incrédulo. Mais um que não tinha uma ficha que caía rápido.

– Quer que eu explique como aconteceu? – perguntei, irônica.

– Não seja tão cruel. – Agora eu era cruel? – Só estou processando a informação, eu não sei o que fazer.

– Nada, eu não quero que você faça nada – respondi ríspida. – Só achei que você deveria saber.

– É claro que eu tinha que saber, eu...

– Adeus, Miguel. – Meu tom foi indiferente. – Era só isso que tínhamos para conversar.

– Bárbara, espera.

Encerrei a ligação.

– Amiga – chamou Vivian –, acho que vocês deveriam ter discutido outros detalhes.

– Como quais? – perguntei, imaginando onde ela queria chegar.

– Se ele vai assumir o bebê, se vai pagar pensão, se vai assistir ao parto – disse, enumerando com os dedos para que eu entendesse –, se ele vai contar para a mulherzinha dele.

– Nada disso faz diferença, Vi, eu não quero o dinheiro dele e também não faço questão que meu filho carregue seu nome. Na verdade, eu preferiria que não carregasse. Agora ele vai ter alguns meses para pensar e se ele quiser conviver com o bebê, serei obrigada a deixar, mas não vou me tornar sua melhor amiga, nem ligar para ele para contar cada detalhe. Eu fiz minha parte.

– Sente-se melhor? – indagou.

Eu sentia falta de Ian, isso sim. Ele estava tão perto, mas não tinha coragem de bater em sua porta e pedir colo. Resolvi ignorar a pergunta.

– Você vai dormir comigo?

– Hoje não, não é que eu não queria, mas mandei uma mensagem para o Bernardo perguntando se ele não se importava de me levar para casa e ele respondeu que leva. – Claro, ótima estratégia.

– Ele já está chegando?

– Quase, disse que vai ligar para eu descer quando estiver na porta.

– Não se esqueça de pedir um beijo de boa noite – sorri.

– Eu vou é roubar um.

Depois que Vivian foi embora e eu lhe desejei boa sorte, resolvi ligar para casa.

– Alô – atendeu minha mãe.

– Oi, mamãe.

– Meu amor, que saudades de você.

*É mesmo, porque não me ligou então? Não tem telefone no mundo da lua?*, respondi em pensamento.

– Eu também, por isso liguei – menti. – Vocês podem vir passar o fim de semana aqui?

– Claro, algum motivo especial? – perguntou curiosa. Embora ela fosse meio pirada, tinha um sexto sentido ótimo.

– Não, é só saudade mesmo.

– Vou combinar tudo com o seu pai e com a sua avó e mando uma mensagem confirmando, mas adorei a ideia.

– Vou esperar. Papai está aí?

– Não, ele e a sua avó foram ao mercado – respondeu entediada. Ela gostava tanto de mercados quanto eu.

– Então diga a eles que mandei um beijo.

– Pode deixar – prometeu.

Ela ia esquecer.

Assim como a minha mãe, também fiquei entediada, então resolvi criar coragem e ir bater na porta do Ian. O que de pior poderia acontecer? Eu levar uma mordida?

– Entra – respondeu após a terceira batida.

– Oi – cumprimentei, colocando apenas a cabeça para dentro do vão.

– Oi, amor, entra – disse ele, fechando o *notebook* e vindo me pegar pela mão. – Me desculpe por hoje, eu deveria ter perguntado como você estava quando chegamos, mas eu estava cego de raiva, ainda estou eu...

– Eu liguei para o Miguel – contei. Não era o melhor assunto a ser discutido com ele, mas entre o piti de seu pai e o do meu ex, eu ficava com a segunda opção, muito obrigada.

– Você fez o quê? – perguntou, fechando a cara e soltando minhas mãos.

– Eu liguei para ele para contar sobre o bebê.

Seu rosto se desmoronou bem à minha frente. Ele me deu as costas e foi até a varanda. Eu o segui.

Ian se apoiou na grade e deu um leve impulso para frente. Sem me olhar, perguntou:

– Como ele reagiu?

– Eu pensei que seria pior – admiti.

– Ele vai assumir a responsabilidade? – Algo em sua expressão me fez acreditar que ele não estava feliz com essa ideia.

– Não conversamos sobre os detalhes, eu apenas lhe dei a notícia.

Por que ele estava tão distante? Era óbvio que uma hora ou outra o Miguel teria que saber que seria pai de duas crianças ao invés de uma, e Ian não tinha motivos para fingir ou agir como se estivesse surpreso.

– O que foi? – perguntei, colocando a mão em seu antebraço.

– Nada – respondeu ao se afastar e se sentar em uma das cadeiras. Minha mão caiu ao lado do corpo e eu me senti rejeitada.

– Convidei meus pais para passar o fim de semana aqui, você se importa? Vou contar para eles de uma vez – eu disse, tentando um assunto mais tranquilo.

– Faz o que você quiser – disse se levantando e entrando no quarto. Fui atrás, pronta para perguntar que bicho o havia mordido, mas ele falou antes: – Bárbara, eu estou cansado, então se você não se importa... – E fez menção de abrir a porta para mim.

– Claro.

Se antes achei que ele estava frio, agora imaginava que seu coração se transformara em uma pedra de gelo. Saí do quarto dele e fui para o meu, sentindo um peso enorme no coração. O fim estava próximo, eu podia sentir.

# 29

“Se exponha aos seus medos mais profundos; depois disso, o medo não terá poder nenhum.”

**Jim Morrison**

# Drama

Quase não peguei no sono durante a noite, estava inquieta. Acordei antes do despertador tocar, com Vitório se mexendo na cama, mas continuei deitada, tentando matar o pouco de tempo que me restava, olhando para o teto. Entretanto, era difícil conseguir ficar imóvel em uma única posição quando se estava desperta. Resolvi levantar e procurar pelo controle remoto da televisão, que ultimamente tinha se transformado no brinquedo preferido do Vito, e acabei encontrando o danadinho embaixo da cama. Desci, peguei, puxei as cobertas para subir na cama novamente e vi uma mancha escura no lençol.

– IAAAAN! – gritei em desespero, rezando para que ele ainda estivesse em casa.

– O que aconteceu? – perguntaram Gustavo e Bernardo juntos, trombando-se na minha porta. Meu irmão passou na frente e chegou mais perto, seguido pelo amigo.

– Vai chamar o Ian – pedi ao Gustavo, agarrando seu braço para ter firmeza. Eu me sentia fraca e a sensação era de que a qualquer momento eu desmaiaria.

– Ele já foi trabalhar – disse meu irmão, preocupado, e então agarrou meus braços e me chacoalhou. – Fala, o que foi?

Apontei para a cama e esperei que ele entendesse sozinho, mas seus olhos não se fixaram nem um segundo na mancha de sangue fresco.

– Babi, isso é normal – disse rindo. – A mamãe nunca te explicou que quando uma garota vira mocinha...



– Não é hora para gozação – repreendeu Bernardo, cortando meu irmão. Ele me enrolou no cobertor que estava ao pé da cama e me pegou no colo logo em seguida. – Pega a bolsa dela e um casaco – ordenou enquanto me carregava para fora do apartamento. Meu irmão não entendeu nada, mas fez o que Bê lhe pediu e nos seguiu de perto. Eu me sentia tão fraca, que não conseguia nem erguer os olhos dos tênis do Gustavo, pisando no piso de carvalho atrás de nós. O elevador estava demorando muito, então Bernardo optou por descer os sete lances de escada comigo nos braços. Quando finalmente chegamos à garagem, ele me passou para meu irmão e pegou a bolsa e o casaco das mãos dele.

– Vá atrás com ela, eu dirijo – disse, dando a volta no carro e entrando no lado do motorista. Gustavo teve certa dificuldade para entrar comigo nos braços, então me depositou no banco e entrou em seguida, me puxando para junto de seu peito. Encostei a cabeça em seu ombro e esperei que a tontura passasse.

Isso não podia estar acontecendo, eu não deixaria, eu tinha que ser forte. Chorei licenciosamente pelo meu filho. Eu não podia, eu não queria perdê-lo.

– Ian – disse Bernardo ao telefone –, prepara uma equipe de obstetrícia, estou levando Bárbara para a emergência. – Não consegui entender a resposta, mesmo que sua voz estivesse tão alta a ponto de eu poder ouvi-la. – Ela teve um sangramento – disse e esperou pela resposta. – Bárbara, você está sentindo alguma dor? – perguntou para mim, ainda com o telefone no ouvido, olhando pelo retrovisor. Neguei. – Estou indo o mais rápido que posso – voltou a falar com Ian e encerrou a ligação.

Gustavo ficou tenso embaixo de mim assim que a palavra “obstetrícia” foi dita, e a essa altura, imaginei que ele já tivesse

entendido do que se tratava a situação. Eu estava desconfortável, então me mexi, o que fez com que ele saísse do transe.

– Por que você não me contou? – Ele parecia chateado.

– Agora não, Gustavo – disse Bernardo com irritação.

Meu irmão ficou em silêncio, mas me apertou mais forte.

Chegamos ao hospital em tempo recorde. Dr. Arthur já me esperava na recepção com dois enfermeiros e Ian, que veio correndo ao meu encontro e me tirou do carro nos braços, colocando-me numa cadeira de rodas. Entramos apressados e percorremos alguns corredores. Quando viramos no que pensei ser o último deles, já que Ian tinha desacelerado a corrida, demos de cara com Augusto, que estava com a cabeça abaixada lendo algo em uma ficha, e a levantou assim que ouviu a movimentação de muitos pés correndo no chão de linóleo.

– O que está acontecendo? – perguntou, encurtando nossa distância em uma corrida.

– Agora não – respondeu Gustavo, utilizando-se da frase que tinha ouvido há pouco.

Dr. Arthur proibiu que todos entrassem comigo, menos seus enfermeiros.

– Fique calma, Bárbara – ele me pediu quando recomecei a chorar. Eu queria que um dos meus irmãos tivesse forçado mais a barra para me acompanhar. – Vamos fazer outro ultrassom, tudo bem? – Não respondi, queria apenas que ele fizesse o que tivesse que ser feito e me dissesse que meu filho estava bem.

Comecei a rezar para todos os santos que eu conhecia, pedindo ajuda, fazendo promessas e negociações. Passamos pelo mesmo procedimento que da última vez, mas desta, não me importei se o

gel estava gelado ou não; eu só queria saber como estava o meu monstrinho.

– Pronto, menina, já pode ficar mais calma – disse o médico, sorrindo, não consegui fazer o mesmo até ouvir as batidas do coração do meu filho preencherem a sala. O alívio foi tão grande que eu não sabia nem se ria nem se continuava a chorar. – Não precisa chorar, o bebê está saudável, foi só um sangramento corriqueiro e sem motivo aparente.

– Isso é normal? – perguntei, eu já deveria ter me informado mais sobre o assunto.

– Não, mas às vezes acontece – disse ele sorrindo. – Vocês nos deram um susto, pensei que Ian fosse ter um infarto, o que é meio engraçado se você levar em conta a especialidade dele – disse rindo. – Mas agora o papo é sério: quero você uma semana em repouso absoluto e vamos manter o resto desta gestação sem muito agito, está bem?

– Claro – sorri.

– Quer que eu chame Ian?

– Não precisa – respondi meio sem jeito. Depois da forma como ele tinha me tratado ontem, eu duvidava que estivesse preocupado. Dr. Arthur não teve tempo de me perguntar mais nada porque nosso exame foi invadido por certos quatro rapazes.

– Bárbara? – perguntou Dr. Arthur, olhando para meu rosto e fazendo cara feia para os invasores.

– Pode deixar – sorri. Gustavo pegou na minha mão e olhou para a tela. Eu não tive coragem de olhar para Augusto.

– Meu Deus, isso é incrível! – disse meu irmão de um metro e oitenta de altura, com a voz embargada. Era por isso que eu o amava. – Vamos ter um bebê!

Só consegui dar risada.

Ian se moveu para ficar ao lado de Gustavo, perto da cabeceira da maca, colocou as mãos no meu cabelo e se abaixou para sussurrar no meu ouvido:

– Meu coração está batendo tão rápido quanto o da nossa garotinha. Nunca mais me assuste assim, Bárbara – pediu com uma aparência cansada. Havia tantas emoções passando por seu olhar, que resolvi ignorar o que tinha acontecido na noite anterior. Por hora.

– Bom, papai, mais calmo? – perguntou Dr. Arthur para Ian, que sorriu, e abriu a boca para responder, mas não teve a chance. Augusto, que estava atrás dos demais, tomou a frente e o encostou na parede, agarrando-o pelo jaleco.

– Você engravidou a minha irmã? – perguntou com um empurrão. Ian me olhou, mas não reagiu. Graças a Deus Gustavo foi rápido e tirou Augusto de cima dele, prendendo suas mãos nas costas. – Eu disse para ficar longe dela! – Augusto berrou ainda.

– Augusto, para! – tentei dizer, mas ele não quis me ouvir.

– Você sabe tudo que ela passou, você viu, você estava lá e não esperou nem que ela se recuperasse antes de a levar para cama. Você se aproveitou dela! – vociferou.

– ELE NÃO É PAI! – gritei. Agora sim todos prestavam atenção em mim. Quem disse que ser neurótica não tinha suas qualidades? Dr. Arthur me olhou interrogativamente e eu dei de ombros. – O pai do bebê é o Miguel, Augusto, eu já estou entrando no quarto mês – anunciei aos presentes.

– Você sabia todo esse tempo e escondeu de mim? – Ele precisava urgente de um tratamento para os nervos. – Agora faz sentido por que a comida andou lhe fazendo mal.

– Ela não sabia – defendeu Ian.

Augusto fez cara de tacho e tentou remendar a situação:

– Me desculpa, Ian, eu só... eu só descontei na pessoa errada, achei que...

– Não se desculpe, você achou certo – Ian o interrompeu.

– Ian – alertei. Agora que a fera tinha se acalmado, não era uma boa ideia enfiar-lhe um espeto na bunda.

– Eu não aguento mais esconder – exasperou-se, levantando as mãos para o alto, e pude ouvir o doutor murmurar alguma coisa como “isso está ficando cada vez melhor”. – Eu amo a sua irmã. Pronto, tá dito – falou pegando minha mão. – Eu estou completamente apaixonado por ela.

Augusto ficou sem expressão por alguns segundos, mas logo voltou à vida.

– Eu te mato, seu filho da puta! – tentou avançar em cima do Ian de novo, mas levantei da maca e o impedi, quase caindo, mas Gustavo me ofereceu o braço. Eu me coloquei na frente do Ian e olhei para meu irmão.

– Chega – pedi na melhor voz de pessoa calma que encontrei perdida dentro de mim.

– Bárbara, nós ainda podemos dar um jeito nisso! – interrompeu Augusto.

– Como? – eu já sabia a resposta, mas precisava ouvir dele.

– Você ainda pode abortar essa criança, eu conheço alguns médicos – disse olhando desconfortavelmente para Dr. Arthur, que estava imóvel – que podem fazer o serviço.

Ian se mexeu atrás de mim, mas eu coloquei minha mão para trás, em sua barriga, e ele voltou a ficar parado.

– O meu filho não é um negócio, Augusto – eu disse, cansada demais até para ficar brava –, e eu decidi tê-lo.

– E você acha que Ian vai ficar ao seu lado? Que vocês vão se casar e viver felizes para sempre em uma porra de castelo mágico? – perguntou exasperado. Tive que me aproximar mais de Ian e estreitar nosso contato para que ele permanecesse calado. – Ele é meu melhor amigo, você não viu o que eu vi, como ele descarta todas as mulheres que passam na vida dele.

– A Bárbara é diferente – rebateu Ian.

– Eu duvido – disse Augusto, olhando para Ian e se virando para me olhar. – Você está fazendo todas as escolhas erradas, você nunca aprende a lição?

– Já é o bastante – declarou Dr. Arthur, envolvendo-se. – Ela acabou de passar por um trauma e precisa descansar, ficar de repouso. Vocês podem discutir com ela mais tarde. – Ele se virou para me olhar. – Querida, se precisar de alguma coisa, me ligue a qualquer hora, pode ser no celular. – E me entregou um cartão.

– Obrigada.

– Vem, eu levo você para casa – disse Ian.

– Não, eu vou levá-la – rebateu Augusto.

– Nenhum de vocês vai levar Bárbara, ela veio comigo e vai embora comigo – anunciou Bernardo, irritando-se com a briga e me puxando pelo braço. – Consegue andar?

– Consigo – respondi.

– Ótimo, porque você pesa. – Quanta gentileza.

Quando já estávamos próximos ao carro algo me ocorreu.

– Como você sabia? – Bernardo suspirou.

– Nenhuma mulher fica tão desesperada por ver sangue no lençol, a menos... – ele não terminou a frase – Vai ficar tudo bem, Babi –

garantiu. Eu queria acreditar nele, realmente queria.

No fim acabou que meus pais e minha avó descobriram bem antes do fim de semana. Ao que me parecia, Augusto fora correndo me dedurar e eles já deviam estar a caminho, se é que a mensagem do meu pai de: "*Eu vou matar você*", no meu celular, queria dizer alguma coisa.

Eles chegaram no final da tarde. Eu já estava no sofá enrolada em um edredom, no colo de Ian, quando Gustavo abriu a porta e me revelou uma avó sorridente, uma mãe aparentemente normal e um pai frustrado e irritado.

– Como você está, meu bem? – perguntou minha avó, empurrando meu pai do caminho. Tirei minha mão da de Ian e passei em volta do pescoço da vovó, forçando-a a se sentar ao meu lado.

– Melhor agora que eu sei que está tudo bem com ele – sorri.

– Então eu terei um bisneto? – perguntou ela, seu rosto se iluminando.

– Nós não sabemos ainda, mas provavelmente será uma bisneta – disse Ian ao meu lado.

Minha mãe ainda não tinha aberto a boca e meu pai parecia estar sufocando.

– Seu irmão disse que o pai era Miguel – disse meu pai, olhando para Ian. – Então o que é isso? – inquiriu, apontando para nossa proximidade.

– Senhor Henrique, eu sei que é uma péssima hora, mas eu gostaria da sua permissão para namorar sua filha – disse Ian ao se levantar e ficar frente a frente com meu pai. Eu congelei. Me chamar de "namorada" era uma coisa; mas isso oficializava o termo.

– Ainda bem que você sabe que é uma péssima hora – rebateu meu pai e eu me encolhi –, mas agradeço que tenha me pedido, é raro ver isso hoje em dia. Pelo menos o último não pediu antes de embuchá-la.

Ian tomou isso como aceitação e voltou para o meu lado.

– Como você deixou isso acontecer, Bárbara Cristina? – perguntou meu pai

– Eu não sei, sempre tomei o remédio, não sei como pode ter acontecido.

– Ela não foi avisada que existe uma coisa chamada camisinha – disse meu irmão, surgindo na sala. Quem chamou Augusto na conversa?

– O que faremos agora? – perguntou meu pai, colocando a mão no coração e respirando fundo. Truque velho.

– Sugeri que ela tirasse a criança. Quatro meses é muito tempo, mas ainda dá para ser feito, eu conheço...

– Não – interrompeu Ian.

Minha mãe também se manifestou, resolvendo abrir a boca pela primeira vez desde que pisou no apartamento:

– Você – disse apontando o dedo para meu irmão – nunca mais repita isso, e você – disse apontando para o meu pai – pare de fingir que vai enfartar, ninguém cai mais nessa, e o garoto é cardiologista, então chega de drama. – Uma lágrima escapou dos seus olhos. – Estamos falando de uma vida, Augusto, não de um objeto, é a sua sobrinha, é a minha neta e ninguém vai encostar nenhum dedo nela.

Levantei do sofá e abracei minha mãe. Para uma pessoa que morava em outro planeta, ela me surpreendia às vezes. Limpei suas lágrimas, mas ela é quem me consolava.



– Vai ficar tudo bem, querida – disse. – A mamãe e a vovó vão ajudá-la, não é, mãe? – perguntou para minha avó.

– Claro que vamos – respondeu ela, levantando-se para nos abraçar.

– Tudo isso é muito lindo e romântico, mas ninguém está enxergando a situação com clareza.

– Cala a boca, Augusto – rebateu meu pai. – É tão difícil dar apoio à sua irmã?

– E vê-la jogar a vida dela no lixo? Ela será mais uma mãe solteira perdida no mundo.

– Não, ela não vai – rebateu Ian, irritado.

– Até quando você vai aguentar, hein? – perguntou Augusto. – Até aparecer uma garota gostosa e sem roupa na porta? Até um dos nossos amigos começar a fazer piadinha que você está pagando pelas contas de outro cara?

Ian agarrou meu irmão pela camiseta.

– A sua irmã não é qualquer uma, você deveria saber disso melhor do que eu! – vociferou. – E não vai ser você a tratá-la assim.

– De novo vocês estão se pegando? – perguntou Gustavo, surgindo das profundezas. – Desta vez é bom se matarem, porque não vou mais separar briga nenhuma.

– Eu não estou agindo como se ela fosse qualquer uma – defendeu-se Augusto, retirando as mãos de Ian de sua camiseta e soltando-as ao lado do corpo.

– É exatamente isso que você está fazendo. – concordou meu pai. – Agora é nosso momento para apoiá-la e não recriminá-la.

– Você estava louco da vida há dois minutos.

– Estava, mas sua mãe me fez entender a situação e você deveria tentar fazer o mesmo – esbravejou meu pai, dando fim à discussão.

# 30

“Nunca espere demais da sorte ou dos outros, no fim não há quem não decepcione você.”

***Charles Bukowski***

# Arrependimento tarde demais

Meus pais e minha avó ficaram em casa até sexta-feira à noite e, depois de uns dias, a notícia já tinha se assentado e sido engolida por eles. Augusto ainda se recusava a falar comigo, ou com Ian, mas conseguiríamos sobreviver. Minha mãe e minha avó até me levaram para fazer algumas compras para o bebê (com o patrocínio do cartão de crédito do meu pai, claro), e já se mostravam empolgadas por ter um monstrinho correndo pela casa e quebrando tudo o que visse pela frente. Também recebi a maravilhosa notícia de que meu apartamento fora finalmente vendido e que o dinheiro estaria na minha conta até o final do mês. Fiz um agradecimento silencioso ao meu avô, que pensou em mim antes de partir. Meu apartamento não fora comprado com meu próprio suor e sim com o dele, que antes de morrer, deixou claro que sua parte da herança era para ser dada aos netos quando completassem dezoito anos. Meus irmãos usaram para a faculdade e um carro novo; eu usei para comprar uma casa.

Eu ainda não sabia o que faria com o dinheiro da venda, se compraria ou não um apartamento, ou se ficaria aqui com Ian até as coisas se resolverem da melhor forma. Independente de qualquer coisa, era bom saber que eu tinha um pé-de-meia ao meu alcance se fosse necessário.

Ainda estava de licença por causa do transtorno do começo da semana, então aproveitei o apartamento vazio para assistir a um filme e me entupir de comida. Tive um sobressalto quando ouvi o som da campainha. Quem poderia ser? Todos os meninos não deviam voltar do trabalho até tarde e o porteiro não tinha

interfonado. Vitória começou a latir desenfreadamente e eu levantei para abrir a porta.

– Ah, você – disse, vendo Camila parada do outro lado da porta.

– O Ian está? – perguntou, dissimulada.

– Não, ele está no trabalho, gostaria de deixar algum recado? – perguntei com cinismo, segurando Vito pela coleira. Era raro discordarmos do caráter das pessoas e essa não era uma delas. Pensei seriamente em deixá-lo mordê-la.

– Não, na verdade eu queria um pouco de açúcar – disse me mostrando uma xícara. – Você me empresta?

– Entra.

Como dizia minha avó, não se nega nenhum tipo de alimento nem ao pior inimigo. Xinguei-a em pensamento por me fazer crescer tão moralista. Camila me seguiu até a cozinha e se escorou na bancada enquanto eu pegava o dito açúcar.

– Há quanto tempo você e o Ian estão juntos?

– Pouco tempo – respondi, terminando de encher a xícara.

– Então o guri que tá na sua barriga não é dele? – olhei para minha barriga pouco aparente. Essa menina tinha olhos de raio-x ou eu já havia engordado tanto e não tinha percebido?

– Não – optei pela sinceridade, já que minha vida ultimamente corria mais que fofoca de último capítulo de novela.

– Então ainda há esperanças.

Fechei a porta do armário e olhei para a garota, ela sorria.

– Esperanças de quê?

– De ele lhe dar um pé na bunda. – Será que os rapazes reparariam se chegassem do trabalho e encontrassem Camila no triturador de alimentos? Era tentador fazer o teste. – Qual é, você

não acredita mesmo que ele, justo ele, vai criar o filho de outro cara, né? Você não é tão ingênua assim.

– Na verdade estamos apenas vendo o que vai acontecer – respondi. Talvez eu fosse ingênua a esse extremo, ou uma garota realmente esperançosa.

– Eu sei o que vai acontecer, ele vai ver você engordar até virar um botijão de gás, depois vai perder o interesse de olhar e tocar você, então vai lhe dar repulsa e por fim ele vai procurar alguém que não tenha leite materno escrito na testa. E ele vai achar fácil.

– Me deixa adivinhar por que – pedi colocando, o dedo no queixo como se pensasse. – Porque tem uma vagabunda caidinha por ele no 4º andar?

– Exatamente por esse motivo – confirmou, tirando a xícara da minha mão e me dando as costas. Uma ótima oportunidade para puxar seu cabelo e bater sua cabeça no chão até minha raiva diminuir. Me segurei na bancada pela segurança da Camila e deixei que ela saísse do apartamento sozinha. Eu tinha completa certeza de que ela conhecia o caminho.

Fiquei de mau humor durante o dia inteiro, e não ajudou Augusto ter ficado passando na minha frente toda hora só para ver se eu cederia. Ele não sabia, mas corria o sério risco de ser o alvo do extravasamento da minha raiva, porque se talvez, só talvez, eu batesse nele até relaxar, ficaria mais feliz.

Ian chegou quando já passava das nove, mas nem para ele eu tinha paciência.

– Oi, amor.

– Sai andando na boa. – Levantei a mão para enxotá-lo.

– O que eu fiz? – perguntou, franzindo as sobrancelhas.

– Comeu uma vadia que mora no 4<sup>o</sup> andar, foi isso que você fez!  
– berrei.

– O que ela fez?

– Além de ter nascido e aparecido na minha vida? Nada!

– Quer que eu desça até lá e converse com ela? – perguntou solícito, solícito demais para o meu gosto.

– E correr o risco de ela não devolver você? – franzi o cenho. – Não, muito obrigada.

– Então como posso ajudar? – Ele já estava ficando irritado, bem-vindo ao time!

– Só me deixa em paz.

Ele entendeu o espírito da coisa e saiu de fininho, cruzando com alguém no corredor.

– Melhor você nem chegar perto – alertou. – Os hormônios estão falando mais alto hoje e se ela grudar em você, eu que não ponho a mão para separar.

– Então eu volto outra hora – disse Gustavo. – Eu posso beber água da pia do banheiro, de qualquer forma. – Ouvi os passos dos dois se afastando e respirei em paz.

Dez minutos depois o interfone tocou.

*Santo Deus, tenha paciência!*

– Pois não, seu José – respondi mal-humorada.

– Dona Babi, tem um rapaz aqui embaixo dizendo que gostaria de vê-la. – *Só um minutinho que eu vou colocar uma foto minha no elevador e você entrega para ele,* respondi em silêncio.

– Quem é?

– Um tal de Miguel.

Quais eram as chances de ser um desconhecido com o mesmo nome, tentando me vender algum produto sem utilidade?

– Manda subir, seu José.

O que ele fazia aqui? Pergunta idiota. Eu liguei para o cara e falei que daria à luz um filho dele. Provavelmente era mais um querendo que eu abortasse. Essa criança ficaria traumatizada desse jeito.

Fui até a entrada e abri a porta. Encostei-me no batente e esperei que ele chegasse. Será que eu sentiria alguma coisa quando o visse? A porta do elevador se abriu e ele apareceu. Vestia um terno e tinha um lindo buquê de alguma coisa roxa nas mãos. As flores ficariam lindas dentro da lata do lixo. Analisei meu sistema interno e... Nadinha, eu não sentia nadinha de nada por ele.

– O que você faz aqui? – inquiri. Na verdade queria perguntar se a esposa dele sabia onde ele estava, mas essa pergunta teria que ficar para daqui a pouco.

– Eu vim vê-la – disse sorrindo. – Você não pode me ligar e dizer que vai ter um filho meu e esperar que eu não me importe. – Claro porque ele se importava demais comigo, safado de uma figa.

– Entra – pedi, eu mesma entrando na frente e o abandonando no hall.

– Eu trouxe essas flores para você.

Peguei o buquê o joguei em cima da mesa de jantar, ele franziu os olhos ao ver suas flores jogadas, mas não disse nada.

– Faz quanto tempo que você descobriu a gravidez? – perguntou, sentando-se no sofá sem ser convidado, e me sentei o mais longe que o espaço permitia.

– Não muito.

– Temos muito o que conversar, Babi. – disse, esfregando uma mão na outra e se mostrando apreensivo. – Primeiro eu gostaria de pedir desculpas pelo que...

Não o deixei terminar.

– Próximo assunto então, porque esse já foi encerrado. – Eu seria dura na queda, era bom ele ter vindo preparado.

– Estou arrependido pela maneira como a tratei, você merecia muito mais do que aquilo. – Suspirou. – Entendo que você não queira me desculpar, mas pelo menos vamos tentar ser adultos, pelo bem dessa criança. – Vê-lo falar do meu monstrinho como se tivesse alguma propriedade sobre ele me tirava do sério. Na realidade ele tinha, mas eu já estava ficando com ciúmes de alguém que nem havia nascido ainda. Onde eu ia parar?

– Tudo bem, sobre o que você quer conversar?

– Primeiro, como eu disse, gostaria de pedir desculpas. Se eu pudesse ter feito tudo diferente, eu faria.

Tarde demais.

– Como eu disse para Manoela no dia do meu casamento – porque ainda era meu, embora não tivesse *sido*, se é que isso fazia sentido, eu nem sabia mais –, ninguém pode proibir duas pessoas que se amam de ficarem juntas, mas vocês poderiam ter me poupado a humilhação de ser abandonada no altar.

– Era importante para você, eu sei – respondeu se contorcendo, uma expressão de dor em seu rosto. – Eu deveria ter contado antes, na verdade eu deveria ter sido homem e não ter deixado você ir embora da minha vida.

Tarde demais número dois.

– Isso já não importa mais, agora você é um homem casado – alfinetei. – Você tem outra mulher a quem respeitar. – *Uma cobra traiçoeira*, completei em pensamento.

– Então você já sabe?

– Sei. – parece que ele se esqueceu de que nos encontramos naquela droga de almoço.



– Sabe o motivo pelo qual me casei com ela tão rápido?

– Parece que alguém tem uma mira impecável – respondi sarcástica.

– Ah, Babi, eu sinto tanto – lamentou-se, colocando a cabeça entre as mãos. – O nome dele vai ser Álvaro, é um menino.

– Meus parabéns. – Agora eu estava tentando passar um pouco de respeito na minha resposta, o garotinho não tinha culpa de nada.

– Mas isso não quer dizer que eu vá deixar você à própria sorte – acrescentou, sorrindo fraco. – Vou assumir o nosso bebê, vou pagar uma pensão, sei lá. Eu vou querer vê-lo.

– Eu não quero seu dinheiro, mas talvez seja bom o bebê ter o pai por perto. – O mais perto que a esposa dele deixasse. – Você contou para Manoela?

– Não, ainda não, vim aqui conversar com você antes.

– Você veio comprovar se era verdade ou se eu tinha armado um planinho para acabar com seu casamento? – Levantei minha camiseta. O inchaço era pequeno, mas para quem tinha dormido comigo por três anos, ele teria capacidade de notá-lo. – Não é mentira.

– Eu não pensei que fosse.

– Então o que você veio falar comigo de tão importante?

Ele se levantou do sofá e se ajoelhou na minha frente.

– Eu cometi um erro – afirmou, pegando minha mão. – Como disse, nunca deveria ter deixado você ir embora, mas você sempre foi uma pessoa melhor do que eu. – Eu concordava, nunca tinha traído ninguém. – Então eu pensei que talvez você pudesse me dar uma nova chance.

Engasguei. Esse babaca estava realmente me pedindo isso? Tarde demais número três.

– Não creio que seja possível – respondi ainda surpresa. Nem em um milhão de anos eu poderia imaginar que essa cena clichê de filme de mulherzinha realmente aconteceria na minha vida. Só faltava a Ferrari e o deus grego, que por sinal eu tinha e estava dormindo no momento. Será que a Land Rover serviria?

– Eu sei que você já está namorando, ou estava, não sei como seu namorado reagiu à notícia do nosso filho – Miguel continuou pausadamente, ainda segurando minhas mãos –, mas não seria melhor criar essa criança ao lado do pai? Você poderia voltar para São Paulo, poderíamos oficializar as coisas. Nós poderíamos ser felizes, Babi.

Em um ponto ele tinha razão, era sim importante criar um filho perto do pai e da mãe, mas voltar para ele estava fora dos meus planos, pelo menos até aquele momento. Pelo meu filho eu conseguiria engolir tudo que Miguel tinha feito? Ainda tinha o problema de eu não sentir absolutamente nada por ele, nem um resquício de compaixão ou de carinho. Não, eu não conseguiria. Meu filho entenderia, ele não desejaria ver a mãe presa em um relacionamento sem amor, infeliz.

– Eu sinto muito, Miguel – declarei por fim, retirando minhas mãos das suas.

– Pensa, Bárbara, por favor – pediu, abraçando-me. Retribuí o abraço e seu corpo me era familiar. Foi muito mais uma ação impensada do que um desejo consciente, apenas algo que meu corpo estava habituado a fazer e eu sabia bem como era difícil se livrar de velhos hábitos, o sorvete do Ian que o diga. – Pense em me dar mais uma chance, eu só peço mais uma.

Tentei me livrar do seu abraço, mas meu movimento foi dado como consentimento e ele tentou me beijar; fiquei sem reação e dei

um passo para trás. Não era justo com Manoela, independentemente do que ela me fizesse, e não era justo com Ian me deixar levar por um momento só por já saber qual seria o final. Miguel não era o cara e já tinha me provado isso de diversas formas. Dei mais alguns passos para trás.

– Acho melhor você ir embora – pedi, dirigindo-me à porta. – Agora.

– Você vai me dar uma resposta?

– Eu peço para alguém entrar em contato com você quando o bebê nascer e ligo se tiver alguma outra novidade.

– Bárbara, por favor. Pelo menos jante comigo esta noite – pediu.

– Adeus, Miguel – eu disse, dando-lhe um beijo no rosto e abrindo a porta para que saísse. Fechei a porta atrás dele e me virei. Ian estava sentado no sofá me observando.

Seus olhos tinham um brilho ferino que fizeram com que eu me arrepiasse.

– Você não achou importante que eu participasse dessa conversa?

– perguntou, cruzando os braços.

# 31

“Difícil não é lutar por aquilo que se quer, e sim desistir daquilo que mais se ama. Mas não pensei que foi por não ter coragem de lutar, e sim por não ter mais condições de sofrer.”

**Bob Marley**

# Abdicando do amor

– Não, Ian, não achei – respondi sendo sincera. – Apenas não vi motivos para chamá-lo.

– Ótimo, então continua me afastando de você – disse se levantando e passando a mão nos cabelos. – Quem sabe eu não acabo me tocando e fazendo o que você quer.

– Faça isso – respondi magoada. – Se quer sumir da minha vida, então vá.

– É realmente isso que você quer? – Ian já estava se afastando.

– Não importa – repliquei, derrotada. – É o que você vai fazer de qualquer jeito.

– É o que VOCÊ acha que vou fazer – rebateu – porque você não confia em mim.

– O problema não é você. – *Ainda.* – Sou eu.

– Eu sei – respondeu Ian, passando a mão pelos cabelos e saindo da sala.

Desatei a chorar no sofá. Augusto entrou no apartamento e viu minhas lágrimas, mas baixou o rosto e foi para seu quarto. Ouvi-o chamar Gustavo, mas não ouvi o que eles conversaram, só quando sua porta bateu. Entretanto, momentos depois, Gustavo apareceu na sala e se sentou do meu lado.

– Quer assistir a um filme em que alguém morre?

– Quero – ri. Enquanto eu tivesse minha família, eu ficaria bem. Acho que tinha chegado o momento de ir embora dessa casa e de achar meu próprio caminho, meu lugar ao sol, como dizia a música. Gustavo escolheu o pior filme que encontrou e deitou a cabeça no meu colo.

– Ian tem razão – ele disse tão baixo, que tive dúvidas se realmente tinha ouvido. Comecei a fazer cafuné em seus cabelos.

– Você estava ouvindo atrás das portas de novo?

– Estava – admitiu.

– A conversa com Miguel também?

– Sabe o quanto foi difícil não vir até aqui e quebrar a cara daquele infeliz outra vez? – perguntou se sentando e se virando para me olhar de frente. – Você não está considerando que ele mudou e se transformou no melhor homem do mundo, não é?

– Claro que não. – Suspirei. – Ele não era o cara, Gu.

– Ian é o seu cara? – Essa foi a pergunta mais profunda que ele me fez em anos. Não precisei pensar para responder.

– Ele é meu cara certo no meu momento errado.

Passei muitos anos sonhando com o príncipe do cavalo branco e em todos os meus sonhos, ele tinha olhos azuis. Já fazia muito tempo que não pensava no meu garoto e hoje, comparado ao Ian, ele parecia uma invenção boba de criança. Tudo que eu mais desejei estava bem à minha frente e eu não conseguia alcançar. Se fosse em outra época, em outra vida, talvez pudéssemos começar uma história, mas a minha vida já tinha muitos “era uma vez” para eu conseguir chegar em um “foram felizes para sempre” sem deixar meu coração em pedaços no caminho. Eu não tinha mais forças para lutar por algo que talvez nem acreditasse mais. Não valia a pena o sacrifício de entregar meu coração a alguém se sabia que um dia ele seria devolvido cortado e judiado, e que eu passaria anos tentando remendá-lo para acabar com um coração “quase bom”. Eu e Ian estávamos em lados opostos da estrada da vida e era tarde demais para um retorno.

– Bárbara, ele nunca se apaixonou por ninguém, dá um crédito a ele.

– Não se trata de confiança, se trata da vida, Gustavo.

– Então você confia nele?

– Não. – Eu não confiava, eu não confiava em homem nenhum e talvez nunca voltasse a confiar.

– Então me desculpe, maninha, mas é, sim, uma questão de confiança.

– Mas não é só isso. – Suspirei. – Vamos supor que ele realmente não vá embora, ou no caso, me mande embora, já que a casa é dele. Vamos supor que ele fique comigo, acompanhe minha gestação, esteja lá no dia em que meu filho nascer. O que Ian se tornaria na vida dele?

– O padrasto.

Eu precisava de uma lousa e um giz.

– Isso gera responsabilidades, Gustavo, e supondo novamente que ele tenha maturidade para lidar com elas, o que eu acho que ele não tem, eu acabaria com a sua vida. Ele ainda pode conhecer uma boa moça, sem problemas, sem passado e sem bagagem, pode namorá-la sem se preocupar se ela vai ou não entrar em trabalho de parto, e por fim pode construir uma vida ao lado dela a partir do zero, ser feliz ao invés de tentar remendar a minha vida ferrada.

– Mas essa escolha é dele.

É o que todos me diziam.

– Mas quem vai conviver com ele sou eu. Quem vai olhar para ele daqui cinquenta anos e ver o peso disso tudo, sou eu. Quem vai conviver com a dor dele por ter tomado uma decisão errada sou eu. Porque depois que ele se envolver nisso, será muito mais difícil sair do que se fosse um relacionamento comum.

– Você perdeu a fé – disse Gustavo com tristeza.

– Eu perdi tudo.

Mas não deixaria que Ian também perdesse.

\* \* \*

Tendo tomado a minha decisão, peguei meu carro e fui até a residência dos Vitorazzi. Eu me sentia na obrigação de contar para Vivian tudo que eu sentia, porque nossa amizade estava mais ligada à minha vida sentimental que minhas calcinhas. Arrependi-me de não ter telefonado antes, porque encontrei apenas Vicente em casa.

– Bárbara, eu ia mesmo procurar você, entre, por favor. – E eu tinha opção? Entrei e ele me conduziu até a mesa da cozinha. – Sente-se. Eu quero que você me desculpe pela outra noite.

– Eu é que peço desculpas, você tinha razão.

– Eu tinha? – perguntou confuso.

– Tinha sim, eu vou acabar com a vida dele. – Suspirei. – Eu *ia* acabar com a vida dele – corrigi. – Ele tem uma carreira brilhante, é lindo, gentil, quando quer. Nunca conheci um homem tão perfeito e apaixonante quanto seu filho.

– Não estou entendendo, se ele é tudo isso...

– É exatamente por ele ser tudo isso que eu não posso arrastá-lo para a minha vida nesse momento. – Solucei. – Eu não posso prendê-lo nas responsabilidades que tenho agora, não é a obrigação dele.

– Ele já sabe?

– Não e não vai saber até eu ir embora – confessei. – Espero que você guarde esse segredo, eu só vim me despedir da Vivian. Estou indo para a casa dos meus pais.

Vicente não me perguntou mais nada e me apressei para ir embora. Eu tinha uma mudança para organizar, *de novo*.



# 32

“Não consigo sentir meus sentidos

Apenas sinto o frio.

Todas as cores parecem desaparecer

Não consigo alcançar minha alma.

Eu pararia de correr, se soubesse que havia uma chance.

Me dilacera ter de sacrificar tudo, mas sou forçada a desistir.”

**Within Temptation, *Frozen*.**

# Pesadelos podem se tornar realidade

Antes de ir eu tinha uma última dívida a ser paga. Parei no supermercado mais próximo de casa, estacionei o carro e fui buscar o que precisava. Encontrei o freezer com rapidez e, para minha sorte, tinham três potes de sorvete Häagen-Dazs de café me esperando; os dois que eu devia ao Ian e um para o meu monstinho, que já estava me fazendo salivar, isso porque eu nem gostava daquela porcaria de sorvete. Paguei e voltei para o meu carro. Assim que coloquei a chave na porta, alguém me virou com brusquidão, eu perdi o equilíbrio e caí em cima dela, que me pegou pelos ombros e me encostou no carro. Manoela.

– Feliz em me ver, amiga? – perguntou sarcasticamente.

– Nem um pouco – respondi ao me afastar dela e me encostar no meu carro.

– Então somos duas – replicou, pressionando seu corpo contra o meu, e senti um objeto pontiagudo encostando na minha costela esquerda. Abaixei os olhos instintivamente para me deparar com uma lâmina. Acho que essa era a hora de gritar. – Nem pense nisso – ameaçou –, se você abrir a boca, eu mato você aqui nesse estacionamento. – Meu Deus, eu estava ferrada. – Vai andando na minha frente até aquele Logan preto estacionado atrás do Corsa. – ordenou.

Não tive outra escolha além de agarrar a sacola com o maldito sorvete o mais forte que pude e andar lentamente até onde ela queria. O carro era alugado, pude ver um emblema de uma locadora

colada no para-brisa. Na verdade eu só tentava me distrair enquanto rezava para que alguém visse essa lunática com uma faca na mão pressionando minhas costas. Por que raios eu não tinha avisado a ninguém onde estava indo? Por que eu, gênio como sempre, resolvi fugir da situação mais uma vez? Isso só podia ser um castigo do destino para me mostrar o quanto eu era covarde.

Manoela abriu a porta do passageiro e empurrou meus ombros para baixo até que eu entrasse.

– Olha quem apareceu para a festa – disse uma voz, cuja mão agarrou meu ombro para me impedir de fugir pela porta enquanto Manoela dava a volta no veículo. Miguel.

– O showzinho em casa fazia parte do plano. Não é? – perguntei, entendendo de imediato a situação. Como eu era burra.

– Você achou mesmo que ele ia me deixar para voltar com você? – perguntou Manoela, rindo e dando partida no automóvel.

– O que vem agora? – Eu parecia muito mais corajosa do que me sentia. Eu já estava com medo só de ver Manoela com uma faca. Com a ajuda do Miguel, fosse o que fosse que eles planejavam, eu não teria a menor chance.

– Agora você cala a boca – ordenou Miguel.

Mais uma vez me perguntei onde eu estive perdida nos últimos três anos para não ter percebido que tipo de pessoas eles eram. Ser deixada no altar ainda vá lá, mais isso era sequestro, era um crime.

– Pega o celular dela – disse Manoela, enquanto dirigia e se afastava do nosso bairro. Miguel retirou minha bolsa e a sacola de compras da minha mão com força, fazendo um vergão vermelho se formar onde antes estavam as alças. Ele retirou o aparelho de dentro da bolsa, desligou-o e desconectou minha bateria. Comei a ficar realmente apavorada.

Os minutos não passavam, e cada vez nos afastávamos mais dos bairros conhecidos. Eu já não fazia ideia de onde estava; sempre fui péssima para guardar caminhos. Por pior que fosse, estava mais tranquila presa com eles dentro do carro do que me sentiria no nosso destino final, disso eu tinha certeza.

Cerca de quarenta minutos depois o carro foi estacionado em uma rua calma e de aparência pacífica, em frente a uma casa de fachada antiga, com pintura amarela gasta. Será que meu fim seria em uma casinha amarela, com telhas de barro e um portão baixo? Comecei a tremer dos pés à cabeça. Eles não teriam me sequestrado se não tivessem intenção de fazer alguma coisa sórdida comigo, certo? Se eles só quisessem conversar, teriam aparecido em casa... Ondas de pânico me invadiam e faziam com que tudo rodasse. Não, eu não podia desmaiar, meu filho. Eu tinha que proteger meu filho.

Antes de entrarmos na casa, eles conferiram se não havia ninguém na rua e só me tiraram do carro quando se sentiram tranquilos para tal. Miguel saiu primeiro e abriu a porta para que eu descesse. Era bizarro me dar conta de que essa fora a primeira vez que ele fazia isso desde que nos conhecemos. Ele me puxou pela manga da blusa, fazendo com que ela se rasgasse na costura. Manoela surgiu pelo meu lado esquerdo e me puxou para perto dela.

– Não encosta nela – rosnou para o marido. Era entorpecente ver até onde o ciúme levava uma pessoa. Não havia outro motivo para o que estava acontecendo. Ele abriu o portão baixo com uma chave e ela me arrastou para a varanda, enquanto ele destrancava a porta principal. A casa não tinha muita mobília e eu podia deduzir que era alugada para temporadas. Fui puxada até o final do corredor e jogada dentro de um quarto.

– É aqui que você fica agora – anunciou Manoela, retirando a chave da porta que estava para o lado de dentro, fechando-a e me trancando ali. Procurei um interruptor de luz, mas não encontrei. Tateei pelas paredes até encontrar um móvel baixo, que imaginei ser um criado-mudo. Se ele estava ali, a cama não devia estar longe. Encontrei uma cama pequena demais para ser de casal e me sentei para poder pensar no que faria em seguida.

Comecei a gritar. Eu não dava a mínima se ninguém me ouviria, eu só precisava me expressar de algum modo, porque era evidente que eu não conseguiria quebrar nada, não tinha como encontrar objeto nenhum no escuro. O medo faz as pessoas se transformarem. Gritei até não conseguir mais respirar, e quando não me deram atenção, resolvi bater na porta até sentir minhas mãos em carne viva. Respirei fundo e senti as ondas de pânico me preenchendo novamente.

*Pensa, Bárbara, pensa.*

Depois de uma hora trancada eu já estava planejando matá-los. Eu tentaria roubar a faca e enfiaria em um deles, e o outro teria que parar para socorrer, e assim eu também o atingiria.

Duas horas depois eu estava morta de sede, escorada na porta aos prantos. Eles me matariam. Eu tinha certeza.

Depois de algum tempo eu não conseguia mais fazer uma estimativa de horas, o tempo parecia nunca passar, por mais que eu achasse que já tinham se passado horas, poderiam ter sido apenas minutos. Eu estava deitada no chão ao lado da porta, quando ouvi um barulho de outra porta abrindo e uma conversa.

– Por que demorou tanto? – perguntou Manoela.

– Você já tentou comprar isso sem receita? – perguntou Miguel irritado. – Ninguém vende. Tive que subornar um farmacêutico.

– Ele explicou como faz?

– Você não disse que sabia? – perguntou, alterando a voz.

– Eu sei a teoria, vai servir. Me dá isso aqui. – Seus passos começaram a se aproximar da porta do quarto onde eu estava trancada. Arrastei-me rapidamente para longe da porta e me escorei em uma parede.

– Levanta daí – disse Manoela assim que abriu a porta do quarto em um rompante. Olhei para o embrulho em suas mãos, eu não sabia dizer o que era. Voltei a olhar para seus olhos e ela riu. – Você parece um bichinho assustado. Levanta! – gritou. Obedeci. Ela andou alguns passos na minha direção com a faca em punho. – Sai do quarto devagar e vira para a esquerda.

Parei em frente a outra porta.

– Entra aí. – Não me mexi e, vendo minha resistência, ela colocou novamente a faca sobre minha costela, apoiando a mão livre no meu ombro e forçando a lâmina até que eu gritasse de dor. Sem alternativa, obedeci. Agarrei a porta e virei a maçaneta. Era um banheiro sujo e fétido. Encostei-me na parede que parecia cheia de mofo e esperei para ver o que ela faria em seguida. – Pega – disse, jogando o pacote que tinha nas mãos. Tirei o conteúdo do saco de papel e olhei para a caixa de remédio. Não entendi de imediato. – Você pensou mesmo que eu deixaria você ter um filho dele? – perguntou. – Pensou que faria meu filho dividir tudo com esse lixo que está dentro de você? – Alisou a barriga já aparente. – Vamos resolver esse problema, não vamos?

Comecei a chorar novamente, entendendo onde ela queria chegar. Tinha sido sempre o bebê.

– Por favor, Manoela, não faz isso – implorei, caindo de joelhos aos seus pés. – Eu não quero nada de vocês, nada dele.

– Então por que você tinha que contar para ele, sua imbecil?! – berrou. – Nós não temos outra saída. Mais um passo em falso e os pais dele vão deserdá-lo. Eles não ficaram nada contentes quando presenciaram o fiasco que foi seu casamento. Ou o que *não* foi. – Riu sem humor algum na voz. – Você só estragou a minha vida.

Eu jurava que havia sido ao contrário.

– Meu bebê não tem culpa de nada – eu tinha que convencê-la.

– Não interessa, abre a caixa! – ordenou, apontando para o remédio em minhas mãos. – Continuei sem me mexer. – Você que sabe, pode ser do jeito fácil ou do difícil, e se for do difícil, talvez você não saia viva daqui.

– Ainda podemos esquecer que isso aconteceu, só me deixa ir embora. – Meu rosto já estava todo manchado de lágrimas e eu podia sentir o gosto do sal na boca, que eu não conseguia manter fechada por causa da respiração pesada.

– Senão o quê? – perguntou, revirando os olhos e balançando a faca na minha direção.

– Senão eu vou contar para todo mundo o que aconteceu aqui. – Que ela me matasse, mas eu não suportaria vê-la matar meu filho; se ele tivesse que ir eu preferia ir junto.

– Não você não vai contar porque não quer morrer. Se contar é isso que vai acontecer com você. – disse sorrindo. Seu sorriso era frio e calculista, o sorriso de uma lunática. – Você vai sair daqui como se nada tivesse acontecido e contar a todos que perdeu o bebê de forma natural – me instruiu, com os olhos injetados de fúria. Será que ela realmente era tão burra para acreditar nisso? Que eu simplesmente diria o que eles quisessem?

– Eu prefiro morrer com ele então. – Ou por ele. Tanto fazia.

– Eu espero que você realmente morra nesse banheiro imundo sem que eu precise sujar as minhas mãos com o seu sangue. Vão demorar dias, meses, para encontrá-la. Até lá ninguém mais vai saber quem você foi, ninguém vai mais sentir sua falta.

Aproveitei enquanto ela estava distraída pensando em uma maneira de dar cabo da minha vida e voei para cima dela, agarrando a mão que estava com a faca. Assim que percebeu meu movimento, Manoela gritou. Eu podia ouvir os passos de Miguel correndo em direção ao banheiro, então eu tinha que ser rápida. Seria minha única chance de salvar a vida do meu filho e a minha.

Joguei meu corpo contra o de Manoela e tentei dobrá-la para que soltasse a faca, mas ela era forte, muito mais forte do que eu, e resistiu até Miguel chegar e me agarrar por trás.

– Segura essa vagabunda! – pediu Manoela arrumando o cabelo que eu tinha bagunçado na minha tentativa frustrada.

Ela pegou a caixa de papel no chão e a abriu, retirando de dentro do lacre quatro comprimidos. Abriu minha boca com violência segurando firme meu maxilar, tentei desesperadamente chutá-la, mas errei o golpe e Miguel me apertou contra a parede. Era o fim. Meu rosto estava imprensado entre ele e o azulejo imundo e gelado do banheiro. Ela voltou a abrir minha boca, colocando a faca com a outra embaixo do meu pescoço. Em seguida, colocou dois comprimidos na minha língua e antes que eu conseguisse cuspi-los, Miguel fechou minhas narinas com os dedos e tapou minha boca com a palma da mão.

O oxigênio estava se esvaindo do meu organismo rapidamente, eu estava sufocando. Tentei tossir, mas suas mãos prendendo os caminhos do ar que deveria ser entregue aos meus pulmões me



impediram. Tive uma vertigem e desabei em seus braços. Os comprimidos haviam se dissolvido.

Estava feito.

Miguel me jogou no chão e eu me encolhi em posição fetal.

– Ainda falta inserir dois – disse Manoela, mostrando mais dois comprimidos para Miguel. Lembrei-me vagamente de ter lido sobre esse tipo de aborto, sobre onde aqueles dois comprimidos deveriam ser colocados. Comecei a me debater e a tentar me levantar. – Apaga ela! – ordenou Manoela.

Eu não vi o que me atingiu, apenas senti uma dor lancinante na cabeça e tudo ficou escuro.

“Nada vai embora até que tenha nos ensinado o que precisamos saber.”

**Pema Chödrön**

# Busca

## IAN

Já passavam das 11h da noite e você ainda não tinha voltado.

Eu já havia ligado vinte vezes e todas elas caíram na caixa postal. Quando saí do quarto para lhe pedir desculpas, você já tinha saído, sem avisar ninguém para onde ia. Era típico de você fazer tudo à sua maneira, sempre dando cabeçadas, em vez de resolver as coisas como uma adulta. Comecei a me preocupar e resolvi ligar para minha irmã. Você não conhecia mais ninguém aqui, então era possível que estivesse com Vivian. Assim que peguei o celular do bolso, ele começou a vibrar.

– Vivian – atendi no primeiro toque.

– Me fala que Babi ainda está aí! – disse minha irmã aos prantos.

– Ela não está com você? – perguntei em evidente desespero.

– Não, Ian, ela veio até aqui, mas já foi embora há muito tempo.

O papai disse que ela veio se despedir.

– Como assim se despedir, Vivian? Para de chorar e fala. – Eu não tinha tempo para drama nenhum nesse momento.

– Ela só disse que ia embora – soluçou.

Com o celular no ouvido, saí correndo pelo apartamento em direção ao seu quarto. Abri as portas do guarda-roupa com um puxão e passei a mão sobre as roupas no cabideiro. Para mim tudo ainda parecia igual.

– Ela não levou nada – eu disse em pânico. – Você não iria embora sem levar nada. Será que não? Eu não conseguia parar de pensar nisso.

– Eu vou para aí – anunciou Vivian, decidida.

– Não, você fica em casa e se ela aparecer, você me liga.

Encerrei a ligação sem esperar por uma resposta e fui até o quarto do Augusto. Soquei a porta até que ele a abriu com cara de quem comeu e não gostou; uma cara que por sinal já estava me enjoando.

– Bárbara sumiu.

– Como assim ela sumiu? – perguntou confuso. – Já ligou para Vivian?

– Acabei de falar com a minha irmã e ela disse que Bárbara foi até a casa dos meus pais para se despedir dela, mas ela não estava.

– Como assim se despedir? – perguntou, vestindo uma camiseta que estava jogada sobre a cama.

– Nem ela sabe dizer, mas eu olhei o guarda-roupa da Bárbara e nada sumiu.

– Você já pensou na hipótese de ela ter parado em algum lugar, ter ido até o shopping?

– Eu já pensei em todas as possibilidades enquanto fazia um buraco na sala de tanto andar. Está tarde e todos os shoppings já fecharam. Ela não teria parado em um bar, não sozinha e nas condições em que está.

– Você se preocupa demais – reclamou Augusto, ameaçando fechar a porta. Podia ser, mas eu estava com um mau pressentimento. Coloquei o pé no vão impedindo que a porta se fechasse.

– Tá na hora de você parar de ser moleque – cuspi. – Sua irmã pode estar precisando de você.

Dito isso, dei meia-volta e fui bater na porta do Bernardo e do Gustavo; ambos saíram dos quartos em sincronia.

– Bárbara sumiu – anunciei. Eu deveria ter chamado os três ao mesmo tempo. Repetir a história só fazia com que as horas passassem mais rápido, sem notícias suas.

– Ele *acha* que ela sumiu – disse Augusto, ainda parado em sua porta. – Até onde eu sei, ela pode aparecer a qualquer momento.

– Por que você acha isso? – perguntou Bernardo, passando a mão no rosto amassado pelo sono. Expliquei a história outra vez.

– Não é do feitio dela – concordou Gustavo.

– E o que a gente faz, sai na rua procurando? – perguntou Augusto sarcasticamente. – Até onde a gente sabe, ela pode ter voltado para o ex dela, eu não duvido de mais nada do que aquela garota faz.

Eu daria uma porrada na cara dele, mas Gustavo estava mais perto e agarrou o irmão pela camiseta.

– Cala essa maldita boca, porra! – vociferou. Gustavo era o cara mais calmo que eu havia conhecido, pelo menos até alguém realmente tirá-lo do sério. – Não é hora para suas picuinhas. Pode ter acontecido alguma coisa. – Augusto não respondeu e Gustavo o empurrou longe, largando sua camiseta e fazendo com que ele cambaleasse para trás. – Eu vou pegar o carro e rodar pela região, e você – apontou para o irmão – vai fazer a mesma coisa. Vai na direção da praia que eu vou na direção do bairro.

– Eu vou ligar na delegacia para ver se não têm nenhuma denúncia – avisou Bernardo –, talvez ela possa ter sido assaltada já que o celular está desligado.

– Eu vou esperar para ver o que você descobre – respondi.

Embora procurá-la na rua fosse minha maior vontade, eu não acreditava que iria encontrá-la. Seus irmãos saíram e ficamos apenas eu e Bernardo, ele ao telefone e eu terminando a construção

do meu buraco na sala. Até a manhã do dia seguinte eu já estaria no apartamento 63. Bernardo falava com o escrivão de plantão, mas não consegui ouvir a conversa, porque ele voltou para seu quarto. Voltei a tentar ligar para o seu celular, só para constatar novamente que estava desligado. Eu estava a ponto de jogar o aparelho na parede, quando Bernardo voltou do quarto, branco feito uma folha de papel.

– Descobriu alguma coisa? – perguntei em pânico. Ele confirmou com a cabeça. – Então fala, Bernardo.

– Temos que ir para a delegacia – anunciou, indo em direção a porta. Eu o segui de perto e já dentro do elevador, eu o puxei pelo braço.

– Fala o que está acontecendo! – implorei. – Por favor.

– O carro dela foi encontrado em um supermercado há algumas quadras daqui. Notaram o abandono do veículo quando foram fechar o estabelecimento e o dono não foi encontrado. O gerente chamou uma viatura.

– Acharam algum sinal dela? – Eu já sabia a resposta, meu coração sabia.

– Não, mas a chave ainda estava na fechadura.

Saímos do elevador e corremos até meu carro, sentei atrás do volante e cantei pneus. Se eu estava me sentindo desesperado antes, eu não conseguia descrever o que sentia agora que sabia que alguma coisa realmente havia acontecido. Eu tinha que encontrá-la. Saí dirigindo pelas ruas no piloto automático, minha cabeça estava a mil.

– O que você acha que aconteceu? – indaguei. Eu não queria ouvir a resposta, mas precisava fazer a pergunta.

– Acho que se trata de um sequestro, agora falta saber a razão. Ninguém fez contato, então só há duas outras opções, alguém a pegou para levar a um caixa eletrônico...

Eu mesmo completei seu raciocínio:

– Ou ela era o alvo. Mas quem poderia querer fazer mal a ela?

Você podia ser um saco quando queria, mas era a melhor pessoa que eu conhecia, e eu não estava dizendo isso porque estava loucamente apaixonado por você.

– Eu não sei – Bernardo balançou a cabeça e seu celular tocou. – É o Gustavo – disse, atendendo à chamada. E no telefone: – Vocês vão para a delegacia, temos uma pista. O carro dela foi encontrado com a chave ainda na porta. – Ele ouviu a resposta. – Nenhum sinal dela.

Gustavo e Augusto conseguiram chegar antes de nós. Quando freei o carro de qualquer jeito e o abandonei em cima da guia, eles já nos esperavam na porta do edifício térreo onde Bernardo praticamente morava.

– Vocês esperem aqui – disse Bernardo, entrando e chamando alguns oficiais pelo caminho.

Depois de uma hora, já estávamos os três, incluindo Augusto, desesperados. Ele tentou ligar para os pais algumas vezes, mas não conseguiu, embora eu fosse contra assustá-los ainda sem ter nenhuma notícia concreta. Quando seu celular tocou, ele imaginou que fossem eles e atendeu de imediato. Passou alguns minutos ouvindo a pessoa do outro lado da linha e se escorou na parede. Ele agradeceu e saiu correndo até a sala do Bernardo com uma expressão de pânico no rosto. Eu e Gustavo fomos atrás.

– Eu sei com quem ela está – disse Augusto sem fôlego. – Manoela, ela está com Manoela.

– Então ela está bem? – suspirei aliviado, embora a escolha de companhia fosse duvidosa.

– Não, ela pegou a Bárbara! – disse, atropelando as palavras. – Luiza acabou de me ligar e falou que ouviu Manoela conversando no telefone com Miguel, eles vão matar o bebê.

Meu coração gelou, parou e se despedaçou, tudo ao mesmo tempo. Não, eles não iam, eles não podiam. Meu Deus, onde você estava?

– Me explica isso direito – pedi Bernardo, gritando em seguida o nome de alguns policiais, que apareceram na porta depois de poucos segundos.

– Ela só disse que ouviu Manoela explicando como se fazia um aborto com Cytotec para Miguel no telefone. Logicamente Luiza não ouviu a resposta dele, mas disse que depois Manoela se irritou e disse que ela mesma faria o serviço e que pegar Bárbara seria fácil.

– E ela avisa só agora? – perguntei, sentindo minhas pernas amolecerem e o sangue sumir do meu rosto.

– Ela disse que não levou a sério, até porque achou que Manoela jamais faria algo do tipo. Mesmo assim, ela foi até a casa deles hoje porque disse que não conseguia pegar no sono com isso na cabeça, e o porteiro avisou que eles tinham viajado. Ela juntou dois mais dois e ligou para Bárbara – contou Augusto, fazendo uma pausa e apoiando as mãos nas coxas, se curvando para baixo.

– Mas deu caixa postal – completei.

– Isso, então ela me ligou para confirmar se a Babi estava bem.

– Para onde eles a poderiam ter levado? – perguntou Gustavo, deixando que as lágrimas molhassem seu rosto. Vê-lo tão fragilizado fez minha garganta se apertar, mas eu me recusava a derramar uma



lágrima sequer por você; se eu o fizesse, estaria assumindo para mim mesmo que não a veria outra vez com vida.

– Vamos ficar horas tentando encontrar alguma pista. Eles podem nem estar em um hotel – disse um dos policiais.

– Eles não estão em um hotel, seria difícil mantê-la sem que ninguém visse. Eles devem ter alugado algum lugar – sugeri –, mas também precisariam de um carro para levá-la aonde quer que fosse, certo? – Não esperei confirmação. – E o da Bá foi encontrado, então ou eu eles vieram com o carro deles, ou alugaram um.

– Mathias, vai conferir se tem alguma multa hoje na placa dessas pessoas – pediu Bernardo, entregando um papel com dois nomes escritos ao policial e se levantando.

– Aonde você vai? – perguntei.

– Acordar um juiz – respondeu resolutivo. – Quero um mandado para as locadoras. Nada pode ser feito esta noite, mas com a ordem em mãos e se não houver multas de trânsito, amanhã de manhã começamos as buscas.

– Em uma noite ela pode não estar mais viva. – Me odiei por dizer as palavras, mas elas me sufocariam se ficassem dentro de mim. Gustavo que soluçava, soltou um grunhido e Augusto levou as mãos à cabeça.

– Esse é o sistema, Ian, não posso burlar isso – disse Bernardo pesaroso, saindo da sala.

– Dane-se o sistema eu vou encontrá-la – eu disse, e saí da sala com meus amigos correndo atrás de mim.

– Aonde você vai? – perguntou Augusto.

– Até o supermercado – respondi sem outra opção. – Talvez eles tenham deixado algo cair. Uma pista, qualquer coisa. – Eu tinha que fazer qualquer coisa, ficar parado não era uma opção.

– Eu vou junto – ofereceu Augusto, entrando no banco do passageiro assim que destravei o alarme. Gustavo sentou em silêncio no banco de trás, seus soluços preenchendo a noite vazia e dando voz aos meus piores pesadelos.

Parei o carro próximo ao portão. Já estava fechado, lógico, eu sabia que estaria, só que minha intenção era pular o muro. Saí do carro e me afastei para dar impulso, mas alguém segurou meu braço.

– Eu vou – disse Augusto, subindo na grade sem esperar por uma resposta. Olhei à nossa volta procurando uma pista, um sinal, uma luz, qualquer coisa, mas a única coisa diferente por ali era um morador de rua deitado sobre um papelão, todo coberto por um cobertor. Corri até ele e me agachei ao seu lado.

– Senhor – chamei, e, como não obtive resposta, cutuquei-o para que acordasse.

– Não me machuca, não me machuca, eu não tô fazendo nada! – disse acordando assustado.

– Eu não vou machucar você, preciso da sua ajuda – informei, tirando o celular do bolso de trás da calça e apertando algumas teclas. – O senhor viu essa moça? – Mostrei-lhe uma foto sua que eu tirei enquanto você dormia na minha cama, quando pegou no sono nos meus braços pela primeira vez. Enquanto o homem olhava a foto, a lembrança ameaçou dominar meus pensamentos. Fiz de tudo para enterrá-la fundo, não poderia começar a lembrar de tudo agora. Não era uma opção me perder em uma lembrança, quando você, a Bárbara real, estava em algum lugar e precisava de mim.

– Eu vi sim – respondeu o homem por fim. Graças a Deus. – Ela entrou em um carro com uma moça de cabelo loiro – acrescentou, piscando para mandar o sono embora.

– O senhor viu qual era a cor ou a marca do carro? – Seria pedir demais, mas eu tinha que tentar. – Sabe me dizer se ele tinha alguma marca, adesivo. Viu qual era a placa?

– Era preto e tinha um adesivo de uma marca no para-brisa – respondeu na lata. – Eu sei porque eles chegaram e pararam o carro aqui na frente de onde eu durmo antes de entrarem no mercado, e eu fui pedir caixinha, mas eles me disseram não.

– O senhor sabe o que estava escrito no adesivo? – Qualquer coisa, eu precisava de qualquer coisa.

– Não, eu não sei ler, moço. – Meu coração afundou pelo homem, por mim e por você. – Mas eu sei desenhar – disse sorrindo. – Se puder ajudar o senhor...

– O senhor acha que consegue? – perguntei esperançoso, procurando um papel nos bolsos. Achei uma nota fiscal, mas eu não tinha caneta. – Gustavo! – berrei –, me traz a caneta que está no porta-luvas. – Ele pegou depressa o que eu pedi e veio correndo ao meu encontro. Augusto chegou logo em seguida.

– Não tinha nada lá dentro – contou, derrotado.

– Mas eu consegui algo aqui – falei, entregando o papel e a caneta ao homem.

Dois minutos depois eu tinha na minha nota fiscal o desenho de um logotipo de uma locadora de veículos conhecida, e o homem tinha todo o dinheiro que eu trazia na carteira. Aquilo ainda era pouco e eu quase o beijei.

– Espero que a moça fique bem – disse o homem sorrindo, enquanto guardava o dinheiro no bolso e voltava a se deitar.

Corri para o carro, jogando as chaves para Augusto. Ele me olhou surpreso, já que nunca deixei que ninguém dirigisse meu carro. Fingi não ver e me sentei no banco, já ligando para Bernardo.

– Consegui, eles alugaram na Locaveículos, agora você consegue um mandado pra ontem? – perguntei de forma arrogante.

– Como você conseguiu? Dane-se, o que importa é que não eu não consigo, mas você facilitou a minha vida. Me dá cinco minutos – pediu, encerrando a ligação.

Pegamos o caminho da delegacia, mas Bernardo retornou antes que chégássemos ao destino.

– Eu tenho o endereço do dono, mas isso é em *off*. Vai acordar o cara e faz ele dar a informação – disse baixo. – Me liga assim que descobrir, que eu vou enviar um grupamento pra lá.

– O que ele disse? – perguntou Gustavo assim que desliguei.

– É por nossa conta – respondi, enquanto jogava o endereço no GPS.

# 34

“Eu prefiro sentir o perfume de seus cabelos uma vez, beijar sua boca uma vez, tocar sua mão uma vez, do que passar a eternidade sem isso. Uma vez.”

**Cidade dos Anjos**

# Persistência

## IAN

Vinte minutos depois estávamos encostando em frente a um sobrado em estilo vitoriano, num bairro chique de Florianópolis. Augusto praticamente saltou do carro em movimento e começou a apertar desenfreadamente a campainha. Alguns minutos depois uma senhora de robe saiu na janela e ficou meio ressabiada quando nos viu, mas resolveu abrir o vidro.

– O que vocês desejam? – perguntou com voz de sono e pouco humor. Já passava de uma da manhã.

– Queremos falar com o senhor José Alvim – respondeu Augusto.  
– É urgente.

– Sempre é – disse, ameaçando fechar a janela. – Ele está dormindo. Voltem amanhã.

– Senhora – chamei sua atenção –, minha mulher grávida foi sequestrada mais cedo por um casal em um carro da locadora de vocês, eu preciso da ajuda do seu marido. Minha mulher e minha filha estão correndo risco de vida.

Ela me olhou por algum tempo, decerto decidindo se acreditava em mim. Acho que acreditou pois logo disse:

– Santo Deus! – E se benzeu. – Esperem um minuto, vou acordá-lo.

– Essa foi boa – zombou Augusto, e olhei feio na sua direção.

– Eu não estava blefando. – *Babaca*, pensei.

Um homem já de idade apareceu na janela.

– Pois não? – disse ao se debruçar no parapeito.

– O senhor é o senhor José Alvim?

- Eu mesmo – respondeu bocejando.
- Precisamos da sua ajuda.

Expliquei-lhe a situação da janela mesmo e em menos de dez minutos, ele estava nos seguindo em seu próprio carro até a locadora. Ele nos garantiu que todos os automóveis alugados possuíam um rastreador que poderia ser ativado de dentro da empresa.

No caminho Augusto relaxou, acreditando na vitória como certa. É claro, ele não se importava com a criança, queria apenas você de volta, provavelmente para poder se desculpar por ser um babaca. Já eu não estava aliviado. Pelo contrário; a cada segundo que passava, mais eu temia pelo pior.

\* \* \*

O senhor José cumpriu o combinado: acessou o rastreador e nos conseguiu um endereço. Pulamos no carro gritando um agradecimento e eu decidi dirigir. Queria ir rápido e só ficaria satisfeito se fosse da minha maneira. Augusto ficou encarregado de ligar e avisar Bernardo, que pediu para não entrarmos no local se chegássemos primeiro.

*Vai sonhando...*

Parei o carro na rua de trás. Saímos correndo, tentando ao máximo fazer silêncio, sem dar bandeira, crentes de que seríamos os primeiros a chegar. Porém, assim que pisamos na rua, os homens de Bernardo, ao seu comando já invadiam o cativoiro. Saí correndo atrás deles e um dos policiais tentou me barrar, mas consegui passar por ele, que se distraiu com os oficiais que imobilizavam Miguel e Manoela na porta da casa. Entrei e corri atrás do Bernardo, que conferia um por um os cômodos da casa térrea. Pude ouvir ao fundo

o som de uma sirene. Alguém já tinha se precavido e chamado uma ambulância. Meu coração saltaria pela boca e eu só conseguia rezar para ter chegado a tempo. Bernardo me olhou feio, mas me indicou que eu deveria ver aonde levavam as portas do lado esquerdo do corredor.

Encontrei-a na terceira porta.

Você estava no chão, nua e desacordada.

Você sangrava e meu coração também.



“Talvez... talvez a emoção se torne tão intensa, que o corpo simplesmente não consiga contê-la. A mente e os sentimentos tornam-se poderosos demais, e o corpo chora.”

**Cidade dos Anjos**

# Espera

## **IAN**

Ajoelhei em seu sangue e me joguei no chão ao seu lado, medindo seus batimentos cardíacos. Estavam muito mais baixos do que o normal.

– Encontrei! – gritei e desabei.

Coloquei para fora tudo que senti de angústia nas últimas horas. Solucei enquanto pegava seu rosto em minhas mãos só para sentir seu calor, mesmo que fosse quase escasso.

– Acorda, amor – implorei, mas você não reagiu.

Tirei meu moletom e coloquei por cima de seu corpo. Não chegava a ser o ideal, mas eu sei que você não gostaria que ninguém a visse assim. Olhei ao redor. Eu não precisava pensar para entender o que havia acontecido. Quando eu era residente, não foram um, nem dois casos parecidos que chegaram à emergência. Agora eu só podia rezar para que vocês duas fossem fortes.

Bernardo foi o primeiro a aparecer na porta; ele colocou as mãos na cabeça e soltou um palavrão. Gustavo, por sua vez, escorou-se na parede mais próxima, e não vi a reação de Augusto. Voltei meus olhos para o seu rosto, sem cor e quase sem vida. O que eles fizeram, meu Deus, o que eu tinha feito? Eu deveria tê-la protegido!

Os paramédicos invadiram o banheiro e me pediram para dar espaço. Eu poderia ter discutido, dito que sou médico, mas entendia apenas de corações e o meu, naquele momento, estava partido.

Corremos atrás da maca pelo corredor estreito da casa e nos amontoamos enquanto você era colocada na ambulância. Eu queria mais do que tudo na vida ir com você, segurando sua mão, mas

seus irmãos eram sua família, o direito era deles. Indiquei o caminho para que um dos dois subisse. Gustavo voltou a soluçar alto e Augusto me surpreendeu:

– Vai você.

Não precisou falar duas vezes; tirei as chaves do meu carro do bolso e joguei para ele, subindo na ambulância para ficar ao lado da mulher que eu amava. Pedi aos paramédicos que a levassem até o hospital onde eu trabalhava. Eles não queriam, por existirem opções mais próximas, mas enfim acabaram cedendo. Liguei para o seu obstetra, que estava de folga, mas ele prometeu nos encontrar lá.

Peguei sua mão e me afastei enquanto eles a medicavam. Você estava tendo uma hemorragia, havia perdido muito sangue e sua pressão estava baixa, assim como os batimentos cardíacos. Rezei para que não tivesse uma parada respiratória e que conseguisse chegar ao hospital. Não tinha como precisar os danos ao bebê antes de exames mais complexos.

Quando chegamos ao hospital, Dr. Arthur e sua equipe já nos esperavam na porta. Passaram você para outra maca e entraram.

– Você fica aqui, Ian – pediu ele, segurando firme nos meus ombros.

– Não – resisti.

– Você só vai me atrapalhar lá dentro – disse depois que seus enfermeiros entraram com você na sala de trauma. – Eu venho falar com você assim que possível.

Ficamos duas horas sentados na sala de espera sem nenhuma notícia. Bernardo estava na delegacia cuidando da papelada da prisão em flagrante, tanto do Miguel, quanto da Manoela. Eles acabaram confessando tudo. Augusto conseguiu falar com Dr. Arthur apenas para lhe contar quantos comprimidos você havia ingerido,

mas não tinha conseguido vê-la. Os seus pais, os meus pais e minha irmã estavam a caminho. Tudo parecia surreal. Gustavo ainda não tinha parado de chorar, Augusto tinha a cabeça entre as mãos e seus ombros também chacoalhavam. Já eu, bem, eu estava com raiva. Raiva de você por querer ir embora e de mim por não ter demonstrado com mais clareza que não a deixaria ir. Se eu não tivesse tido um ataque de ciúmes, não teríamos brigado, você não teria saído e não teria sido pega.

Eram muitos “e se” nessa história. Será que se eu tivesse feito tudo diferente, ainda acabaríamos aqui? Será que aqueles dois loucos ainda ficariam de espreita e a pegariam em outro momento, em outro dia? Não saber estava me matando.

Quando seus pais e sua avó chegaram, a cena conseguiu ficar pior. Todos estavam desesperados. Sua avó, que já tinha certa idade, estava abatida e chorosa. Cumprimentei todos e me afastei para deixar a família em paz. Na verdade, eu não queria ver tanta tristeza tão de perto, a minha já estava nas alturas, só que quando me virei para sair, vi minha família chegar. Minha irmã e minha mãe não estavam muito melhores.

– Ah, Ian! – disse Vivian, jogando os braços ao redor do meu pescoço. – Como ela está? – Você odiava que lhe fizessem essa pergunta. Agora eu sabia o motivo não havia uma resposta.

– Não sabemos de nada ainda – respondi, soltando seus braços para poder abraçar minha mãe.

– Será que ela perdeu o bebê? – perguntou meu pai. Olhei para ele sem acreditar que pudesse estar me fazendo essa pergunta, principalmente por parecer esperançoso. Era patético.

– Você ficaria feliz com isso não é? – disparei, soltando minha mãe para encará-lo. Depois do showzinho que ele tinha dado da última

vez que fomos jantar lá, ainda tivemos mais uma briga por telefone. E agora ele me vinha com essa? Ele achava que me envolver com uma mulher grávida acabaria com o meu futuro e que eu deveria me concentrar em arrumar alguém sem problemas. Como se eu mandasse na merda do meu coração! Ele já era seu há muito tempo para que eu tivesse alguma chance contra esse sentimento que me sufocava.

– Vicente, deixa o garoto em paz – alertou minha mãe, ríspida. – Não sabemos nem se ela vai sobreviver. – Virei o rosto para encará-la. O que eles estavam fazendo ali afinal? – Me desculpa, filho – falou minha mãe.

Resolvi não responder, apenas voltei para junto da sua família. Lidar com a minha estava esgotando o resto das minhas forças.

– Obrigado, garoto – disse Henrique me abraçando. – Os meninos nos contaram que foi você quem a encontrou.

– Eles estavam comigo.

Eu não queria agradecimento nenhum, eu não tinha feito nada demais, eu não cheguei a tempo. Minha expressão de dor deve ter ficado evidente, porque dona Eva, sua avó, juntou-se ao abraço.

– Calma, meu filho, ela é forte – disse no meu ouvido. Eu queria acreditar nela.

Eles me soltaram e sua mãe, que estava sentada em uma cadeira próxima, pegou minha mão.

– Nós agradecemos tudo que você tem feito por ela – disse, enxugando as lágrimas. – Ela tem sorte de ter encontrado você.

Eu não concordava.

– Eu é que tive sorte – respondi, mas ela não me ouviu; estava olhando para a porta do pronto-socorro. Todos eles estavam. Bernardo tinha entrado e vinha caminhando em nossa direção.

Quando deu mais um passo, entendi para onde todos olhavam: dois policiais entravam com Miguel algemado na recepção. Tinha sangue em seu rosto e um corte pequeno no supercílio. Augusto se levantou e começou a xingá-lo, seu pai teve que segurá-lo para que ele não avançasse sobre aquele monstro. Só que eu estava mais perto e ninguém prestava atenção em mim, por isso reagi antes de pensar no que fazia.

Os policiais foram fazer a ficha e desviaram o olho do desgraçado por um momento. Era tudo o que eu precisava. Ultrapassei Bernardo, que vinha na minha direção, e me joguei contra Miguel, fazendo com que ele voasse para trás e batesse a cabeça na parede. Recuei o braço e desferi um soco em sua mandíbula com toda a força que pude. Não contente, bati de novo e de novo. Não sei quantos socos eu acertei antes que fosse segurado. O rosto dele pingava sangue e mesmo assim não me senti realizado, eu queria matá-lo.

– Você quase matou a minha mulher e a minha filha!!! – berrei, tentando me soltar do aperto forte em meus braços. Eu estava tão alucinado, que não sabia nem quem estava me segurando.

– A filha é minha – respondeu com certo esforço, apoiando-se em um dos policiais.

– Não é mais, seu desgraçado!

Fui arrastado para longe e o policial sumiu com ele por um corredor.

Bernardo entrou no meu campo de visão e segurou meu queixo.

– Ian, pelo amor de Deus, se acalma – pediu. – Solta ele – ordenou ao outro policial que me segurava. – Calma, meu amigo – disse e me pegou pelo braço, para me sentar em uma cadeira.

Todos me olhavam. Só vi reprovação pelo meu ato vindo do olhar do meu pai, mas não me importei, era o mínimo que eu poderia ter feito por você nesse momento. O choro de Vivian chamou a atenção de Bernardo e ele se virou para abraçá-la, enquanto sua avó se sentava ao meu lado e pegava minha mão.

– Obrigada, filho, eu queria ter feito o mesmo – sorriu. – Só para sentir o gostinho.

– Foi pouco – respondi, passando a mão pelo cabelo, exasperado.  
– Foi muito pouco.

– Foi sim – concordou. Eu gostava da dona Eva. Demais.

Dr. Arthur apareceu no meio do grupo.

– Todos são familiares? – perguntou olhando para ninguém em especial.

– Sim – respondeu Henrique.

– As notícias são preocupantes – admitiu enfim, olhando somente para seu pai. – Ela teve uma hemorragia interna grave e precisamos de muitas bolsas de sangue para estabilizá-la. Conseguimos conter o sangramento, mas infelizmente ela ainda não acordou, acreditamos que ela tenha entrado em um coma temporário. Ela está medicada, mas vai ficar na Unidade de Terapia Intensiva, pelo menos até amanhã. Agora é a hora em que a medicina pouco ajuda, é hora de rezar para que ela reaja ao medicamento e que desperte.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo e a fazer perguntas, mas se esqueceram do principal.

– E a bebê? – Todos olharam para mim.

– Viva, a bebê está viva – respondeu sorrindo. Respirei aliviado, ela tinha conseguido!

– É uma menina? – Meu sorriso brotou sem que eu me desse conta.

– Sim, você acertou, garoto, é uma menina.

A minha menina. Todos fizeram exclamações positivas, até Augusto me pareceu também estar aliviado. Agora eu tinha certeza de que você conseguiria, lutaria pela filha, você lutaria contra tudo e quando acordasse, eu estaria ao seu lado.

– Nós podemos vê-la? – perguntou sua mãe, abraçando o marido.

– Sim, de dois em dois e sem demoras – disse o médico, conduzindo seus pais até você.

Devagar todos entraram para vê-la. Eu fiquei por último e entrei sozinho na baia em que você estava na UTI. Sentei na cadeira e agarrei sua mão, que estava roxa de tantas picadas de agulha, havia um acesso preso a ela que lhe fornecia medicamentos. Você estava entubada e inchada. Nem nos meus piores pesadelos eu teria imaginado essa cena. Se eu fechasse bem os olhos, ainda conseguia vê-la sorrir, se irritar, sua expressão de culpa quando tinha comido o meu sorvete pela primeira vez, cada curva do seu corpo – eu tinha memorizado tudo, guardado cada parte sua dentro de mim.

– Se você acordar eu juro que eu vou provar que mereço ficar ao seu lado – prometi. – Eu vou provar que posso fazer vocês duas felizes, meu amor.

Sua falta de reação deixava meu coração pesado, então abaixei minha cabeça e a encostei em sua barriga.

Chorei novamente.

Você não acordou.



# 36

“Segurei-a perto de mim, com os olhos fechados, perguntando-me se alguma coisa na minha vida já havia sido tão perfeita, e, ao mesmo tempo, sabendo que não. Eu estava apaixonado, e a sensação era ainda mais maravilhosa do que eu jamais poderia ter imaginado.”

**Nicholas Sparks, *Um amor para recordar*.**

# Tudo por você

## **IAN**

Seu médico não autorizou a permanência de nenhum acompanhante durante a noite. Pouco me importei, eu não iria embora. Sua família se hospedou em nosso apartamento. Minhas chaves já estavam com Augusto e eu o autorizei a ir embora com meu carro para descansar. Seu pai insistiu que eu fosse com eles, mas eu não cedi; disse que dormiria na sala de descanso dos médicos, mas não foi o que fiz. Depois que todos se foram, subi novamente até a UTI e subornei o enfermeiro da noite para que eu pudesse ficar ao seu lado, arrastei uma cadeira até sua cama e me sentei.

Não preguei o olho um minuto sequer. Eu acreditava que você acordaria e, quando o fizesse, eu queria ser a primeira pessoa que você veria.

Você não acordou.

\* \* \*

Na manhã seguinte, sua família voltou ao hospital no momento em que você era transferida para um quarto, para ter mais privacidade e uma comodidade melhor. O quarto era mais espaçoso e possuía dois sofás e uma pequena varanda. Fiquei mais tranquilo porque, com tanto espaço, eu não precisaria abandoná-la para que outras pessoas a vissem, eu não sairia do seu lado.

– Querido, eu trouxe algumas roupas – disse sua mãe me entregando uma sacola de papel. – Pedi para Bernardo pegá-las em seu guarda-roupa, espero que você não se importe. – Sorriu um

sorriso fraco e cansado, sorriso de quem não tinha conseguido pregar os olhos durante a noite.

– Claro que não. – Fiz um esforço para sorrir, mas assim como ela, encontrei dificuldade. – Eu agradeço.

– Você não saiu do lado dela, não foi? – perguntou Augusto ao se sentar.

– Não – admiti.

– Quanto custou? – perguntou, sorrindo. Ele já sabia que os enfermeiros da noite só não vendiam as mães porque era difícil achar comprador.

– Bem menos do que ela vale. – Ficar ao seu lado não tinha preço, era tudo o que eu mais queria.

– Querido, você tem que ir para casa descansar – aconselhou sua mãe.

– Deixa o garoto em paz – ralhou seu pai. – Se ele quer ficar, deixa ele ficar.

– Eu não vou embora, dona Ruth – afirmei, sentando-me ao lado do Augusto. – Não até ela acordar.

– Isso pode levar dias – disse Augusto, franzindo os olhos. Como se eu não soubesse.

– Não me importo – respondi, dando de ombros.

\* \* \*

Mais uma noite chegou e você não acordou. Todos foram embora. Como eu deixei bem claro que não sairia do seu lado, sua família achou melhor voltar para o apartamento para descasar. Arrastei uma poltrona para perto de sua cama e peguei novamente sua mão. Encostei a cabeça em sua barriga e adormeci.

Fui acordado por alguns cutucões.

– Acorda, cara – disse Augusto, de pé ao meu lado. – Você precisa comer alguma coisa.

Pela luz do sol que entrava através das persianas fechadas, deduzi que já era de manhã. Minhas costas doíam e meu coração também. Olhei para o seu rosto. Seus olhos ainda estavam fechados, você não esboçava nenhuma reação. Minha Bela Adormecida. Sim, eu assisti ao desenho. É o preço que se paga por ter uma irmã mais nova. Eu me perdi em pensamentos olhando para sua boca. Eu queria beijá-la outra vez. Será que você acordaria como a princesa do conto de fadas?

– Não vou sair daqui – respondi. Eu teria que desenhar?

– Toma, eu trouxe comida, achei mesmo que você fosse responder isso – disse ele, me entregando uma sacola. – Levantei da poltrona e fui me sentar no sofá para tentar comer. Não consegui engolir nem metade do sanduíche. Augusto se sentou perto de você, mas virou a poltrona de lado para poder me olhar.

– Você realmente a ama não é? – disse, sorrindo um sorriso verdadeiro.

– Sim – afirmei, abandonando o sanduíche.

– E a criança? – perguntou.

– O que tem ela? – A falta de confiança das pessoas em mim já começava a me tirar profundamente do sério.

– Não é todo cara que cria o filho de outro, você sabe bem disso. Você está preparado para tudo o que vem por aí? Trocar fralda, comprar leite, essas paradas? – perguntou confuso.

– Estou.

Eu estava morrendo de medo. Nunca me passou pela cabeça ter um filho, mas também nunca me passou pela cabeça que eu fosse fazer de tudo por uma mulher até conhecer você. Eu estaria

mentindo se dissesse que não tomei um choque quando liguei os pontos e deduzi que você estava grávida, quando continuou a passar mal. Mas no momento em que eu vi os testes darem positivo e você cair escorada em uma parede, eu soube. Soube que também faria de tudo pela bebê.

– Serão noites sem dormir, uma mulher gorda e irritada, e uma criança que precisa de roupas, sapatos, escola. Tudo isso é responsabilidade dela, mas se vocês ficarem juntos, uma hora ou outra vai cair no seu colo. Você tem certeza de que está preparado?  
– insistiu.

– Você acha que eu já não pensei em tudo isso? – respondi de mau humor. – Minha resposta não vai mudar, eu amo a sua irmã e eu quero essa criança.

– Você é incrível – disse admirado –, eu não faria isso por mulher nenhuma.

– Você diz isso porque nunca se apaixonou.

– Como você sabe que não é passageiro, cara? – Ele ainda parecia ter dúvidas.

– Porque eu nunca senti por ninguém o que eu sinto por ela. Porque ela é única, é linda, é meiga e extremamente chata como só ela conseguiria ser, porque ela é meu primeiro e último pensamento do dia, porque seu cheiro me deixa louco e seu sorriso me desarma. Eu faria tudo por ela – olhei para a cama. – Eu trocaria de lugar com ela se pudesse.

– Ela nunca vai acreditar em você – disse Augusto, parecendo triste. – Ela levou uma porrada boa da vida.

– Eu vou provar pra ela – respondi determinado.

– Como?

– Ainda não sei.

Mas eu pensaria em alguma coisa. Disso eu tinha certeza.

"Nas ruas escuras, só o brilho da lua  
Sozinho estou, meu bem, não é culpa sua  
Dias se passam, eu sem você, não sei o que fazer.."

**Diego Franco, *Dias se passam.***

# Passam-se os dias

**IAN**



# Quarto dia.

Briguei com a sua enfermeira. A mulher trabalhava tão mal, que se ela continuasse furando, quando você acordasse, porque eu sabia que acordaria, você não teria mais mãos. Agora sempre que ela perdia uma veia, quem procurava outra era eu.

Você não acordou!

# Quinto dia.

Ninguém me mandou para casa hoje, acho que todos já desistiram.

Você não acordou!

# Sexto dia.

Dr. Arthur a levou para outro ultrassom e eu ouvi o coração da bebê novamente. Vi suas mãozinhas, seus pezinhos e a vi colocar o dedo na boca. Eu tinha acabado de me apaixonar por outra mulher, mas acho que dessa você não teria ciúmes.

Você não acordou!

# Sétimo dia.

Meu pai apareceu para tentar me arrastar até em casa, mas mandei que ele fosse embora. Ele foi.

Me arrependi de não tê-la defendido como eu gostaria naquele jantar de merda na casa dele.

Você não acordou!

# Oitavo dia.

Eu já tinha feito promessa e até barganha com Deus àquela altura. Ajoelhei-me no chão, rezei, chorei, gritei e xinguei. Ele não me escutou.

Me arrependi de nunca agradecer a Ele tudo que conquistei, talvez se o tivesse feito, Ele me concederia um milagre.

Você não acordou!

# Nono dia.

Mais uma noite chegou sem que você abrisse os olhos. Eu tinha que ser realista, você poderia nunca mais abri-los, mas era difícil demais lhe dizer adeus; eu não tinha forças o suficiente para isso.

Me arrependi de não ter lhe contado meu segredo antes de que isso tudo tivesse acontecido.

Novamente você não acordou!

# Décimo dia.

O hospital já estava em silêncio, passava um pouco das 9h da noite e seus pais tinham acabado de deixar o quarto. Sentei-me ao seu lado, peguei suas mãos e tentei mais uma vez convencê-la a ficar.

– Amor, você tem que acordar – minha voz tremeu. – Você está me matando, está matando todas as pessoas que a amam, uma por uma.

Me arrependi de não ter dito as palavras “eu te amo” para você quando tive a chance. Eu estava me arrependendo de coisas demais nesses últimos dias.

– Se não for por mim, acorda pelo nosso bebê, ela vai precisar de você, ela vai querer conhecer a mãe.

Abaixei minha cabeça e a encostei na cama. Algo fez uma pressão leve nos meus dedos e minhas lágrimas começaram a descer. Fiquei com medo de olhar e ser apenas um espasmo muscular, mas acabei levantando a cabeça. Ainda existia esperança em mim.

Olhei para seu rosto.

Seus olhos estavam abertos.

“Ninguém cruza nosso caminho por acaso e nós não entramos na vida de alguém sem nenhuma razão”.

**Chico Xavier**



# Realidade

Ouvi Ian me pedir para acordar. Eu não sabia desde quando estava consciente, mas não me lembrava de nada antes que sua voz chegasse até meus ouvidos. Meu corpo inteiro estava dormente e estranho, o sono era pesado e eu não tinha vontade de abrir os olhos, mas ele falou sobre minha filha, não consegui entender o quê, mas eu soube que tinha que encarar a verdade. Fiz uma força incrível para abrir os olhos e continuar com eles abertos. Apertei a mão de Ian, mas meus dedos não funcionaram como eu gostaria. Mesmo assim ele olhou para cima. Eu me sentia entorpecida, minha garganta tinha um gosto horrível e estava dolorida, e mesmo não sabendo se conseguia falar, eu tinha que fazer um esforço. Por ele, pelo bebê...

– O... Miguel... – gaguejei. Parecia que as palavras ficavam presas no céu da minha boca.

– Nós sabemos, amor – disse Ian com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele levantou da cadeira e se jogou sobre meu corpo em um abraço desajeitado, beijou meus lábios, uma, duas, três, dez vezes.

– Vai ficar tudo bem, você está bem.

– O bebê. – Eu queria saber do meu bebê, só ele importava.

– Ela está bem – respondeu.

Olhei para ele, semicerrando os olhos. Ele poderia estar mentindo para mim; eu mentiria se fosse ele.

– Eu juro – reafirmou –, ela está bem, até ouvi o coraçãozinho há alguns dias.

– Dias? – perguntei com esforço. – Ela? – Eu sabia que ele chamava o bebê de “ela”, mas dessa vez ele disse com alguma

certeza no olhar.

– Sim, ela. É uma menina – disse sorrindo. Meu coração bateu mais rápido. Eu teria uma menina, uma menininha que ainda possuía batidas em seu pequeno coração. Agradei aos céus em silêncio. – Você dormiu por vários dias.

– Sua barba está horrível – informei. Ele passou a mão pelo queixo e fez cara de surpresa, como se não soubesse que tinha barba.

– É acho que você está realmente bem – respondeu e eu tentei sorrir. – Já está até reclamando das coisas.

– Eles tentaram... sorvete... – Eu queria explicar o que tinha acontecido, contar a ele tudo que eu tinha passado, mas as palavras fugiam de mim. Eu estava com sono. Fechei os olhos por um momento somente para piscar, mas se tornou um trabalho muito árduo reabri-los...

\* \* \*

A luz do sol começou a me incomodar, tentei me virar de lado, mas meu corpo reclamou, então abri meus olhos para encarar diversos pares de outros olhos assustados e felizes. Meus irmãos, meus pais, Vivian e Ian – todos estavam à minha volta. A primeira coisa na qual reparei foi que Ian estava sem barba. Por um momento não me lembrei de por que eu quis tanto fugir dele. Seus olhos brilhavam olhando para os meus. Eu o amava tanto! Só de vê-lo, meu coração palpitava e as borboletas no meu estômago começavam uma longa canção.

– Oi, Bela Adormecida – cumprimentou Gustavo, com os olhos cheios de lágrimas. Sorri.

– Oi. – Minha palavra saiu fraca, minha garganta ainda estava em um estado deplorável.

– Nunca mais... – começou Augusto. Já? Eu mal tinha acordado. – Nunca mais tenta matar a gente de susto. Você tem noção de como ficamos preocupados, sua desmiolada?

– Ela mal acordou e você já está enchendo o saco? – perguntou Vivian de mau humor. – Mas ele tem razão, você está terminantemente proibida de quase morrer outra vez.

Ao ouvir a menção da palavra “morrer”, minha mãe começou a chorar e correu para junto da cama, jogando-se sobre mim. Reclamei e ela se levantou só o suficiente para não me esmagar.

– Eu a amo tanto, tanto! – soluçou. – Eu não sei o que faria sem você, filha.

Meu pai se juntou a ela no abraço pelo outro lado da cama.

– Nós dois a amamos muito, filha.

Eram tantas lágrimas em cima de mim de uma vez só, que fiquei com medo de morrer afogada.

– Eu também amo vocês... mas vocês estão... me esmagando... – consegui dizer.

– Desculpa – disse meu pai, levantando-se. – Só estávamos com saudades, ursinha.

– Chega, ela tem que descansar – disse uma enfermeira, da porta. – Todos para fora, menos você. – Apontou para Ian. – Você não sai, mesmo, não importa o que a gente tente.

– Não antes de eu abraçar a minha neta – disse minha avó, entrando no quarto e passando por ela. – E minha bisneta também. – Sorriu. Ela entregou um saco de papel com algo dentro para Ian e uma lata de refrigerante antes de chegar perto da cama e passar as mãos calejadas por meu rosto, colocando meu cabelo para trás. –

Como é bom ver seus olhos abertos. – Uma lágrima escapou de seu olho e ela a limpou rapidamente. – Se você aprontar uma dessa de novo vai levar a surra que eu nunca dei, está entendendo, mocinha?

Meus olhos também estavam molhados; como era bom ser amada. Confirmei com a cabeça e ela se levantou, não sem antes beijar afetosamente minha testa. Em seguida, vovó colocou todos para fora, enxotando-os com as mãos.

– O que ela trouxe? – perguntei para Ian, assim que minha família deixou o quarto. Ele abriu o saquinho para olhar antes de responder.

– Um sanduíche natural, você quer? – perguntou, aproximando-se da cama e sentando-se ao meu lado.

Neguei com a cabeça. Já era ruim falar, comer estava fora de questão. O que fizeram com a minha garganta? Me entubaram com um cano de PVC?

– Vou pedir para alguém trazer uma sopa, pode ser?

Concordei, porque estava realmente com fome. Ele saiu do quarto e eu me virei para olhar ao meu redor pela primeira vez. Levei um choque. Tinha um vaso com dúzias de rosas em cima do criado-mudo, um na mesinha de apoio, outro em cima do frigobar e mais um no chão, próximo à janela. Fora os arranjos com outras flores que estavam espalhados pelo quarto. Ian voltou com a cara amarrada.

– Vocês já estavam se preparando para o meu funeral? – perguntei, apontando para um dos vasos.

– Nem brinca com isso – respondeu, irritado. Ninguém parecia ter paciência com minhas brincadeiras. – Esse quarto estava sem cor, então eu pedi que entregassem algumas flores aqui.

– Por que você já está bravo? – Ele podia ter me dado pelo menos uma semana de crédito.

– Me desculpa, não é com você.

Nesse momento a enfermeira entrou no quarto carregando uma bandeja.

– Boa noite, querida – disse sorrindo. – Vamos sentar? Eu vou ajudar a...

– Pode deixar que eu faço isso – interrompeu Ian, retirando a bandeja das mãos dela e ganhando um olhar severo em troca. Ah, a cara de mau era para ela. Então tudo bem.

Ela se despediu de mim com um aceno e saiu do quarto. Ian colocou a bandeja em cima da mesa de apoio e subiu minha cama para que eu conseguisse comer. Então ele pegou a bandeja de volta e colocou em cima das minhas pernas, enquanto se sentava ao meu lado.

– Eu posso fazer isso sozinha – disse quando ele colocou a primeira colherada na frente do meu rosto.

– Não me importa – respondeu ele. – Quero fazer tudo por você.

Ian terminou de me dar a sopa na boca e colocou a bandeja em cima da mesa de cabeceira.

– Você vai me dar banho também? – indaguei. A ideia era bem atrativa.

– Você acha que eu vou perder a melhor parte? – respondeu rindo.

– Então mal posso esperar! – Ele largou a colher e suspirou; seu rosto se contorceu de dor.

– O que foi? – perguntei, preocupada, agarrando seu braço, mas ele não respondeu – Ian, o que foi?

– Eu tive tanto medo – respondeu, abaixando os olhos para o chão.

– Medo de quê? – Eu já sabia a resposta, mas queria ouvi-la dos lábios dele.

– De perder vocês, Bárbara – respondeu, olhando para mim intensamente. Seus olhos marejados brilhavam, eu nunca o tinha visto tão fragilizado e tão lindo em toda minha vida. – Eu não sei o que faria se perdesse vocês.

Amei o fato de ele ter dito “vocês” em vez de “você”. Meus olhos também marejaram e eu o puxei para um abraço.

– Eu estou aqui – respondi.

– Mas por quanto tempo? Ou você acha que eu não sei que você ia embora? – informou, cravando seus olhos azuis nos meus. Tive vontade de passar meu polegar embaixo deles e sumir com suas lágrimas e sua dor.

– Não sei – fui sincera. Eu realmente o amava, mas não queria ser um peso na vida dele.

Passei mais alguns dias internada depois que despertei. Quase não acreditei quando Gustavo veio me visitar e me contou, por cima, que eu havia ficado quase dez dias desacordada, em coma. O que eu não os tinha feito passar? Tentei perguntar como eles me encontraram e o que tinha acontecido com Miguel e Manoela, mas suas respostas foram vagas e vazias, assim como as de Ian e de meus pais. Ninguém estava disposto a me contar nada. Me senti chateada, mas eu entendia que eles estavam apenas tentando me poupar. Ouvi conversas sussurradas entre Ian e Augusto uma vez, mas não consegui entender direito sobre o que falavam; acho que tinha algo a ver com Luiza, sobre ela querer me ver, mas nada, absolutamente nada me foi perguntado e ela não apareceu. Melhor assim. A última visita que recebi do meu passado tinha terminado quase por me matar e eu queria enterrá-lo de uma vez por todas e

seguir com a minha vida. Até Mariana e Vicente vieram me ver, me trouxeram flores e foram muito gentis. Me surpreendi com Vicente, sua atitude havia mudado muito e ele foi cordial e simpático.

Na tarde anterior à alta, Vivian me trouxe uma novidade depois que Ian saiu para trocar de roupa em casa.

– O aniversário do meu irmão é amanhã – soltou como quem não quer nada, enquanto arrumava o novo buquê de flores entregue naquela tarde. Todos os dias chegava um novo.

– Por que ele não me contou? – perguntei intrigada.

– Ele não gosta muito de festas. – Ela continuou a arrumar o vaso.

– E até ontem a gente também não sabia quando você teria alta, então não planejamos nada.

– Precisamos fazer uma festa! – disse eu, e ela gargalhou.

– Essa foi fácil demais – disse Vivian, levantando as mãos para o alto e fazendo um movimento de vitória. – Já chamei todo mundo, só falta o pessoal aqui do hospital, mas posso fazer isso antes de ir embora.

– Quer ajuda em alguma coisa? – perguntei, entediada. Ficar no hospital era um saco.

– Claro, por que você não empurra sua maca até a ala de cardiologia e faz os convites você mesma? – perguntou rindo.

– Não achei graça.

– Percebi. – Riu ainda mais. – Isso quer dizer que você vai ficar?

– É o que parece, ainda não posso viajar – respondi, voltando a abaixar a cama, minhas costas estavam me matando lentamente.

– Não foi isso que eu perguntei – disse, sentando-se na minha cama e deitando ao meu lado.

– Eu sei – confessei.

– Bárbara!

- Não decidi se vou ficar – eu disse por fim.
- Você o ama? – perguntou com os olhos suplicantes.
- Como nunca amei ninguém – respondi com sinceridade. Eu não poderia mentir para ela.
- Então não entendo por que você não admite isso e fica com ele de vez – respondeu confusa, levantando-se para me olhar.
- Porque eu não quero que ele seja responsável por mim e pelo bebê. Eu quero que ele tenha uma vida normal, que encontre uma garota livre e desimpedida e que seja feliz.
- Você o faz feliz, não vê? – Ela revirou os olhos.
- Até quando, Vi? – indaguei.
- Você acha que ele não vai aguentar, não é? – irritou-se. Agora ela tinha entendido meu ponto de vista, pude ver pelo seu olhar quando ele se iluminou.
- Acho, sim – admiti minha falta de confiança.
- Bárbara, acho que você tem que parar de fugir – repreendeu-me. – Ninguém tocou no assunto com você sobre a noite que você sumiu. Todos acham que a situação vai melhorar e que você vai esquecer se ninguém disser uma palavra sobre o assunto, mas eu acho que algo assim jamais é esquecido. Dane-se que seu irmão me proibiu de abrir a boca.

Fiquei quieta apenas escutando. Uma hora ou outra eu teria que encarar a situação e eu não podia negar que estava curiosa.

- Meu irmão não desistiu até encontrar você – prosseguiu –, foi ele quem colocou todo mundo no maior desespero achando que você havia sumido. Ele encontrou o morador de rua que descreveu o símbolo da marca da locadora do carro que aqueles dois psicopatas usaram para sequestrar você, ele acordou o dono da locadora e ele foi a primeira pessoa que entrou naquele banheiro para tirá-la de lá.



Todos ajudaram: Bernardo com os trâmites da lei, e seus irmãos indo junto com o meu, mas foi *ele* quem fez tudo. Ele não saiu desse quarto, Bárbara, nem para usar o banheiro, porque ele usava o seu. Ele não foi para casa nem para trocar de roupa ou dormir. Ele só comeu o que nós e sua família trouxemos para ele, o mesmo com roupas limpas. – Respirou fundo. – Então faça um favor a si mesma e pare de ser tão descrente. O amor está batendo na sua porta e você não está vendo – disse irritada. – Deixa de ser burra.

– Ele não saiu daqui? – perguntei, espantada.

– Ele disse que não sairia até que você acordasse e não saiu.

Ela tinha razão de estar brava, eu realmente era uma idiota, mas era tão difícil confiar...

– O que aconteceu com eles? – Não precisei explicar quem.

– Foram presos em flagrante – respondeu de má vontade por eu ter mudado de assunto.

– Luiza entrou em contato com alguém? – perguntei ainda. Já que ela estava com ânimo para me contar, não vi problema em tirar mais uma dúvida.

– Como você sabe? – perguntou, estudando meu rosto.

– Ouvi seu irmão e Augusto falando sobre ela – contei. – Mas não entendi sobre o quê.

– Foi ela quem avisou que Manoela tinha sequestrado você – continuou, de cara feira. – Parece que ela ouviu de trás da porta Manoela falando com Miguel pelo telefone, mas não acreditou que ela realmente faria aquilo, pelo menos não até descobrir que eles tinham viajado.

– Então foi graças a ela que eles descobriram onde eu estava? – perguntei incrédula.

– Foi sim. Mas nem pense em voltar a ser amiguinha dela – rebateu enciumada.

– Na minha vida só existe você, bobona – eu lhe disse, achando graça. – Mas fico agradecida pelo que ela fez.

– Eu também – admitiu, me abraçando. – Eu também. – Retribuí seu abraço. – Mas não pense que vou esquecer o assunto sobre meu irmão, você e sua burrice ambulante!

– Seus pais vieram aqui – comentei. Vivian me olhou e esperou que eu terminasse meu raciocínio, ela já me conhecia bem demais. – Seu pai me tratou muito bem.

– Ele finalmente percebeu o quanto meu irmão a ama – respondeu, sorrindo. – E minha mãe também ameaçou colocá-lo para fora de casa.

Eu ri, gostaria de ter visto essa cena.

A verdade é que eu nunca estive apaixonada, não de verdade. Hoje não considero amor o que senti pelo Miguel, era mais uma substituição, um passatempo até eu realmente encontrar meu príncipe encantado. Tudo fora diferente com Ian. Ele era a luz onde havia apenas escuridão, ele coloria meu mundo com um simples sorriso. Olhava-me da maneira que eu sempre desejei ser olhada. Era dono do beijo e do abraço mais deliciosos do mundo. Meu coração parava só de olhá-lo e isso me assustava. O medo de perdê-lo um dia era tão grande que eu não achava que valia a pena começar alguma coisa.

Eu era covarde.

# 39

“Um dia aprendi que sonhos existem para tonarem-se realidade. E, desde esse dia, já não durmo para descansar. Agora durmo para sonhar.”

**Walt Disney**

# Ressuscitando sonhos

Na manhã seguinte, Vivian fez Bernardo arrastar Ian do quarto praticamente à força, o que foi difícil. Tenho que admitir, ele quase não me deixou sozinha. Foi apenas uma vez até o apartamento pegar roupas limpas, e costumava descer esporadicamente até a lanchonete para comprar alguma coisa para comer. Fora isso ele virou minha sombra, até quando eu ia ao banheiro ele ficava do lado de fora perguntando se eu queria ajuda.

A atitude de Bernardo fazia parte do plano, e Vivian prometeu que me levaria para a casa dos pais dela e que Ian deveria me buscar mais tarde. Ele quase não aceitou – por causa do pai, imaginei –, mas acabou sendo convencido pelo meu charme. Tínhamos uma festa surpresa planejada. Na verdade, Vivian tinha, eu era apenas a isca.

Assim que eles saíram, tomei banho e deixei que ela fizesse minha maquiagem e secasse meu cabelo, que quase gritou de alegria por finalmente ter alguma atenção dedicada a ele.

– Você pegou uma roupa minha em casa, como pedi?

– Não – respondeu Vivi. Fiz cara feia. O que eu ia vestir? Os vestidos dela com certeza já estariam apertados em mim, pois minha barriga já dava para ser notada.

– Eu comprei um vestido novo.

Eu já disse o quanto eu amava presentes? Sorri feito uma menininha e abri a sacola que ela me entregou. Era um vestido frente única, longo e azul-marinho. Não tenho como descrever o quanto era perfeito. Além de me deixar com um generoso decote à mostra, deixava minha barriga mais acentuada e evidente.

– Eu amei – disse, jogando meus braços em volta do pescoço dela.

– Imaginei que amaria – respondeu, retribuindo meu abraço. – Pronta para dar o fora daqui?

– Não precisa perguntar duas vezes.

Passamos na sala do meu médico, que me recomendou repouso absoluto até o final da gestação. Pegamos a alta e a guia de alguns exames laboratoriais, que eu teria que fazer na segunda-feira, e fomos para a residência dos Vitorazzi. Vivian ainda tinha que decorar a casa e eu tinha o enorme trabalho de olhá-la enquanto ela corria afoita de um lado para o outro. Esse repouso seria uma maravilha. Nada nem ninguém podendo me pedir nada, eu estava no céu!

Algum tempo depois, Mariana já não parava de abraçar e recepcionar os convidados que chegavam. Fui apresentada a todos os amigos da família e aos de Ian. Alguns eu já conhecia do hospital, como a anestesista de língua presa e os rapazes.

Quando escureceu e ouvimos o barulho do motor da Land Rover parar na entrada de carros, apagamos as luzes e nos escondemos. Ian vinha seguindo ao lado do pai e de Bernardo. Seu queixo caiu quando as luzes foram acesas e mais de cinquenta pessoas gritaram “surpresa!”, mas ele só tinha olhos para mim. Caminhou ao meu encontro e me beijou.

– Feliz aniversário – sussurrei em seu ouvido.

– Você não deveria estar na cama? – perguntou demonstrando preocupação.

– Só se for na sua – respondi baixinho. Ele sorriu maliciosamente e olhou para os lados, na certa pensando em me roubar no começo da festa. – Mais tarde – deixei claro, e ele fez uma expressão de falsa tristeza e foi cumprimentar seus convidados.

Sentei-me na mesa junto aos meus pais, minha avó, meus irmãos e Bernardo. Vivian se juntou a nós depois de certo tempo. Ian ainda estava indo de mesa em mesa para conversar com as pessoas.

– Está se sentindo bem, querida? – perguntou minha mãe, inclinando-se na minha direção.

– Uhum – respondi, bebendo meu suco de laranja, morrendo de inveja da cerveja no copo dela.

– Eu volto já – disse Bernardo. Vivian o seguiu com os olhos, Ele era cego? Eu mesma teria que dar um chacoalhão nesse cara? Eu já estava me irritando com sua falta de atitude. Vivian se levantou e arrastou sua cadeira até o meu lado.

– Se você quiser, eu mesma posso fazer ele enxergar – ofereci.

– Só se prometer que vai ser na porrada – brincou tristonha.

– Comigo não existe outro jeito, amiga.

Ela riu e se virou na direção dos rapazes que cantavam. Todos eram médicos, amigos de faculdade de Ian e Augusto. Um deles tocava violão e outros dois se revezavam no vocal.

Já estava quase na hora de cortar o bolo e Ian ainda não tinha vindo ficar perto de mim. Achei estranha sua ausência, mas não a ponto de ir procurá-lo. Ele já deveria estar cansado de ver a minha cara, de qualquer forma, mas não resisti em procurá-lo no meio das demais pessoas apenas para ver o que ele fazia. Quando o encontrei, ele estava no canto do palco improvisado, tendo uma conversa acalorada com Bernardo, que tinha um violão nas mãos.

– Bernardo também toca? – perguntei para Vivian, indicando os dois com a cabeça.

– Não que eu saiba.

Ian pegou o instrumento da mão de Bernardo e subiu no palco no momento em que os rapazes terminaram uma música sertaneja. Ele

pegou o microfone e olhou para Bernardo, que assentiu com a cabeça uma única vez.

– Boa noite, pessoal. – Um coro de resposta deve ter sido ouvido de lá do nosso bairro. – Eu gostaria de agradecer a presença de todos aqui hoje. Eu não esperava por uma festa depois dos acontecimentos dos últimos dias.

*Culpada*, acusei-me em pensamento.

– Mas fiquei feliz pela comemoração – prosseguiu. – Antes de cortar o bolo, eu gostaria de cantar uma música.

– Meu Deus! – disse Vivian, surpresa. – Isso não acontece há muito tempo.

Não tive chance de perguntar o que ela queria dizer, porque as palavras seguintes de Ian fizeram meu coração bater rápido demais.

– Uma música para você, Bárbara – anunciou Ian, encontrando meu rosto na multidão e sorrindo. Eu tinha certeza de que estava corando; sorri de volta e baixei a cabeça, não sem antes notar diversos olhares femininos na minha direção. Nenhum deles estava feliz.

Ian se virou, pegou um banquinho, colocou-o próximo ao pedestal do microfone e ajustou sua altura. Ele respirou fundo algumas vezes e dedilhou pelo violão. Quando as notas da música que ele pretendia cantar encheram o ambiente, meus olhos se encheram de lágrimas. Eu conhecia a letra.

*"Aqui estou na difícil missão de levar a você*

*Uma mensagem que possa ser*

*Como uma luz ou um mantra*

*Nós não somos mais crianças*

*Um dia acontece, a gente tem que crescer"*

Vivian apertou minha mão e eu agarrei a dela e me segurei com todas as forças.

*"Temos que encarar a resposta  
Eu não deixei de achar graça nas coisas*

*Simplesmente hoje eu quero ser levado a sério  
As coisas mudam sempre  
Mas a vida não é só como eu espero*

*Existe um dom natural que todos temos  
Nossas escolhas vão dizer para onde iremos  
Mas se for para falar de algo bom  
Eu sempre vou lembrar de você.*

*Difícil não lembrar do que nunca se esqueceu  
Fácil perceber que seu amor é meu."*

E era.

*"Difícil não lembrar do que nunca se esqueceu  
Fácil perceber que meu amor é seu.*

*Eu quero estar amanhã ao seu lado quando você acordar.  
Eu quero estar amanhã sossegado e continuar a te amar  
Eu quero um sonho realizado, uma criança com seu olhar  
Eu quero estar sempre ao seu lado, você me traz paz."*

Lágrimas escorriam desenfreadamente por meus olhos. Ian se levantou e começou a caminhar na minha direção, deixando que seu colega continuasse a acompanhar a canção com o violão. Quando parou na minha frente, estendeu a mão para que eu a pegasse e foi o que eu fiz. Ele a apertou e me conduziu junto com ele de volta ao



palco, depois continuou a cantar sem tirar os olhos dos meus, tão, tão azuis.

*"Armadilhas do tempo são como o vento  
Levando as folhas para lugares distantes  
Meu pensamento é o mesmo que o seu  
Mas hoje meu coração bate mais forte que antes.*

*Certa vez na história,  
Eu vim de muito longe só para ver você  
Fui para muito longe para encontrar você  
Eu te entreguei minha alma"1\**

Quando a música acabou, ele sorriu e eu retribuí. Ele soltou minha mão e deu um passo para trás.

– A letra, Bárbara, já diz metade do que eu tenho para lhe dizer. Eu sou loucamente apaixonado por você.

*Eu também,* respondi em pensamento.

– Desde a primeira vez em que a vi, eu soube que você tinha roubado meu coração. Ele é seu, eu sou seu e não quero que seja diferente. Você é a mulher da minha vida e é ao seu lado que eu quero acordar todas as manhãs. Eu sei que você não acredita em promessas, por isso resolvi parar de fazê-las e lhe fazer um pedido.

Ouvi alguém arfar na multidão, não consegui ver quem era, e nem queria. Por nada desse mundo eu tiraria meus olhos dos dele nesse momento.

– Eu quero que você seja minha esposa, Bárbara.

Meu coração definitivamente parou de bater, eu não podia acreditar que ele estivesse me pedindo em casamento... *casamento!*

– Antes que você possa me encher de desculpas, quero que você saiba que a nossa garotinha – disse, colocando a mão na minha barriga – não é um brinde que eu vou ganhar se ficar com você, pois eu não a vejo dessa forma. – Solucei. – Ela não é, nunca foi e nem será um peso nas minhas costas, uma escolha da qual eu vá me arrepender, porque eu não amo apenas você, eu também já sou completamente apaixonado por ela. Eu quero, com a mesma intensidade, vocês duas na minha vida, e eu prometo que vou ser exatamente o que vocês duas precisam. – Ele se ajoelhou à minha frente e retirou uma caixinha de veludo do bolso da calça jeans. – Bárbara, você aceita se casar comigo e, acima de tudo, aceita que eu seja o pai da nossa filha? – perguntou, abrindo a caixa e revelando uma linda aliança de ouro rosa.

Tive a sensação de que sua respiração parou. Eu aceitaria? Jurei que nada nesse mundo me faria entrar novamente em um vestido de noiva, mas isso tinha sido antes, muito antes daqueles olhos me prenderem dentro deles.

Olhei ao redor. Vivian tinha o rosto coberto de lágrimas, minha avó sorria de orelha a orelha, assim como Mariana e minha mãe. Tanto meu pai quanto meus irmãos estavam de queixo caído. Já Bernardo sorria como quem sabe das coisas, ele deveria estar por trás disso. Entretanto, não era a aprovação de nenhum deles que eu buscava. Todos me olhavam, mas eu buscava apenas um único olhar.

Encontrei Vicente na saída para o jardim. Ele sorriu e me deu um aceno imperceptível, eu tinha sua aprovação, isso bastava para mim.

Olhei para o homem da minha vida, para o meu príncipe encantado.

– Faltou o cavalo – respondi, e ele, soltando a respiração, riu.

– Não deu tempo de alugar nenhum, os brancos e os com asas estavam em falta.

Como ele sabia?

– Acho que a aliança serve – sussurrei, fingindo estar em dúvida, e limpando o rosto com a mão desocupada.

– Isso é um “sim”, Bárbara?

– Sim, Ian! – gritei. Ele beijou minha barriga, retirou a aliança da caixinha, pegou minha mão com delicadeza e colocou o anel em meu dedo. Coube perfeitamente. Ele se levantou e eu coloquei a aliança dele em seu dedo. Pulei em seus braços e ele envolveu minha cintura, me dando o melhor beijo de contos de fadas da história.

Fomos aplaudidos de pé pela maior parte dos convidados enquanto ele me girava no palco.

1\* Charlie Brow Jr, *Uma criança com seu olhar*.

# 40

“O ideal seria que todas as pessoas soubessem amar, o quanto sabem fingir.”

**Bob Marley**

# Eu já vi esse Filme

Acordei cedo na segunda-feira. Meu noivo – eu ainda não tinha me acostumado com a novidade – dormia tranquilamente ao meu lado. Sim eu tinha dormido na sua cama, com meus irmãos dentro de casa mesmo, e não precisei esconder nada de ninguém. Acho que o pedido de casamento de Ian resolveu as coisas, porque eles apenas olharam feio quando dei boa noite e entrei no quarto errado, e nenhum julgamento ou bronca foram proferidos. Eu seria a Sra. Vitorazzi e mal me aguentava em pé de tanta felicidade. Até que para alguém afirmando que jamais pisaria no tapete vermelho novamente, eu estava muito animada. Passei o domingo inteiro discutindo lugares e cores de toalhas de mesa com minha nova cunhada, agora oficialmente.

Ian desejava que o casamento fosse em breve, mas eu estava em dúvida. Eu não sabia se queria casar grávida, pois não sabia se caberia em algum vestido, ou se esperaríamos a bebê nascer (mas provavelmente eu continuaria sem caber em um vestido decente). Ou seja, se eu casasse grávida, pelo menos os convidados não poderiam me chamar de gorda – não na minha cara, já que eu teria motivos para tal.

Embora eu não quisesse, tive que levantar da cama, pois Vivian me buscava em meia hora para me levar a um exame de sangue. Empurrei as cobertas e fui para o chuveiro. Assim que ela me ligou, desci para encontrá-la.

– Bom dia, Camila – cumprimentei contente, quando o elevador parou no 4<sup>o</sup> andar.

– Vejo que você ainda está aqui – respondeu, sorrindo falsamente.  
– Ele ainda não lhe deu o fora – constatou.

– Pelo contrário. – Isso seria lindo. – Ele me pediu em *casamento!*  
– anunciei, levantando a mão para lhe mostrar a aliança, e saí do elevador sem olhar para trás quando chegamos ao nosso destino. Entrei às gargalhadas no carro da Vivian.

Quando já estávamos chegando ao laboratório, me dei conta de que tinha esquecido o cartão do plano de saúde em casa e tivemos que voltar para buscá-lo. Ainda bem que os exames laboratoriais não eram feitos com horário marcado.

– Sobe correndo – disse Vivian, estacionando em frente ao prédio.  
– Eu espero aqui.

Como se eu conseguisse correr com essa barriga... É claro que ela ainda não estava imensa, mas agora eu vivia fazendo beicinho por tudo e usando minha filha para o mal. Ontem eu tinha feito Ian sair às três da manhã para procurar um pastel de brigadeiro para mim. Óbvio que ele não encontrou, e por isso teve que comprar a massa e fazer o brigadeiro. Eu só o deixei dormir depois que devorei quatro pastéis tamanho família, horas depois.

Entre no apartamento e corri para buscar a carteirinha. Quando estava saindo do meu quarto, ouvi uma voz diferente vinda do quarto de Ian e aproximei o ouvido da porta para escutar melhor. Não tive dúvidas de que era uma voz feminina. Entrei sem bater (logicamente), pronta para matá-lo, mas a cena quase me fez cair de joelhos.

Camila estava nua sob os lençóis em que eu havia dormido, e suas roupas estavam espalhadas pelo chão do quarto. Quando me viu ela não fingiu surpresa, apenas sorriu e cobriu os seios com as mãos, enquanto puxava o lençol para cobrir o resto do corpo.

– Eu te avisei! – disse-me, piscando seus longos cílios.

O chuveiro estava ligado; provavelmente Ian tomava banho após ter transado com ela. Eu me sentia suja, mesmo sendo ela quem estava nua na cama de um homem comprometido. Não me dei ao trabalho de respondê-la, apenas me virei para sair.

– Você ainda não aprendeu que ele sempre se faz de bom moço para você, mas acaba na cama comigo? Não foi diferente da última vez.

– Do que você está falando? – questionei. Embora todos falassem, eu nunca tinha visto a curiosidade matar um gato. Sua cara de vitória me dava vontade de pular sobre a cama e agarrá-la pelos cabelos.

– Vai dizer que você não se lembra de como é parar dentro de um rio? – perguntou séria. – Já esqueceu nosso melhor momento juntas?

– Não, eu não esqueci. – Odiei-me por admitir. – Mas o que isso tem a ver com Ian?

– Aquela foi a primeira vez que ele a trocou por mim. – Sorriu e voltou a se deitar na cama, virando-se de lado para me encarar como se ela já tivesse estado muitas vezes na mesma posição. – Ele ficou com dó de você, a ajudou, beijou e voltou correndo para mim. Ian sempre teve um fraco pelo drama.

– Ele não era o garoto – gaguejei. – Ele não poderia ser.

– Você não sabia? – perguntou, cínica. – Ele não contou?

– Ele *sabia* quem eu era esse tempo todo? – perguntei incrédula.

– Claro que sim, ele acabou de me dizer que você ainda não aprendeu a beijar. – Gargalhou. – Bom, o sexo foi incrível, mas será que você pode sair para eu me trocar? Tenho um compromisso daqui a pouco.

Não respondi, eu não estava em condições. Voltei para o meu quarto, peguei uma mala de rodinhas, enchi com as primeiras coisas que encontrei e, durante o processo, rasguei em pedaços o vestido que ele me deu. Eu não conseguia nem olhar para ele sem sentir repulsa. Fechei a mala, apanhei a coleira do Vitório e voltei para a sala.

– Vem, Vito – chamei. – Vamos embora. Ele se levantou do sofá e veio trotando na minha direção. Victória nos olhou com olhos curiosos e voltou a se deitar. Coloquei a coleira no cachorro já dentro do elevador. Eu sentiria falta do gato.

– O que aconteceu? – perguntou Vivian, olhando para a mala e para o cachorro. Não respondi, joguei a mala de qualquer jeito no banco de trás e pedi que Vitório subisse; quando ele o fez, fechei a porta e entrei no carro.

– Seu carro está com o tanque cheio? – perguntei sem expressão, colocando o cinto de segurança.

– Sim, acabei de abastecer – respondeu. – Mas o que aconteceu?

– Me leva até Garopaba?

– Por quê?

– Me leva ou não?! – gritei. Minha intenção não era descontar nela, mas precisava pensar ou esmurrar uma parede, o que eu conseguisse primeiro. Vivian se assustou com minha reação e não respondeu, mas fez o carro andar.

Quarenta minutos depois, já estávamos na estrada. Eu estava longe de estar calma, mas já me sentia arrependida de ter gritado com minha amiga.

– Me desculpa, Vi, eu não devia ter descontado nada em você – eu disse, virando para ela. Seus olhos estavam marejados. – Não



chora, amiga, me desculpa... – pedi novamente, encostando em seu braço.

– Você está indo embora. – Isso era óbvio. – Depois de tudo o que ele fez por você?

Automaticamente minha vontade de gritar com ela reapareceu.

– Se ir para a cama com qualquer uma assim que eu dou as costas estiver nessa sua conta, a resposta é sim! – gritei novamente.

– Do que você está falando? – replicou, confusa.

– Da Camila na cama dele – sussurrei, abaixando o tom de voz. Droga, eu ia chorar de novo. Eu já tinha assistido a esse filme e sabia como terminava. Respirei e fundo engoli o choro. Xinguei-me mentalmente. Dessa vez não, nem pensar, eu não desabaria por causa de outro homem infiel.

– Aquele cretino! – exclamou Vivian, socando o volante com toda sua força. – Eu vou matá-lo! – Eu tinha pensado a mesma coisa. – Como ele teve coragem? Como ele pôde? – perguntou ela, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto.

– Eu avisei – respondi murchando.

Eu não deveria estar tão surpresa, eu sabia desde o começo onde essa história terminaria. Mas o que mais machucava, mais até do que a traição (porque quanto a isso eu já estava calejada), era saber que durante todo esse tempo eu estava sob o mesmo teto do meu garoto de olhos azuis. Eu tinha sonhado tanto com esse garoto e, de repente, parte dos meus sonhos tinham se transformado em realidade por algum tempo. A única coisa que eu posso garantir é que em nenhum desses sonhos eu o pegava na cama com outra, ou outra na cama dele, para ser mais fiel aos acontecimentos. Eu queria contar a história do garoto dos olhos azuis para Vivian, mas não consegui. Quando a gente guarda um segredo por tanto tempo,

como eu havia feito, colocá-lo em palavras se torna algo extremamente difícil.

– Como você está se sentindo? – indagou.

– Estou me sentindo burra – respondi – e gorda. Estou me sentindo um para-raios de chifres. E depois dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar! Uma pinoia que não!

– Ele é um imbecil – declarou Vi. Eu sabia disso, mas não ajudava ouvir mais ninguém dizê-lo.

– Eu vou ficar bem. – Tentei sorrir, mas não consegui. – Eu sempre fico, não é?

– Vai sim, ele também vai ficar bem – respondeu ironicamente. – A sete palmos do chão.

– Não precisa brigar com seu irmão por minha causa. – *Precisa sim.* – Ele é sua família, eu sou somente uma amiga.

– Correção, você é minha melhor amiga – disse, lançando-me uma olhadela rápida. – E ele é o idiota que machucou seu coração. Existe um código, sabe, nesse negócio de amizade.

– Eu amo você – soltei. Pensar em ficar longe dela é o que mais me doía. Eu me recusava a sentir qualquer dor por ele, pelo menos por enquanto. Para isso eu teria muito tempo. – Isso não vai mudar.

– Não é justo – soluçou. – Como você vai continuar sendo minha melhor amiga se agora odeia meu irmão? Ele vai conseguir destruir essa amizade também.

– Não, ele não vai – respondi com sinceridade. – Nada vai mudar o que eu sinto por você.

– Promete? – perguntou. Eu adorava quando ela fazia beicinho.

– Prometo, desde que você me prometa nunca mais falar no nome dele.

– Você não quer saber nem quando vai ser a missa de sétimo dia?

Não pude segurar a risada.

– Não, obrigada.

\* \* \*

Vivian parou o carro na porta da casa da minha avó.

– Quer entrar? – perguntei antes de sair. – Você pode ficar aqui se quiser.

– Não posso, eu só consegui folga hoje da escola – respondeu, voltando a chorar. – Vou sentir sua falta.

– Não vai não – brinquei e lhe dei um abraço.

– Como você ousa pensar que não? – fungou.

– Porque eu não estou morrendo e ainda vou ligar todos os dias – expliquei lhe dando um beijo no rosto e saindo do carro para recuperar minha mala e meu cachorro.

Apertei a campainha várias vezes por pura frustração e falta de coisa melhor para fazer, enquanto observava Vivian virar o carro e sumir de vista após dobrar a esquina. Meu pai veio me receber na porta.

– Filha? – disse me olhando da entrada. – O que houve?

Comecei a chorar. Estava demorando, né? Eu já teria enchido uma represa com todas as lágrimas do último mês se tivesse tentado. Meu pai veio correndo até o portão com as chaves na mão e demorou para conseguir encontrar a certa, no desespero de abrir o portão rápido, e quando abriu, eu me joguei em seus braços.

– Você é o único homem no mundo em quem eu confio – eu disse, molhando seu pescoço. – E o único com quem eu vou morar a partir de hoje. Tirando Vitório.

– O que ele fez? – perguntou meu pai na lata, puxando-me para seus braços e me olhando nos olhos.

– Não importa mais. – Se eu contasse, meu pai com certeza iria matá-lo, diferente da Vivian, que não tinha coragem nem para matar um mosquito.

– Se ele fez minha filha viajar às pressas só com uma mala e o cachorro – disse, olhando para Vitório, que corria pelo quintal todo feliz, indiferente à minha dor – e a fez chorar, isso me importa sim – respondeu autoritário.

– Quem é, querido? – perguntou minha mãe, aparecendo na varanda. – Filha?

Corri para os seus braços e para longe das perguntas do meu pai. Era mais seguro. Apertei minha mãe com todas as forças enquanto ela passava uma das mãos pelos meus ombros e me arrastava para dentro de casa.

# 41

"Eu morri todos os dias esperando por você  
Amor, não tenha medo  
Eu te amei por mil anos  
E vou te amar por mais mil"

**Christina Perri, *A Thousand Years*.**

# Vou te provar

## IAN

Voltei do meu plantão-surpresa no hospital já tarde da noite, exausto. Não tive tempo durante o dia nem de ir ao banheiro, muito menos de ligar para você e saber como estava. Eu esperava que você tivesse encontrado meu bilhete e que não tivesse ficado preocupada quando chegou em casa e não me viu. Abri a porta e dei de cara com quatro pares de olhos me olhando enfurecidamente. Mal entrei na sala e Augusto se levantou e veio para cima de mim. Coloquei meus braços na frente do corpo para amortecer o impacto, mas Bernardo o segurou a tempo. Vivian se levantou e caminhou a passos largos na minha direção.

– Você é o cara mais babaca que existe na face da terra, seu verme! – cuspiu, apontando o dedo no meu rosto. – Eu nunca vou perdoá-lo pelo que fez!

Eu não estava entendendo nada, mas tinha um pressentimento péssimo.

– Onde está a Bárbara? – perguntei, subitamente preocupado, olhando em direção ao corredor.

– Eu vou matar você! – ameaçou Augusto, tentando se livrar do aperto de Bernardo, que repassou a tarefa de segurá-lo ao Gustavo.

– Ela foi embora, seu idiota – disse Bernardo. – O que você tinha na cabeça?

Não respondi e corri para seu quarto o mais rápido que eu pude. Ouvei vários passos diferentes me seguindo, e assim que entrei, vi seu guarda-roupa aberto e várias peças no chão. Misturado a elas estava o vestido que eu tinha lhe comprado. Em pedaços.

– Por quê? – perguntei para ninguém em especial, sentando-me na cama, agarrado aos restos do vestido.

– Porque você não consegue guardar a porcaria do seu brinquedinho dentro das calças – soltou minha irmã.

Espera aí, eles estavam insinuando que eu...

– O que você quer dizer com isso? – perguntei fechando a cara.

– Cara, a Bárbara viu – disse Bernardo, parecendo decepcionado.

– Viu o quê? – Eu estava ficando muito mais do que irritado com eles.

– Viu a Camila na sua cama, seu imbecil – vociferou Augusto, aparecendo pela porta do quarto aberta. Ele partiu para cima de mim e me jogou na sua cama. Rolamos algumas vezes até pararmos no chão. Gustavo, o último a chegar, conseguiu agarrá-lo novamente. Eu estava sem fôlego.

– Alguém me explica o que está acontecendo?! – berrei.

– Bárbara voltou para casa antes da hora e pegou Camila pelada na sua cama enquanto você tomava banho – disse Gustavo, extremamente decepcionado.

– Espera aí, gente. Como assim? Eu estive no hospital o dia inteiro.

– Não adianta mentir, Ian – disse Vivian, começando a chorar. Bernardo a abraçou e ela encostou a cabeça em seu peito. – Ela viu. Acabou.

– Eu não estou mentindo! – berrei mais alto, jogando na parede o vaso que estava na cabeceira da cama. Ele se espatifou em milhares de pedaços. – Assim que Bárbara saiu, eu recebi um telefonema do hospital, me convocando para uma cirurgia de emergência e nem tempo de *tomar banho* eu tive, quanto mais tempo de traí-la.

– Então como a garota foi parar na sua cama? – perguntou Augusto mais calmo, mas ainda sem acreditar em mim.

– É exatamente isso que vou descobrir.

Eu precisava quebrar mais coisas. Se não fosse um homem de caráter, a próxima teria sido a cara daquela cadela mentirosa. Saí do quarto a passos largos; tiraria essa história a limpo. Os quatro me seguiram de perto quando eu abri a porta do apartamento e chamei o elevador. Como estava demorando muito, resolvi descer a pé os três lances de escada. Mesmo com a fúria cegando meus olhos, não pude deixar de notar que Bernardo tinha as mãos da minha irmã nas dele – eu resolveria isso mais tarde. Primeiro tinha que limpar meu nome.

Bati na porta do apartamento da Camila e não demorou para que ela abrisse. Vivian passou por cima de mim, me empurrando e me fazendo perder o equilíbrio, afinal eu não esperava ser atropelado, e segurou a garota pela garganta, empurrando-a para dentro do apartamento.

– Como você conseguiu entrar no apê do meu irmão, sua vaca? – perguntou aos berros. Camila estava assustada e não respondeu. – Ou você responde por bem ou vai responder por mal! – A garota olhava de rosto em rosto, suplicando ajuda com o olhar, mas ninguém se mexeu. Eu gostaria de estar no lugar da minha irmã, segurando o pescoço da Camila.

– Eu roubei a chave – disse com dificuldade, sufocando.

– Vivi, desaperta um pouco, senão ela não vai conseguir falar – opinou Bernardo. Minha irmã fez o que ele pediu: soltou o pescoço da Camila e a empurrou até a parede com as duas mãos, impossibilitando que ela fugisse.

– Fala! – gritou.



– Eu roubei a chave – repetiu Camila.

– Como? – perguntei ríspidamente.

– Eu precisei de açúcar há um tempo e Bárbara me deu. Enquanto ela estava distraída eu peguei um molho de chaves da bancada, achei que poderia ser útil.

– Eu sabia que não tinha perdido aquelas chaves... – disse Gustavo contente.

– Só me diz – pedi me aproximando ameaçadoramente dela – por que você achou que era uma boa ideia roubar uma chave do meu apartamento. Ou melhor, me diz por que você estava na minha cama sem roupa!

– Bárbara esfregou na minha cara a aliança de noivado. – Típico de você fazer isso. – Eu fiquei com raiva – disse, começando a chorar.

– Como você armou a sua ceninha? – perguntou Augusto, que até então não tinha dito uma única palavra.

– Eu vi quando Ian saiu de jaleco, então imaginei que fosse demorar. Pensei que talvez Bárbara fosse chegar antes dele então entrei no apartamento liguei o chuveiro, tranquei a porta do banheiro, tirei a roupa e deitei na cama para esperá-la. Eu ficaria ali o tempo que fosse. Quando ouvi que ela tinha chegado mais rápido do que eu imaginava, comecei a sussurrar algumas palavras, para que ela entrasse no quarto e me visse.

– O que você disse para ela? – perguntei, mas não obtive resposta. A garota era uma atriz excelente, se a Globo ficasse sabendo de seu desempenho, não hesitaria em contratá-la para o papel de vilã da novela das oito.

– Responde o que ele perguntou – disse Vivian, pausando bem as palavras e lhe dando uma prensada a cada uma.

- Eu disse que você sempre a usava e voltava para mim.
  - Isso nunca aconteceu – respondi o óbvio, ela já sabia.
  - Por que você não contou pra ela que era o garoto do rio? – perguntou, curiosa, limpando as lágrimas.
  - Você contou? – perguntei, saindo definitivamente do sério. Ela apenas confirmou com a cabeça. Chega, eu tinha que ir atrás de você.
  - Aonde você vai? – perguntou Gustavo.
  - Buscar a sua irmã – respondi, saindo do apartamento.
  - Você nem sabe onde ela está – disse Vivian, mas eu não precisava ser um gênio para descobrir.
  - E ela não vai acreditar em você – questionou Bernardo. Ele tinha razão.
  - Então vocês vão comigo.
- Se algum deles tinha objeção, não manifestou. Também não lhes dei tempo. Saí do apartamento e voei pelas escadas esperando que estivesse sendo seguido. Quase no subsolo olhei para trás e estavam todos ali. Destravei as portas do meu carro e entrei.
- Assim que saímos do prédio, Vivian não resistiu em perguntar:
- Ela é a garota do rio? – Olhei para ela pelo retrovisor, e Bernardo ainda tinha suas mãos nas dela. Isso estava começando a me irritar.
  - É – respondi sem prolongar o assunto.
  - Que história é essa de “garota do rio”? – perguntou Gustavo, que estava sentado ao meu lado, no banco do passageiro. Ele foi o mais rápido.
  - Quando ainda éramos adolesc...
  - Vivian – cortei –, não.

– Eles vão saber de qualquer jeito – retrucou, irritada, e continuou com a história. Fechei os olhos por um momento, voltando àquele dia. – Quando ainda éramos adolescentes, fomos passar umas férias antecipadas em Garopaba.

– Nós sempre passávamos férias lá – comentou Gustavo.

– Cala a boca, Mala, e deixa ela continuar a história – pediu Augusto, interessado.

– Uma noite fomos até um luau na Praia do Siriú e vimos uma coisa bizarra: uma menina loira sendo empurrada para dentro do rio por uma garota mais velha. Ela ficou sem reação e começou a chorar compulsivamente. Meu irmão estava mais perto e foi até lá dar um fim àquela humilhação. A menina ficava olhando ao redor e todos estavam rindo. Foi horrível.

– Então eu entrei no rio e a tirei de lá – terminei por fim.

– Conta o resto – pediu Vivian. – Ou eu conto – ameaçou.

– Eu a beijei – assumi, voltando ao passado. Nunca esqueci o gosto dos seus lábios.

– E o que isso tem a ver com a Bárbara? – perguntou Gustavo, sem entender nada.

– Ela era a tal menina, animal – disse Augusto, chutando o banco do irmão. – Isso é obvio, presta atenção na história.

– O que eu não entendo é como a Camila sabe disso – disse Vivian pensativamente.

– Ela era a garota mais velha, Vivian, ela empurrou Bárbara no rio – contei. – Eu só descobri isso muito tempo depois de ter saído com ela. A propósito, se eu soubesse, jamais teria feito.

– E você me fala agora? – perguntou minha irmã, irritada. – Por que não contou quando eu estava com as mãos no pescoço daquela vaca?

– Nunca ficamos sabendo disso – disse Augusto. – Ela nunca saiu sem a gente quando estávamos lá.

– Tirando aquele ano em que ela foi antes cuidar da nossa avó e quis voltar para casa assim que chegamos – rebateu Gustavo, virando-se para olhar para o irmão no espaço entre os bancos. – E pensar que eu saí com aquela menina...

– Por que ela nunca nos contou? – perguntou Augusto.

– Provavelmente porque ela ficou arrasada no dia – respondi.

Em um flash tudo voltou à minha mente. Tínhamos acabado de chegar à cidade quando a vi pela primeira vez, andando na rua. Seu cabelo loiro balançava com o vento e embora eu fosse um pouco mais velho, não deixei de me sentir atraído por sua beleza. Encontrei-a em outras situações depois daquela, mas você nunca reparou em mim e eu nunca tive coragem de me aproximar. Naquela noite na praia, eu a reconheci imediatamente assim que a vi sentada dentro daquele rio. Seu olhar estava perdido e você ficou sem reação. Lágrimas manchavam seu rosto e pingavam em sua roupa já encharcada. Eu não pensei duas vezes antes de sair de onde eu estava e entrar lá para ajudá-la. Eu queria que você parasse de chorar, queria vê-la sorrir, sorrir para mim. Eu lhe entreguei as rosas que havia comprado para minha avó naquela tarde e lhe beijei. Havia dias em que eu já estava pensando em como seria beijar sua boca, mas nunca tive oportunidade de conhecê-la antes daquela noite. E depois disso, jamais consegui esquecer a minha garota do rio.

– Então você já vinha se aproveitando da minha irmã há muito mais tempo do que eu imaginava. – Sempre poderíamos contar com Augusto para arruinar um momento.

– Eu já era apaixonado pela sua irmã – rebati e me fechei no meu próprio mundo. Evitei conversar até chegarmos a Garopaba, mas não deixei de prestar atenção na mão do Bernardo nem por um momento. Se ele a subisse um pouquinho mais na perna da minha irmã, ficaria na estrada.

A garota do rio morou nos meus pensamentos por muito tempo. Sonhei acordado com seus cabelos loiros sendo bagunçados pelo vento mais vezes do que eu poderia contar. Como desejei saber seu nome... Vê-la outra vez... Quando comecei a estudar com Augusto na faculdade de medicina, ficamos amigos imediatamente. Aliás, até hoje me pergunto o que eu vi nele. Depois de alguns anos, ele me mostrou uma foto da sua irmã em seu celular e então eu soube... Soube que era você. Mas também soube que você já estava noiva de outro homem.

O que você nunca soube é que eu estava lá no dia do seu casamento, eu fui. Eu tinha que vê-la de perto uma última vez, antes que você se tornasse um sonho proibido. A mulher de outro. Eu disse para os meninos que não iria, mas convenci Bernardo a me acompanhar na viagem depois que eles saíram. Sentei-me no último banco e a vi quando entrou na igreja ao lado do seu pai, segurando um buquê de flores amarelas, eu vi quando você olhou ansiosamente para o cara ao lado do padre e ele não lhe deu a mínima atenção. Naquele momento eu quis gritar para que você parasse, para que me visse, mas o que você diria?

Na realidade, não nos conhecíamos, não de fato. Provavelmente eu já fosse uma lembrança há muito esquecida em sua memória, por isso me segurei. Quando o babaca anunciou para os convidados que o casamento não aconteceria, por um momento eu fiquei feliz. Você seria livre novamente, eu me permiti sonhar acordado, até vê-

la passar correndo por mim aos prantos. Levantei e fui atrás de você. Vi quando uma mulher vestida de vermelho a parou e percebi que vocês discutiam. Bernardo me encontrou e me distraiu, pedindo para eu não fazer nenhuma besteira. Sendo meu amigo de longa data, ele conhecia bem nossa história. Porém, quando olhei novamente, você já estava entrando em um táxi. Eu não poderia fazer mais nada naquele momento. Fomos embora sem sermos notados.

Quando você veio morar em casa – sim, o convite partiu de mim, eu plantei a semente e o convite na cabeça do Gustavo –, tentei me manter afastado. Você estava carente e devastada e eu tive medo. Medo de me entregar para um sentimento que poderia não ser correspondido. Eu era novo nesse lance de amar, nunca descobri como a coisa toda funcionava. Não até me pegar imaginando a sensação dos seus lábios nos meus novamente, quando olhamos para as estrelas em uma praia deserta.

Mas nesse mesmo dia você me disse que iria embora logo, e comecei a pensar que talvez não valesse a pena arriscar. Foi o mesmo dia em que reparei no seu corte de cabelo novo. Não fiz de propósito, mas me dei conta de que estava tão obcecado por você que era até capaz de saber dizer se seus cabelos estavam ou não meio centímetro mais curtos. Tentei ficar com outra mulher aquela noite. Eu precisava parar de pensar em você, não era saudável. Recebi uma ligação de um antigo caso e fui me encontrar com ela. Não fiquei nem cinco minutos com a garota, eu só conseguia pensar em você, no seu sorriso, no seu rosto, no seu corpo, até na sua maldita mania de roubar meu sorvete. Eu gostava de tudo em você. Não consegui. Não cheguei nem a arrancar com o carro, muito menos encostei na garota. Despachei-a na porta de sua própria

casa, tirando suas mãos de cima de mim com nojo. Não ia rolar. Meu coração já tinha feito sua escolha, eu gostando dela ou não! Terminei a noite enchendo a cara em um bar. Amar era patético, não era?

Quando você chegou, fiz questão de montar um quarto dos sonhos para você e de deixar uma rosa para que você encontrasse. Fiz isso também no hospital, mas você nunca desconfiou quem eu era. Por um momento, no almoço beneficente, pensei que você tivesse descoberto, mas se pensou naquele garotinho que a tirou do rio, você não deixou transparecer e o momento passou. Eu tentei, realmente tentei me manter afastado. Mas não pude. Fiquei louco quando deduzi que você impediria o casamento do Miguel e da Manoela. Não pensei duas vezes antes de pegar um avião e arrastar você de volta nem que fosse à força. Você era minha, seria minha, de um jeito ou de outro. Dentro do aeroporto, impaciente esperando pelo voo, eu soube: eu não ia deixá-la fugir de mim novamente, nunca mais.

Comecei a suar frio, eu tinha que lhe contar a verdade, tinha que lhe dizer que eu nunca a esqueci, que você era o motivo que me fazia acordar todos os dias. Depois que a dona daquele cabelo cor de ouro entrou na minha vida não houve mais nada, mais ninguém que fizesse meu coração parar de bater, a não ser você.

Eu queria ter lhe contado, mas não quis apressar as coisas. Na verdade, eu tive medo que você não se lembrasse de mim. Eu já era apaixonado por você há muito tempo para deixar que fosse embora da minha vida *de novo*.

\* \* \*

Quando chegamos já era dia. Eu demorei um pouco mais a descer do carro do que os outros, tomando coragem. Você deveria estar

uma fera, ou pior, magoada o suficiente para não querer me ouvir. Ninguém estava reclamando de perder um dia de serviço. Gustavo e Vivian ligaram para os respectivos empregos para avisarem que estavam doentes e o resto de nós estava de folga. Augusto tocou a campainha e esperamos. Henrique saiu para abrir a porta.

– O que você fez para minha filha? – perguntou logo de cara.

– Ele não fez nada, pai – disse Augusto, segurando o braço dele. – Foi tudo um mal-entendido.

– Ela chegou aqui chorando – disse me acusando. Eu precisava vê-la. Eu não ia perdê-la outra vez.

– Onde ela está? – perguntei sem me importar com o olhar assassino. Eu tinha que achá-la antes que você fugisse novamente.

– Na praia – respondeu Henrique a contragosto –, mas duvido que vai querer falar com você.

– Qual praia, pai? – perguntou Gustavo.

– Na Siriú.

Você estava no nosso lugar, era uma masoquista mesmo!

– Vamos – disse Gustavo, voltando para o carro que ainda estava aberto. Novamente ele foi o mais rápido.

– Aonde vocês vão? – interrogou Henrique.

– Buscá-la – respondi, dando a volta no carro.

Não demoramos a chegar.

– Vocês ficam aqui – instruí. – Se eu precisar de reforços, eu chamo.

– *Quando* você precisar – corrigiu minha irmã. De quem ela tinha puxado essa chatice?

Saí do asfalto e pisei na areia, protegendo o rosto do sol e forçando os olhos para tentar encontrá-la. Não demorou muito para que eu a avistasse, você realmente estava no nosso lugar.



Dentro do rio.

# 42

“Qualquer homem pode ser o príncipe encantado de uma mulher, basta ter o cavalo certo.”

***Hitch, Conselheiro amoroso.***

# Cavalo Branco

Foi difícil não contar nada para meus pais e nem para minha avó, pois eles eram insistentes. Ainda bem que eu era teimosa o suficiente para não ceder.

Acordei cedo e resolvi ir à praia. Eu iria à nossa praia me despedir definitivamente das minhas fantasias com o maldito garoto de olhos azuis, já que eu já havia dito “adeus” para o garoto de carne e osso. A essa altura ele já deveria ter descoberto que eu tinha ido embora, e mesmo assim não teve a decência nem de me ligar para se desculpar – não que eu fosse aceitar, claro. Depois dessa despedida, eu resolveria o que fazer com a minha vida, mas provavelmente ficaria na casa dos meus pais até minha filha nascer e depois me estabeleceria em outro lugar. Se até lá minha mãe ainda não tivesse conseguido me deixar maluca.

– Vou à praia passear um pouco – avisei minha avó.

– Para qual praia você vai? – perguntou preocupada.

– Siriú. – Para onde tudo começou.

– Não entre no mar – alertou –, dizem os antigos que faz mal para as grávidas.

Sorri.

– Pode deixar, vovó – respondi ao lhe dar um beijo.

– Filha – chamou quando eu já estava saindo –, você vai mesmo deixar o cavalo ir embora?

– Vou. – Ninguém precisava de um cavalo que a trocava por qualquer égua.

Peguei o carro e dirigi até a praia, sentindo a brisa no rosto. O dia estava lindo e ainda não eram nem dez da manhã. Estacionei o

carro, caminhei pela orla e estendi uma toalha na beira do rio. Molhei o dedinho do pé. A água estava quente, convidativa. Eu faria minha despedida no lugar em que o conheci. Andei devagar até chegar quase ao meio do riacho, sentei-me na água, inclinei meu corpo para trás, apoiando minhas mãos na areia do fundo, e deixei o sol beijar meu rosto.

Abri os olhos quando ouvi um barulho na água. Ian estava na minha frente, de calça jeans e com água até a altura dos joelhos. Vê-lo novamente da mesma maneira em que o vi pela primeira vez, entrando de tênis no rio, fez minha garganta se apertar. Desta vez ele não poderia me salvar, não dele mesmo.

– Vai embora – pedi na minha melhor voz. *Vai antes que eu o afogue*, completei em pensamento.

– Eu não vou a lugar nenhum – respondeu, sentando-se diante de mim, dentro da água.

– Eu não quero mais vê-lo, Ian – insisti, ficando irritada. – Por favor, vai embora. – *Por favor, antes que eu desmorone*.

– Não – respondeu, franzindo o cenho.

– Então eu vou – declarei e me levantei. Ele também se levantou e impediu que eu passasse, me segurando pelos ombros. Eu queria socar seu rosto. – Me solta.

– Não até você me ouvir – pediu gentilmente, segurando meu rosto.

– Eu não tenho nada para ouvir! – gritei. – Tudo o que eu tinha para saber, descobri ontem.

– Você não sabe de nada – disse ele, me olhando nos olhos. – Eu não dormi com ela.

– Então por que ela estava sem roupa na sua *cama*?! – berrei o mais alto que pude.

– Porque ela roubou a chave do idiota do seu irmão quando foi pedir açúcar para você.

Eu me lembrava desse dia, mas não acreditava nele e deixei isso bem claro:

– Não acredito em você – cuspi cada palavra carregada de ódio.

– Eu já imaginava – disse, apontando para a saída da praia. – Por isso eu trouxe reforços. – Olhei na direção que ele apontava e vi meus irmãos, Vivian e Bernardo acenando para nós. – Você acha que se eu estivesse mentindo Augusto estaria aqui?

Pouco provável.

– O que você fez quando saiu do banho e a encontrou na cama? Se, hipoteticamente, sua versão for verdadeira. – O que eu ainda não acreditava.

– Eu nem estava em casa, amor, eu tive que fazer uma cirurgia de emergência – respondeu sorrindo.

*Ah, mas você ainda não ganhou essa, amigo!*

– Quem estava no banheiro, então?

– Ninguém, ela ligou o chuveiro e trancou a porta para convencer você. – Ela era boa, muito, muito boa.

– Liga para Vivian – pedi.

– O quê?

– Você é surdo? – irritei-me. – Liga para a sua irmã.

– Agora? – perguntou confuso.

– É, AGORA, IAN.

– Tudo bem – respondeu, retirando o celular do bolso. Estava completamente encharcado e não ligava. Ele era um idiota.

– Vai pegar o meu na bolsa – ordenei.

Ele xingou o aparelho e o jogou longe quando foi buscar o meu. Assim que voltou, Vivian já estava na linha e no viva-voz.

– Ele está falando a verdade? – perguntei.

– Está – confirmou ela, rindo. Encerrei a ligação sem me despedir e entreguei o aparelho para que ele segurasse.

– Por que você não me contou que era o garoto dos olhos azuis? – perguntei, encarando-o.

– Eu tenho um apelido? – perguntou sorrindo. Fiz cara feia. – Eu fiquei com medo, minha garota do rio – respondeu, olhando para baixo. Então eu também tinha um apelido.

– Olha para mim – pedi. – Medo do quê, Ian?

– De que você fosse embora de novo – explicou, levantando os olhos para me olhar. Como eu não vi antes? Eram os mesmos olhos azuis, azuis da cor do céu. – Como você foi naquele dia. Tive medo de ser só uma lembrança de algo que você quisesse esquecer. Tive medo de amar você, tive medo de tudo, Bárbara.

– Mas você que não voltou. – Me entristeci. Eu o havia esperado por quase quinze minutos naquela noite.

– Eu fui procurar Vivian para podermos ir embora com você, mas ela não estava em lugar nenhum – contou. – Quando a encontrei e voltei, você não estava mais lá.

– Eu procurei você – admiti.

– Eu não. – Meu coração afundou. – Quando cheguei em casa naquela noite tivemos que partir.

– Por quê? – Deus, que a desculpa fosse boa, por favor.

– Minha avó havia morrido. – A desculpa era ótima. – Viemos passar duas semanas com ela aqui pela primeira vez. Ela e minha mãe não se davam muito bem, então minha mãe nunca deixou que viéssemos, mas ela estava doente e estava de cama, então minha mãe abriu uma exceção. Quando chegamos em casa, encontramos somente meu pai. Ele nos deu a notícia e nos levou para casa, em

Florianópolis. Ficamos lá até que meus pais resolvessem tudo. Nunca mais fui a Garopaba. Mas também nunca mais esqueci você.

– Você não tinha nada com a Camila nessa época? – Só para tirar a dúvida.

– Não. Só vim a ter mais tarde, e numa conversa acabamos descobrindo que ela era a garota que a jogou no rio e eu quem a tirou de lá. Nunca mais saí com ela depois disso.

– E as flores? – indaguei.

Ele entendeu minha pergunta de imediato.

– Eram para minha avó – respondeu. Minha cara foi no chão. – Não se preocupe, eu não poderia entregá-las, de qualquer modo.

– Eu sinto muito. – Eu realmente sentia.

– *Eu é que sinto muito, amor* – rebateu. – Eu deveria ter contado, eu deveria ter contado muita coisa. – Ele suspirou. – Você vai voltar para casa comigo? – perguntou esperançoso.

– Não sei, Ian – menti. Claro que eu ia.

– Bárbara, o que mais eu tenho que fazer para provar que sou o seu príncipe encantado? Arrumar um cavalo? – Não era uma má ideia, pensando bem. – Eu fiz tudo o que você disse que o cara certo teria que fazer, você não vê?

– Quando eu disse o que o cara certo teria que fazer? – perguntei confusa.

– Quando você estava bêbada, não se lembra?

Neguei com a cabeça.

– Refresca minha memória, por favor – pedi. Bem típico de mim ter falta de memória nos momentos mais inoportunos.

– Eu abri a porta do carro, Bárbara! – disse exasperado. – Puxei a cadeira para que você se sentasse todas as vezes, até dentro de casa. Eu reparei que você cortou o cabelo e elogiei, embora para

mim não tivesse mudado nada. Pedi a permissão do seu pai para que pudéssemos namorar. Pedi você em casamento de forma romântica e pública, porque não tenho vergonha do amor que sinto por você. Eu também adoro Vitório e seus irmãos. Bem, seus irmãos, nem sempre. Eu dou presentes fora de hora para provar que pensei em você durante o dia, sempre presto atenção quando você fala e o mais importante, nunca, jamais a trocaria por ninguém, muito menos pela sua melhor amiga.

– Até porque ela é sua irmã – soltei, achando graça.

– Principalmente por que ela é minha irmã – ele riu.

– Você fez tudo isso de caso pensado, achando que eu me lembraria de ter contado?

– Não, eu fiz tudo isso porque eu quis – disse segurando meu rosto – e porque eu amo você. Porque eu faria tudo e qualquer coisa por você, Bárbara. *Tudo*.

– Será que podemos começar de novo de onde paramos? – perguntei sorrindo. Eu já tinha me rendido rapidamente.

– Claro – respondeu, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. – Você quer se casar comigo?

– Hummm... – respondi brincando.

– Eu não vou perguntar uma terceira vez – advertiu ele, sorrindo. Seus olhos brilhavam.

– Não?

– É mentira – disse ele por fim, beijando-me delicadamente e se afastando para responder. – Eu perguntaria infinitas vezes, até que você aceitasse.

– Eu amo você, Ian – sussurrei em seu ouvido e o beijei da mesma forma que ele tinha me beijado. – Não há nada no mundo que eu queria mais do que ser sua esposa.



– Eu amo mais – respondeu, afastando-se de mim para me olhar e colocando a mão gentilmente em cima da minha barriga crescida. – Promete não fugir novamente com a minha filha?

Assenti sorrindo, desta vez eu cumpriria a promessa. Nós duas não íamos a lugar algum.

– Dessa vez é para sempre? – perguntou Vivian, nos interrompendo. Nos separamos e eu agarrei a mão de Ian. A primeira coisa que percebi é que Bernardo estava parado atrás dela e a abraçava; ele tinha as mãos na cintura dela, e parecia que Ian havia reparado a mesma coisa.

– Você tá pegando a minha irmã, cara? – perguntou bravo, e antes que Bernardo pudesse responder, Augusto se meteu.

– Como se você não tivesse pegando a minha – retrucou.

Todos caímos na risada. Dei uma piscadela para Vivian.

Tudo ficaria bem no final.

# 43

“Uns querem um final feliz. Eu só quero a parte do feliz, do final eu não quero nem saber.”

**Caio Augusto Leite**

# Eles viveram felizes para sempre

## **Um ano e meio depois.**

– Está nervosa? – perguntou meu pai, enganchando o braço no meu.

– Não – respondi confiante. – E você? – perguntei, virando para olhá-lo.

– Não – respondeu balançando a cabeça. – Desta vez não.

A marcha nupcial começou a tocar e as portas da igreja foram abertas. Eu não estava nem um pouco nervosa, eu transbordava de alegria, felicidade e esperança. Agarrei com força meu buquê de rosas brancas, pisei no tapete vermelho e olhei para o altar. Meu coração se encheu de amor quando meus olhos encontraram os do rapaz que estava parado junto ao padre.

Ele era lindo.

Ele me olhava como se nunca houvesse visto tamanha beleza, e quando nossos olhares se cruzaram, ele abriu um grande sorriso e, imperceptivelmente, enxugou uma lágrima que teimou em escapar e estava quase escorrendo de seus olhos, mas ele não precisava ter se dado ao trabalho. Ninguém prestava atenção à sua emoção.

Ninguém exceto eu.

Durante minha caminhada pelo tapete vermelho, busquei por outros rostos. Vivian e Bernardo estavam de mãos dadas no altar. Gustavo estava chorando abertamente e Augusto sorria. Como já era tradição, voltei meus olhos para o noivo. Ele esfregava as mãos uma na outra, apreensivo. Não tirou seus olhos dos meus nem por um segundo.

Fui entregue a ele por um pai sorridente. Ele pegou minha mão e me puxou para perto, sussurrando em meu ouvido:

– Foi como você sempre sonhou que seria?

Olhei para seus olhos azuis da cor do céu e depois por cima de seu ombro em direção à nossa filha, que dormia no colo do meu futuro sogro.

– Não, Ian. – Ele sorriu e semicerrou os olhos. – Foi muito melhor.

Fim

# Epílogo

Não é que no final as coisas deram certo? Encontrei meu príncipe encantado, já estávamos juntos e felizes há alguns anos. Ele veio sem cavalo, mas, de qualquer forma, não me fazia falta ter mais um bicho dentro de casa, já me bastava ter dois, mais um marido e uma filha.

Valentina chegou ao mundo em uma noite chuvosa. Ian não só assistiu ao parto, como quase desmaiou quando resolveu olhar para o corte da cesariana por cima do lençol. Ninguém no hospital lhe deu mais paz depois disso.

Vicente acabou se tornando um avô exemplar e arrumava briga com qualquer um que dissesse que ela não era sua neta. Minha filha teve sorte.

Há poucos dias saiu o resultado do processo de paternidade sócio-afetiva que Ian abriu de livre e espontânea vontade sem me contar. Só descobri seu segredo no dia em que fomos ao cartório incluir o sobrenome Vitorazzi na certidão de nascimento da Valentina, que contava até então, apenas com o meu sobrenome.

Depois que chegamos em casa no dia em que nos reconciliamos na praia, Vivian me contou todos os detalhes de como ela havia chegado no apartamento querendo matar Ian depois de ter me deixado na casa dos meus pais, e de como Bernardo havia tentado consolá-la. Furiosa com o irmão, ela acabou descontando sua raiva

no coitado, chamando-o de tapado aos berros, dizendo-lhe que todos os homens eram iguais, todos uns idiotas que não davam valor ao amor de uma mulher. Ele a empurrou até o sofá e a beijou, simples assim. Disse que já estava apaixonado por ela havia muito tempo, mas que tinha dúvidas se ela sentia o mesmo (e depois se sentia no direito de não ter gostado de ser chamado de tapado).

Ela me disse que foi como se borboletas voassem dentro de seu estômago, mas eu conhecia a sensação. Se eu soubesse que apenas alguns gritos seriam suficientes para que Bernardo assumisse seus sentimentos, eu mesma teria berrado com ele por horas até que ele admitisse. Eles não se desgrudaram desde então. Augusto vive reclamando que tem até nojo de ver tanto amor. Recalcado que só ele!

Vivian e Bernardo foram nossos escolhidos para batizarem Valentina. Ela era apaixonada pelos dois.

Não preciso nem comentar o quanto minha família era apaixonada pela minha filha, certo? Augusto está pagando todos os seus pecados, de quatro no chão, quando minha filha o faz de cavalinho toda vez que o encontra. Meus pais são loucos pelo Ian e agora parece que gostam mais dele do que de mim, e minha avó tem uma nova pequena cobaia para perturbar sobre o cavalo branco, já que eu já encontrei o meu. Ian vive dizendo que nossa filha ainda é muito nova para se preocupar com cavalos e garotos e quando a hora certa chegar, ele quer estar preparado. E armado!

Miguel e Manoela foram julgados culpados pelo júri popular e pegaram vários anos de prisão pelo meu sequestro e tentativa de aborto. Eu testemunhei no julgamento. Recentemente fiquei sabendo pelo meu advogado que Manoela está tentando recorrer da decisão, alegando insanidade mental. Eu particularmente não duvido

que aquela vaca estivesse maluca quando quase matou a mim e à minha filha, até porque, que tipo de pessoa tenta matar um bebê, carregando outro na barriga? Louca, louquinha de pedra.

Com certeza não é a mesma mulher que eu conheci, amei e dividi até as minhas calcinhas. A única coisa que me deixa mais tranquila é ter descoberto que Álvaro, o garotinho o qual ela deu à luz na prisão, está sendo criado pelos pais do Miguel, que aliás me ligaram para se desculparem pelo filho e me contaram da intenção de pedir a guarda definitiva do neto na justiça. Talvez eles não fossem tão maus quanto eu os havia julgado.

Já Luiza me ligou para se desculpar por tudo e eu tive o prazer de lhe agradecer por salvar minha vida e de convidá-la para meu casamento. Ela foi. A amizade jamais seria a mesma, mas conversávamos de vez em quando.

Tive o prazer de conhecer e agradecer pessoalmente outra pessoa que foi fundamental no meu resgate: o senhor Otávio, o morador de rua que, mesmo sem saber ler, desenhou o logotipo da marca da locadora de veículos que permitiu a Ian me encontrar. Ian não estava satisfeito com o pouco dinheiro que tinha lhe dado como gratificação, então, quando vagou o posto de zelador de seu antigo apartamento, ele foi procurar o homem e lhe ofereceu o emprego com o apoio do condomínio. Seu Otávio não tinha apenas um emprego, mas também um quartinho no prédio para morar, além de nossa eterna gratidão.

Thomas foi demitido da empresa após receber mais de um processo por assédio sexual de funcionárias e adivinhem quem ficou com o cargo, gerenciando a filial de Florianópolis? Pois é, euzinha. Minha primeira ordem como chefe foi mandar desbloquearem o Facebook! Fiquei bem popular por isso, não duvidem!



Usei o dinheiro da venda do meu apartamento para comprar uma casa há algumas quadras de nossa antiga residência; meus irmãos fizeram o mesmo e compraram a casa geminada. Eu não conseguia me livrar daqueles dois nem com mandinga. Nos mudamos depois da lua de mel.

O antigo apartamento de Ian foi alugado para um casal maravilhoso. Por falar neles, já estávamos atrasados para seu casamento. Eu era a madrinha da noiva! Mas estava atrasada por um bom motivo. Olhei para a pia e desta vez não chorei nem precisei me escorar na parede quando vi duas listras vermelhas aparecerem no teste de gravidez. Simplesmente o apanhei e fui procurar por Ian. Encontrei-o no quarto da Valentina, sentado na cadeira de balanço com ela nos braços. Fiquei em silêncio, apenas observando os dois. Minha filha fora o melhor presente que eu poderia ter ganhado e, inexplicavelmente, ela tinha olhos azuis. Suas bochechas eram coradas e seu rosto emoldurado por finos e ralos cachinhos loiros. Era uma verdadeira boneca que já sabia até falar.

– Querida, presta atenção no papai – disse Ian, virando-a de frente para ele em seu colo. – Meninos são maus, todos eles. Você tem que ficar bem longe deles até ser muito velhinha, entendeu, amor? – Valentina sorriu seu sorrisinho banguela e eu admirei minha linda família. Vitória estava deitado de barriga para cima aos pés de Ian, com Victória aconchegada em sua pata. Tudo estava em seu devido lugar.

– Sim, papai – respondeu, jogando seus bracinhos em volta do pescoço do pai e ele a abraçou. Ian era o melhor pai que ela poderia ter e, no futuro, quando ela tivesse idade para entender, contaríamos a verdade a ela. Eu tinha certeza de que minha

princesa ficaria grata a Deus e a ele por ter um pai de coração tão presente e amoroso.

– Acho que vai ser meio difícil ela ficar longe de rapazes por tanto tempo – disse eu, andando até Ian e o abraçando pelas costas.

– Por que, meu amor? – perguntou colocando seu braço para trás e passando a mão no meu cabelo, me puxando para mais perto. – Ela entendeu direitinho as regras do papai, não é, filhinha? – Ela mexeu a cabecinha para cima e para baixo em concordância.

– Porque em breve teremos um correndo pela casa – eu disse, colocando o teste de gravidez na altura de seus olhos. Ian se levantou às pressas e me abraçou me tirando do chão, ainda com Valentina no colo. A menina começou a bater palmas vendo nossa felicidade, mesmo sem saber o porquê. Ian me beijou e sorriu.

– Como você sabe que será um menino? – perguntou em êxtase.

– Você acha que só você tem sexto sentido? – sorri. – Agora vamos, sua irmã me mata se nos atrasarmos para o casamento dela.

– Bernardo já me ligou vinte vezes – respondeu rindo e me seguiu pela porta. – Ele está com medo de que ela desista na última hora.

– Duvido – respondi. O que ninguém mais sabia é que Vivian também carregava um filho, esse seria seu presente de casamento para Bernardo e ela anunciaria a todos, incluindo a ele, na festa de casamento. Eu tive o prazer de estar trancada com ela no banheiro há algumas semanas, quando descobrimos, e fui convidada para ser madrinha do bebê assim que as duas listras apareceram no teste. – Ela o ama demais para isso. – acrescentei e ri, já imaginando que Ian, antes de ficar feliz, ficaria louco da vida com a novidade. Ele ainda tentava se acostumar a ver sua irmã e seu melhor amigo juntos, isto é, pelo menos ele tinha admitido para Augusto que não

era fácil e que ele estava perdoado por todas as vezes em que tentou socar sua cara!

Eu estava certa, como sempre.

Sete meses depois, Zach chegou ao mundo exatamente no mesmo dia em que Noah, filho de Vivian e Bernardo. Entramos em trabalho de parto juntas, em mais uma noite chuvosa.

Foi assim que continuou o nosso "felizes para sempre".

# Agradecimentos

Ao meu avô, Waldemar Dias Rodrigues, pelo apoio constante e por todo o tempo que ele dedicou criando e inventando historinhas para eu dormir. Jamais me esquecerei das sereias e da versão do Patinho Feio com lagartixas. Você fez da minha infância um conto de fadas, um mundo de fantasias. Eu gostaria de nunca ter tido que sair de lá. Amo o senhor com todo meu coração. Obrigada por ter incentivado minha criatividade e ter me dado meu primeiro par de asas. Aos meus pais, Carlos e Isabel, pelo apoio constante e por sempre acreditarem nos meus sonhos de olhos fechados. Eu não conseguiria voar se vocês não me dessem sempre o primeiro impulso.

Agradeço à minha queridíssima melhor amiga Fabiula Vitorino por me dizer que eu não conseguiria terminar o livro (fiz isso com os anteriores). Eu sempre gosto de provar que você está errada e você sabe muito bem disso, então muito obrigada pelo incentivo mascarado, eu não teria conseguido sem você. À minha outra mão, outra face, amiga querida, que mesmo odiando tudo que é quadrado e tem palavras (menos cardápio de restaurante), foi forçada a ler este livro (não preciso descrever sobre todo o drama que eu fiz, certo?). Henrieth Pereira, obrigada por ler, se emocionar e me apoiar a cada linha, a cada palavra. Obrigada pelas noites em claro. Marcella Guedes por todo o apoio. Você disse que eu conseguiria e

veja só? Eu consegui! Ao meu marido, meu príncipe encantado, Klinger Penteriche, que teve preguiça de ler e me obrigou a ler o livro inteirinho para ele. Embora sua opinião seja de que tudo é lindo, perfeito e colorido, agradeço o fato de você ter permitido que eu voasse por alguns meses enquanto escrevia. Só você sabe quantas vezes chegou em casa e não encontrou a limpeza desejada, nem a comida pronta, mas sim uma mulher estressada e irritada com um bloqueio mental. Por isso, obrigada, meu amor.

Já entenderam como foi dramático escrever um livro em uma família que não suporta ler? Isso é tortura para qualquer viciado em palavras. Então contei com algumas ajudinhas extras. A primeira e importantíssima, foi a ajuda da Rayme Arenhart Datsch leitora assídua do meu blog, que dedicou muito tempo e carinho ao *Garoto dos olhos azuis* desde a época em que ele era um filhotinho de apenas sete capítulos. Sua visão aguçou a minha história e eu lhe sou grata por isso. Paola Moura por ter lido e ter sido minha crítica voraz e incentivadora, muito obrigada.

*In memoriam*, pois ela não poderá ler esse agradecimento, mas eu sei que de onde estiver ela ainda olha por mim, eu gostaria de deixar claro que toda e qualquer coisa que eu realize em minha vida devo a ela, minha mulher de ferro, meu espelho e exemplo, minha amada. Obrigada, dona Imperatriz Varella, por ter me falado tantas vezes sobre o cavalo branco, você estava certa, vovó. Sinto sua falta!

*In memoriam*, agradeço à minha princesa Bárbara, a cadelinha mais rabugenta e encenqueira que eu tive o prazer de amar. Se você fosse humana, seria exatamente como a personagem deste livro, sarcástica, arrojada e, acima de tudo, apaixonada. Usei seu nome e sua personalidade de tanta saudade que sinto de você.

Obrigada, Deus!

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES  
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

[www.editorapandorga.com.br](http://www.editorapandorga.com.br)

